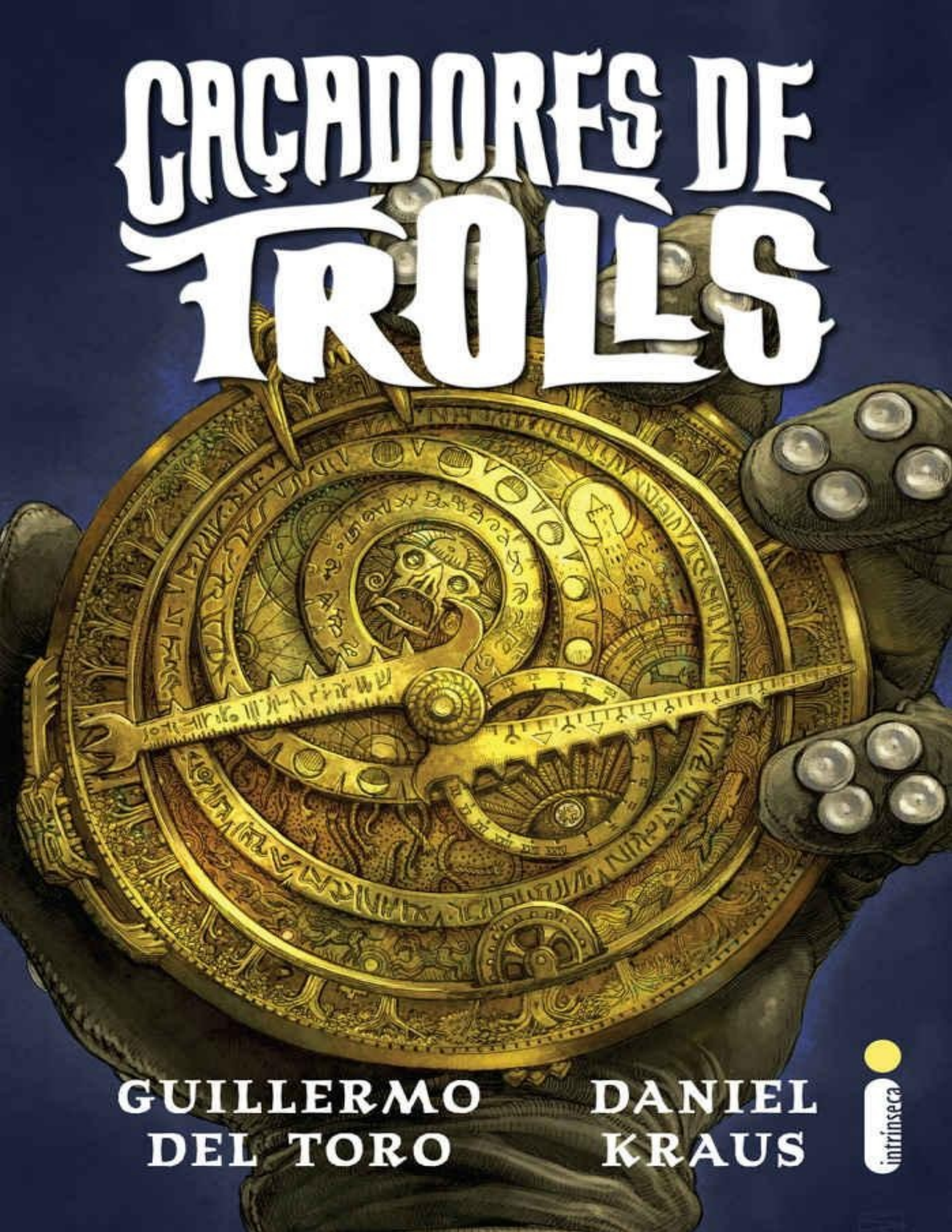
CAÇADORES DE TROLLS



GUILLERMO DEL TORO

DANIEL KRAUS

intrínseca

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

CAÇADORES DE TROLLS

Guillermo del Toro
&
Daniel Kraus

ilustrado por
Sean Murray

tradução de
Edmundo Barreiros


intrínseca

Copyright © 2015 Stygian LLC

TÍTULO ORIGINAL
Trollhunters

PREPARAÇÃO
Mariana Moura

REVISÃO
Juliana Werneck

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

DESIGN DE CAPA
© 2015 Stygian LLC

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Sean Murray

ADAPTAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES
ô de casa

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

REVISÃO DE EPUB
Antonio Hermida

E-ISBN
978-85-1512-834-8

Edição digital: 2015

1ª edição

TIPOGRAFIA
Journal OT

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

» » »



»

Sumário

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Epígrafe
Prólogo
Parte I: Pelo ralo
- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.
- 9.
- 10.

Parte II: Eis que chega a Killaheed
- 11.
- 12.
- 13.
- 14.
- 15.
- 16.
- 17.

18.
Parte III: Os caçadores de trolls
19.
20.
21.
22.
23.
24.
25.
26.
27.
28.
29.
30.
31.
32.
Parte IV: A Batalha das Folhas Caídas
33.
34.
35.
36.
37.
38.
39.
40.
Sobre os autores
Leia também

Para meus filhos e a época de sonhos e esperança.
Que dure um pouco mais.
— GDT

Para Craig Ouelette.
— DK

Eles me chamam de troll
O devorador da lua.
Gigante das tempestades.
Maldição do salão das chuvas.
Companheiro das videntes.
Bruxo que assombra a noite
E engole o firmamento.
O que é um troll, se não isso?

— Bragi Boddason, antigo poeta do século IX



A Epidemia das Caixas de Leite





Você é o jantar. Esses músculos que você usa para caminhar, sorrir, abraçar? São pura carne revestida com tendões borrachudos. Essa pele que você tanto olha no espelho? É uma delícia para os paladares certos, um ensopado de textura suculenta. E esses ossos que sustentam seus movimentos e o conduzem pelo mundo? São crocantes entre os dentes, o tutano sugado e deglutido com rios de saliva garganta abaixo. Não é algo agradável de saber, mas é útil. Há criaturas lá fora, veja bem, que não se escondem em tocas, não temem ser capturadas por nós para serem assadas em nossos fornos. Criaturas com o próprio estilo de caçar, os próprios métodos, os próprios apetites.

Jack Sturges e seu irmão mais novo, Jim, nem desconfiavam de nada disso. Os dois seguiam velozes de bicicleta pelo leito seco de um canal em San Bernardino, Califórnia, cidade natal de ambos. Era 21 de setembro de 1969, um dia perfeito de uma era extinta: a luz do crepúsculo que se derramava por sobre os picos do monte Lamaceiro cobria a área leste da cidade, e os garotos ouviam o ruído dos cortadores de grama nas ruas próximas, sentiam o cheiro de cloro de uma piscina, apreciavam o sabor da fumaça de churrasco que escapava do quintal de alguém.

Os muros altos do canal os encobriam, dando-lhes a cobertura perfeita para a guerrinha de tiro. Naquela tarde, como sempre, era Victor Power (Jack) contra o Dr. X (Jim). Desviando de pilhas de entulho, os dois lançavam raios laser um no outro com suas pistolas de plástico. Victor Power, também como sempre, estava ganhando, dessa vez graças a sua bicicleta nova: uma Sportcrest vermelho-cereja que o menino tinha ganhado de aniversário, tão nova que ainda estava com as fitas de presente amarradas. Jack fazia treze anos naquele dia, mas conduzia a bicicleta como se não fosse nenhuma novidade: subindo encostas suicidas, embrenhando-se no mato, às vezes nem segurando o guidom só para poder

caprichar em um tiro.

— Você nunca vai me pegar! — gritou Victor Power.

— Vou, sim! — retrucou o Dr. X, ofegante. — Eu vou… Espera… Ei, Jack, espera aí!

Jim (ou “Jimbo”, como o irmão o chamava) ajeitou no nariz suado os óculos de lentes grossas, quebrados mas remendados com um Band-Aid. Ele tinha oito anos e era pequeno para a idade. Sua velha Schwinn amarela, além de inferior à Sportcrest, era tão grande para Jim que ele ainda andava com rodinhas. O pai tinha jurado ao menino que ele ia crescer e conseguir usá-la bem. Jim ainda estava esperando isso acontecer. Por enquanto, ele tinha que ficar de pé nos pedais, e era bem difícil atirar com precisão assim. Pobre Dr. X.

A Sportcrest passou zunindo por uma pilha de lixo. Jim veio logo depois, as rodinhas rangendo, mas desviou quando viu a caixa de leite amassada. Na lateral da caixa tinha o rosto de uma menininha sorridente e o alerta de DESAPARECIDA. Jim sentiu um calafrio. Era assim que eles anunciavam crianças desaparecidas, e havia muitas delas.

Fazia um ano desde o primeiro desaparecimento. San Bernardino organizou grupos de busca, equipes de resgate. Então, outra criança desapareceu. E mais uma. Por um tempo, a cidade continuou saindo à procura de cada criança, mas a situação chegou a um ponto em que quase todo dia havia um novo desparecimento. Os adultos não conseguiam dar conta. Para Jim, essa tinha sido a parte mais assustadora: ver a resignação no rosto insone dos pais. Eles se renderam ao misterioso mal que estava levando seus filhos. Quando serviam leite para a família, tentavam ignorar o rosto impresso na lateral da caixa, acompanhado daquela pergunta terrível:

VOCÊ VIU ESTA CRIANÇA?

O último número que chegara aos ouvidos de Jim tinha sido o de cento e noventa crianças desaparecidas. Parecia invenção, não fossem os indícios sombrios que ele via por toda parte: a grade mais alta em torno da escola, o número maior de pais vigiando os parques, os policiais dando bronca nas crianças que encontravam fora de casa após escurecer. Fosse qualquer outro dia, não teriam deixado os dois garotos andarem de bicicleta até tão tarde, mas era aniversário de Jack e seus pais não conseguiram dizer não.

Jack não perdeu tempo, foi logo fazer uma melhoria em sua bicicleta nova: pegou o rádio portátil e o prendeu com arame ao guidom vermelho. E o ligou no

volume máximo. Assim, a tarde inteira foi embalada pelas canções mais animadas do momento: “Sugar, Sugar”, “Hot Fun in the Summertime”, “Proud Mary”. Você pode duvidar que essas músicas pudessem ser a trilha sonora perfeita para as rajadas de disparos a laser trocados entre Victor Power e o Dr. X, mas foram. Se conseguisse não pensar naquelas caixas de leite, Jim estaria sentindo como se aquela fosse a melhor tarde de toda a sua vida.

Lá na frente, na bicicleta de Jack, começou a tocar “What’s Your Name?”, de Don & Juan. Era uma canção de amor — não muito o estilo de Jim —, mas por alguma razão o vocal triste capturou o clima de fim do dia. O sol estava se pondo, as aulas voltariam no dia seguinte e aquele derradeiro quilômetro de bicicleta seria provavelmente a última chama de verão, antes que o outono e a escola a apagassem como uma vela.

Jim apertava os olhos para o sol poente. Ele via o irmão à frente pedalando tão rápido que os pássaros erguiam voo para abrir caminho, prontos para aterrissar somente quando fossem migrar para o inverno no sul. Jack dava gritos de alegria, a Sportcrest deixando um rastro de folhas secas dançando no ar. Em apenas alguns segundos ele passaria por baixo da ponte Holland, um monólito de concreto e aço. Naquele momento, alguns carros cruzavam a ponte, lá no alto, mas embaixo havia apenas sombras, tão escuras e profundas que era de doer os olhos.

Jim precisava alcançá-lo. Queria chegar em casa em pé de igualdade com o irmão: como Jack e Jim Sturges, não como o sempre vencedor Victor Power e o perdedor Dr. X. Ficando de pé nos pedais, Jim passou a girá-los com toda a força. As rodinhas protestaram — *NHEC, NHEC, NHEC!* —, mas ele continuou a pedalar, desejando ter pernas mais longas e mais fortes.

Quando olhou novamente, Jack tinha sumido.

Jim viu a Sportcrest caída embaixo da ponte, a silhueta recortada contra o sol poente. O guidom estava torto e a roda dianteira ainda girava. Como estava quase na ponte e ainda a toda velocidade, Jim começou a impulsionar os pedais para trás. A Schwinn parou derrapando, a poucos metros de mergulhar nas sombras. Com os pés no chão e o quadro da bicicleta entre as pernas, o menino ficou ali parado, arfando, olhando nos cantos mais escuros à procura do irmão.

— Jack?

A roda dianteira da Sportcrest continuava a girar, como se fosse o fantasma do menino pedalando.

— Para com isso, Jack. Deixa de ser idiota. Você não vai me assustar.

A única resposta veio de Don & Juan. Distorcida pelo eco, a harmonia

melosa virava um uivo assustador:

Eu estava nesta esquina,

Esperando você chegar,

Para preencher meu coraçãã-ã-ãão…

Com estampidos abafados, as luzes dos postes próximos se acenderam, uma após a outra, o brilho amarelo do sódio inundando o canal. A noite tinha caído: hora de encerrar a brincadeira.

— Se a gente não voltar para casa agora, o papai vai deixar a gente de castigo por semanas. Jack?

Jim engoliu em seco, desceu da Schwinn e, apertando a pistola de raio laser na mão suada, foi caminhando e levando a bicicleta até penetrar na escuridão. Estava dez graus mais frio ali. Ele estremeceu. As rodinhas, mesmo girando devagar, continuavam reclamando:

NHEC. NHEC. NHEC.

O menino chegou perto da Sportcrest. Os giros da roda dianteira estavam começando a ficar mais lentos. De repente, ele sentiu como se aquela roda fosse o coração de Jack e que, se parasse de girar, seria o fim do irmão.

O menino espiou nas profundezas da sombra insondável. Ignorando o gotejar da umidade, os passinhos apressados provavelmente de ratazanas, o ruído abafado de pneus dos carros passando acima e os gemidos funestos de Don & Juan, ele ergueu a voz:

— Anda logo, Jack! Você se machucou? É sério!

Jim se encolheu ao ouvir as próprias palavras reverberando de volta. As luzes amareladas dos postes, o céu violeta, a temperatura quente e úmida, os ecos zombeteiros do pânico… como o sonho tinha virado pesadelo tão rápido? Ele girou sem sair do lugar, olhando para uma sombra, depois outra, cada vez mais rápido, o peito arfando em um quase-choro, o rosto queimando de medo, até se dar conta da única direção em que ainda não tinha olhado.

Lentamente, Jim ergueu o rosto, ainda embaixo da ponte.

Viu escuridão. Nada além de escuridão.

Mas então a escuridão se *mexeu*.

Um movimento natural, quase gracioso. Enormes braços se destacaram do concreto, ajeitando o peso do corpo ali pendurado. Algo do tamanho de um pedregulho — uma cabeça — girou, revelando olhos alaranjados como fogo. A criatura inspirou fundo, e foi como se toda aquela área sob a ponte tremesse. Então a criatura expirou, e o corpo de Jim foi soprado para trás pela força do ar pútrido exalado.

A coisa se soltou e aterrissou no chão, levantando poeira e lixo. No torvelinho de detritos, Jim viu caixas de leite, duas, três, quatro, cinco caixas, girando e rodando, sorridentes crianças desaparecidas zombando da própria morte. Quando a criatura se ergueu nas patas traseiras, como um urso-pardo, a luz dos postes se refletiu em dois chifres, que rasgaram o concreto acima. Uma boca se abriu, emitindo o brilho de enormes dentes tortos. Olhos alaranjados encararam Jim. Então, braços — musculosas e compridas serpentes cobertas de pelo emaranhado — se estenderam.

Jim deu um grito. Ali embaixo da ponte, o grito soou dez vezes mais alto, fazendo a criatura parar por um segundo. O menino aproveitou para subir na Schwinn e a ergueu do chão já pedalando. Ao passar pela bicicleta do irmão, seu pé esquerdo chutou o rádio sem querer, acabando com Don & Juan de uma vez por todas, e logo ele saiu de sob a ponte Holland, ainda gritando, as pernas bambas.

Atrás dele, o som: o galope de uma criatura colossal, correndo na direção do menino nas quatro patas, como um gorila.

Balbuciando sons apavorados, Jim girava os pedais com mais força que nunca. O ranger das rodinhas virou um grito agudo, mas mesmo assim a criatura estava se aproximando. Cada passo daqueles pés monstruosos era um baque que fazia o chão tremer. A criatura bufava como um touro, e o ar expelido fedia a esgoto. A pistola de raio laser caiu das mãos de Jim; nunca mais ele sentiria a força e a astúcia do Dr. X. O rosnado atrás dele estava agora tão perto que toda a estrutura da bicicleta vibrava. As luzes dos postes projetavam uma sombra horrenda de braços tentando alcançá-lo com garras compridas e afiadas.

Jim cortou para a esquerda, saltou às margens do canal e, atravessando o mato, foi parar em uma calçada. Deu de cara com um hidrante vermelho como a bicicleta nova de Jack — ah, Jack, Jack, o que será que tinha acontecido com Jack? Jim desviou bruscamente do hidrante e seguiu rasgando para o meio da rua. Um carro buzinou e deu uma guinada para o lado, mas Jim ignorou os gritos raivosos do motorista. Estava pedalando tão depressa quanto o irmão, finalmente aprendendo a andar de bicicleta direito. As rodinhas quebraram e saíram quicando pela rua, inúteis peças de plástico e borracha.


DESAPARECIDA
LEITE
LONGA VIDA

Avistando sua casa *bem ali*, a segundos de distância, Jim fez um último esforço naquele trecho final, o peito chiando com a respiração difícil, as lágrimas correndo horizontalmente pelo rosto. A bicicleta topou no meio-fio e foi com tudo contra a cerca branca, lançando Jim em uma pirueta no ar. O menino se espatifou no jardim, as plantas perfeitas da mãe arranhando seu rosto, os óculos partidos sem o Band-Aid.

O cachorro latia lá dentro. Jim ouviu passos, o rangido da porta se abrindo, a comoção dos pais descendo os degraus da entrada correndo. Então se deu conta de que ainda estava gritando, o que lhe lembrou a fera. Ele tateou à procura das duas metades dos óculos e as segurou diante dos olhos. Nada. Observou o jardim ao redor, as tranquilas casas de subúrbio, as caixas de correspondência, os canteiros de flores. Não havia monstro nenhum, mas aos seus pés havia uma coisa.

Um medalhão de bronze preso em uma corrente enferrujada. Uma das faces tinha gravado um emblema sinistro: um rosto horrendo paralisado em uma careta de fúria, símbolos indecifráveis de uma linguagem estranha e uma magnífica montante atravessada na parte de baixo. Com o choro subitamente preso no peito, o menino estendeu o braço para o medalhão.

— Jim! O que houve?

Era sua mãe, que se agachou e começou a limpar a terra do rosto do filho. O pai se aproximou em seguida, ajoelhou-se diante dele e o sacudiu de leve para fazê-lo despertar do transe. Os dois repetiam seu nome sem parar: *Jim*. Como era terrível saber que ninguém mais o chamaria de Jimbo outra vez.

— Ei, garotão, olhe para mim — disse o pai. — Você está bem? Tudo certo, garotão?

— Cadê seu irmão? — O sussurro rouco da mãe sugeria que, de algum modo, ela sabia. — Jim, cadê o Jack?

Ele não respondeu, apenas se inclinou para o lado, tentando ver algo atrás do pai. Havia uma marca na grama, mas o medalhão tinha desaparecido, se é que Jim realmente o vira. Ele foi tomado por uma estranha tristeza e, mais forte ainda, uma sensação de fracasso. Desabou nos braços dos pais, chorando, tremendo e sabendo que tinha conhecido a natureza do verdadeiro medo, a dor da verdadeira perda.

* * *

Jim Sturges é meu pai. Jack Sturges era meu tio. Esta história que acabei de contar, só a conheci quarenta e cinco anos depois, quando tinha quinze anos. Foi quando descobri que tio Jack foi a última criança a desaparecer na Epidemia das Caixas de Leite, que terminou de maneira tão repentina quanto havia começado. A Sportcrest destruída se tornou uma relíquia de família; eu a vi milhões de vezes. Também aos quinze anos eu soube que meu pai passou as décadas seguintes ao episódio — toda a juventude e a maior parte da vida adulta — indo até a ponte Holland à noite, lanterna em mãos, à procura de pistas do que havia acontecido com o irmão mais velho. Ele nunca encontrou vestígio algum de Jack, a não ser as caixas de leite que, pouco depois, viriam a retratar seu rosto corajoso e atrevido junto da palavra DESAPARECIDO.

Desaparecido. Uma palavra perfeita para descrever meu pai nos anos seguintes.



Pelo ralo





1.

Segundo relatos contemporâneos, a histórica e decisiva Batalha das Folhas Caídas se passou nos dois minutos finais do quarto tempo do jogo que transcorria no estádio da San Bernardino High denominado Harry G. Bleeker Memorial Field. Nossas amadas Bestas-Feras de San B. venciam por apenas seis pontos, com nosso zagueiro titular fora de campo devido a uma contusão. Foi naquele evento — durante o jogo mais importante do ano — e naquele lugar — no gramado úmido de orvalho — que um bravo herói caiu e um vencedor inesperado surgiu. Até os dias de hoje, histórias sobre aquela noite alimentam os contos infantis e os sonhos de crianças de todas as eras, humanas ou não. Por isso, leia com cuidado estas páginas que você tem em mãos. Vá em frente, confie em cada palavra. Afinal, um dia você pode querer contar esta história para seus filhos.

Coisas mais estranhas aconteceram. Espere só para ver.

Meu nome é James Sturges Jr., mas você pode me chamar de Jim, assim como meu pai, e eu era igualzinho a você. Tinha quinze anos quando minha aventura começou. Era uma manhã de sexta-feira de outubro, e o despertador tocou no horário cruel de sempre. Não dei atenção; já tinha aprendido a dormir com aquele barulho. Mas, infelizmente, Jim Sturges Pai tinha o sono mais leve do mundo. Bastava soprar um vento mais forte que ele já despertava, e aí ele ia ao meu quarto ver como eu estava e me acordava também. Talvez fosse por causa do que aconteceu com o irmão mais velho dele, Jack. Esse tipo de coisa deixa a gente meio assim.

Ele entrou e desligou o despertador. O silêncio que se seguiu foi ainda pior, porque eu sabia que ele estava ali parado olhando para mim. Meu pai sempre fazia isso. Como se mal pudesse acreditar que eu tinha sobrevivido a mais uma noite. Entreabri os olhos. Ele usava uma camisa social apertada demais, suja no colarinho, e estava tentando abotoar o punho esquerdo, coisa que fazia todo dia de manhã até desistir e pedir minha ajuda.

Ele parecia velho. Ele *era* velho. Mais velho que os pais de quase todos os meus amigos, graças às rugas que se irradiavam a partir dos cantos dos olhos, às sobrancelhas grossas e bagunçadas, aos ouvidos cheios de pelos e à careca quase completa. Sem contar a postura curvada que eu não via em outros pais, embora

isso provavelmente não tivesse a ver com a idade. Acho que era outra coisa que o abatia.

— Um novo dia começa!

Ele não parecia muito animado com o novo dia. Nunca parecia.

Sentei na cama, e meu pai resolveu assumir o comando das persianas eletrônicas. Ele sacou os óculos do bolso, quebrados e remendados com um Band-Aid, como sempre, e franziu os olhos para enxergar o teclado numérico. Depois de digitar os sete algarismos, deu um puxão para cima, e os painéis de aço subiram como uma sanfona, revelando o dia ensolarado.

— Nem adianta — resmunguei. — Só vou ter o trabalho de fechar de novo quando a gente sair.

— O sol é importante para garotos em fase de crescimento.

Mas ele não parecia acreditar nisso.

— Eu não estou em fase de crescimento. — Em termos de altura, eu tinha puxado meu pai, portanto continuava esperando aquele estirão de crescimento de que todo mundo fala. — Na verdade, acho que estou encolhendo.

Ele insistiu mais um pouco no botão do punho esquerdo e depois se dirigiu à porta.

— Acorda para o dia! — exclamou ele. — O café da manhã também é importante.

Mas também não parecia acreditar nisso.

Depois de tomar banho e me vestir, encontrei meu pai exatamente onde eu esperava: parado na entrada da sala, junto ao altar do tio Jack, acima da lareira elétrica. Chamo aquilo de altar porque não vejo palavra melhor. Cada centímetro da prateleira era coberto de lembranças de Jack. Fotos dele na escola, claro: Jack no jardim de infância, muito sorridente com uma camiseta do Zorro; Jack no segundo ano do fundamental, exibindo alegremente a ausência de vários dentes de leite; Jack no quinto ano, exibindo com muito orgulho um olho roxo; e Jack no oitavo ano (o último Jack), bronzeado e saudável, com um ar de quem está pronto para conquistar o mundo.

Os outros objetos do altar eram meio esquisitos. Um deles era a buzina da Sportcrest de Jack, salpicada de ferrugem. Havia também o rádio da bicicleta, um aparelho desengonçado com uma antena retorcida, que tinha tocado uma música pela última vez em 1969. E coisas que tinham valor sentimental apenas para meu pai: um relógio de pulso quebrado, um indiozinho de madeira, um pedaço pequeno de ouro de tolo. O mais perturbador de tudo, no entanto, era o que ficava bem no centro do altar: um recorte emoldurado de uma caixa de leite

com o rosto de Jack, uma reprodução em preto e branco da fotografia dele no oitavo ano.

Papai viu meu reflexo no vidro.

Forçou um sorriso.

— Oi, filho.

— E aí, pai.

— Só estava… dando uma limpadinha aqui.

Não tinha nenhum produto de limpeza por perto, nenhum pano.

— Claro, pai.

— Quer comer?

— Pode ser. Tudo bem.

— Muito bem, então.

Ele forçou ainda mais o sorriso falso.

— Vamos preparar o café da manhã.

Preparar o café da manhã significava tomar cereal com leite gelado. Houve uma época em que realmente preparávamos uma refeição matinal, antes de mamãe se cansar das inseguranças de papai e ir embora. Ele estava fazendo o melhor que podia, tentei me convencer. Ficamos sentados à mesa um de frente para o outro, mastigando e engolindo, cada um olhando para a própria tigela. De vez em quando papai lançava um olhar de relance para a sala, conferindo se as persianas estavam bem fechadas. Suspirei e botei mais leite na minha tigela. Leite de garrafa. Papai nunca comprava o de caixinha.

Ele não parava de olhar o relógio, até que me senti culpado e joguei fora o resto do meu cereal. Enquanto papai esperava ao lado da porta de casa, corri até o quarto, vesti o casaco, joguei a mochila nas costas e digitei a senha para trancar as persianas. Só quando cheguei ao lado dele é que meu pai começou o processo de abrir a porta.

Era um ritual que eu já conhecia de cor. A porta tinha dez trancas, uma mais elaborada que a outra. Enquanto ele puxava travas, girava chaves e removia correntes, eu acompanhava aos sussurros o mesmo solo de percussão que ouvia fazia quinze anos: *clique, claque, tlim, plaque, tec-tec-tec, plunk, tunc, fuussh, claque-clique, plomp.*

— Jimmy? Jimmy!

Levei um susto e olhei para papai. Ele estava parado à porta, parecendo vulnerável naquela camisa que não caía bem, uma das mãos na barriga — sua úlcera atacava no mesmo horário de sempre. Eu queria ser compreensivo com meu pai, mas ele estava fazendo um monte de gestos impacientes para mim.

— Saia logo, senão os sensores de pressão vão disparar. Vai, vai, vai!

Dei de ombros como que para me desculpar e passei por ele em direção ao jardim. Ouvi os ruídos eletrônicos do sistema de alarme sendo armado, seguidos pela voz feminina computadorizada: “Cômodos esvaziados. Alarme ativado.” Papai deu um suspiro de alívio, como se tivesse medo de um resultado diferente daquele, depois fechou as trancas físicas externas e saltou os degraus, que também tinham sensores. Quando ele aterrissou ao meu lado, notei que as mechas de cabelo acima das orelhas estavam úmidas de suor.

O pobre velho estava sem fôlego; não tinha mais condições para lutar contra seus demônios internos, que àquela altura haviam atingido o tamanho de dragões. Seu peito subia e descia, chamando minha atenção para a capa de calculadora enfiada no bolso da camisa. Era uma capinha toda em vinil, que carregava o logo da San Bernardino Eletrônicos. Diz a lenda que papai inventou o Bolso de Calculadora Excalibur, usado por nerds da tecnologia pelo mundo inteiro, mas ele negava. Minha teoria era de que seus superiores o tinham sacaneado e roubado o crédito pelo produto. É o que acontece com sujeitos como Jim Sturges Pai. Eu me sentia um lixo quando pensava nisso.

Cruzamos o jardim, papai ao meu lado como um segurança. A câmera da porta nos acompanhou, zunindo. Seus pés se embaralharam nos meus, e notei que suas meias, como sempre, estavam manchadas de verde. Como não ganhava promoções nem bônus no trabalho, papai complementava a renda aparando gramados nos fins de semana: parques municipais, cemitérios, até o campo de futebol da escola. Por isso, estava sempre vestido que nem um maluco, com óculos de segurança e luvas. Isso me tornava ainda mais popular na escola, pode acreditar. Ele me empurrou com a mão cheirando a grama.

— Você vai acabar perdendo o ônibus, Jimmy. E, se você perder o ônibus, vou ter que levá-lo à escola, e aí vou chegar atrasado ao trabalho.

— Eu não posso simplesmente ir a pé?

— Você sabe como foi difícil organizar meu horário para nós dois podermos sair ao mesmo tempo. O patrão armou um inferno na minha vida, Jimmy, um verdadeiro inferno.

— Não precisava. Só bebês vão de ônibus.

Ele me lançou um olhar severo.

— Cuidado nunca é demais. Meu irmão, Jack, por exemplo. Tão independente. Tão impetuoso. Ele me dizia: “Jimbo, *nada* pode me machucar.” E veja o que aconteceu, mesmo ele sendo…

Recitei junto com papai:

— … o garoto mais corajoso que você já viu.

Papai se dirigiu à van da San Bernardino Eletrônicos (ou “o veículo mais seguro de San Bernardino”), que ele também usava para levar o equipamento de jardinagem, e suspirou. O punho desabotoado de sua camisa estava sobrando da manga do paletó. Ele bem merecia ir para o trabalho daquele jeito, já que não me deixava crescer e fazer coisas simples como ir sozinho à escola.

— E era mesmo — disse papai após alguns segundos.

Papai foi abrir a van. Fiquei chutando o chão. Ele tinha razão: o ônibus estava chegando. Pelo barulho, devia estar na Rua Maple. Eu teria que correr para alcançá-lo, mas aquele botão me impedia. Só conseguia imaginar os caras mais novos do trabalho do meu pai rindo do sujeito desengonçado e aflito, com óculos remendados com Band-Aid, que usava o Bolso de Calculadora Excalibur como se fosse uma medalha de honra. Uma vítima na família era suficiente.

Fui até a lateral da van, puxei a manga da camisa de papai e, com alguns movimentos rápidos, fechei o botão. Dei um sorrisinho tímido. Ele ficou me olhando através das lentes sujas dos óculos.

— O ônibus, Jimmy.

Suspirei.

— Já vou, pai.



2.

Um monte de abóboras enfeitava a escola. Fiquei contando, e tinha chegado ao número de quarenta e duas quando o ônibus parou com o solavanco de sempre. Lancheiras e livros foram lançados no chão sujo, e os alunos ficaram de quatro para catar as garrafas térmicas fujonas e os lápis que escapavam. Eu me recostei no banco e olhei para a faixa na entrada da San Bernardino High.

102º FESTIVAL ANUAL DAS FOLHAS CAÍDAS
ESTA SEMANA
PARTICIPE!
FORÇA, BESTAS-FERAS!

Não tem como crescer em San Bernardino sem que o Festival das Folhas Caídas faça parte da sua memória de alguma forma. Talvez você tenha se vestido de princesa ou robô para o desfile Jubileu das Crianças, ou quem sabe tenha se oferecido com seus pais para limpar mesas sujas de mel durante o Festival de Panquecas da Solidariedade. O evento surgiu de uma história bem legal sobre alguma expulsão lendária ou algo do tipo, mas eu nunca lembro quem expulsou quem nem por quê.

Na verdade isso não importa, porque ao longo do tempo o festival evoluiu até se tornar uma maneira de a cidade vender a si mesma para si mesma. Durante sete dias, havia: caminhadas artísticas com obras-primas superfaturadas de artesãos locais; cabides lotados de roupas invendáveis a preço de banana; shows gratuitos de bandas nos parques públicos; ofertas especiais em lojas de automóveis, restaurantes e seguradoras. E tudo terminava bem ali, na San B. High, com um grande jogo de futebol americano seguido por *Shakespeare na posse da bola*, uma peça em versão condensada encenada em campo. Era esporte e cultura no mesmo lugar, e nem precisava largar o cachorro-quente.

O festival daquele ano prometia atrair multidões, e não apenas porque o time estava invicto. Na extremidade esquerda da escola ficava o Harry G. Bleeker Memorial Field, um estádio típico, com o gol, os holofotes e vários cantinhos para os adolescentes contrabandearem cerveja e darem uns amassos. Na sexta-feira seguinte seria inaugurado um telão de vídeo bizarro de grande, que

permanecia coberto havia semanas, enquanto faziam a instalação. Naquele dia, os funcionários estavam no topo do andaime desde cedo, ajustando o capacete que usavam.

Eu não dava a mínima para aquele festival idiota, mas começava no dia seguinte, um sábado. Ou seja, aquelas eram as últimas preciosas horas de paz antes de todo mundo enlouquecer e começar a enfeitar a cidade com o vermelho e branco da San B. Era a pior época do ano para garotos como eu, que não são bons em esportes, nem em teatro, nem em nada, na verdade.

Fui o último a descer do ônibus. Nem tinha passado da calçada quando um garoto que eu conhecia da mesa dos fracassados (do horário de almoço) saiu correndo pela porta principal e se segurou em mim para conseguir parar. Ficamos balançando como se estivéssemos dançando juntos. Por fim, ele apontou para a escola.

— Bola… — balbuciou, ofegante. — Caverna dos Troféus…

Não precisava dizer mais nada. Se havia um lugar na escola reservado para os atos mais terríveis de bullying, esse lugar era a Caverna dos Troféus, um corredor no terceiro andar que abrigava a coleção de troféus da escola. Antes, era onde fazíamos as aulas de francês e alemão, mas essas matérias eletivas foram cortadas. As lâmpadas fluorescentes estavam queimadas ou quebradas havia muito tempo, o que fazia daquele corredor um canal mal iluminado de maldade a ser evitado a todo custo, mesmo que para isso fosse preciso chegar atrasado às aulas ou passar mais um tempo inteiro se segurando para ir ao banheiro. A intervalos regulares, ouvíamos os alunos mais novos choramingando ao levar seu primeiro (ou décimo quarto) cuecão.

Alguns garotos tinham o azar de receberem um armário nessa câmara de torturas. Tobias “Bola”, meu melhor amigo, era um desses.

Antes mesmo de chegar à Caverna dos Troféus, eu já sabia a identidade do agressor. Um *BAM, BAM* regular ecoava pelo corredor: a marca registrada de Steven Jorgensen-Warner. Aonde quer que fosse, Steve ia quicando uma bola de basquete. Salas de aula, refeitório, banheiros, estacionamento. Alguns professores, principalmente os de educação física, chegavam a permitir que ele quicasse a bola durante a aula, para ele se concentrar melhor nos estudos. Enquanto isso, os outros alunos rangiam os dentes em irritação contida.

Steve, obviamente, não era um aluno qualquer. Sim, ele era capitão do time de basquete. E, sim, ele era o grande *running back* do time de futebol americano. Mas isso ainda não é suficiente para você ter uma imagem completa. Ele era bonito do jeito mais estranho possível: olhos pequenos demais e nariz meio que

de porco; ele tinha uma quantidade ridícula de cabelo e um par de dentes que pareciam presas. Não sei como, mas, juntas, essas características eram meio que enfeitiçantes. Para completar o pacote esquisito, o corpo dele era grande e musculoso e ele falava de um modo estranho: conciso, educado, como se fosse um estrangeiro fluente no nosso idioma. Não havia ninguém como Steven Jorgensen-Warner. O que os professores não sabiam era que também não havia ninguém mais cruel.

Uma multidão tinha se formado. Fiquei na ponta dos pés e vi Bola de joelhos, o rosto sardento vermelho como tomate, sem fôlego, levando uma chave no braço esquerdo. Com a mão direita, Steve continuava a quicar a bola de basquete, ao mesmo tempo em que conversava tranquilamente com um de seus colegas de time. Abri caminho até a frente do aglomerado de gente. Um fio de baba escorria do lábio inferior de Bola, que apertava com força o bíceps de Steve.

— Ar — tentava dizer Bola, sem fôlego. — Preciso… ar… respirar…

Steve se desculpou com o amigo por ter que interromper o papo agradável e voltou sua atenção para o gordinho do segundo ano que se contorcia debaixo de seu braço. Reflexos distorcidos do rosto de Bola, como os de uma casa de espelhos, eram captados por cada placa de bronze polido, cada taça de campeão e cada fotografia emoldurada de jovens em uniformes idênticos, todos mais felizes e mais saudáveis que meu melhor amigo prestes a morrer sufocado.

BAM, BAM. BAM, BAM.

O sorriso de Steve, adornado com os dentes-presas, nunca chegava aos olhos.


STEVE
J-W
INVEJA?
DE MIM?
COMPREENSIVO!

— Você sabe o combinado, Bola. Cinco pratas por dia. Lamento se não ficou claro.

— Você foi… incrivelmente… claro…

— Cinco pratas é uma pechincha. Duvido que você encontre negócio melhor por aí.

— Eu dei… tudo que eu tinha… ontem…

— Bem, se isso é verdade, então por que não está pedindo desculpas?

— Traqueia… esmagada… falar… difícil…

— "Desculpa" é uma palavra tão pequena. Por que não diz logo?

— *Desculpa*…

— Quase pareceu sincero, Bola. Desculpas aceitas. Agora arranje cinco pratas até o fim do dia, e os inconvenientes serão prontamente esquecidos. Até a próxima vez, é claro.

Eu daria qualquer coisa para ser o tipo de garoto que surgiria da multidão e empurraria Steve para longe do meu amigo. Mas essa fantasia só serviria para acabarmos mortos. O que fiz foi justamente tentar ir na direção oposta, mas isso ia contra o fluxo, e meus pés se embolaram na maré de alunos. Acabei me desequilibrando e, para meu horror, caí para trás, me espatifando de costas no interior do círculo da tortura.

Steve olhou para mim no chão com seus olhos pequenos e largou Bola, que despencou no chão em uma poça da própria saliva. Steve se virou. A bola de basquete começou a quicar mais devagar, no ritmo do coração de uma baleia que tínhamos ouvido uma vez em um vídeo passado na aula de biologia. O tempo parou. Eu me senti como um daqueles atletas presos na vitrine de troféus para toda a eternidade.

— Ah, Sturges — disse Steve. — Quer participar também? Que ótima notícia.

Ao longo dos anos, sofri minha cota de abusos de Steve Jorgensen-Warner, começando com um cascudo lendário no terceiro ano do fundamental e chegando a um pulso torcido no primeiro ano do ensino médio, depois de "tropeçar" na escada dos fundos. Só que nenhuma das surras anteriores tinha sido culpa minha. Até Bola, encolhido em posição fetal, parecia horrorizado.

— Ah, puxa — falei, ainda no chão. — Tenho que ir para a aula. Todo mundo tem que ir para a aula, não é não? Tipo, não está na hora da aula? Tipo, puxa vida.

A Caverna dos Troféus amplificava as baboseiras que eu estava dizendo.

BAM, BAM! A bola parecia totalmente revigorada. E a bola de Steve era um

indicador de humor tão confiável quanto o rabo dos cachorros. Um sorriso resplandecente se abriu no seu rosto enquanto ele se aproximava de mim, quicando a bola às costas e a passando por entre as pernas. O cara estava saboreando o momento. Se tivesse uma cesta por ali, ele teria enterrado.



3.

No fim das contas, demos sorte. Acabamos levando apenas o “compactador de lixo”, o simpático procedimento de enfiar a vítima num armário em que jamais caberia um ser humano adolescente, depois bater a porta repetidas vezes até a vítima finalmente caber no espaço. É mais doloroso do que parece. O gancho de casacos atinge seu couro cabeludo, os cantos afiados arranham seus ombros e, se você fizer a burrice de tentar não ser atingido pela porta, pode quebrar um dedo. Já vi acontecer.

Para minha sorte, já passei por esse procedimento vezes suficientes para aprender a abrir armários por dentro. Relaxei até o barulho do quique da bola sumir na distância e então me soltei. Bola gemia no armário ao lado, não sem motivo. Meu amigo era um cara grande. Qualquer um com conhecimentos básicos de física saberia que retirá-lo dali não seria tarefa das mais fáceis. Primeiro expliquei a ele o que fazer para acionar o mecanismo de abertura, o que levou algum tempo devido ao fluxo constante de palavrões que saía pelas frestas. O sinal tocou. Suspirei. Íamos chegar atrasados à aula.

Dez minutos depois, estávamos nos recuperando no banheiro masculino. Não tínhamos a menor intenção de aparecer na aula atrasados e com a boca e os ombros ensanguentados, então lavamos calmamente as feridas com água fria e nos secamos com as toalhas de papel ásperas.

— Essas toalhas são para animais — reclamou Bola. Ele foi até uma cabine e voltou com um bolo de papel higiênico, que usou no cotovelo. — Ah, agora sim. Isso aqui é um spa? Estamos em um spa? A que horas é a esfoliação com sais? E a massagem erótica com pedras quentes? Jeeves, traga a programação, por favor!

Forcei um sorriso, que se transformou em uma careta. Minha maçã do rosto já estava ficando roxa. Avaliei que opções eu tinha para esconder aquilo do meu pai. Óculos escuros extragrandes? Um cachecol vistoso? Maquiagem artística? Papai perdia a capacidade de ser racional quando minha segurança era ameaçada.

Bola aproximou o rosto do espelho e fez cara feia. Eu queria poder dizer que a verdadeira beleza é a interior, porque, nesse caso, as entranhas de Bola deviam deixar os cirurgiões apaixonados. Você podia chamar Tobias Dershowitz de gordinho, se quisesse ser fofo, ou de forte, se quisesse ser diplomático, mas a

verdade é que ele era gordo, e esse era só mais um dos seus problemas. Ele tinha um cabelo que parecia um arbusto, cheio e descontrolado e laranja, o rosto coberto do tipo de sardas que faz garotos como Bola parecerem bebês grandes demais. Mas o pior de tudo era o aparelho, uma maravilha dos tormentos modernos: lâminas de aço inoxidável envolvendo cada dente separadamente, fixadas a uma dúzia de presilhas prateadas. O aparelho fazia tantos ruídos quando ele falava que parecia que iam chover faíscas.

Pelo menos ele era alto, coisa que não se pode dizer sobre mim. Bola ficou ali parado diante do espelho, empertigado como se estivesse ajustando um uniforme de gala militar, depois olhou ao redor para ter certeza de que estávamos sozinhos.

— Aí, olha só isso.

Ele enfiou a mão por dentro da camisa e tirou do sovaco a nota de cinco dólares mais suada que eu já tinha visto. Estendeu-a como se eu fosse querer acariciá-la.

— Eu tinha cinco dólares o tempo todo! O babaca só não sabia onde procurar!

— Mandou bem, Bola.

— Pois é, não é?

Ele riu, dobrou a nota e a guardou de novo no sovaco.

Enquanto abaixava a camisa, seu sorriso vacilou. Bola era um mestre do kung fu quando se tratava de encobrir ferimentos com piadas, mas havia momentos em que ficava sem pique e parecia reconhecer, por um breve instante, a verdade amarga. E a verdade era que esconder uma nota melada de cinco dólares no sovaco era o mais próximo que ele tinha de uma vitória.

Acionei o secador de mãos para que o ruído encobrisse minha pergunta seguinte:

— Você chorou?

— Que nada. Dessa vez não. — Ele fez uma pausa e deu de ombros. — Não muito.

O silêncio entre nós se estendeu por tempo demais, mas o bom e velho Bola sabia como dar um jeito nisso: com uma escarrada no mictório. Então me deu um tapa nas costas e se dirigiu à porta. Por um segundo fiquei ali, vendo a placa ensanguentada de catarro se dissolver no mijo de outra pessoa. Aquilo dizia muito sobre a nossa vida, pensei. Quando saí do banheiro, resisti à vontade de voltar. Eu podia jurar que tinha ouvido um ronco vindo de dentro do ralo, muito abaixo do piso de lajotas.



4.

A matemática queria me matar. Sempre soube disso. Em geral, eu era um aluno mediano, mas sinais de multiplicação e divisão eram como tiros de baioneta no meu cérebro. E naquela sexta-feira, para piorar, a sra. Pinkton estava de mau humor. Os anúncios do dia foram lidos pela presidente do conselho estudantil, que não escondia a empolgação com o Festival das Folhas Caídas, a peça *Shakespeare na posse da bola*, o jogo contra os Colts de Connersville e a grande inauguração do tão aguardado telão. Foi demais para Pinkton.

— Um placar — murmurou ela. — E que tal equipamentos novos de laboratório, para não corrermos mais riscos de incêndio? Computadores modernos para a sala de informática? Um elevador que realmente funcione? Algum de vocês viu os fetos de porcos que eles estão dissecando na aula de anatomia? Metade está deformada e a outra metade estragou por falha no congelamento.

Ela tinha razão, é claro. As prioridades da escola podiam ser resumidas àquele som que vinha da sala ao lado: *BAM*, *BAM*. Pelas suas opiniões, Pinkton deveria gostar de fracassados como eu, só que ela descontava as frustrações nos alunos. Minha única esperança para aquele semestre era reduzir o estrago, para ao menos alcançar o mínimo na média. Ela tinha passado a semana inteira me lembrando que eu precisava tirar 8,8 na prova de sexta-feira se quisesse ter alguma chance de escapar da reprovação.

A humilhação pública era parte importante da psicose da sra. Pinkton. Ela não perdeu tempo e foi logo chamar uma série de vítimas até o quadro-negro para serem derrubadas por um batalhão kamikaze de equações de segundo grau. Eu me escondi atrás do livro, fingindo que meu medo era absorção total em um texto cativante. Funcionou por trinta e cinco minutos, até que não me segurei mais e dei uma olhadela por cima do livro. Afinal, era a vez de Claire Fontaine, e eu não podia perder.

Tudo o que Claire fazia merecia ser reprisado em câmera lenta, e a matemática não era exceção. O giz subia em um volteio e descia como uma pluma. O suéter felpudo que ela vestia esticava levemente aqui, levemente ali. Ela ajeitou atrás da orelha uma comprida mecha de cabelo escuro, sua mão deixando uma mancha adorável de pó branco de giz. Eu a achava linda, mesmo

sendo um pouco fora do padrão. As garotas populares determinariam que ela precisava perder uns quilinhos. Apontariam também para o fato de ela não usar maquiagem nem fazer nada para domesticar aquele cabelo. E as roupas… hum, o que dizer das roupas que Claire usava? As botas, em vez daquelas sexy de cano alto, eram baixas e com sola de borracha, mais apropriadas para uma trilha. As roupas eram mais que retrô, pareciam garimpadas em bazares do Exército: uma variedade de casacos verde-musgo e saias cáqui e calças cheias de bolsos, tudo parecendo que realmente tinha sido usado nos campos de batalha da Segunda Guerra Mundial. Para completar, a boina que ela usava ao chegar e sair do colégio não era do tipo “olhem para mim, sou francesa”; estava mais no estilo “vou invadir seu país e instalar uma ditadura”.

Só uma coisa não fazia sentido: aquela mochila rosa-choque de menininha que, inexplicavelmente, não tinha um único button com dizeres revolucionários nem rabiscos com caneta pilot. Todo mundo achava que aquela mochila perfeitinha tornava Claire ainda mais esquisita. Para mim, mostrava que ela simplesmente não se importava. Uma boa mochila é uma boa mochila.

Nada disso a tornava menos feminina. Pode acreditar. Era só que Claire não se limitava a isso. Ela tinha entrado na escola no semestre anterior, e era óbvio que tinha uma vida interessante fora dali, o que era considerado uma heresia pela galera descolada. Mas Claire parecia ignorar isso, talvez por não ser da Califórnia. Ela vinha do outro lado da poça. Ah, é, esqueci de mencionar que Claire Fontaine era inglesa. Isso mesmo: ela tinha sotaque. Acho que agora você está começando a entender.

O que eu sei é que os europeus devem estar bem à nossa frente na matemática. É a única explicação para a maneira como Claire destroçava as equações. Dava para ver o giz virando pó nos dedos dela! Quando acabava, ela sempre (*sempre*) tacava um ponto no fim da equação, como se estivesse escrevendo uma frase.

— A pontuação continua sendo desnecessária — disse Pinkton. — Fora isso, muito bem.

Claire soltou o ar como se tivesse acabado de derrotar um adversário. Enquanto a menina apagava o quadro, a sra. Pinkton escreveu uma outra linha de números sem sentido e se virou para a turma em busca de uma nova vítima.

— Temos tempo para mais uma. Algum voluntário?

Eu me encolhi, para dar a impressão de que estava ainda mais interessado no livro didático. Quando o olhar da professora passou direto por mim, me enchi de orgulho por minha atuação, mas depois, desastre: Claire estava voltando para sua

carteira, batendo as mãos sujas de giz uma na outra e assim sendo engolida várias vezes por uma nuvem de fumaça como uma rockstar, quando por acaso olhou para mim. Eu, é claro, estava olhando para ela, babando. Claire abriu um sorrisinho malicioso.

— Ora, olá, Sturges — disse ela.

Aquele sotaque era certeiro em transformar partes do meu corpo em traidoras. Dessa vez, foi a sra. Mão Direita, que se ergueu em um aceno de empolgação excessiva, como se Claire estivesse a um quilômetro de distância, e aí a srta. Boca Grande resolveu entrar em cena também:

— *Olá, Claire!*

— Jim, foi você que se ofereceu? — perguntou a sra. Pinkton. — Isso sim é que é novidade. Vamos ver como você se sai.

Meu sorriso murchou, e encarei a equação. Parecia que todo o alfabeto e o sistema numérico tinham sido vomitados no quadro. Fiz uma careta, que repuxou dolorosamente o machucado no meu rosto. Pensei em mostrar meus ferimentos, alegando que não tinha condições físicas de chegar até o quadro sem começar a uivar de dor, mas optei por lançar meu melhor olhar suplicante.

Pinkton me "jogou o giz", como dizíamos, estendendo-o com a mão fechada. Parecia que ela estava mostrando o dedo do meio.

Tomei coragem, me levantei, peguei o giz e fui andando até quase encostar o nariz no quadro. Ergui o braço sem ter a menor ideia do que fazer, e só então percebi que Pinkton tinha escrito a equação na mesma altura em que Claire escrevera a resposta, ou seja, quase dez centímetros acima do meu limite. Eu não conseguia nem alcançar o problema, muito menos solucioná-lo. Tive que aguentar os risos que soaram atrás de mim, deixando minha visão perder o foco até que o giz levantado pelo apagador virasse uma névoa. Uma névoa londrina, onde garotas como Claire Fontaine circulavam com boinas maneiras e resolviam cálculos perigosos entre intensos beijos trocados com corajosos homens baixinhos.



5.

Já foi comprovado repetidas vezes ao longo das eras que nada impõe tanto medo no coração de garotos sem coordenação motora quanto uma corda presa ao teto de um ginásio. Bola chegou ao ponto de registrar uma reclamação formal na secretaria, no ano passado, e marcou uma reunião com o diretor Cole e tudo o mais. Era algo bárbaro, insistia Bola. E um risco, também. E se algum garoto caísse daqueles seis metros de altura e ficasse paralítico para o resto da vida? Beisebol, tudo bem. Vôlei, tudo bem. Você pode até esbarrar com esses esportes mais tarde na vida. Mas quando é que um adulto vai encontrar uma bosta de uma corda que precise desesperadamente ser escalada? Segundo Bola, o diretor Cole estava na palma da sua mão até ele falar *bosta*. Cole tinha uma política de tolerância zero com uso de gírias, blasfêmias e palavrões. Bola foi expulso da sala, e a corda permaneceu.

Bola e eu éramos os dois únicos que ainda não tinham chegado ao ponto mínimo obrigatório de metade da corda. Enquanto os outros garotos brincavam de tentar fazer cesta, eu me debatia a um metro e meio do chão, tentando descobrir como os Steve Jorgensen-Warners do mundo conseguiam controlar os quatro membros ao mesmo tempo. Prendi a respiração e subi mais meio metro. As palmas das minhas mãos queimavam e minhas pernas se sacudiam no ar. Eu só conseguia pensar em como proteger minhas partes íntimas se caísse.

— É isso aí, Sturges! — gritou o treinador Lawrence. — O impulso é a chave do sucesso.

Ouvi um grunhido e olhei para a corda ao lado. Ao contrário dos meus arranques imprevisíveis, Bola subia em um ritmo regular, embora absurdamente lento. O suor brotava de todos os seus poros, e ele arreganhava os dentes de metal em resposta ao esforço medonho. Seu corpo todo tremia como se fosse explodir.

— Isso mesmo, Bola! — No calor da empolgação, o treinador Lawrence o chamou pelo apelido mesmo. — Mostra pra essa corda quem é que manda! Nada de desistir! Homens não desistem!

— Por favor, Deus, me leve agora — gemeu Bola. — Ou Satanás, ou qualquer um.

— Só mais um metro — grunhi. — Força nos ombros.

— Que diabo você quer dizer com isso?

— Não tenho ideia.

— Então vê se para com esse papo motivacional.

— Tudo bem — grunhi. — Cara, como eu queria que essa corda fosse uma forca.

— Nossa, seria o máximo. Uma morte rápida e fácil, indolor.

Lá embaixo, um coro havia começado: *Bola! Bola! Bola!* Quando olhei, o treinador Lawrence estava fazendo uma careta. Ele é que tinha dado início àquilo, ao usar o apelido. Voltei a me concentrar na corda. Uma bandana vermelha marcava a metade, apenas vinte ou trinta centímetros acima de mim. Eu só precisava tocá-la, e depois poderia ir mancando até as arquibancadas e chorar por meus músculos arruinados. Inspirei com dificuldade e estiquei a mão suada para tentar alcançar a bandana. Os fios de corda eram como cabos de aço quente na minha pele.

— Manda ver, Sturges! — gritou o treinador Lawrence.

Eu estava tão inebriado de exaustão que até achei que fosse conseguir. Então Bola deu um ganido. Olhei para o lado: ele estava sacudindo a cabeça como quem tenta fugir de uma abelha. Era difícil ver direito com as duas cordas se mexendo, mas então entendi o problema: um dos fios da corda tinha prendido no aparelho de Bola. Pelos seus olhos vesgos de pânico, ele devia estar visualizando toda a sua mandíbula sendo arrancada do rosto quando ele caísse.

A corda de Bola começou a girar. Estendi o braço para ajudar, mas só senti os dedos dele tentando desesperadamente agarrar os meus por um segundo, e então seu peso o fez despencar. Naturalmente, o fio da corda arrebentou na mesma hora, e Bola caiu de bunda bem na frente de todo mundo.

O braço que usei para ajudar Bola nunca voltou à corda, que começou a rodar também. Meus pés escorregaram, e fiquei pendurado por um braço só. Ao contrário de Bola, tentei me segurar, mas isso só serviu para me fazer descer deslizando até embaixo, a corda rasgando a palma da minha mão até eu atingir o chão de joelhos. A dor chegou ao meu crânio.

O treinador Lawrence nos ofereceu a mão. Bola parecia arrasado, machucado, conformado com sua gordura. O coro repetindo seu nome, que por um tempo conseguimos fingir que era sério, tinha se desfeito e passado para assovios e gritos de zombaria. Uma única bola de basquete continuava o *BAM, BAM* constante. Meu amigo finalmente se levantou, esfregando a bunda doída, e foi quando a bola de basquete passou voando acima da multidão de garotos e o acertou bem na lateral do rosto. Não dava para negar que foi um arremesso e

tanto.



6.

Pela segunda vez naquela sexta-feira, Bola e eu estávamos limpando nossos machucados, e não havia muito o que fazer para dar uma levantada no ânimo. Passamos um bom tempo no chuveiro, o sangue escorrendo para o ralo central, até que sobramos só nós dois no vestiário. Eu já tinha quase terminado de me vestir, mas Bola continuava sentado na outra ponta do banco, imóvel e pingando, de costas para mim, ainda de toalha.

— Não deixe que eles chateiem você, cara.

Era o tipo de coisa que um professor diria, mas não consegui pensar em nada melhor.

— Nossa, obrigado por esse conselho tão profundo e tão inútil, sr. Orientador.

— Eles não são nossos amigos. Quem se importa com o que eles pensam?

— Então quem são nossos amigos, Jim? Anda, faz uma lista. Vai levar zero segundo, eu posso esperar.

— Deixa de bobagem. A gente tem amigos.

— Não estou falando de amigos que só existem em salas de bate-papo da internet. Ou amigos felinos ou caninos. Estou falando de amigos humanos, amigos reais, que fazem coisas do gênero humano, como conversar, passear e usar talheres para comer. Não seria o máximo, Jim? Amigos que soubessem usar talheres? Seria um verdadeiro avanço para nós dois.

Bola lançou um olhar raivoso para trás e continuou:

— Tentar me animar só vai piorar as coisas. Temos que aceitar quem somos. E, antes que você pergunte, vou dizer: não somos ninguém. Não temos vida. Não temos nada a esperar do futuro. Não somos especiais. Eu só quero que isso acabe, esse medo idiota. Você não tem a impressão de que estamos sempre com medo?

— Ei, lembra que eu vivia com medo de ter monstros no meu armário? — falei.

— *Aquilo* era idiota. Todo mundo sabe que os monstros se escondem embaixo da cama.

— Sim, pois é, mas eu tinha certeza de que eles se escondiam no armário. Até que não aguentei mais viver com medo o tempo inteiro que nem meu pai.

Uma noite eu me levantei da cama, abri o armário, entrei e passei a noite inteira lá. Acabei pegando no sono, e foi assim que terminou. Sabe, tudo tem que acabar um dia, Bola.

Ele não respondeu. Terminei de amarrar os tênis, apertando demais. O próprio vestiário parecia apertado demais, esmagando meus ombros como o armário em que haviam me enfiado apenas algumas horas antes.

— Pelo menos a gente tem um ao outro — tentei.

— É verdade — disse Bola. — Por que não marcamos logo o casamento?

Apesar das palavras sarcásticas, a frase tinha o tom de um pedido de desculpas. Suspirei de alívio e consultei o relógio. O sinal ia tocar logo. Tinha sido um dia longo para mim e ainda mais longo para Bola.

— Aposto que vamos ganhar um belo aparelho de jantar — falei. — E uma máquina de fazer pão.

— Maneiro. Quando acontecer o apocalipse zumbi, essa máquina vai quebrar um bom galho. — Bola inspirou, ainda abalado, e limpou a garganta congestionada. — Me dá um minuto, senão nunca vou terminar de me vestir. Você não tem ideia de como é difícil para mim colocar as meias.

Bola odiava trocar de roupa na frente de outras pessoas. Algum dia ele teria que aceitar seu peso, mas não era o momento de impor essa tarefa, então fui para o corredor ao lado.

A sala do treinador ficava no final do vestiário. As luzes estavam apagadas. O treinador Lawrence devia ter apagado quase todas as luzes ao sair, pois a escuridão caía no ambiente como uma manta. Os corredores pareciam compridos demais, recortados por sombras em pontos inusitados. Hesitei em ir adiante. Vestiários são lugares marcados por lembranças ruins: golpes de toalha, cuecas jogadas na privada, tênis queimados com isqueiro. Não era surpresa que as sombras ali parecessem maiores.

Lembrei a mim mesmo que não existiam monstros no armário e segui em frente. Tinha avançado apenas três passos quando vi a coisa.

Estava agachada no fim do corredor. Respirei fundo e avancei mais um pouco, mas a coisa não foi embora. Não tinha formas bem-definidas e era mais alta que eu, mas não se mexeu nem emitiu nenhum som. A distância, ouvi os suspiros de Bola se vestindo e senti uma necessidade de protegê-lo. Não podia deixar aquela coisa perseguir meu amigo pelado até o corredor. Seria humilhação demais.

Fui bem devagar até um interruptor de luz que havia a apenas um metro e meio de distância, bem entre a coisa e eu. Meus tênis chapinhavam em algum

líquido nojento — típico de vestiários. Estender a mão para o interruptor foi como tentar tocar o lenço na corda. Fiz uma pausa, com medo de ver a verdade atrás das dobras multifacetadas de pele e do odor pungente da coisa.

Acendi a luz com um tapa. Uma única lâmpada se acendeu, fraca.

Era uma pilha de toalhas úmidas. Estava fedendo, mas aquilo não ia exatamente saltar sobre mim para me matar. Senti o rosto ficar quente e quase comecei a chutar a pilha de toalhas, só que, com a sorte que eu tinha, acabaria derrubando tudo em cima de mim mesmo e passaria o resto do dia fedendo o equivalente a cem sovacos.

Foi nesse momento que ouvi um ruído de batidas metálicas vindo dos chuveiros.

Olhei naquela direção, já achando que era outro alarme falso, mas então notei que a grade do ralo central tinha sido retirada e colocada de lado. A água que fluía até o ralo, permeada pelas manchas rosadas do sangue de Bola e o meu, parecia ter sido pisada, como se alguém tivesse passado por ali. Recuei um passo para enxergar melhor, e minha visão periférica captou uma forma escura se movendo devagar e pesadamente do outro lado do vestiário.

Era Steve. Só podia ser, vindo atrás dos prometidos cinco dólares de Bola. Mas dessa vez eu ia impedi-lo. Corri até a fileira seguinte de armários a tempo de avistar algo que devia ser um pé, embora parecesse grande demais para Steve. Então ouvi um bufo gutural e raivoso, um ruído tão retumbante que só um peito colossal poderia emitir.

Corri em disparada, meus tênis espirrando água das pequenas poças. Longe da lâmpada, era ainda mais difícil identificar quem estava passando pelos corredores do outro lado do vestiário. O que vi pareciam ombros gigantes e encurvados, do qual pendiam braços bem grossos. Mas, pensando bem, eu não tinha achado que as toalhas eram uma criatura assassina disforme? Acelerei para a fileira seguinte de armários e parei gritando um ousado e aterrorizado “ARRÁ!”.

Bola cobriu o peito nu. Ainda estava empenhado em calçar as malditas meias.

— Que isso, meu Deus? Caramba! Privacidade, Jim! Privacidade!

Em algum ponto atrás de mim ressoaram passos tão pesados que o chão de lajotas estremeceu. Eu me virei, dei uma corridinha e ouvi um ruído metálico vindo do chuveiro. Em um instante estava na fileira seguinte de armários. A tampa do ralo tinha sido recolocada. Será que eu tinha me enganado? Será que aquilo nunca tinha saído do lugar? Eu me apoiei na parede coberta de limo,

tentando recobrar o fôlego.

Tive a mais breve impressão de ver a tampa do ralo estremecer, bem de leve.



7.

Poucas sextas-feiras tinham sido mais longas. Eu só não desconfiava de que aquilo era apenas o início.

Saí da escola com Bola. Como era de se esperar, várias das abóboras que decoravam a entrada tinham sido destruídas na base do chute, nos obrigando a desviar das entranhas espalhadas. Bola soltou alguma piada, mas a gosma laranja fez meu estômago se revirar. Eu ainda estava abalado pelo incidente do vestiário. É claro que não comentei nada com Bola. Afinal, ou eu estava ficando louco, ou os atletas da nossa escola andavam tomando esteroides demais. Nenhuma das duas possibilidades levantaria o astral do meu melhor amigo.

Mal tinha pisado na calçada quando um grupo de garotas veio falar com a gente. Como aquele era um acontecimento muito suspeito, começamos a olhar em volta à procura do balde de sangue de porco que jogariam na nossa cabeça, mas, em vez disso, elas enfiaram na nossa cara uns panfletos em cores chamativas. Três das meninas eram esquisitonas da aula de teatro clássico, em roupas escolhidas a dedo para não combinarem, mas a quarta usava cores militares. Era Claire Fontaine.

— A seleção é amanhã. — Ela mordeu a ponta de uma barra de chocolate e a empurrou garganta abaixo com um gole de Coca-Cola da latinha que segurava na mesma mão. — Algum dos cavalheiros estaria interessado?

Cavalheiros. A palavra me lembrava musicais. Desejei estar vestindo smoking com um cravo na lapela. Olhei para o panfleto rosa-choque que Claire estendia para nós. Não era nenhuma surpresa que a peça fosse *Romeu e Julieta*. A professora de teatro, a sra. Leach, tinha aprendido a lição com *Shakespeare na posse da bola*. A tradição mandava que a peça de meia hora a ser encenada após o jogo fosse escolhida e montada em uma única semana. Por isso, para simplificar as coisas, eram sempre as mesmas peças: *Hamlet*, *Sonho de uma noite de verão*, *Macbeth* e *Romeu e Julieta*. A última havia sido montada tantas vezes que tinha até apelido: *Rô & Ju*.

— Vai ter bolachas grátis? — Bola investigou as letras pequenas. — Diz aqui bolachas grátis. Como pode ser verdade, na crise econômica que estamos vivendo?

Claire deu uma risadinha. Seu rosto estava corado, e a brisa de outono

soprava o cabelo que saía por baixo da boina. Ela ajeitou no ombro a mochila cor-de-rosa impecável e deu mais uma mordida no chocolate. Todo mundo sabia que ela era viciada em comida porcaria. Devia ser isso o que a impedia de ter o físico esbelto das garotas mais populares. Pessoalmente, eu não me preocupava em saber que tipo de gorduras saturadas e açúcares refinados eram responsáveis por aquelas formas excelentes.

A risada dela era como o som de teclas aleatórias de piano.

— Viu? — Bola apontou para Claire e me lançou um olhar vitorioso. — É uma armadilha!

— Estou rindo da *palavra*, Dershowitz — explicou Claire. — De onde eu venho, a gente chama de "biscoito".

— Ah — disse Bola. — Nesse caso, vou reconsiderar a ideia. Eu tenho dentista amanhã. Vou botar um aparelho novo. Você deve ter percebido que eu uso aparelho. Espero que o novo seja um pouco mais arrojado. Mas talvez eu possa chegar mais tarde. Estou sempre aí para *biscoitos* grátis. De bolacha, já chega as que levei hoje. Enfim, você não precisa saber disso. Para falar a verdade, não sei por que estou falando sem parar. Mas aqui estou eu. Falando. Ainda.

Claire deu aquela torcidinha de boca, a mesma que tinha lançado para mim na aula de matemática, que me fez sentir como se tivéssemos um segredo. Ela começou a dizer que nunca apareciam muitos garotos para os testes e que o clube de teatro precisava de "sangue novo", como diria seu pai. Eu só concordava com a cabeça, mas minha atenção se desviou dela. Poucas coisas me distraíam de um encontro direto com Claire Fontaine. Na verdade, eu só conseguia pensar em uma.

BAM, BAM.

Peguei o papel da mão de Claire e aumentei a voltagem do meu sorriso bobo.

— Estarei lá — prometi.

Bola deu de ombros e pegou um panfleto amarelo-canário de uma das esquisitonas do teatro.

— Mas vou pelos biscoitos. — Com um suspiro, ele completou: — Quer dizer, se eu ainda tiver dentes até lá.

— Irado! — Claire se ergueu na ponta de suas botas de trilha. — Meio-dia, bem aqui na San B. Ensaiem seus sonetos e caprichem no sotaque, rapazes!

— Pode deixar! — disse Bola.

As meninas foram correndo abordar outros garotos desavisados, prontas para seduzi-los com a magia de *Rô & Ju*.

Peguei Bola pelo ombro e o empurrei pela calçada. Ele reclamou, mas segurei firme e me concentrei no objetivo de cruzar logo o estacionamento. Grupos de garotos atrapalhavam o caminho, e tive que ir desviando deles. O som estava mais perto agora, a bola quicando mais rápido, mas eu não conseguia identificar de onde vinha.

BAM, BAM!

Os protestos de Bola foram interrompidos de maneira tão brusca quanto um graveto sendo quebrado.

— Ah, droga. Droga droga droga.

Bola apontou. Steve Jorgensen-Warner vinha caminhando pelo estacionamento, a bola de basquete quicando pacientemente no asfalto. Carros faziam o retorno e iam embora, dirigindo como loucos sem silenciador, mas, não sei como, Steve não precisou alterar o passo em momento algum. Ele nos viu e abriu um sorriso gelado, plácido.

— Me diga que você ainda tem aquela nota de cinco — sussurrei para Bola.

Ele fez que não.

— Cantina. Sexto tempo.

Lancei um olhar aflito para ele.

— O corpo humano precisa de nutrição, Jim! — defendeu-se.

Olhei em volta em busca de uma rota de fuga. Vários ônibus escolares estavam parados em fila no pátio. Normalmente eu ia a pé para casa, coisa que meu pai não sabia, mas seria fácil enfiar Bola no ônibus do motorista famoso por sofrer de catarata. O único problema era que Steve e sua maldita bola de basquete estavam bem no caminho.

Eu me joguei de bruços no chão e rolei para baixo de uma picape estacionada.

— Jim? Isso não é aula de mecânica! Não temos tempo para fazer uma troca de óleo!

— Venha aqui!

Ele demorou mais que eu para se colocar na posição horizontal, mas aquela bola quicando operava maravilhas em termos de motivação. Com a cabeça embaixo de peças de carro oleosas, vimos o mundo se estreitar em um retângulo cinematográfico: calçadas cinzentas, uma faixa de grama, pneus esmagando vidro quebrado e centenas de pés sem corpo indo apressados em todas as direções.

BAM, BAM! O barulho se aproximou da traseira da picape.

— Vamos! — sussurrei. — Outro carro, outro carro!

Meus cotovelos e joelhos latejavam por causa dos infortúnios anteriores do dia, mas mesmo assim consegui obrigá-los a me impulsionar adiante, ultrapassando as rodas dianteiras da picape para a luz cegante do dia e, segundos depois, me enfiando embaixo do chassi de um sedã quatro portas imundo. Bola vinha logo atrás de mim, sem ar, pingando suor. Para-choques e molas e canos de descarga já tinham rasgado sua camisa e puxado sua calça até o cofrinho.

À direita, a bola de basquete batia no meio-fio. Dava para ver seus tênis de grife novinhos, as barras da calça cara. Ele parou, como se estivesse detectando nossa localização. Olhei para a esquerda, para a rua inundada de carros. Era um perigoso labirinto em movimento, mas então um dos carros parou para que um veículo pegasse a via.

— Agora! — sussurrei. — Agora, Bola!

Fui rastejando de lado para a esquerda e, à luz do sol, rolei para baixo do carro parado. Bola me seguiu, arfando. O vento soprou a fumaça do escapamento bem na nossa cara. Tossimos e abanamos o ar. Tudo certo: agora bastava uma corridinha e chegaríamos aos ônibus, se ao menos avançássemos um pouco mais. Então o carro que nos protegia buzinou. No susto, batemos com a cabeça no eixo dianteiro. Ouvimos o câmbio engrenar, pronto para colocar o carro em movimento.

Bola e eu nos encolhemos um contra o outro, quase num abraço, e esperamos que o carro andasse. Assim que vimos a placa traseira, saímos do caminho de um conversível que se aproximava, tropeçamos em um quebra-molas e fomos aos trancos e barrancos até a fileira seguinte de veículos, bem entre dois carros estacionados. Steve deve ter visto parte de nossas peripécias, pois a bola de basquete acelerou o ritmo. Aquele som horrendo era como um soco na carne.

Rastejei para baixo do carro à direita, enquanto Bola foi para o da esquerda. Eu me segurei na tampa de um bueiro. Os ônibus estavam perto. Tínhamos chance de nos safar. Localizei os tênis de Steve — ele não estava longe, mas a distância era suficiente para que eu chamasse a atenção de Bola e fizesse sinal para sairmos correndo. Só que Bola estava olhando para mim em pânico.

Estou preso, disse ele, só com o movimento dos lábios. *Estou preso!*

Alguém entrou no carro acima de mim, fazendo-o afundar. Meu corpo ficou dormente e eu esqueci de respirar. O motor foi ligado. Em segundos, o carro sairia dali e me deixaria exposto. A bola golpeava o asfalto, se aproximando, junto com os tênis de Steve, em uma harmonia nata. Ele estava a um metro e meio de distância, um metro, meio metro. Cobri a boca com a mão para não gritar.

Um som de metal arranhando o concreto, e senti um movimento sob o cotovelo, na tampa do bueiro em que eu me apoiava. Olhei para baixo, crente que era apenas a vibração provocada pelo motor do carro, mas a tampa estava de lado, o bueiro se abrindo para a escuridão de um esgoto. Fiquei olhando por um instante, sem entender.

E foi então que, do nada, uma enorme pata retorcida emergiu das profundezas.

Eu teria gritado se meu terror não fosse tão absoluto. A pata era do tamanho do meu tronco, a pele cinza da palma dividida em segmentos coriáceos por cicatrizes de incontáveis batalhas. O pelo que revestia o dorso da pata era preto, mas coberto por crostas marrons de esgoto. A mão girou como um radar, até se virar para mim. Então se esticou na minha direção, acompanhada pelos ruídos dos ossos do pulso e dos dedos. Eu me encolhi todo, e a pata agarrou o ar, arranhando o chão. As garras amareladas e irregulares, do tamanho do meu antebraço, pulverizaram o concreto como se esmagassem o giz da sra. Pinkton.

Ao longe, ouvi o primeiro ônibus partir, seguido pelos outros.

Tentei me afastar do bueiro, mas o eixo traseiro do carro me impediu. A pata se estendeu para um braço, que não parava de crescer, os músculos se alargando, cicatrizes brancas marcando o pelo por todos os lados em glifos horrendos. Olhei para Bola em busca de ajuda, mas ele tinha coberto os olhos com as mãos fechadas. Só então percebi que a bola de basquete estava bem ali entre mim e ele, marcando seu ritmo paciente e psicótico. Mas eu tinha problemas maiores com que me preocupar: a pata gigante que rastejava na minha direção como uma aranha. Me encolhi entre as rodas traseiras do carro.

Em um dia totalmente azarado, o maior golpe de sorte nos salvou: a porta do carro se abriu e acertou a bola de basquete. A esfera laranja bateu em um para-choque e saiu rolando pelo estacionamento.

— Ih, cara, não vi você — disse o motorista. — Já vou pegar. Me desculpa mesmo. Vou lá pegar.

Fez-se um silêncio pesado.

— Sem problema — respondeu Steve. — Eu pego.

Mas eu imaginava seu sorriso gélido.

Os tênis descolados foram atrás da bola, e aproveitei para sair de sob o carro. Fui engatinhando de costas até me encolher junto ao para-choque traseiro de uma caminhonete um tanto distante, sem fôlego, cada centímetro da minha pele se arrepiando ao ar livre. Meu salvador involuntário saiu com o carro, e Bola manobrou o corpo para fora de seu esconderijo emitindo uns chiados aflitos.

Ele foi até mim se arrastando, exausto. Seu rosto estava todo manchado de graxa e a caça jeans, rasgada, mas mesmo assim ele ria.

— Você sabe viver perigosamente, Jim Sturges Jr., tenho que admitir.

— Aquilo… A gente… Estamos a salvo?

Bola olhou em volta, mas parecia despreocupado.

— Ele foi convocado pelo Lawrence para treinar. Sobrevivemos para lutar mais um dia, soldado.

— Não… eu estava falando daquela *coisa*… Aquilo foi…?

Bola franziu o cenho.

— A coisa. Hum. Será que você pode ser mais específico?

Eu me segurei no para-choque e me levantei, os pés trêmulos. Dei uns tapinhas na traseira da picape e encontrei consolo na camada de poeira — aquilo era real. Eu não estava preso em um pesadelo. Passei os dedos na poeira e cheirei.

— Se você lamber isso, não sou mais seu amigo — ameaçou Bola.

Com extremo cuidado, avancei lentamente até a vaga vazia onde eu tinha ficado preso. Não queria me aproximar demais, por isso fui pelo caminho dos carros que saíam. Fui recebido por buzinas e vários belos palavrões, mas os ignorei. As rachaduras no asfalto feitas por aquelas garras assustadoras alguns momentos antes pareciam marcas inocentes provocadas pelo uso, pelo desgaste e pelo tempo. A inocente tampa do bueiro estava exatamente no seu lugar.

— Aquilo. — Apontei. — Olhe só aquilo.

Bola esticou o pescoço para o disco de ferro.

— Isso aqui?

Ele se ajoelhou e aproximou o rosto da tampa o máximo que sua barriga permitia. Contraí os músculos, me preparando para o pior.

— Estou vendo — disse ele.

O sangue se esvaiu do meu rosto.

— Está mesmo?

— Claro que sim. Quer que eu pegue?

— O quê? Não! Saia daí!

Ele apontou para uma manchinha cor-de-rosa na tampa do bueiro.

— Parece uma delícia. Mas, olha, vou te contar um segredo: eu tenho aqui no meu bolso um pacotinho de chicletes que *nunca foram mastigados*, coisa que eu valorizo bastante em um chiclete. Mas longe de mim julgar seu paladar. Gosto não se discute, não é mesmo?



8.

Eu não disse uma palavra a Bola sobre o que tinha visto, mas o fato de não poder provar nada a ele me incomodava menos do que não poder provar a mim mesmo. Não havia marcas de garras na minha pele, nenhum tufo de pelo preso no zíper do meu casaco. Sempre me preocupei com a estabilidade mental do meu pai. Foi por causa disso que mamãe nos deixou, por isso vivíamos sozinhos em uma prisão domiciliar. E se o meu DNA carregasse a loucura dele? Bola me abandonaria também.

Na extremidade do campo de futebol, o pessoal que instalava o telão arrumava as coisas ao fim do dia de trabalho. À minha direita, uma luz em tom de pêssego banhava os penhascos do monte Lamaceiro. À esquerda, outro tipo de montanha mergulhava nas sombras: os veículos destruídos que se amontoavam no ferro-velho Empório da Lataria, um clássico dos adolescentes que saíam para invadir lugares na calada da noite. Observei o céu que escurecia, tentando estimar que horas eram. Para meu pai, chegar em casa depois de escurecer era a pior transgressão do mundo.

— Ei, Pocahontas — Bola mascava um chiclete do pacote que tinha me oferecido minutos antes —, seu velho vai sobreviver se você se atrasar alguns minutos.

— Você não entende.

— Entendo que ele tem que botar mais alguns elos na sua corrente.

— É só que ele é muito preocupado. Com muitas coisas.

— Meus parabéns, você acaba de ganhar o prêmio de maior eufemismo do dia! Sinceramente, não sei como é que um cara tão tenso consegue dormir à noite.

A verdade era que ele não dormia. Bola sabia disso. Ele fez uma careta para o próprio comentário. Eu ia dizer para não se preocupar com isso quando ele ergueu a cabeça e me deu um tapinha no ombro.

— Atalho? — Seu aparelho brilhou quando ele abriu um sorriso travesso.

Ao lado da escola ficava o Museu Histórico de San Bernardino, um edifício com colunas na fachada que era ignorado pelos habitantes da cidade, mas, se os rumores fossem reais, celebrado por caçadores de artefatos raros de toda a Califórnia, cujos bolsos recheados possibilitavam novas aquisições todo ano.

Muito mais popular que o museu em si era o extenso jardim que o cercava. Raro era o fim de semana em que não se via uma mulher de vestido branco sendo fotografada enquanto os convidados do casamento circulavam e bocejavam. No entanto, o jardim era isolado por uma cerca de um quilômetro de altura, capaz de frustrar qualquer aluno da San B. High que tentasse poupar tempo no caminho para casa.

Mas Bola e eu conhecíamos um caminho diferente.

— Sei não, Bola. Nossa sorte não vai durar para sempre.

Mas ele já estava indo na direção do museu, andando de costas, erguendo as sobrancelhas e me cegando com aquele aparelho metálico. Mesmo no meu estado de espírito, não tive como não rir. Percebendo que tinha me convencido, Bola correu o mais rápido possível para a entrada principal. Peguei a mochila e fui atrás dele. Nossos tênis ressoavam pela calçada margeada por uma cerca viva e pelos degraus da grande escadaria de mármore, até que passamos por baixo da coruja de jade que nos olhava friamente do alto de um friso em relevo sobre a entrada.

O museu ficava praticamente deserto nos dias de semana. Desviamos das cordas que isolavam a fila inexistente e passamos por Carol, nossa bilheteira preferida. Carol era mais velha, devia estar na faculdade, e vivia com um marca-texto destampado na mão. Ela nos olhou por cima dos óculos.

— Péssima hora, garotos.

— Boa tarde, docinho — retrucou Bola.

— Lempke está por aí, muito irritado com alguma entrega que atrasou. Recomendo que deem meia-volta.

— Não temos tempo, meu bem, não temos tempo.

— Vocês que sabem.

Bola estendeu a mão ao passar pelo guichê da entrada. Sem erguer os olhos, Carol bateu na dele.

— Valeu — falei ao passar por ela.

— Não tem de quê, bonitão.

Cruzamos correndo as roletas e viramos bruscamente à direita para pegar uma escada lateral. Passamos pelas obras emolduradas que já nem notávamos mais, de tantas vezes que já tínhamos visto: algum sujeito da nobreza em um terno azul e uma boina com pluma cercado por cães de caça; duas fileiras de soldados frente a frente, abrindo fogo com rifles; uma dessas cestas de frutas onipresentes que tanto encantavam os artistas de antigamente. No alto da escada havia uma cabeça de bisão empalhada de proporções gigantescas. Bola nunca

deixava de dar um pulo para coçar a barbicha peluda do bicho. Nem tentei — era parecido demais com o pelo que vira saindo do bueiro.

Nosso caminho era sempre o mesmo. Primeiro, atravessávamos o átrio Sal K. Silverman, uma cúpula iluminada por luz natural mantida vazia a fim de ser enchida de cadeiras para eventos e festas beneficentes. O piso estava sempre encerado, o que aproveitávamos para deslizar com os tênis, alcançando quase dois metros. Saíamos pelo outro lado do átrio e passávamos por coisas que um dia já nos encantaram: mostruários de vidro cheios de tridentes muito antigos; máscaras assustadoras de uma escavação na Mesopotâmia Antiga; o esqueleto reconstituído de um alossauro.

Estávamos rindo; o risco daquela incursão nunca deixava de nos empolgar. Bem à frente havia uma porta em que se lia ACESSO EXCLUSIVO PARA FUNCIONÁRIOS, mas sabíamos que nenhum alarme a guardava. Bola abriu a porta, e saímos na mesma escadaria feia, nos mesmos degraus de concreto velhos e sem pintura. A diferença era que, dessa vez, o sr. Lempke estava parado meio lance de escadas acima de nós, uma prancheta na mão, nos encarrando em choque.

O pessoal da escola podia falar o dia inteiro sobre a extenuante sra. Pinkton ou o autoritário treinador Lawrence, mas só porque ninguém conhecia o diretor do museu, o sr. Lempke. Muito provavelmente o homem mais arrogante de todo o sul da Califórnia, Lempke deixava claro que acreditava ser o herdeiro de direito da secretaria do Smithsonian e estava apenas turbinando o currículo até receber a esperada ligação. Ele administrava o Museu Histórico de San Bernardino com punho ditatorial e, embora fosse o que tornava aquela instituição tão estimada, era também o que fazia os jovens a evitarem. O cara achava que todo mundo deveria contemplar a arte como se estivesse diante de Deus: em silêncio e penitência. Se uma criança gritasse de alegria, ele pedia que se retirasse. Se um idoso tossisse demais, também.

Ele era nossa nêmesis, e nós éramos a dele.

Lempke limpou os óculos de aros grossos.

— Pela última vez, garotos, isto aqui não é um parque de diversões! Nem um atalho para o parque de diversões!

Ele guardou os óculos no bolso do paletó de flanela e começou a descer a escada batendo o pé. Cada passo revelava meias colocadas com tanto escrúpulo que os losangos da estampa permaneciam alinhados nos tornozelos. Era hipnotizante.

Bola adotou uma postura contrita. Fiz o mesmo, baixando a cabeça.

— Esta é uma instituição renomada — prosseguiu Lempke. — Nossas muitas obras carregam um valor que vão além dos seus conceitos. Se suas brincadeiras derrubassem um busto ou um quadro, seus pais ficariam tão endividados que vocês iriam parar em um abrigo para pobres antes mesmo de…

O “abrigo” era nossa deixa. De repente, Bola abandonou a postura contrita e saiu correndo escada abaixo. Segui na cola dele, em pânico e eufórico ao mesmo tempo. Lempke sabia que, naquele seu paletó justo e em suas meias xadrez, jamais nos pegaria, mas se debruçou no corrimão e ergueu a prancheta como se fosse uma lança.

— Pelas minhas contas, cada um de vocês me deve mais de novecentos dólares em entradas do museu! Não pensem que não vou cobrar! Assim que tiver um minuto livre, vou telefonar para seus pais. Escrevam o que eu digo!

Ele não fazia ideia de que Bola morava com a avó e que eu só tinha meu pai. Em geral, pensar nisso era deprimente, mas naquele momento a piada era Lempke. Fomos parar em uma área para carga e descarga depois de sair por uma porta de serviço, rindo como loucos, e só paramos de correr quando alcançamos novamente a rua. Caminhamos abraçados por alguns minutos até chegar ao primeiro cruzamento, revivendo a fuga por fragmentos entrecortados de frases.

Recuperamos o fôlego e sorrimos um para o outro. As feridas daquele longo dia já não pareciam mais tão patéticas. Estavam mais para tatuagens que marcavam o corpo de guerreiros da mesma tribo. Eu me sentia ótimo. Então notei o céu: estava escuro, já noite. Devíamos ter passado mais tempo do que imaginamos naquele estacionamento.

Bola me segurou pelo pescoço e deu um suspiro solidário.

— Sei que seu pai fica tenso — disse ele. — Mas, sério, o que ele pode fazer?

Uma sirene berrou. Quando olhamos para a rua perpendicular, fomos banhados por uma luz giratória vermelha e azul.



9.

Corria a lenda de que o sargento Ben Gulager já tinha nascido com aquele bigode farto, e no parquinho prometeram altas recompensas a quem tivesse provas fotográficas. Mas essa era apenas a terceira característica física mais marcante de Gulager. A peruca também era inacreditável, mas só por sua horripilância: uma cabeleira preta em forma de cuia que sempre parecia mal encaixada na cabeça.

Mesmo assim, ninguém ousava rir do sargento Gulager. A peruca tinha como fim ocultar sua característica mais marcante: uma horrenda cicatriz enrugada na têmpora direita. Dez anos antes, ele tinha ido atender um caso de violência doméstica na região sul da cidade, uma demonstração de arremesso de pratos entre marido e mulher executada na modalidade jardim da casa. Após a chegada do sargento, a coisa ficou feia, e o pai sacou uma arma e começou a apontá-la para as trigêmeas, encolhidas atrás do sofá. Gulager não hesitou em se jogar na frente das meninas, levando uma bala no crânio quase à queima-roupa.

Gulager sobreviveu graças a um daqueles milagres da medicina que os médicos veem com indiferença. Os cirurgiões acharam arriscado demais remover a bala de nove milímetros instalada entre a caixa craniana e a massa encefálica, mas seis meses depois Gulager já estava de volta à força policial, em nada diferente exceto por uma gagueira obstinada. O cabelo em torno da ferida nunca mais cresceu.

Mas o bigode era puro estilo.

Posso dizer por experiência própria que uma coisa pior que ser entregue a seu pai por um policial é ser entregue a seu pai por um policial que é um herói local, um homem que nunca, pelo menos que ninguém saiba, fez nada de errado em toda a vida e que com certeza jamais chegaria em casa tarde a ponto de deixar a família preocupada.

— O sssss-senhor percebe, sr. Sturges, que isto não pode coooooo-continuar assim.

Solto das mãos de Gulager, escapei para a cozinha e me recostei à geladeira. Pela porta da frente aberta, vi Bola encolhido no banco traseiro da viatura, com um ar desolado atrás do painel de fibra de vidro.

Meu pai me lançou um olhar terrível antes de dirigir a Gulager seu pior olhar

de reprovação.

— Sargento, o senhor tem minha palavra. Jim é um bom garoto, mas nessa questão estou perplexo, tanto quanto o senhor. Eu já disse várias vezes, *enfatizei*, *destaquei* a importância de chegar em casa na hora. A noite é perigosa para todo mundo, mas oferece ainda mais riscos para rapazes da idade de Jimmy…

Gulager limpou a garganta.

— Senhor, não é de seu filho que estou faaaa-falando.

Papai ajustou os óculos pelo Band-Aid e apertou os olhos.

Gulager pegou do bolso traseiro um bloco de registros e o abriu.

— Dia 26 de maio, 7h05 da noite. Fomos encontrá-lo a um quaaaaa-quarteirão de distância…

— Bem, na verdade são dois quarteirões, se formos contar com a Rua Oak…

— Dia 5 de junho, 7h10 da noite, a cinquenta metros daqui…

— Estava chovendo. Tudo pode acontecer quando chove…

— Nove de julho. Dez de agosto. Trrrr-três de setembro.

— Sargento, eu bem queria parar de chamar o senhor. Queria mesmo. Mas o mundo é um lugar perigoso. Tenho certeza de que o senhor sabe melhor do que ninguém que…

Gulager ergueu a sobrancelhas, e parte da cicatriz enrugada despontou por baixo da peruca amarfanhada. Por alguns segundos, papai permaneceu firme em sua posição, mas então seus ombros se curvaram.

— Eu sei — murmurou ele. — O senhor me desculpe.

Enquanto papai estava de cabeça baixa, Gulager olhou em volta, notando as persianas de aço, as luzes piscando nos três painéis de controle, a câmera de segurança na porta zunindo acima de sua cabeça. Por último, seus olhos pousaram em mim, transmitindo compreensão e empatia. Eu me senti ao mesmo tempo grato e ofendido. Ergui o queixo. Gulager suspirou.

— Vvvvv-veja bem, sr. Sturges...

Ele apontou o polegar para a viatura lá fora.

— Preciso deixar o fortinho em casa. Não vou tomar nenhuma providência ooo-oficial em relação a isso, mas vou lhe explicar uma coisa, e quero que o senhor preste atenção. Existem, sim, coisas perigosas lá fora. E prrrrr-precisamos tomar cuidado com essas coisas. É por isso que é melhor que o senhor não nos telefone mais. Não por algo como isso. Nóóó-nosso pessoal não pode perder tempo. Estou sendo perfffffff-feitamente claro?

— Certamente — respondeu meu pai, muito manso. — Obrigado.

Gulager manteve o olhar fixo em mim por mais alguns instantes, como se

para demonstrar sua disposição para ouvir se houvesse mais alguma coisa que eu ou meu pai quiséssemos dizer. Mas uma coisa que nós, Sturges, fazíamos bem era manter a boca fechada. Gulager assentiu, movimentando a cabeça tão rápido que a peruca trepidou; em seguida, fechou bruscamente o bloco de registros, se virou e colocou o chapéu. A câmera de segurança o seguiu até o carro.

Papai fechou a porta e começou a sinfonia das dez fechaduras diferentes, embora a execução estivesse soando mais triste do que nunca. *Clique, claque, tlim, plaque, tec-tec-tec, plunk, tunc, fuussh, claque-clique.* Prendi a respiração antes da nota final, o definitivo *plomp*, mas a mão de papai tinha parado. Seu polegar deslizou da fechadura e caiu inerte ao lado do corpo.

Quando ele se virou para mim, seus lábios estavam trêmulos.

— Eu tenho minhas razões, Jimmy. Sei que parece injusto. Tudo o que peço é que você honre meu pedido. Chegue em casa antes de escurecer. Filho? Por favor. Você vai chegar em casa antes de escurecer?

Senti raiva. Senti frustração. Senti pena. Emoções que eu não gostava de sentir em relação ao meu pai. Ele estava perdendo o controle. A cada ano, a cada dia, ele estava piorando, e eu me lembrei de mim mesmo naquela tarde, com medo de sombras e tendo alucinações com monstros no estacionamento da escola.

— Eu não entendo — respondi. — Só não entendo por quê.

Ele se aproximou. Chegou tão perto que dava para sentir o cheiro salgado das lágrimas que brotavam.

— *Porque não é seguro*. — Seu queixo tremia; seus dentes batiam. — Eu já perdi demais, e prometi a mim mesmo que não aconteceria de novo. E não vai acontecer. Não enquanto eu estiver atento.

Não sei o que ele viu quando olhou para mim. Não foi o hematoma no rosto que ganhei no compactador de lixo, nem as bolhas que se formaram na minha mão quando me segurei na corda do ginásio, nem os joelhos que ralei ao ser perseguido pelo estacionamento. Ele estava sempre distraído pelas lembranças turvas e tristes do irmão mais velho, que o chamava de “Jimbo”. Papai então se virou, digitou códigos complicados nos três painéis de controle e esperou as várias respostas automáticas: *Residência protegida*. *Trancas acionadas*. *Segurança modo 3-A iniciada*. Ele ligou um interruptor, e luzes noturnas banharam o quintal e o jardim. Os cães dos vizinhos uivaram em reprovação, como todas as noites.

Papai seguiu de chinelos pelo corredor, sem fazer um som. Entrou no quarto e fechou a porta. Depois de trinta segundos, ouvi o barulho suave de uma música

familiar tocando nas velhas caixas de som, uma canção melosa que ouvi durante toda a minha vida, de uma dupla antiga chamada Don & Juan.

Eu estava nesta esquina,
Esperando você chegar,
Para preencher meu coraçãã-ã-ãão…



10.

Os pop-up no celular e no laptop avisaram quando deu meia-noite. Eu tinha colocado alarmes para me lembrarem de ir dormir mais cedo, depois de um dia tão longo, mas dispensei os dois com mau humor. Todas as luzes do quarto estavam apagadas e meus olhos se concentravam com dificuldade no monitor, mas mesmo assim eu não ia dormir; não tão cedo.

Eu não estava facilitando as coisas com aquelas buscas na internet. Em vez de estudar matemática, estava vasculhando os principais sites de vídeo, e também alguns menos conhecidos, em uma caçada por alguém que tivesse visto o que eu vira. Minhas buscas iniciais, limitadas a termos como “ralos”, “esgoto” e “vestiários”, não deram em nada, mas, após meia hora refinando a busca, encontrei um segundo nível de conteúdo, vídeos tão obscuros e mal indexados que era preciso aprender a linguagem da ortografia mais errada para ter uma chance de chegar até eles. A maioria eram trechos curtos e borrados de absolutamente nada, enquanto vozes bêbadas fora do quadro berravam “Olha só aquilo!”, “Olha aquilo ali!”.

Quando reparei nas tags de localização, comecei a suar. Descobri nada mais, nada menos que seis vídeos postados nos seis anos anteriores bem ali em San Bernardino. O nível dos vídeos era tão fraco que seria bondade minha chamá-los de amadores, mas isso não significava que não havia algo se movendo naqueles becos mal iluminados e atrás daqueles latões de lixo nas imagens. Os vídeos estavam marcados com apenas um ou dois “likes” e eram criticados com comentários do tipo *kkkk q mintirah*, mas, para quem tinha visto mãos e pés e ombros de dimensões inimagináveis, as formas pareciam assustadoramente familiares.

Chegou um ponto em que eu não aguentei mais. Arranquei os fones de ouvido. No mesmo instante, me arrependi, pois a imobilidade que reinava na casa era sobrenatural. Não tem como descrever melhor a sensação. Era como se houvesse novas bocas na casa, sugando nosso ar. Eu ouvia coisas que normalmente não detectava: o zumbido da câmera de segurança na entrada; a respiração do meu pai no quarto dele.

No entanto, a ideia de haver alguém ali dentro era absurda. O lugar era uma fortaleza. Ninguém conseguiria passar pelas portas sem uma serra elétrica e um

maçarico, sem falar que os múltiplos alarmes iam começar a berrar e chegariam vans de três empresas de segurança diferentes. Pela fresta da porta entreaberta do meu quarto, eu via a prova do outro lado da sala: duas luzes vermelhas indicando que os vários sistemas de segurança estavam armados. Eu tinha passado a vida inteira observando, da cama, aquelas duas luzes. Então por que parecia que tinha alguma coisa errada?

As duas luzes piscaram.

Era isso o que estava me incomodando.

Não eram as luzes do painel. Eram olhos.

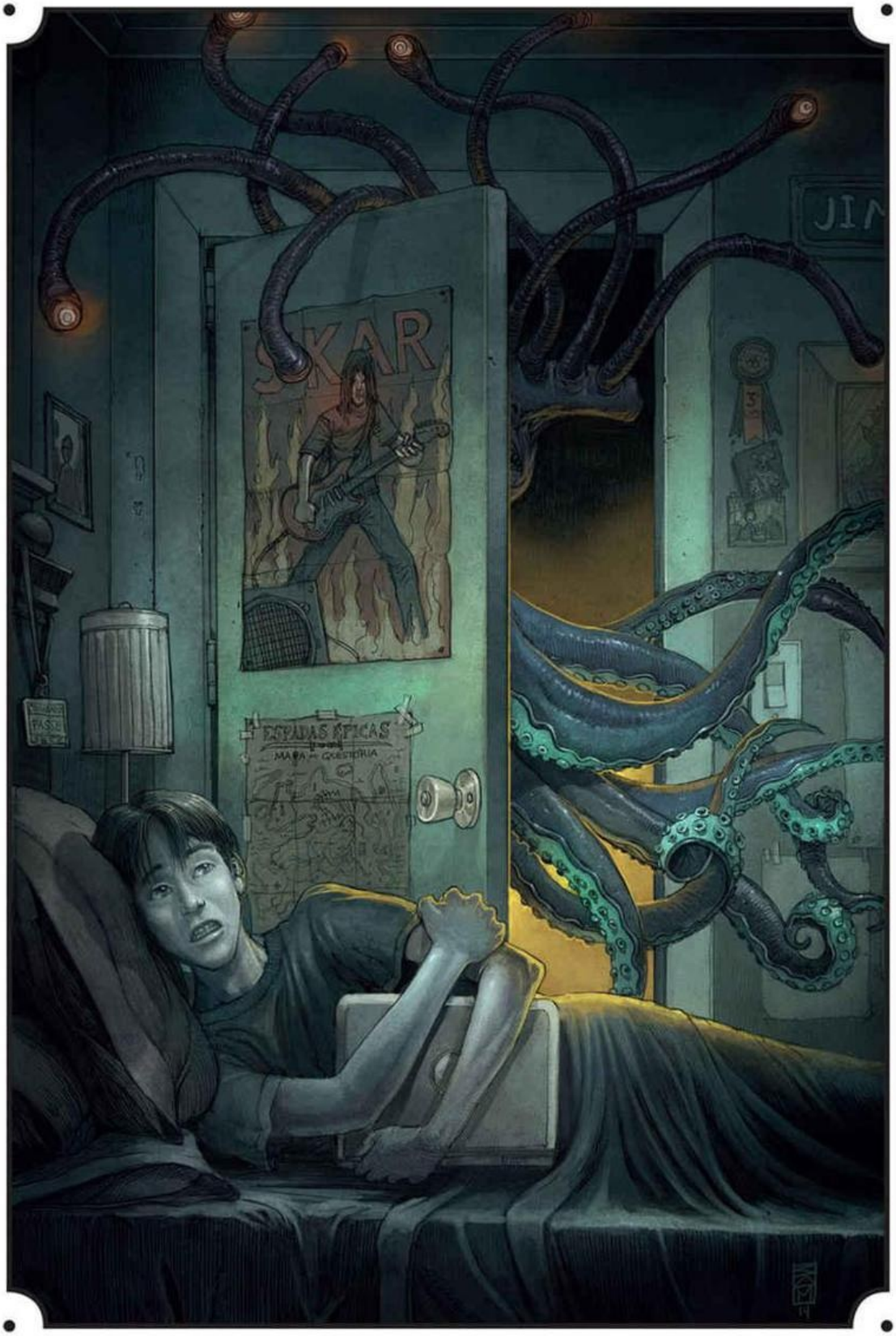
Fiquei ali deitado, sem respirar, enquanto as luzes vermelhas se moviam. Tábuas do piso gemiam sob o peso de alguma coisa grande. Ouvi uma expiração que lembrava o relincho de um cavalo. Em seguida, os olhos vermelhos saíram do lado mais distante da sala, revelando as lâmpadas do painel, que eram bem menores. O que quer que fosse aquilo, estava se encaminhando para os quartos. Eu não podia imaginar coisa pior. Até que a coisa seguinte aconteceu.

Mais olhos se abriram: três, quatro, cinco, seis, sete, oito. Todos flutuavam mais ou menos juntos, como se conectados à mesma cabeça, embora cada um funcionasse de forma independente — alguns viravam para a esquerda, outros para a direita, outros para trás e o restante para mim. Aquela coisa (ou coisas), fosse lá o que fosse, preenchia toda a largura do corredor. Olhei por cima da beira da cama à procura de algo que servisse como arma, mas só vi objetos de garoto: modelos automobilísticos montados pela metade, trabalho de casa inacabado e outros indícios aleatórios de que ali havia alguém tentando descobrir algo em que era bom. Nada daquilo tinha me ajudado antes e não ia ajudar agora.

A primeira porta que a coisa alcançou foi a do meu pai. Assim como eu, papai a deixava entreaberta, então só me restava torcer para que ele já estivesse agachado ali, pronto para atacar. Alguns dos olhos vermelhos desapareceram de vista assim que entraram. Ouvi um chacoalhar meio metálico, como se a criatura tivesse enfiado a mão em um bolso cheio de moedas, e, em seguida, um ruído úmido desagradável que deve ter durado um minuto inteiro. *Sluuuurp. Sluuuurp. Sluuuurp. Sluuuurp.*

Meus ombros tremiam tanto que agarrei o laptop para me firmar. Sim, o laptop! Tinha entrado em stand-by, mas era só tocar o touchpad que a tela encheria o quarto de luz branca. Era isso o que eu ia fazer. Mas então hesitei — algo me alertou de que eu seria assombrado para sempre pelo que estava prestes a ver. Poderia acabar como meu pai. Pensando bem, já não era igualmente ruim

que eu tivesse tanto medo a ponto de nem ver o que era?


SKAR
ESPADAS ÁFICAS
MAPA DE GOESTERIA

Uma sombra cobriu meu corpo. Sei que parece estranho, pois a casa estava totalmente às escuras, mas a escuridão daquela sombra tinha peso. Eu chegava a senti-la sobre meu corpo, como uma camada de lama. Tinha textura também: escamosa e fria, deslizando por minha pele. E, com toda a certeza, tinha cheiro: um fedor repulsivo como o de um animal morto apodrecendo no fundo de um poço. Embora o ruído gorgolejante ainda soasse no quarto do meu pai, vários dos oito olhos vermelhos tinham entrado pela porta entreaberta do meu quarto e agora orbitavam o pé da cama como lentos besouros radioativos.

Vários rostos passaram pela minha mente: Bola, Claire Fontaine, meu pai. Era um adeus, acho, porque, de certa forma, eu estava fazendo aquilo por eles. Girei o laptop e passei o dedo no touchpad.

Não houve um momento de adaptação, a luz simplesmente irradiou por toda parte. Meus olhos, tão arregalados e assustados, fecharam-se por instinto, e tive que piscar várias vezes até que os pontos parassem de nadar à minha frente e eu pudesse ver o que havia depois do pé da cama. Vi o armário do outro lado do quarto, a porta, o corredor lá fora, a sala.

Não havia nada.

Vou falar a verdade. Não senti alívio. Não senti alegria. Empurrei o computador para fora do colo e afundei a cabeça nas mãos, cravando as unhas no couro cabeludo. Pronto. Minha sanidade mental estava me dando adeus. Afastei as cobertas sem nem pensar. Eu precisava sair da cama, acender todas as luzes e revistar a casa. Precisava. Talvez houvesse algum indício que me absolvesse da loucura. Apoiei os pés no chão e estava prestes a me levantar quando reparei no armário.

Como eu tinha contado a Bola, era o armário o que mais me assustava quando eu era pequeno. Só que aquela criatura que eu vira circular pela casa jamais caberia ali — se bem que, com todos aqueles olhos indo de lá pra cá, tinha sido impossível avaliar o tamanho com precisão.

Botei um pé no chão, meu coração martelando no peito. As tábuas do piso rangeram. Fiz uma careta ao ouvir o barulho, mas mantive os olhos no armário, tentando captar qualquer movimento atrás das portas. Depois, com cuidado, desci o outro pé. Mais uma vez, o piso rangeu. Ainda nenhum movimento dentro do armário. Meus temores de infância voltaram com tudo, de uma só vez. Eu não tinha escolha senão ir até lá, abrir as portas e encarar o que viesse.

Fiquei de pé e estiquei o pescoço para ver melhor.

A luz do computador mostrou um armário vazio.

E foi então que duas enormes patas peludas surgiram de debaixo da cama e

agarraram meus tornozelos, a pele musculosa e escorregadia com o suor quente, as garras amareladas e geladas como um rio. Depois que as patas me puxaram, mas antes que minha cabeça batesse no chão, um único pensamento me ocorreu, carregado de pavor:

Bola tinha razão. Embaixo da cama. É lá que os monstros se escondem.

PARTE II

Eis que chega a Killaheed





11.

Caía água no meu olho. Ácida. Aquilo ardia. Quando esfreguei o olho, tomei consciência das pontas rígidas de palha espetando minha pele. Mais gotas caíram. Eu me sentei, esfregando o rosto com o cotovelo, e vi que ainda estava com a calça de moletom e a camiseta de dormir. Só que, em vez da minha cama, eu estava deitado sobre um monte de palha suja, e meu quarto era uma caverna.

Eu me levantei com as pernas trêmulas, batendo a palha da roupa. O ambiente parecia entalhado em rocha, embora o que eu via do teto fosse entremeado com a camada mais baixa do mundo real: antigas tubulações gorgolejantes de água; aberturas de canais de esgoto cobertas de musgo; e redes elétricas calcinadas cobertas de fuligem. Uma água ferruginosa e alaranjada pingava sem parar de dezenas de juntas arcaicas. Uma única passagem levava a um corredor. Um instinto claustrofóbico mandou que eu seguisse por ali.

Minha visão foi se ajustando enquanto eu caminhava, me permitindo distinguir pilhas de detritos por toda a volta. Se fosse um lixo espalhado de maneira aleatória, eu teria ficado menos assustado, mas não: estava meticulosamente organizado. À esquerda havia uma montanha de máquinas de escrever, tanto daquelas bem antigas, com cilindro manual, quanto modelos dos anos 1980, com suas telinhas em miniatura. Aquilo tudo fedia a tinta. À direita, erguia-se uma parede de fornos de micro-ondas, empilhados como se fossem tijolos — pretos, brancos, marrons, vermelhos; alguns velhos e enferrujados, outros mais novos e ainda com restos da última refeição que aqueceram. Todos quebrados, sem a menor dúvida.

Segui pelo corredor, que, para minha surpresa, era iluminado por candeeiros a querosene presos na parede acima do meu alcance. Candeeiros não se acendem sozinhos, portanto lembrei a mim mesmo de caminhar em silêncio, mesmo que isso não fizesse muita diferença naquele lugar repleto do zumbido de lâmpadas, do borbulhar da água nas tubulações e de um ronco sob a terra que devia ser o ar malcheiroso se revolvendo por respiradouros subterrâneos. Aquilo era pior do que qualquer Caverna de Troféus que eu poderia imaginar.

O corredor se dividia em vários ambientes, todos repletos de outros tipos de detritos humanos. Uma sala continha um mar movediço de relógios de pulso: digitais, analógicos, com calculadoras; masculinos, femininos, infantis; e eram

tantos que quem cruzasse o canal cintilante ficaria mergulhado em relógios até a cintura. Outra sala estava cheia de ventiladores: portáteis, de plástico; de teto, cobertos de poeira; de tamanho industrial, com grossas colunas de metal como base. Os fios de alguns subiam em emaranhados até o rendilhado de canos e cabos; esses estavam ligados, as pás emitindo um ruído metálico, as engrenagens rangendo com a oscilação. A última sala que ousei olhar era a pior: geladeiras, umas cinquenta delas, nas mais diversas condições, erguendo-se como lápides em um cemitério sem grama.

No fim, o corredor se abria em uma caverna espaçosa iluminada pelo fogo que ardia em um grande forno, embora fosse difícil identificar detalhes através da chuva de água fétida que gotejava da entrada, um alto arco em pedra que parecia ter sido enxertado de uma igreja do século XVI. Eu já ia avançando, mas parei, assustado com o que vi. Enquanto isso, a água acumulava sobre o meu cabelo.

Era uma catedral de lixo. Por toda parte que eu olhava, via pilhas acumuladas junto às paredes de tijolos imundas. Aqueles artefatos eram ainda mais assustadores, porque eram objetos de criança. Havia uma montanha de armas de brinquedo baratas; amontoados em um canto, milhares de pés únicos de patins, um ou dois dos quais escorregavam, rangendo, pelo chão irregular; duas torres imensas de lancheiras estampadas com personagens sorridentes de desenhos animados. E o mais perturbador de tudo: no meio, uma pirâmide gigante de bicicletas, centenas delas se desfazendo em ferrugem, em um emaranhado que chegava a mais de cinco metros de altura.

Fios de arame prendiam cachos de lâmpadas fluorescentes piscantes, conectadas a alguma fonte de energia elétrica roubada, mas o brilho das luzes, de um azulado doentio, empalidecia diante do fogo intenso que queimava em um forno na extremidade mais distante do salão, crepitando como se tivesse sido alimentado havia pouco. Não resisti e fui na direção das chamas, como fazem os seres humanos desde a aurora dos tempos.

Eu estava contornando uma montanha de bonecas velhas que bloqueava minha visão da boca do forno quando as chamas revelaram um grande mural de pedra entalhado na parede. Era um entalhe rústico, mas com detalhes complexos. À direita, parecia retratar animais saindo de sob uma série de pontes para embarcar em um grande barco a vela. Na esquerda, via-se o mesmo barco, mas nessa parte os animais estavam saindo, para se esconderem sob outras pontes.

O que parecia ser a ponte mais importante de todas cruzava o oceano. Mãos, patas, tentáculos e garras, todos se estendiam para a pedra central do mural, que

retratava uma figura de aparência senhorial horrenda com seis braços. Os olhos da criatura eram irregulares: um era um rubi cintilante engastado na pedra; o outro, um abscesso aberto.

Todos esses detalhes eram apavorantes, mas o que estava entalhado abaixo era ainda pior. Parecia sugerir uma guerra entre monstros e humanos, tão conturbada que uma clava erguida parecia se fundir a uma arma disparando, e uma boca mordendo não se distinguia de um golpe de machado. Desviei o olhar para a borda do mural, composta por retratos de indivíduos que eu só podia supor serem importantes. Todos horrendos. Um tinha focinho e presas de cachorro. O seguinte praticamente não tinha cabeça, os olhos pequenos localizados no peito liso. O terceiro tinha olhos escarlate, oito deles, todos em pedúnculos compridos.

Os olhos se balançavam.

Não faziam parte do mural.

A criatura que eu tinha visto na minha casa foi deslizando até mim, com uma graça surpreendente para quem tinha tantas pernas, todas ocultas sob uma colcha de retalhos coberta por camadas de medalhas, prêmios e troféus. Tentáculos em um emaranhado indistinto se embrenhavam uns nos outros como se estivessem loucos para esmagar algo até a morte. Quando passou pelo forno, a luz do fogo revelou a cor verde-oliva da coisa, a textura reptiliana e o brilho da gosma que lubrificava seus apêndices ondulantes. A boca, que era um rasgo horizontal, se abriu para emitir um berro sufocado:

— *Grrruuugggmmmurrrrrfff!*

Tropecei em um emaranhado de cabelo de boneca e caí.

A coisa se aproximava, agora mais depressa, emitindo grunhidos desconexos. Eu estava caído de costas e coberto de corpos plásticos sorridentes como se posando para uma foto. Sentia o calor do forno, e me perguntei se não haveria ali algum atiçador ou outro tipo de arma. Mas não havia tempo. A criatura estava vindo, pisoteando e esmagando bonecas, se reclinando sobre mim. Tentáculos se agitavam pelo ar. Oito olhos pairaram no meu campo de visão. Eu me preparei para o fim.

Mas alguns dos olhos se comportavam como se não tivessem certeza da minha presença ali. Como um idiota, agitei a mão diante de um deles. Nenhuma reação. Pensei em sair correndo. Será que eu conseguiria escapar antes de sentir um daqueles tentáculos apertar meu pescoço?

— Ele não pode ver você — disse uma voz. — É quase cego.

Nisso, a criatura horrenda se aprumou e se virou novamente na direção do

forno. Mais sílabas incoerentes foram balbuciadas. Olhei na mesma direção e vi, agachado junto à boca do forno, um homem de metal. Ele se levantou, erguendo duas espadas compridas e reluzentes, as lâminas sujas de sangue. O homem as sacudiu para tirar o excesso da carnificina e, com um único movimento habilidoso, guardou-as em bainhas gêmeas afixadas às costas.

— O nome dele é Pisca-Pisca — informou o homem. — Os trolls têm um bom senso de humor para nomes. Ele fez uma pausa. Então acrescentou: — Mas para as outras coisas, nem tanto.

Um guincho de microfonia soou na voz dele, como se estivesse sendo forçada por uma caixa de som quebrada. Na verdade, era isso mesmo: uma tela metálica de aparelho de som cobria sua boca. Então ele não era um robô, mas um ser de tamanho humano equipado com recursos especializados. Como tudo ali embaixo, seu traje era feito a partir de lixo. Na máscara se destacava um par de óculos de aviador exageradamente grande, mas identifiquei também um pedaço de um capacete de futebol americano, protetores de ouvido improvisados a partir de fones industriais e uma tira de estilingue prendendo a máscara ao queixo.

Todo aquele lixo tinha pertencido a crianças.

As crianças desaparecidas.

A Epidemia das Caixas de Leite.

Fiquei incapaz de me mexer.

A armadura do homem, se é que posso chamar aquilo assim, era igualmente inacreditável. Os dedos se flexionavam por dentro de luvas de pares diferentes, cobertas com tachas afiadas. Os antebraços eram cravejados de tampinhas de refrigerante, todas com a marca e a dobra produzidas por abridores de garrafa. Os bíceps eram protegidos pelo arame de centenas de espirais de caderno. O peitoral era formado por relíquias do jogo de cozinha de alguma menina, com minúsculas panelas em forma de coração, estrela e cavalo. Dali até a barriga eram carrinhos e caminhões de brinquedo, as partes cromadas reluzindo à luz do fogo. As correntes de bicicletas davam voltas e mais voltas nas pernas; algumas estavam vermelhas de ferrugem, mas outras ainda brilhavam com óleo.

Quando ele se moveu, o som foi como uma lata de pregos sendo sacudida.

Rolei para longe dele e do troll — Pisca-Pisca, se é que eu deveria acreditar naquilo — e me levantei de um pulo. O homem parou. O cabo das espadas aparecendo atrás de sua cabeça pareciam chifres. E eu não tinha esquecido o sangue pingando.

O homem de metal estendeu uma das mãos. As tachas reluziram à luz do

fogo.

— Você precisa me ouvir.

— Por quê? — perguntei. — Quem é você? Onde eu estou?

— Não temos muito tempo.

— Por que não? O que você vai fazer comigo?

— Você dormiu demais. Já está quase amanhecendo.

— O que acontece quando amanhecer?

— Você vai para casa.

— Não acredito em você.

— Não há tempo para explicar.

— Então fale rápido.

Ele agitou a mão no ar. Metal retiniu no metal.

— Não temos *tempo*!

De uma câmara distante veio o urro de uma criatura grande despertando.

— Pronto, agora você conseguiu — disse ele. — Acordou RRRÁÁÁ!!!.

O grito de batalha ecoou pela caverna. Quando terminou, só sobraram os sons da respiração entrecortada do homem e das rodinhas girando nos carrinhos de brinquedo presos ao peito dele.

Por fim, até esses sons foram abafados quando surgiu o estrondo de passos gigantescos vindo de um túnel que se abria ao lado do mural de pedra. Tudo ali na caverna reagiu à vibração: patins escaparam da pilha, armas de brinquedo desmoronaram fazendo o ruído de disparos eletrônicos, rodas de bicicletas giraram com seus pneus vazios.

Eu recuei.

— Rá?

— Você não ouviu direito. Eu falei para prestar atenção. — O homem de metal respirou fundo. — RRRÁÁÁ!!!

Recuei mais um pouco.

— Três Rs, três pontos de exclamação. Ouça meu conselho: não pronuncie errado.

— Claro que não. Prometo.

O gigante emergiu do túnel tão à vontade quanto um cachorro saindo da casinha. Uma pelagem preta invadiu a câmara antes que eu identificasse os braços e pernas propriamente. Ele ajeitou o corpo depois de passar encurvado pela porta e esticou os braços como se estivesse se espreguiçando após um cochilo. Mesmo com todo aquele pelo, dava para ver grandes músculos se flexionando por baixo. As mesmas patas com garras que reconheci do bueiro,

assim como da minha cama, se fecharam em punhos.

RRRÁÁÁ!!! tinha as formas de um gorila, só que três vezes maior: dois braços, duas pernas e, felizmente, apenas dois olhos. Os chifres, recurvados como os de um carneiro, arranhavam os canos baixos do teto e até furaram um deles. Um fio de água cinza começou a cair no pelo seboso. Os olhos alaranjados observaram em volta com a percepção rápida dos animais. A criatura ergueu o focinho e farejou o ar; os lábios abriram para revelar uma boca roxa, salivante e armada com dentes que pareciam adagas.

Ele tinha sentido meu cheiro.

Recuei até me ver de costas contra uma pilha de molas de colchão. RRRÁÁÁ!!! cruzou o salão em quatro saltos colossais que fizeram cair dos canos uma chuva de poeira, como nevasca. Ele assomou sobre mim, depois se dobrou na altura da cintura, de modo que seu focinho úmido ficou a centímetros do meu rosto. Fungou uma vez, depois expirou. A força do ar soprou meu cabelo para trás. Gotas viscosas de saliva caíram de um dente lascado e formaram uma poça quente na minha barriga. Os olhos ávidos, cada um maior que uma bola de tênis, absorviam meus detalhes.

Ele rosnou. As molas dos colchões cantaram.

O homem de metal enfiou a mão enluvada entre duas formas de bolo que compunham o peitoral de sua armadura, remexeu um instante e pegou de lá um medalhão de bronze preso a uma corrente suja. Os símbolos eram claros mesmo à distância: uma espada longa, uma escrita irreconhecível e a cara feia de um troll furioso.

— Ponha isto — ordenou ele.

RRRÁÁÁ!!! olhou o medalhão, virou o rosto horrendo para o teto e soltou um urro de dinossauro. Seus chifres acertaram um grupo de lâmpadas fluorescentes, e choveram fagulhas no homem de metal como uma cascata de metal derretido. Eu não sabia se o grito de RRRÁÁÁ!!! tinha sido de raiva ou felicidade. O que eu sabia era que os dois estavam distraídos.

Fugi para o corredor mais próximo, passando tão perto do homem de metal que poderia ter pegado o medalhão se quisesse, coisa que eu não queria. Todos deram pela minha falta. Ouvi um chacoalhar de correntes de bicicleta, um fungar simiesco e o arrastar de muitos pés correndo pela caverna.

— Prrrrrrruuummfffffllllllarrrgggg!

O grito de Pisca-Pisca fez meus ossos tremerem enquanto eu mergulhava na passagem. Colidi em uma parede fria. Não havia lâmpadas. Apoiei a mão na parede e segui em frente. O túnel fez uma curva à esquerda; dei um jeito de não

bater com a cara na parede. Depois, uma curva à direita; perdi contato com a parede e passei alguns segundos tateando no eclipse. Às minhas costas eu ouvia sons sinistros de perseguição.

De repente, eu estava perdido.

— Pare! Não avance nem mais um passo!

O homem de metal estava se aproximando. Segui pela escuridão em um impulso suicida. Então avistei uma luz. Era mínima, mas apertei o passo até me ver em um corredor tão estreito que sentia as paredes tocando meus ombros. Havia um brilho ali, apenas o suficiente para que eu não batesse na parede no fim do túnel. Que lugar triste e escuro para morrer!

Quando senti algo molhado escorrer pelo meu rosto, olhei para cima e vi que a luz vinha de uma tubulação de esgoto da mesma largura que o meu corpo. A ideia de me enfiar ali foi a pior coisa que já considerei fazer, mas pelo menos RRRÁÁÁ!!! e Pisca-Pisca (ambos estavam quase me alcançando) seriam grandes demais para subir pelo espaço estreito. Agarrei a borda do cano e alcei o corpo.

A base estava cheia de esgoto, o cheiro de fezes me dando ânsia de vômito. O homem de metal ouviria meus ruídos, portanto a única opção era rastejar para longe dali. Apoiado nos cotovelos e joelhos, avancei muito devagar pela imundície. Eu batia a cabeça nas juntas dos canos e o esgoto penetrava pelas minhas roupas, mas segui em frente — a luz estava crescendo.

O cano terminava em uma curva brusca para baixo. Olhei ali de cima e não vi nada além de lama, mas havia fontes de luz lá embaixo, talvez centenas, piscando sem parar. Também havia barulho, e não o zunido industrial dos esgotos, mas vozes, gritos, risos, o som de madeira batendo, o clangor de metal, o tilintar de moedas.

Eu não tinha escolha. Empurrei o corpo para a frente. Por um segundo terrível, achei que tivesse ficado preso, e imaginei que passaria semanas me afogando em esgoto, mas então fiz força com os pés e irrompi pela extremidade da tubulação.

Foram dois segundos em pleno ar. Aterrissei em uma poça macia que, considerando sua localização logo abaixo de uma saída de esgoto, eu não deveria ter ficado surpreso em descobrir que não era lama. Sentei e tirei o excesso de gosma do rosto. Por fim, desisti de me limpar e fiquei ali sentado, arfando e fedendo. Levei um minuto para me dar conta de que conseguia enxergar em volta muito bem, graças à luz de tochas. Levei ainda mais tempo para identificar o barulho de um mercado movimentado. Ainda não tinha erguido os olhos do

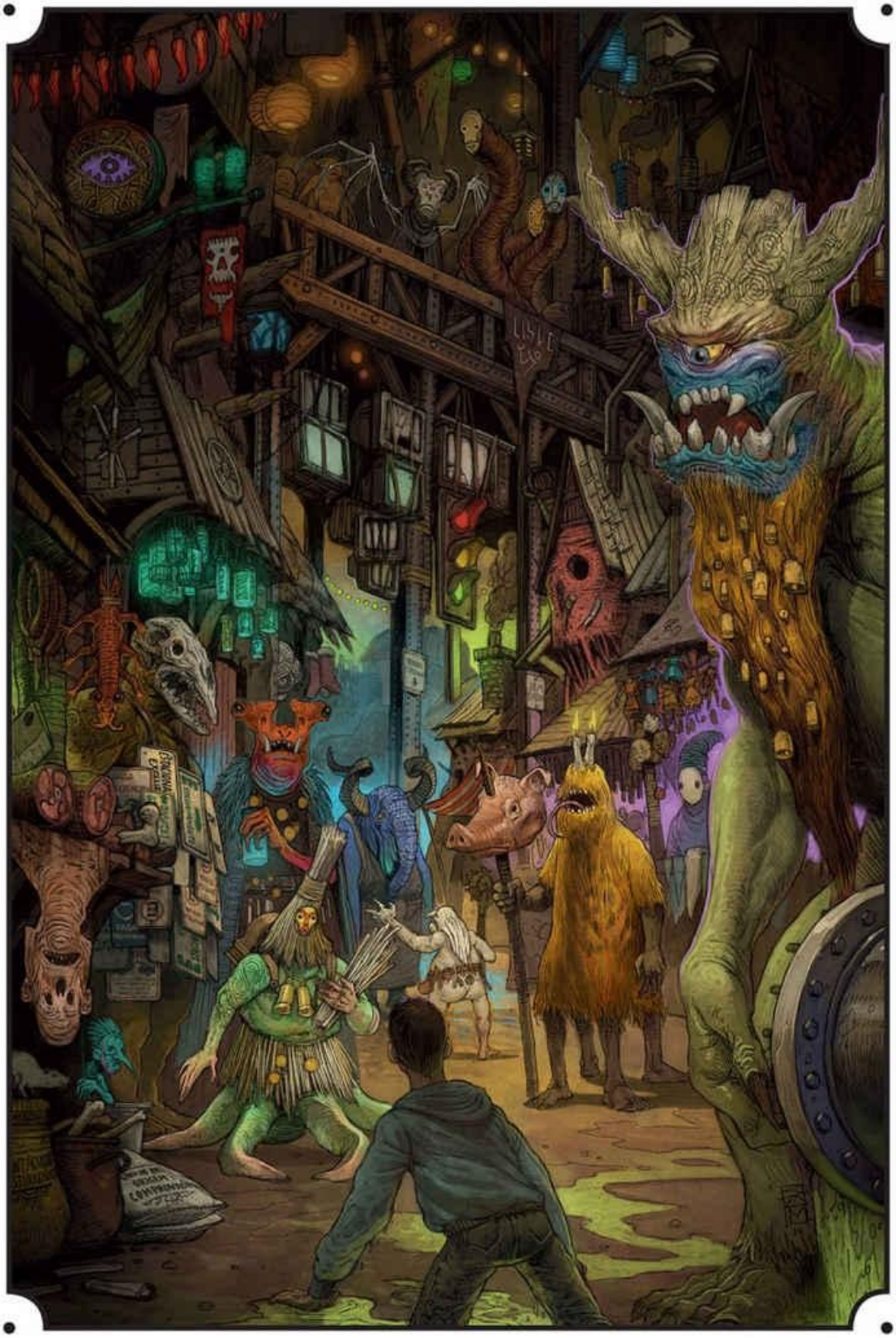
meu colo. Tinha dúvidas se deveria. As luzes e os sons eram muito familiares, muito *comuns*, até eu lembrar que estava em algum lugar nas profundezas da terra, que nada ali embaixo era comum.

Olhei.



12.

Era uma cidade inteira de trolls. O cenário de passagens estreitas e estruturas irregulares se estendia por bons dois quilômetros antes de mergulhar na escuridão. Por toda parte havia pequenas moradias de terra batida, mas quase todas vazias — seus residentes trolls estavam ocupados em participar da barulhenta feira. Nuvens de fumaça subiam de barraquinhas de comida, onde pequenos cadáveres esfolados de esquilos e coelhos (assim eu esperava) assavam em espetos. Outras barracas ofereciam estranhas obras de arte: símbolos agourentos impressos em couro cru, pedras tão polidas que brilhavam como se tivessem dentro uma fonte de luz, periscópios bizarros, metrônomos inusitados e outros aparelhos. Um vapor emanava da entrada de oficinas, onde barras reluzentes de metal tomavam forma à base de marteladas. Caldeirões cheios de gosmas misteriosas eram mexidos e o conteúdo, derramado em tigelas rústicas de madeira. E por toda parte se fazia comércio: moedas grosseiras trocavam de patas, sacos de sapos coaxando eram trocados por potes de vaga-lumes e pedras aparentemente comuns eram examinadas com uma lente de aumento e pesadas em balanças antes de serem efetuadas cautelosas transações.



Um desfile de feras de uma variedade indescritível rastejava, caminhava e deslizava por aquela metrópole louca. Os primeiros a notar minha presença foram um trio de beemotes de três metros que arrastavam a carroceria detonada de um automóvel toda envolvida em luzes pisca-pisca. Os três eram assustadoramente grandes, usavam uma barba grisalha que ia até os joelhos e eram idênticos exceto pelos desenhos das cicatrizes. Quer dizer, na verdade havia mais uma diferença: apenas um deles tinha olho, uma esfera esbugalhada que piscava e virava de um lado para outro com a sensibilidade típica das aves. Quando me viu, o ciclope ergueu o braço, indicando que os companheiros parassem. Os outros dois tinham uma órbita ocular vazia. Quando esses, os sem-olho, começaram a resmungar, ele removeu o olho, que parecia murcho e ressecado, e o entregou para o da esquerda, que o enfiou na própria órbita. Nesse ritmo lento, eles se revezaram para ver.

Eu me levantei, o esgoto escorrendo pelo meu corpo. Poderia sair correndo e fugir deles, mas será que ali eu não estava mais seguro?

De algum lugar próximo veio a resposta de estourar os tímpanos. Era RRRÁÁÁ!!!.

Corri para o troll da esquerda, um sem-olho naquele momento. Ele golpeou o ar tentando me atingir, mas me abaixei e passei por baixo dele, até que me vi correndo por uma avenida. De repente eu estava cercado por trolls, aqueles corpos de anatomias bizarras roçando no meu. Alguns eram gigantescos, e passei por entre as pernas deles. Outros tinham menos de trinta centímetros de altura e corriam de lá para cá como insetos, subindo uns sobre os outros e brandindo pequenos escudos e sabres. Outros, ainda, usavam capas esfarrapadas e vestes rasgadas decoradas com insígnias em fiapos. E havia outros em túnicas improvisadas de franjas de cardo ou sarça. A maioria, porém, estava nua. Eu os via como um borrão de cores: preto reluzente, bronze polido, cor-de-rosa como língua, vermelho-sangue.

Ao escapar da multidão, fui parar a centímetros do balcão de um açougueiro. Acabei colidindo e derrubei carcaças para todo lado. Um troll vesgo e sem nariz, em um avental sujo e com um uma faca de açougue enferrujada nas mãos, deu um grito de fúria. Recuei, mergulhando entre a massa de clientes famintos, que finalmente perceberam o invasor humano no meio deles. Reclamações estridentes e resmungos retumbantes se somaram a gritos ensurdecedores que lembravam sirenes. Perto dali, RRRÁÁÁ!!! respondeu aos chamados deles.

Braços peludos, mãos escamosas e tentáculos gelados tentaram me segurar, mas me desvencilhei, rolei por baixo do balcão do açougueiro e saí correndo por

um beco lateral, passando no meio de uma família de trolls azuis gordinhos que batiam freneticamente as asas magricelas. Uma massa de quase dois metros de altura de cabelo amarelo — que, estranhamente, levava no alto um par de velas acesas — seguia pelo beco carregando uma cabeça de porco na ponta de uma vara. Imaginei que fosse uma espécie de cetro, até que a criatura começou a mordiscá-la. Era um lanche. Desviei e cheguei a uma fileira de carrinhos de mão cheios de mercadorias. Fiz a volta e esbarrei de frente com um troll tão esquálido que as costelas se projetavam através da pele, cada uma delas enfeitada com joias que tilintavam como um pandeiro enquanto ele discutia com um troll que parecia uma minhoca gigante sem braços. Havia um corte na barriga da minhoca, e pensei que fosse um ferimento de faca até que quatro minhoquinhas puseram a cabeça para fora da bolsa marsupial.

Os dois trolls pararam de discutir e olharam para mim.

— Desculpe interromper — falei. — Parece bom. Sério. Pena que não estou com a minha carteira.

Não parecia bom. O carrinho de mão estava cheio de potes de uma substância que parecia granola, só que, em vez de aveia, nozes e passas, eram baratas, pelos e dentes. Eu me virei na direção oposta quando vi um gigante de familiar pelagem preta enfiar o focinho no beco e dirigir os olhos alaranjados para mim como um raio laser.

RRRÁÁÁ!!! bufou com tanta força que o catarro derrubou dois trolls menores.

Saltei o carrinho de mão. A ponta do meu pé esbarrou em um pote, que se espatifou no chão enquanto vários dentes brancos saíram quicando sobre os tijolos e baratas fugiram por frestas. Lá atrás soou a forte pisada do meu perseguidor. À frente, um troll travesso com um rosto coriáceo de bebê estava amarrando o rabo de cavalo de dois trolls malhados envolvidos em discussões diferentes. Passei por baixo do nó, saltei um braseiro e derrubei uma cerca baixa de arame dentro da qual duas criaturinhas verdes com longas caudas peludas se enfrentavam em batalha. Fiz a volta e me vi cercado por trolls apostadores, todos com moedas nas mãos reclamando por eu ter atrapalhado a luta. Gritei pedidos de desculpa e corri na direção da cerca oposta, os gremlins verdes peludos tentando morder meus calcanhares.

Era vício por toda parte. A música de um acordeom quebrado se confundia com a de uma vitrola empenada. Letreiros de cerveja em néon brilhando; sinais luminosos de cruzamento piscando; e brinquedos quebrados de parques de diversão girando — tudo isso, roubado do mundo humano, emprestava uma

sensação alucinógena e estroboscópica àquele bairro proibido. Fiquei andando perdido, girando por ali como um bêbado, até dar um encontrão em uma troll de peito largo que tinha orgulhosamente feito modificações corporais com um kit de costura: os dedos dos pés foram substituídos por dedais; vários dedos das mãos, por tesouras cor-de-rosa; os mamilos, por botões de tipos diferentes; o cabelo, por carretéis de linha ainda cheios. Ela abriu um sorriso pavoroso para mim. As gengivas sem dentes eram enfeitadas com centenas de agulhas.

Eu me lancei em outro beco, meio desequilibrado. Grupos de trolls estavam agachados em torno de estranhos jogos de tabuleiro de pedras, todos trapaceando — notei várias peças extras escondidas no pelo deles. Outros grupos tentavam acertar calotas de pneu em um poste, em uma versão de jogo das argolas, enquanto um troll anotava o placar em um quadro com marcas de garras. Por todo lado que eu olhava surgiam brigas. Disputas repentinas, ferozes e, em geral, rápidas: após alguns golpes, as feras voltavam insatisfeitas para o jogo e seus canecos de pedra cheios de hidromel espumante.

O mais estranho de tudo eram as TVs. Naquela área, eram onipresentes. Modelos enormes dos anos 1970, aparelhos portáteis em P&B dos 1980, monitores finos dos 1990 e uma ou outra marca de alta definição dos dias modernos. Algumas estavam empilhadas no chão; outras, presas a estacas de madeira com arame farpado, mas todas ligadas a antenas improvisadas e conectadas a dezenas de extensões que serpenteavam até a rede elétrica acima. Não passava programa algum naqueles aparelhos, apenas padrões diferentes de estática. Trolls pagavam em dinheiro (ou em pequenos roedores) pelo privilégio de ficar boquiabertos e de olhos vidrados diante dos sinais ruins dos televisores.

RRRÁÁÁ!!! não estava tão impressionado. Ele passava pelo meio de cavaletes e cercas, destruindo TVs, derrubando jogos de tabuleiros, derramando canecas de hidromel. Inúmeros trolls gritaram de raiva. Com o coração acelerado, corri pelas menores passagens que encontrei, por entre barracas hiperlotadas, para que o troll não conseguisse me seguir.

Não adiantou. RRRÁÁÁ!!! começou a deixar as barracas em pedacinhos. Era o mesmo que tentar ser mais rápido que um furacão. Cobri a cabeça com os braços para me proteger da chuva de madeira e metal e continuei correndo, pegando toda curva que encontrava pela frente. As luzes do bairro de apostas diminuíram, e percebi uma redução significativa na população. O som oco dos meus tênis nos tijolos foi substituído pelo chapinhar na lama. Cada passo de RRRÁÁÁ!!! soava como uma rocha enorme caindo em um lamaçal profundo.

Não demorei a avistar um brilho de água. As construções estavam ficando

esparsas, não me deixando opção além de correr na direção do que imaginei ser um riacho fresco. Com o hálito quente de RRRÁÁÁ!!! queimando meu pescoço, cheguei em trinta segundos. Não era o leito de água plácido que imaginei, mas um canal quente de excremento que cortava o mundo inferior. Espalhados pelas margens, quatro ou cinco trolls com presas ornamentadas lançavam redes para capturar o lixo que a corrente trazia. Aquele parecia ser o principal ponto de entrada para o lixo sobre o qual se erguia a cidade troll. Montanhas de lixo, ainda por ser classificadas, se amontoavam atrás de cada pescador.

Cruzei o rio pelo trecho mais estreito e escalei a margem. Aquele era o limite da cidade. Fogueiras acesas aqui e ali por trolls solitários revelavam as estruturas de madeira que impediam as encostas de desabar. Passei correndo; a luz era fraca naquela área, o que foi até bom, pois as partes de corpos que vi eram horrendas — seres muito antigos mas fortes, cujo silêncio sugeria que queriam apenas morrer em paz. Tinham a carne coberta de líquen e de cogumelos, graças a décadas de inatividade.

Uma figura saltou de um cano no teto, aterrissando na minha frente sobre as duas pernas. A luz do fogo se refletia nos óculos de aviador e nos braços cobertos de tampinhas de refrigerante. Por um instante, senti as espirais de cadernos em torno de seus bíceps. Logo me afastei, mas, atrás de mim emergiam do escuro os oito olhos vermelhos de Pisca-Pisca. Eu me virei novamente e tentei correr em uma terceira direção, mas me deparei com RRRÁÁÁ!!!, cujos dentes em putrefação reluziam na escuridão.

— Quanto tempo desperdiçado. — A voz do homem de metal saiu esmagada pelo filtro de estéreo e permeada por pequenas explosões de estática. Ele ergueu uma das mãos, coberta pela luva cheia de tachinhas. Lá estava o medalhão de bronze. — Não me faça repetir a ordem, Jim Sturges. Coloque isto antes que seja tarde demais.

Levei alguns segundos para reconhecer meu próprio nome. Então aquele não tinha sido um sequestro aleatório! Papai tinha razão: a noite ocultava criaturas que estavam atrás de mim. Foi quando me lembrei das dez trancas na porta de nossa casa e, pela primeira vez na vida, tive saudade de ouvir o ritmo reconfortante de sua música.

O homem de metal leu minha mente.

— Seu pai recusou isso uma vez — disse ele. — Não cometa o mesmo erro.



A exaustão chegou tardiamente, fazendo meus músculos tremerem, e minha mente cedeu sob a loucura de tudo aquilo. Eu queria chorar, mas não tinha forças. Deixei cair os ombros e baixei a cabeça, derrotado pelo fedor de hálito troll e pela percepção paralisante de uma verdade terrível. Cobri o rosto com as mãos.

— Foram vocês — falei. — Que levaram o tio Jack.

— Sim.

— Que destruíram a vida do meu pai.

— Sim.

— E agora querem destruir a minha.

— Pegue isto — insistiu ele. O medalhão tilintava. — Pegue isto e você vai ver.

Um ulular penetrante cortou o ar. Ergui o rosto das mãos. Sinos ecoaram por toda a cidade, as trompas dos pastores soaram. Eu me virei para olhar e vi centenas de fogos se apagarem ao mesmo tempo, bandeiras sendo baixadas e barracas se desmontarem, e as silhuetas de carrinhos de mãos sendo empurradas para longe do centro. Com todos os trolls correndo para limpar as ruas, o chão começou a tremer. Muitos deles iam na nossa direção. A debandada se aproximava.

Foi quando vi o sol.

A luz penetrou por uma rachadura em algum lugar no alto, atingindo a lama perto do riacho de esgoto fulminante como um raio. Então o feixe de luz se alargou, e um dos pescadores soltou um ganido sufocado ao se abaixar. Assim teve início o pânico. Gritos soaram, um atrás do outro. Um segundo raio de sol atingiu uma torre inclinada no centro da cidade.

— Você! — O homem de metal estendeu o medalhão para mim em um movimento furioso. — Pegue isto! Agora!

— Mas eles estão vindo…

— É assim todo dia — retrucou ele. — Coloque o medalhão!

A essa altura, raios de sol rasgavam por dezenas de rachaduras, transformando a caverna em uma colcha de retalhos de luz e escuridão através da qual se infiltravam as formas misturadas de centenas de ogros inacreditáveis. Uma grande lâmina de luz se cravou no chão a apenas três metros de nós. Não resisti: dei um passo na direção do calor que ela oferecia.

RRRÁÁÁ!!! e Pisca-Pisca recuaram.

O homem de metal não tinha dito que eu voltaria para casa quando amanhecesse? Eu me obriguei a desviar o olhar da onda de monstros que se

aproximava e me virei — ele apertava a corrente do medalhão, sem temer o sol que fazia seus dois companheiros se afastarem pouco a pouco. Trolls começaram a passar por nós aos montes, desviando da luz com suas inúmeras pernas de formas variadas e gritando tão alto que a caverna parecia uma torre de aço sendo amassada por um punho gigante. Os trolls maiores mergulhavam em túneis, enquanto os menores subiam como lagartos por paredes verticais.

Dei mais um passo em direção à luz.

O homem de metal se enfureceu:

— Se você não pegar isto agora mesmo, vamos voltar à sua casa amanhã à noite. E na noite seguinte. E na outra. E assim será sua vida, Jim Sturges, até você obedecer.

Era uma ameaça excelente. Hesitei diante das minhas opções. Eu não via mais concreto nem lama, apenas uma massa de corpos grotescos devorando o mundo como uma praga.

O homem de metal perdeu a paciência e sacou as duas espadas de um jeito que parecia alguma espécie de sinal. RRRÁÁÁ!!! atacou, uma grande pata vindo sobre mim como a pá de uma escavadeira. Pisca-Pisca avançou também, estendendo os tentáculos, os pêndulos dos olhos se juntando e se apertando em uma trança deformada. Senti uma pelagem grossa e as ventosas poderosas de um polvo, mas já estava mergulhando para o clarão, vendo minhas mãos ficarem brancas ao serem banhadas pela luz e, em seguida, ficando cego quando os raios de sol me atingiram em cheio. Minha pele doía, minhas fossas nasais foram tomadas pelo cheiro de cinzas, minha garganta foi obstruída pelo gosto do meu próprio medo, e então me vi deitado de costas, todos os ossos do corpo doendo como se tivessem sido curvados até estarem prestes a se partir. Minha cabeça repousava sobre um travesseiro macio encharcado em suor.

Papai parou em frente à fresta da porta entreaberta do meu quarto. Ele usava a roupa de jardinagem típica de seus fins de semana e mexia desajeitadamente no botão da manga esquerda da camisa.

— Bom dia, filho — disse ele, e seguiu pelo corredor.

Algo caiu no colchão ao meu lado. Contive um grito.

Era o medalhão.



13.

Foram menos de vinte minutos em casa antes de sair, todos angustiantes. Guardei o medalhão embaixo do travesseiro, para não precisar olhar para aquilo. Segundos depois, o suor do meu corpo começou a esfriar conforme eu me convencia de que tudo não tinha passado de um pesadelo provocado por um dia de sofrimento monumental. Aliviado, joguei as cobertas para o lado, mas só serviu para eu descobrir minhas pernas encrustadas de esgoto seco e meus pés pretos de lama.

No chuveiro, esfreguei o corpo como se aquela sujeira fosse lepra. Fiquei olhando a água cinzenta escoar pelo ralo, até lembrar aonde levavam os ralos. Saí às pressas do banheiro, me vesti e, após pensar um pouco, peguei o medalhão. Por mais ameaçador que parecesse, tê-lo nas mãos era igual a segurar uma joia qualquer. Aquilo não tinha mais magia que um anel de formatura, e havia um meio de provar isso para mim mesmo.

Coloquei no pescoço.

Nada aconteceu. Absolutamente nada.

Suspirei de alívio; era uma pequena vitória do bom senso. Coloquei o medalhão por baixo da camisa. Depois que eu o usasse por um dia inteiro, talvez o medo sufocante desaparecesse também.

Meu plano era dar um pulo na cozinha, pegar meu casaco e sair de casa em questão de segundos, mas, quando fui vesti-lo, senti um cheiro muito estranho. Passei a cabeça pela gola e vi meu pai colocando fatias crocantes de bacon em um prato e transferindo esse prato para a mesa, onde uma pilha fumegante de panquecas aguardava. Eu não podia acreditar nos meus próprios olhos. Não via um banquete daqueles desde que mamãe foi embora. Papai se sentou e tomou um gole satisfeito de café.

— Chegou em boa hora, Jimmy. Puxe uma cadeira.

Papai estava assoviando. Tudo bem, era “What’s Your Name?”, de Don & Juan, mas mesmo assim… assoviando? Era algo tão sem precedentes que por um momento esqueci todo o resto.

— Você está bem, pai?

— Estou ótimo. Vou lhe dizer uma coisa, Jimmy: nunca dormi tão bem. Eu não tinha uma noite de sono assim tão boa desde que era pequeno, quando

dividia o quarto com meu irmão, Jack. Nunca achei que fosse dormir tão bem assim de novo.

Ele tocou distraidamente o Bolso de Calculadora Excalibur; parecia estar fantasiando que talvez até tomasse coragem para ser mais assertivo no trabalho. Os dedos foram até o Band-Aid nos óculos, e ele balançou a cabeça como se decidisse consertar aquela armação de uma vez por todas. Eu nunca o tinha visto tão feliz. Não resisti e retribuí o sorriso. Ele estendeu o braço sobre a mesa para pegar o mel.

Foi quando vi a pequena trilha de machucados que saía do canto de seu lábio, passava pelo queixo e ia até o pescoço, e me lembrei do som terrível que tinha ouvido à noite, vindo do quarto dele: *Sluuuurp. Sluuuurp. Sluuuurp. Sluuuurp.*

Papai sorriu para mim. A casca de uma das feridas caiu nas panquecas.

— Sente-se — disse ele. — Acho que as coisas estão finalmente melhorando para os Sturges.

Deixei para trás a mesa cheia de comida. Em segundos eu tinha saído de casa e subido na bicicleta. Era o primeiro dia do Festival das Folhas Caídas, e diversas ruas estavam interditadas ao trânsito. Cometi o erro de me embrenhar sem querer justo com o Jubileu das Crianças, então resolvi cortar caminho pela praça da cidade, mas mesmo assim tive que desviar de trezentas crianças paramentadas. Ignorando todas as buzinadas e os dedos do meio de motoristas indignados, fui costurando por ruas laterais como se minha vida dependesse daquilo. Àquela altura, eu tinha plena certeza de que dependia mesmo.

Quando finalmente cheguei à clínica Soluções Dentais Papadopoulos, larguei a bicicleta nos arbustos do jardim, entrei correndo e acabei me espatifando contra o balcão da recepção. A recepcionista levou um susto. Eu estava sem fôlego, mas o jazz suave que vinha das caixas de som zombava do meu estado de desespero.

— Stouprocurandobola.

— Calma, querido. O que foi?

Engoli uma lufada de ar que encheu meus pulmões.

— Estou procurando o Bola.

— Ainda não estou entendendo…

— Toby D.

— Não sei quem é es…

— Tobias F. Dershowitz.

A recepcionista ajustou os óculos e consultou a agenda, o olhar passando pela lista de nomes.

— Dershowitz… Dershowitz… Ah! — O sorriso logo desapareceu quando ela leu as anotações com mais atenção. — *Ah.*

O som de uma broca dental atravessou as paredes.

Entrei escondido no terceiro consultório, o mais sério deles, e encontrei Bola sozinho, amarrado à cadeira, os lábios bem afastados em quatro direções graças a um artefato de metal que lembrava uma aranha. Seu aparelho novo fazia o velho parecer encantador. Eram grandes nódulos de cromo em cada dente, presos por um arame de aço que se entrelaçava nos braquetes em padrões intricados. Uma nuvem de fumaça ácida pairava acima de sua cabeça, a manifestação de seu estado emocional.

Bola não podia mexer a cabeça, mas conseguiu erguer a sobrancelha.

Corri até o lado da cadeira.

— Ele voltou — falei às pressas, arfante. — Aquele bicho do estacionamento.

Ele ergueu a outra sobrancelha.

— Eles me raptaram! A criatura do estacionamento… eu não te contei, mas tinha uma coisa… quando eu me escondi embaixo do… e tinha garras… Bola, ninguém vai acreditar em mim! Eu estava num lugar… tinha um monte de coisas, e acho que eram de quando aquelas crianças… eram três deles, um com um montão de olhos… Bola, você não vai acreditar, uma porção de olhos voando de um lado pra outro, uma doideira… e um cara vestindo uma armadura de ferro-velho, e ele era menor, mas muito assustador… mas o pior era o que tinha as garras… Bola, ele era enorme! Os braços desse tamanho! E os dentes… um milhão de dentes! Enormes, tipo, que nem cones de trânsito…

— Eu adoraria ver dentes assim tão enormes!

Era o dr. Papadopoulos, que chegou carregando várias radiografias. Eu me afastei da cadeira. Bola sempre dizia que Papadopolous era peludo (quando queria me deixar com nojo, fingia que tinha encontrado fios enrolados de pelos do braço de Papadopolous presos no aparelho), e não era exagero. A cabeleira escura do cara começava cerca de um centímetro acima da monocelha, e os quatro anéis gigantescos que ele usava se perdiam nos pelos dos dedos. Ele sorriu para mim. Dentes perfeitos, é claro.

— Do que estamos falando? Algum filme que você viu?

Senti minha cabeça fazendo que sim.

— Eu não tenho tempo para ver muitos filmes. O que posso dizer? Dentes são a minha vida. O Tobias já vai falar com você. Vou só fazer mais alguns pequenos ajustes.

O dentista jogou as radiografias na bancada, olhou para o interior da boca aberta de Bola, assentiu para si mesmo e tornou a sair do consultório.

Voltei para junto da cadeira.

— Bola. *Bola*. O que eu vou dizer ao meu pai? Não posso contar a ele, posso? Ele vai ficar maluco. Vai me acorrentar em casa. Precisamos fazer alguma coisa. Você e eu. Montar uma armadilha, sei lá. Cara… Bola, eles disseram que iam voltar hoje à noite. Hoje! Não temos tempo…

— Sempre há tempo para cuidar bem dos dentes — comentou Papadopoulos, aparecendo mais uma vez na sala.

Ele trazia uma bandeja cheia de instrumentos, os mais apavorantes que já vi: ganchos disformes, tão afiados que a ponta chegava a brilhar; um bisturi com cabo de plástico anatômico; uma coisa que pareciam línguas, só que muito mais afiadas; e uma lâmina giratória com punho trabalhado. Todas as ferramentas eram de prata reluzente. Eu até as teria achado bem maneiras se não existissem com o único propósito de torturar meu amigo.

Papadopoulos se debruçou sobre a bandeja, os dedos passeando entre os instrumentos.

— O caso do Tobias tem sido uma inspiração para mim. Estes instrumentos aqui eu mesmo inventei, no meu laboratório. Forjei e soldei todos eles. Não me surpreenderia se este ano eu fosse convidado para a Conferência da Associação de Dentistas, em Anaheim. Ah, não, não seria nenhuma surpresa.

Papadopoulos pegou uma chave-inglesa e se reclinou sobre Bola com a expressão de um homem que olhava um peru suculento e decidia onde fazer o primeiro corte.

— Ah, sim — disse ele, com prazer.

Ouvi rangidos de metal e pequenos estalidos enquanto os dentes de Bola eram manuseados e encaixados na parafernália do aparelho. O corpo do dentista me impedia de acompanhar os pormenores do ataque, embora desse para ver a agitação nos braços e pernas de Bola. Papadopoulos parecia não se importar, e continuou:

— Arrá! Isso. *Ah, sim.* Uau!

Cinco insuportáveis minutos depois, o cientista louco se aprumou e exalou o ar com grande autossatisfação. Ele liberou os quatro ganchos que mantinham aberta a boca de Bola e começou a tirar as luvas de borracha.

— Pode cuspir. Vejo você semana que vem.

O olhar do dentista encontrou o meu quando ele passou. Ou melhor, foi meu queixo caído que captou sua atenção. Ele franziu o cenho e aproximou o rosto,

inspecionando minha dentição não escovada.

— Hummm… Você bem que está precisando de uma ajudinha aí. Marque uma consulta comigo. Sua vida vai mudar, filho.

Ele piscou. Eu estremeci. O dentista então saiu do consultório levando uma prancheta com os dados de sua próxima vítima. No corredor, ele fez uma pausa e farejou o ar. Fechou a cara, farejou novamente. Apertou o botão do intercomunicador na parede.

— Betty, estou sentindo um cheiro forte de esgoto. Pode chamar um encanador o mais rápido possível?

Vários pelos enroscadinhos ficaram flutuando no ar depois que ele se foi.

Apertei o braço da cadeira de dentista.

— Isso não é brincadeira, Bola! Estou encrencado. Estamos todos encrencados, a cidade inteira, o mundo inteiro! Você não tem ideia. Você nem imagina o tipo de criatura que está por aí. Tem todo um mundo de…

Bola ergueu o indicador e se sentou ereto. Pegou com cuidado o copo d’água, togou um gole com cautela, bochechou e cuspiu. Depois repetiu tudo com um cuidado fastidioso: beber, bochechar, cuspir. Por fim, pegou a ponta do babador de papel e secou a boca até estar todo limpo e se recostou na cadeira. Suspirou e se virou para mim. Ele abriu a boca para falar, e apertei os olhos quando as luzes fluorescentes se refletiram em sua boca cheia de metal novinho.

— Você ficou *maluco*?



14.

Bola abriu a porta empurrando com o ombro, fazendo soar o sino no rabo de um gato de tricô acima do olho-mágico.

— Cheguei, vó!

Um número entre quinze e vinte gatos (vivos) coordenou ataques de posições no solo e aéreas. Como sempre, eu me encolhi, me protegendo de suas garras excessivamente entusiasmadas e seus miados desesperados. Bola já tinha dominado a arte de chutar felinos para os lados inofensivamente sem sequer olhar. Eles chiaram, irritados, e saltaram para o sofá forrado de plástico e para a mesinha de centro, onde ninguém podia botar mais nada. O lugar inteiro estava abarrotado de quinquilharias clássicas do estilo americano popular: bordados em ponto de cruz emoldurados implorando a Deus que abençoasse aquela casa, estantes com bibelôs de gatos angelicais e infinitos enfeites de vime e cristal, nenhum dos quais se podia tocar, em circunstância alguma. Para dar unidade à mistureba, uma leve camada de pelo de gato e o buquê delicado de urina de felino cobriam os objetos.

— Bola, o que vamos fazer? — insisti.

— O que “vamos” fazer? Bem, eu vou me trancar no quarto até arranjar um jeito de esconder esse negócio horroroso nos meus dentes. Acho que a minha vó tem agulha e linha, talvez eu possa costurar minha boca e pronto. Deixar só um espacinho para passar um canudo. Viver de refeições líquidas. Quer dizer, que menina vai querer ser vista a menos de três metros de mim agora? Essas coisas nos meus dentes parecem arame farpado. Arame farpado, Jim. Arame farpado não é nem um pouco sexy!

— Tobias, você tirou os sapatos? — perguntou alguém, da cozinha.

— Tirei, vó!

Com dois chutes treinados, ele fez os tênis voarem pelo corredor, enquanto eu me abaixava para desamarrar os meus. Eu odiava aquela parte. A retirada dos sapatos era procedimento obrigatório na casa dos Dershowitz, o que muito me incomodava, considerando que o carpete grosso era cheio de bolas de pelos. E, possivelmente, cocô de gato.

— Ei, que tal a gente fazer umas rimas malucas de rap? — propôs Bola.

— O quê?

Ele apontou para o aparelho.

— Ei, Jim Zoeira/ Essa história é uma baboseira.

Olhei para o meu peito. Enquanto eu desamarrava o segundo pé dos tênis, o medalhão tinha escapado de sob a camisa.

— Aqui! Veja! Eu tenho uma prova, bem aqui! Um deles me deu isso.

— Qual deles? O King Kong, o Lula Molusco ou o Robocop?

— O Robocop — respondi, mas logo depois sacudi a cabeça, irritado. — Você precisa me escutar!

Bola foi à cozinha, e eu fui atrás, ignorando as surpresas felinas sob as meias.

Vovó Dershowitz era uma mulher baixinha e encurvada com óculos grossos pendurados em uma corrente de contas e cabelo branco tingido de um magenta artificial. Eu nunca a tinha visto sem o avental de bolinhas plissado, e aquele dia não era exceção. Ela estava, como sempre, preparando cookies, potes e potes que Bola devorava por nenhuma outra razão além da necessidade de limpar as bancadas para as fornadas seguintes. Ele pegou um pedaço de massa crua e levou um tapa na mão.

— Vai pegar um verme.

— Isso não faz sentido, vó.

— Se quer ajudar, vá lavar a louça.

Bola olhou para mim e deu de ombros.

— Fui eu que lavei da última vez — argumentou ele, limpando os dedos no pano de prato. Dei um suspiro de enfado e assumi meu posto habitual.

— Ah, Jim Sturges! — exclamou vovó Dershowitz. — Bem-vindo, bem-vindo. Vai ter cookies para todo mundo.

— Obrigado, sra. Dershowitz.

— É tão bom ter um homem em casa.

— Vó! — exclamou Bola, incrédulo. — Como assim? Eu sou um homem.

— Ah, mas o Jim é mais velho.

— Só três semanas, vó!

Esse diálogo não era novidade, para dizer o mínimo. Enfiei as mãos na espuma de sabão. Peguei um medidor de vidro mergulhado ali. Depois, saquei uma cabeça pequena com orelhas e presas. A cabeça fez *sssssssss*, e eu quase dei um grito.

— Até na *pia*, Bola?

O bichano saltou da água e aterrissou na bancada, sacudindo a espuma do corpo. Era o Gato 23. Fazia tempo que Bola desistira de memorizar os nomes dos cerca de cinquenta felinos que haviam passado por aquela casa e, portanto,

instituíra um sistema numérico simples. Em algum lugar do quarto dele havia uma lista plastificada extremamente valiosa com os nomes verdadeiros, para o caso de emergência, mas essa lista andava meio sumida.

— Que estranho um gato se escondendo na pia — falei. — Eles odeiam água.

Bola deu de ombros.

— Um em um milhão não odeia. E tem um milhão aqui em casa.

Ele enxotou do corredor o Gato 37, que dormia enroscado.

Peguei a esponja ao lado da torneira e comecei a esfregar o copo medidor.

— Se você não me ajudar, vou ter que contar para o meu pai.

Bola olhou para a avó, que estava virada para o outro lado. Com a discrição de um agente secreto, ele foi na ponta dos pés pelo piso de linóleo, estendeu o braço e diminuiu o volume do aparelho de audição da avó. Ele relaxou e deu um suspiro, depois voltou para a pia com uma lentidão irritante.

— Tudo bem, conte para o seu pai. Pode ajudar a estreitar os laços. Mas não vai rolar abraço, já que os dois vão estar com camisa de força.

Estendi o medalhão, ainda no pescoço. Bola o pegou e aproximou o rosto para examiná-lo com atenção.

— Parece falso. Até essas coisas escritas parecem em uma língua falsa. Quiseram fingir que era o quê, chinês?

— Não. — Eu me preparei para ser ridicularizado. — É troll.

Bola soltou o medalhão.

— Foi bom conhecer você, parceiro.

— Bola!

Ele largou o pano de prato.

— É sério, Jim. Vê se *para* com isso. Se na segunda-feira você aparecer na escola falando comigo, ou com qualquer outra pessoa, sobre o terrível problema de trolls que a cidade está enfrentando, não vai ter muita gente agradecendo pelo aviso. Em dois segundos vai estar todo mundo sabendo. Acha que as coisas são difíceis para a gente? Pois isso seria o fim, Jim. Sinto muito se você teve um pesadelo maluco. De verdade. Mas não posso deixar que você acabe com a nossa vida.

O Gato 31 se aproximou da perna dele. Bola o afastou.

— Pedaços de caramelo dão o toque especial — comentou vovó, de outra zona temporal.

Frustrado, peguei outro prato sujo, terminei e destampei o ralo da pia. A água gorgolejou e as bolhas começaram a escoar. Sem precisar me preocupar com

vovó, soltei um grande palavrão e me apoiei na pia.

— Tudo bem — falei. — Vou fazer uma proposta. Me dê uma chance. Só uma. Você ainda tem aquele conjunto de arco e flecha, não tem?

— Tenho, mas…

— E eu sei que você ainda tem aquela câmera escondida no ursinho de pelúcia.

— Sim, claro. Aquilo não foi barato. Minha avó realmente achou que fosse flagrar a babá roubando cookies. Eu não tive coragem de confessar que era eu.

— Certo, então encontra essas coisas e leva para os testes de seleção para o teatro, hoje à tarde.

— Testes? Ei, Jim, espere aí. Eu não vou fazer nada disso.

— Eu te dou a Montanha dos Dinossauros.

Ele parou. Toda criança tem algum sonho de consumo: carrinhos de corrida caros, casas de bonecas enormes, brinquedos futuristas que custam mais que o carro do pai. Um ano eu ganhei o santo graal: a Montanha dos Dinossauros, um brinquedo de plástico que batia na altura do meu peito com cavernas e túneis dos quais dez dinomonstros diferentes podiam atacar.

— Eu… — começou Bola. Eu o tinha pego de surpresa com aquela oferta. — Fala sério. Estou velho demais para a Montanha dos Dinossauros. — Mas ele não parecia muito convencido do que dizia.

— E um saco de minhocas de gelatina. Não: uma caixa. Uma caixa inteira. São oito sacos, Bola.

— Jim…

— O que você quiser. É só dizer. Só quero ajuda por uma noite, e amanhã eu juro que nunca mais volto a falar nisso.

Bola olhou para o chão, onde o Gato 40 e o 17 brincavam de dar patadas no rabo um do outro. Ele os empurrou para o lado com o tornozelo, mas dava para ver que sua mente estava longe dali. Notei seu rosto corado entre as sardas. Minhas ofertas o haviam desconcertado.

— Cinco pratas — murmurou Bola. — Só cinco pratas. Você sabe. Para o Steve.

Apoiei a mão no ombro dele.

— Fechado. Meio-dia na escola?

— Beleza.

Joguei a esponja na bancada e sequei as mãos na calça.

— Preciso procurar uns equipamentos esportivos no sótão lá de casa.

— Esportes? Você não falou nada sobre esportes. Esse acordo está ficando

cada vez pior.

— Depois eu explico.

Fui até vovó Dershowitz para aumentar o volume de seu aparelho auditivo e me despedir, mas me distraí com o som gorgolejante do resto da espuma descendo pelo ralo. Levei as mãos ao peito, assustado, pensando que estupidez eu tinha feito em meter as mãos em uma pia com um ralo do tamanho perfeito para um tentáculo estendido.



15.

Como *Skakespeare na posse da bola* era uma produção a céu aberto, os testes estavam sendo realizados em uma colina ao lado do Harry G. Baker Memorial Field, onde o time de futebol americano fazia um treino extra embaixo do telão que estava sendo instalado. Duas filas de falidos candidatos a astros formavam pares para leituras dos papéis principais de *Rô & Ju*, enquanto a professora de teatro — a sra. Leach, conhecida pelo cabelo exausto, as faixas de cabelo encardidas e os suéteres desmazelados — fazia anotações.

Do lado oposto do campo onde o time treinava, papai conduzia seu aparador de grama industrial. Aquilo havia custado uma grana, cinco anos antes, mas preciso admitir: já tinha se pagado. Era uma monstruosidade, duas vezes maior que um aparador normal, e pintada de um dourado chamativo. As rodas traseiras tinham sido transplantadas de uma *monster truck* defunta chamada Destruckshunator e a grande cabeça de corte de oito rodas de largura se destacava como as asas de um 747. O tubo exaustor de 16 polegadas cuspia grama com a força de uma metralhadora. Sério. Uma vez eu me aproximei demais daquela máquina e saí *machucado* pela grama que era expelida.

Felizmente, papai não me viu chegar para os testes. Com os óculos de proteção, as luvas, as botas de segurança, a máscara antialérgica e a tela no cabelo, ele parecia um alienígena nerd doidão pilotando um jipe lunar gigantesco, muito determinado em sua missão de destruir nosso planeta, gramado por gramado.

Eu era o último da fila, mas já era uma da tarde e faltava apenas um ator na minha frente. Estudar as páginas nas mãos suadas era difícil. Bola ainda não tinha chegado, e eu só conseguia imaginá-lo chegando com o sargento Gulager, que me levaria para o hospício, para o meu próprio bem. Outra coisa que também atrapalhava era ver o Romeu da vez fazendo Shakespeare se revirar no túmulo.

— É minha alma que chama meu nome? — A prosa arcaica de Shakespeare deixava o garoto inseguro com os princípios mais fundamentais da língua. — Como soam bem à noite?… Os amantes?… Tal qual suavíssima música? Aos

ouvidos absortos?

— Romeu! — respondeu sua Julieta.

Uma fala fácil, sem dúvida.

— Minha… vizinha?

— Avezinha — corrigiu a sra. Leach, pela décima terceira vez naquele dia.

Uma conflagração de bolas de futebol convergindo no mesmo alvo atraiu minha atenção para uma figura rotunda que caminhava encurvada pelo campo. Era Bola, a pé, pois suas nove bicicletas tinham sido roubadas dos bicicletários da escola ao longo dos nove anos anteriores. Ele carregava uma bolsa esportiva e fazia uma careta para a meia dúzia de bolas que caía a seu lado, arremessadas por valentões com proteções nos ombros. Só a última o acertou, no ombro.

— Chega de brincadeira, rapazes! — gritou o treinador Lawrence. — Se bem que essa última foi um arremesso e tanto, Steve!

Bola jogou a bolsa ao lado da mesa onde estavam as migalhas das bolachas grátis prometidas pelos panfletos. Ele levantou uma folha fina de papel manteiga coberta de açúcar de confeiteiro com uma delicadeza como se aquilo fosse uma bandeira americana rasgada na guerra. Então a pousou, recuou cambaleante alguns passos e se sentou no gramado, cerrando os dentes como sempre fazia depois de apertar o aparelho. Olhou para o palco e lançou um olhar desolado para mim.

— O sono desça sobre teus olhos? Paz em teu… peito? Peito! Peito? Eu posso dizer isso?

A sra. Leach esfregou os olhos. O garoto aproveitou e saiu de fininho, derrotado. A professora consultou a ficha de inscrições, enquanto o cortador de grama de papai zumbia ao longe.

— Jim Sturges Jr. — anunciou ela, olhando através dos óculos para o palco improvisado na grama. — Acabaram as Julietas. Claire, você pode ler com o Jim?

Fiquei apavorado. Mas é claro que Claire Fontaine assistiria da primeira fila à minha performance desastrosa. Respirei fundo enquanto ela colocava de lado a mochila rosa, descruzava as pernas e limpava a grama da roupa. Não era segredo que o papel de Julieta era de Claire. Óbvio, ela lia com uma segurança impressionante, alternando entre a melancolia e o êxtase de forma tão convincente que todos os rapazes empunhariam suas espadas inexistentes em defesa dela. Mas a cereja do bolo era o sotaque autêntico. Perto de Claire, todos os outros falavam como o pior ser imaginável: um adolescente comum.

Claire assumiu seu lugar a meu lado, bateu a lama das botas e abriu um

sorriso simpático para mim, ainda que rápido. O vento fazia loucuras maravilhosas com o cabelo que escapava da boina.

— Ato dois, cena dois, página dois — disse a sra. Leach. — Vamos lá.

Bola me olhava pasmo, já alheio ao escândalo das bolachas. Limpei a garganta, olhei para as letras que giravam na página e fui com tudo:

— Oh!, queres deixar-me assim, tão insatisfeito?

Apenas um verso e eu já estava vermelho.

— Qual satisfação teria esta noite?

— Verdadeiras juras de amor — entoei.

Esses versos, sem dúvida obras-primas da métrica e do significado, podiam muito bem ser os ingredientes de uma caixa de cereais se dependesse do sentimento que saía da minha boca. Claire, no entanto, transformava as falas de Julieta em algo tão natural quanto respirar; uma palavra tão cheia de significados quanto a chuva se acumulando na ponta de uma pétala, e a seguinte seca e desolada como o deserto que cercava a cidade.

Observei a cena maravilhado e vi que ela estava recitando de cor, o olhar no campo de futebol, onde Steve Jorgensen-Warner treinava passes sem capacete, na ponta mais próxima. Eram só passes, mas mesmo assim ele o fazia com uma graça sobrenatural, desviando de humanos inferiores e sorrindo como se pudesse continuar indefinidamente até conquistar o mundo. Claire estava hipnotizada, e não era para menos — aquele tipo de movimento também era poesia.

— Oh!, bendita, bendita noite! — murmurei, sem nem ter percebido que havia decorado o texto também. — Temo que seja apenas um sonho, tudo isto.

Seria mesmo um sonho? Baixei os olhos para as unhas sujas e roídas que seguravam o texto, os tênis surrados nos pés, e percebi que eram símbolos da minha vidinha miserável: desgastados, insignificantes, prontos para serem jogados embaixo do aparador de grama industrial do meu pai. Com uma das mãos, toquei o medalhão daquele mundo sombrio sob a superfície. Que sonho era preferível: o perigo selvagem lá embaixo ou o sufocamento lento que acontecia ali em cima?

A sra. Leach começou a tirar os óculos, os lábios entreabertos para pedir o fim daquela farsa lamentável, mas minha voz prosseguiu, mais alta, e meu desespero era tão real quanto qualquer coisa que Romeu pudesse inventar.

— Mil vezes entristeço, pois me falta tua luz. O amor se afasta do amor como criança a furtar-se do estudo.

A sra. Leach soltou os óculos.

Claire esqueceu o campo de futebol por um momento e me olhou com

curiosidade.

— É minha alma que chama meu nome — prossegui.

Até então, angústia era algo que eu havia sentido no coração e na cabeça. Naquele momento ela tinha voz, que deixei fluir.

— Como soam bem à noite os amantes, tal qual suavíssima música!

Claire sorriu não só com o canto dos lábios, mas com a boca inteira.

— Recordarei apenas de como me é prazerosa tua companhia — disse ela, com suavidade. — Fica, Romeu!

— Eis nosso Romeu! — anunciou a professora.

A sra. Leach estava de pé, as mãos entrelaçadas junto ao peito. Como toda boa professora, ela sabia que manter o decoro era prioridade máxima, mas o êxtase era nítido em seus olhos reluzentes. Meu olhar se expandiu. Os outros candidatos estavam sentados ali pasmos. Até a expressão de Bola era genuína, sem sarcasmo. Dois garotos que levavam água para o campo de futebol tinham parado para nos observar, hipnotizados, segurando as bolsas térmicas. A sra. Leach se virou para a mulher responsável pelos figurinos, mãe de uma das alunas; ela aplaudia com lágrimas nos olhos.

— Sra. Dunton, tome as medidas. Acho que nosso Romeu pode despertar esta cidade de fanáticos por futebol.

— Também acho que sim — respondeu a sra. Dunton. Ela inclinou a cabeça de lado e acrescentou: — Quer dizer, se conseguirmos deixá-lo mais alto.

A mulher se aproximou de mim desenrolando a fita métrica e a estendeu do meu pé ao gancho da calça, depois da cintura à axila, fazendo *tscs* de decepção a cada etapa. Eu tinha descoberto na aula de matemática que Claire era bem mais alta que eu, mas a própria Claire parecia não se importar. Ela cruzou os braços sobre a jaqueta rasgada, e várias pulseiras desceram até as mãos. O cabelo escuro se agitou e caiu nos lábios, e ela falou, só um pouco mais alto que os guerreiros no campo e o ronco do cortador de grama:

— Muito interessante, Sturges.



16.

— Nunca vou entender como esse pateta ganhou a vida escrevendo — disse Bola.

— Fogo… — grunhi. — Eu vou morrer em grandes labaredas de fogo.

— Vou mostrar ao sr. Shakespeare um renascimento. O renascimento do meu *soco*.

— Ninguém consegue declamar essas frases sem parecer idiota, não acha?

— Em geral, sim — concordou Bola. — Com certeza só um clube de elite de superestrelas consegue não enrolar a língua com essa porcaria barroca. Sir Lawrence Olivier, Sir Kenneth Branagh. E seria heresia nossa, é claro, não mencionar aquela lenda do palco e das telas, o eterno ídolo Sir Jim Sturges Jr.

Bola me deu um tapa nas costas com sua mão grande. Quase caí para a frente. Ouvi risadinhas no campo de futebol, mas continuei de cabeça baixa e apertei o passo. Estávamos a caminho de casa e o assunto dos testes não morria. Olhei para o script de *Rô & Ju* na minha mão. Eram só quarenta e cinco páginas, mas, pelo peso, parecia muito maior.

— Como eu vou decorar isso tudo? — perguntei.

— Vou te dar uma dica. Se você esquecer uma frase, é só gritar: “Força, Bestas-Feras de San B.!”, e aqueles debiloides vão enlouquecer nas arquibancadas. — Ele piscou para mim e acrescentou: — Essa foi grátis. Da próxima vou cobrar.

Estávamos passando pelo Museu Histórico de San Bernardino, uma tentação grande demais para Bola. Ele abriu aquele seu sorriso travesso.

— Hoje não — implorei. — Não vou ter a velocidade necessária.

— Velocidade? Não é você quem está carregando essa bolsa, Sir Jim.

O que eu poderia dizer? Ele estava me fazendo um favor. Seguimos pelo caminho que passava sob um cartaz de vinil recém-colocado. Não fazia muito sentido, embora as pesadas letras blocadas fossem imponentes:

KILLAHEED
A ESTRUTURA COMPLETA
PELA PRIMEIRA VEZ NO HEMISFÉRIO OCIDENTAL

A faixa tremulou ao vento bruscamente, como se estivesse se preparando para levantar voo com asas de morcego.

Nem ele nem eu gostamos do que encontramos lá dentro. Enfiamos a cabeça na chapelaria — ninguém. Ficamos de ouvidos atentos; detectamos alguns ruídos, vibrações suaves de vozes, mas não dava para saber de que direção vinham. Bola não deu muita importância, ajeitou a bolsa no ombro e passou o corpanzil pela roleta. Fui atrás dele. Seguimos em frente, com mais cuidado que o normal. Subimos as escadas e passamos embaixo do bisão. Bola não tocou o cavanhaque do bicho dessa vez.

Por fora, o átrio Sal K. Silverman não parecia nada diferente, mas, quando passamos pelas portas de vidro fumê, fomos recebidos por um enxame de atividade. Todos os funcionários do museu, desde Carol até os professores e os membros da diretoria, estavam ocupados, andando de lá pra cá de cara amarrada, enquanto homens de capacete e com luvas de segurança gritavam uns com os outros carregando engradados de madeira ou operando pequenas empilhadeiras. Bola e eu ficamos pasmos. Quando entramos, não prestaram a mínima atenção em nós.

Uma ponte de pedra cruzava todo o comprimento do salão. Se estivéssemos em um riacho no campo, aquilo teria parecido inofensivo, mas, dentro de um prédio, a ponte ampliava os limites insignificantes do lugar com uma força primordial formidável. Era antiga, e cada uma de suas fendas e protuberâncias carregava marcas de séculos de desgaste e descoloração. Uma proteção acolchoada de fibra de vidro ocultava grande parte dos detalhes trabalhados, apesar de uma dúzia de operários estar se preparando para removê-la. Sem dúvida a ponte havia sido transportada em partes; as duas extremidades tinham sido reconstruídas, mas faltava um monumento central para conectá-las.

Bola e eu avançamos devagar. Não fosse pelos operários, poderíamos ter passado por baixo da ponte sem nos abaixarmos. Teias de aranha pendiam de pináculos nas duas extremidades e faixas de musgo cresciam em torno de muitos dos intrincados entalhes. A ponte era praticamente um ser vivo — eu quase esperava que começassem a sair ratos das inúmeras pequenas fendas. O ar estava inexplicavelmente frio. Tremi quando tentei ver o que havia depois de um homem com um paletó de flanela.

Ele se virou de repente, o nariz empinado como se tivesse me farejado. Era o sr. Lempke. Na mão esquerda ele segurava uma prancheta, mas a direita se estendeu e, de algum modo, pegou a nós dois ao mesmo tempo pela gola.

— Arrá! — exclamou ele. — Meus invasores fiéis! Meus vagabundos das sombras! Jovens mestres Sturges e Dershowitz, se apresentando para o serviço!

Bola e eu nos contorcíamos, mas ele nos segurava com uma força de ferro.

Lempke abriu seu sorriso de hiena, causando um efeito perturbador. Uma crosta de sujeira cobria os dentes e ele exalava um hálito azedo. Na verdade, tudo nele sugeria falta de sono, se não alguma aflição pior. Os olhos injetados de sangue giravam em um pudim de carne violeta, e as faces pálidas estavam salpicadas com o grisalho de uma barba por fazer. Uma onda de brotoejas descia da linha do cabelo e havia uma erupção rosada que se estendia a partir do colarinho da camisa.

— Não vão sair correndo por aí como animais selvagens, hoje não! Não enquanto um artefato tão delicado repousa nas proximidades. Vocês invadiram o museu em uma tarde auspiciosa! O que veem aqui é a maior realização da minha carreira. Trabalhei com historiadores escoceses por dezoito anos para impedir que essa construção fosse destruída, pela insistência de gente tola das Highlands escocesas que se apegava a uma superstição primitiva e arcaica. Dá para acreditar nisso, meus rapazes intrometidos? Aqueles ignorantes queriam destruir aquela que talvez seja a obra de arquitetura mais importante de toda a Europa. Eu a salvei. Eu a salvei e agora ela está bem aqui, no Vale Dourado.

Seus olhos febris começaram a se encher de lágrimas. Tanto Bola quanto eu recuamos, na esperança de evitar perdigotos contaminados.

— Vocês têm alguma ideia do que estão vendo, seus moleques sem educação?

Bola ousou dar de ombros.

— Uma ponte?

O rosto de Lempke murchou para uma expressão de puro desgosto. Duas lágrimas sofridas rolaram como bolinhas de gude, uma de cada olho inchado, mas ele nem pareceu notar. Então a desolação em seu rosto aos poucos assumiu um tom de sarcasmo.

— Uma ponte — repetiu ele. — Que palpite divertido. Mas ainda não, meus invasores pubescentes. Sabem, a pedra angular que conecta as duas metades… infelizmente, ainda está para chegar.

O assistente que pigarreou nesse momento estava ali parado já fazia um tempo. Os dedos de Lempke se afrouxaram o suficiente para que eu e Bola escapássemos, massageando o pescoço dolorido. O suor pingava do rosto do assistente sobre uma pilha de documentos. Ele clicava uma caneta com nervosismo.

— A pedra angular — disse o assistente. — Tenho notícias.

— Conte logo — ordenou Lempke, com grosseria.

O assistente consultou uma anotação rabiscada num papel.

— Então. A carga foi enviada por engano para San Sebastián.

— San Sebastián, Porto Rico?

O assistente engoliu o nervosismo em seco.

— San Sebastián, Espanha. — Enquanto o queixo de Lempke caía, liberando um cheiro ruim, o assistente prosseguiu: — Deve chegar lá em um dia, e eles já receberam a orientação de reenviá-la para nós imediatamente.

O rosto inteiro de Lempke ficou da cor das brotoejas. Ele passava as extremidades brancas das unhas irregulares pelas bolhas na pele.

— Orientação *claríssima*? — enfureceu-se ele. — A orientação dada foi *claríssima*? Eu conheço aqueles idiotas de San Sebastián. Vão querer dar uma olhada. Vão abrir uma frestinha na embalagem e dizer que aconteceu durante o transporte, só para dar uma espiada, sem sequer pensar nas condições de luz, na umidade do ar, em nada! Vão tirar fotos. Fotos com *flash*!

— Sim, claríssima — respondeu o assistente. — Eu fui bem claro…

— Ligue outra vez para eles. Reforce a seriedade, a gravidade da nossa orientação. Aqueles imbecis desmiolados devem esperar na porta comendo seus *pinxchos* até chegar o carregamento. Não me importa se eles tiverem que passar a noite inteira lá. Eu fiz isso e com orgulho. Não podemos confiar uma carga desse calibre a um adolescente espanhol iletrado que ganha salário mínimo.

— Sim, senhor, dia e noite. Senhor… o senhor está… está sangrando. Está tudo bem?

Lempke estava coçando as costas da mão direita. Tinha arrancado sangue com as unhas.

— É esse paletó de flanela — resmungou Lempke. — Está me incomodando.

Ele arregaçou a manga do paletó para coçar por baixo. O movimento levou uma fração de segundo, mas todos nós vimos: a erupção cutânea havia devorado todo o antebraço de Lempke. Um brilho amarelado de pus endurecido reluziu à claridade que penetrava pela claraboia. Então Lempke ajeitou a manga, e o assistente se obrigou a olhar para suas anotações.

— Ah, o… hã… a pedra angular deve chegar aqui na sexta-feira. Bem no último dia do festival…

Lempke acenou com a mão direita machucada. A pele flutuou no ar; tinha se soltado de tanto que ele coçara. Bola e eu desviamos.

— Isso é bobagem! O que está acontecendo neste museu é muito maior que

uma festinha de rua qualquer! Escrevam o que estou dizendo: os mentecaptos que habitam esta cidade irão se arrepender por ter desperdiçado tamanha parcela de sua energia limitada em desfiles de rua, eventos esportivos e teatro encenado por adolescentes, quando poderiam estar estudando a própria história escocesa. Chegarão a se autoflagelar. Esperem e verão. As pessoas vão se desculpar comigo pessoalmente.

Um encarregado gritou para os operários:

— Afastem-se! Vamos lá, pessoal, no três!

Lempke ergueu a cabeça de súbito e faz uma cara de espanto como um homem que vê seu amor havia muito perdido. No segundo seguinte, suas mãos (aquelas pinças quentes e supuradas de doença) agarraram nossos pescoço. Ele nos conduziu adiante, obrigando o assistente a sair do caminho, e nos obrigou a ver o momento da revelação da grande estrutura de pedra.

— Um… — berrou o chefe da equipe, começando a contagem.

Lempke acompanhou em silêncio, os lábios secos e rachados se movendo junto.

— Dois…

Lempke cravou as unhas afiadas no meu pescoço.

— Três!

Nisso, os operários puxaram os painéis que protegiam as laterais e a parte inferior da ponte. Por baixo havia uma camada grossa de carpete industrial e, sob isso, uma camada de palha. Ambas caíram no chão com um *bunc*. Uma nuvem de poeira e palha se ergueu. Os operários apertaram os olhos, mesmo usando óculos de proteção, e os funcionários do museu protegeram o rosto com os braços. Só Lempke não reagiu, continuou sorrindo de orelha a orelha para aquela peça que representava dezoito anos de seus sonhos mais ardentes. Um pouco de poeira escura se esgueirou por sua boca aberta e uma farpa de palha entrou em seu globo ocular, mas ele nem piscou.

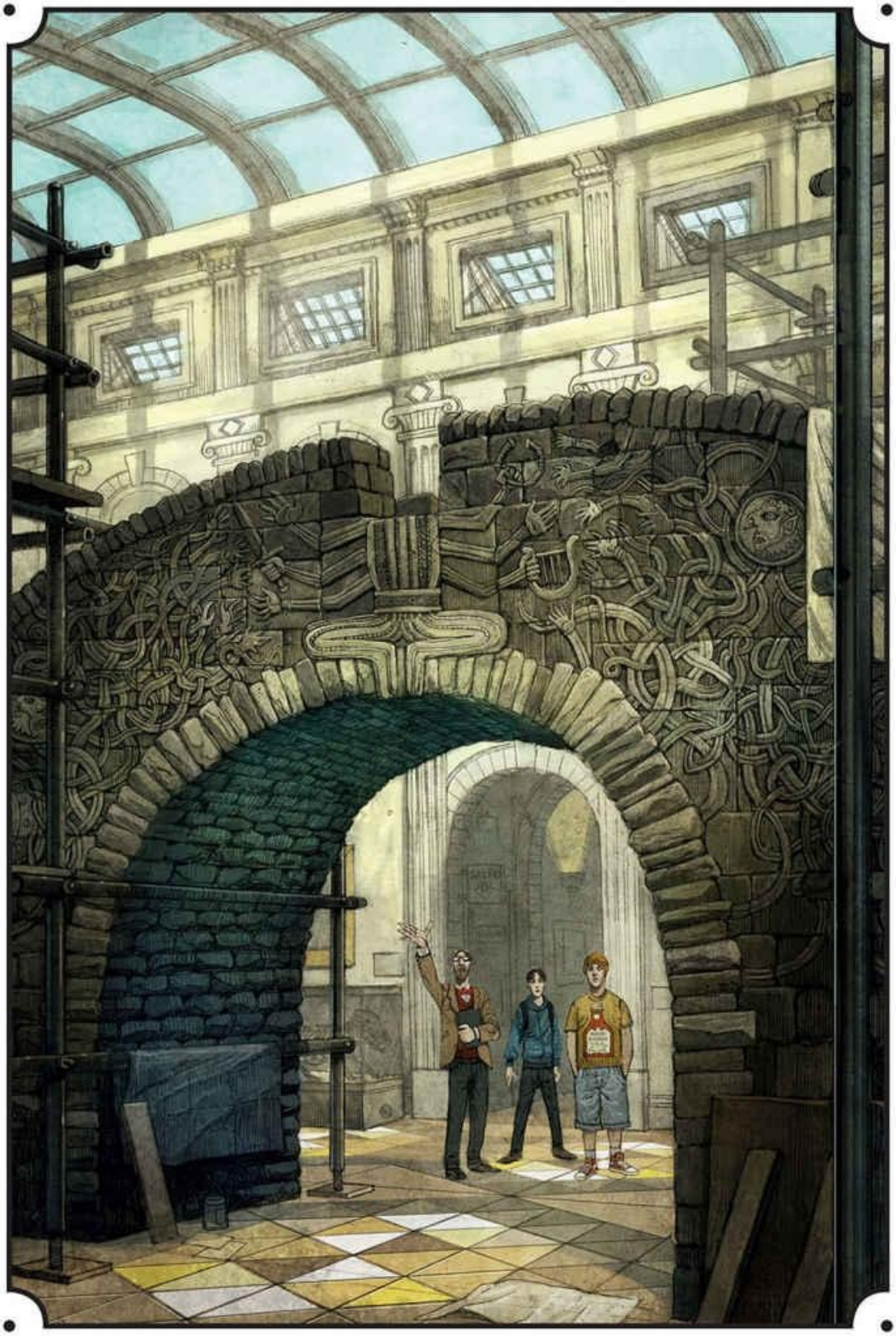
— A ponte Killaheed — sussurrou.

Bola tossiu e virou o rosto. Eu não consegui.

Já tinha visto aquela ponte.

A imagem central do mural de pedra na caverna dos trolls era uma reprodução daquela ponte, embora não fosse capaz de transmitir o poder impenetrável da verdadeira. Cada tentáculo retorcido e cada garra curvada estava tão profundamente esculpido que os olhos do observador se perdiam, e todos se estendiam para a ausente pedra angular. Eu não tinha como esquecer o personagem central retratado no mural: um gigantesco troll de seis braços com

uma órbita ocular vazia e outra preenchida por um rubi cintilante.



Nuvens turvaram o sol, lançando o átrio em uma escuridão inesperada.

— Ah, sim, ah, sim! — repetia Lempke, rindo entre os dentes. — A Escócia renascida. Parece muito mais imponente banhada em cinza, não acham, meus bufões juvenis?

Um grito de dor rasgou o silêncio. Lempke se inclinou na direção do som, com avidez excessiva. Um operário tinha enfiado a mão em uma das fendas da ponte. Só vi uma mancha de sangue antes que ele puxasse a mão e a cobrisse com o outro braço.

— Ela me mordeu! — gritou ele. — A maldita coisa me mordeu!

Um monte de gente preocupada se juntou ao redor do homem para ajudá-lo, enquanto Lempke apenas botava as mãos na cintura. Bola apontou com o queixo para nossa porta de fuga habitual e escapulimos dali de fininho. Felizmente, ninguém vigiava a escada. Mas não fomos rápidos o suficiente para escapar de ouvir as palavras finais de Lempke:

— Pare de choramingar. Não dói tanto assim. Na verdade, é uma honra. Você deveria se orgulhar.



17.

Às onze horas daquela noite, nós dois estávamos apertados no reduzido espaço confinado do meu armário. Bola roncava. Uma máscara de hóquei cobria seu rosto e o taco repousava em seu peito, subindo e descendo a cada ronronar de leão. Ele tinha passado uma hora inteira reclamando: “Estou com as pernas dormentes porque você está sentado em cima”, “Tira o joelho da minha orelha” e assim por diante, até finalmente pegar no sono, a corda do arco para flechas desenhando uma cicatriz temporária em seu rosto. Era fácil para ele, dormir, já que não acreditava em uma palavra do que eu tinha dito. Já eu ia passar a noite inteira acordado. Me recostei em uma pilha de roupas e me distraí repassando mentalmente nossos preparativos.

A primeira coisa que fizemos ao voltar do museu foi examinar minuciosamente meu quarto. Para um cara que tinha dificuldades em colocar as meias, foi incrível ver que Bola não hesitou em se deitar no chão e se espremer para debaixo da cama, lanterna na mão. Eu fiquei o mais longe possível, o coração batendo forte.

Bola saiu com o cabelo desleixado cheio de poeira e sujeira acumuladas, o rosto cansado e sério.

— Tem uma coisa terrível ali embaixo — murmurou ele.

— Rá! Agora você acredita em mim?

— Sim. E é pior do que eu pensava. Nunca vi uma meia tão fedida. Devemos nos armar, meu senhor, e depressa, antes que seja tarde demais. Talvez possamos derrotá-la no campo de batalha. Oh, sim, corremos o risco de não sobreviver, mas a história há de nos ver com bons olhos.

As molas da cama deram risadinhas quando Bola se sentou.

— Desculpe, Jim. Nada de monstros. Nenhum alçapão. Não tem nem espaço para rastejar aqui embaixo. Essa casa tem a planta básica das casas de subúrbio sem graça dos anos oitenta, igual a cinquenta outras na rua, igual à minha. É o que eu disse: não tem nada especial nas nossas casas, nada especial na gente. Enfia isso na sua cabeça oca.

Mesmo assim, passamos a hora seguinte montando a câmera escondida. Para olhos não treinados, parecia um ursinho de pelúcia, mas a boca ganhou uma grande-angular e a bunda passou a abrigar vários cabos para conectar a uma TV.

A qualidade da imagem era pior que a câmera do meu celular, mas o ursinho tinha mais disposição: podia gravar até doze horas seguidas. Colocado na cômoda de frente para a porta, ele sorriu para mim como um imbecil. Que era como eu me sentia.

Em seguida, construímos um dublê que chamamos de Jim Sturges Jr. II: A Isca. Fizemos o corpo de JSJII com uma calça e um casaco de moletom, que enchemos com roupa suja. Para a cabeça, utilizamos um pequeno aquário redondo que tinha sido usado pela última vez cinco anos antes, até o incidente em que matei involuntariamente cinco inocentes peixinhos dourados. Depois que Bola terminou de ameaçar (de novo) me denunciar à organização local de defesa dos animais, colocamos JSJII debaixo de um cobertor e emitimos uns resmungos de satisfação. Agora, só precisávamos que mordessem a isca.

Esperamos papai ir dormir. Bola passou o tempo procurando artistas peladas na internet enquanto eu estudava *Rô & Ju*. Depois do jornal da noite, papai foi fazer a verificação tripla das portas e janelas, e me senti ainda mais idiota ao ouvir os sinais sonoros dos sistemas de segurança sendo acionados. Qual era a diferença entre o que meu pai estava fazendo lá fora e o que eu estava fazendo ali no quarto?

Depois que papai enfiou a cabeça no quarto para me dar boa-noite — Bola era especialista em esconder imagens de peitos —, pegamos da bolsa o equipamento de arco e flecha. Bola encaixou a única ponta de flecha que tinha e confirmou que estava perfeitamente letal. Apanhei o material esportivo que tinha juntado em um cesto; Bola ficou com o equipamento de hóquei, deixando para mim o menos imponente minibastão de beisebol, de quando eu era criança. Por fim, espalhei bolas de gude por todo o chão. Foi só quando abrimos o armário que percebemos quanto teríamos que nos apertar, e obrigamos um ao outro a jurar que nunca mencionaríamos aquilo para ninguém. Jamais.

Por duas horas, o único som que se ouvia era o leve zumbido da câmera de ursinho.

Era meia-noite quando ouvi um rangido lá fora.

Dei uma cotovelada em Bola.

— Não, vó, eu *não* prefiro botar dentadura.

— Bola! — sussurrei. — Acorda!

Ele resfolegou, olhou ao redor e puxou a máscara de hóquei para o alto da cabeça. Levei o indicador aos lábios e apontei para minha orelha. Ele assentiu.

Vários minutos se passaram e nada aconteceu. Os olhos de Bola começaram a se fechar.

De novo: um rangido, dessa vez longo e atormentado.

— Bola! Bola! Eles chegaram.

— É só o seu pai, Jim.

— Meu pai estaria conferindo todas as fechaduras. A gente ouviria.

Bola abriu a boca para protestar, mas logo seu cérebro sonolento compreendeu que eu tinha razão. Ouvimos um terceiro rangido em uma tábua do piso, depois um quarto. Estava se aproximando. Olhei através das frestas na porta do armário para a porta do quarto. Passou-se um segundo de tensão insuportável, até que uma sombra cortou a luz que entrava sob a porta. Minha respiração ficou presa na garganta. Eu queria falar para Bola botar a flecha em posição, mas não conseguia emitir uma palavra.

Então a sombra foi embora.

Bola não reparou em nada. Ele levou ao nariz a lâmina do taco de hóquei.

— Esse negócio tem um cheiro esquisito.

— Shhhh!

— Não é cheiro de suor. É de… sei lá, de coisa nova.

— Nunca foi usado. Shhhh!

— Ah. Bom, não se sinta mal. Não é sua culpa não ter força muscular. É hormonal.

Apertei a testa suada na dele e sibilei:

— Meu pai guardou essas coisas porque esportes são perigosos. Treinos até tarde da noite e jogos em outras cidades. Por isso ele pegou tudo de volta e guardou. Nem me deixou tentar.

Algo metálico se espatifou no chão da cozinha.

Bola e eu ficamos alertas. Nossas testas se descolaram, nossos olhos se arregalaram.

Bola apertou com força o taco de hóquei.

— Quer tentar agora, Jim? Dar uma chance para esse taco?

Não tenho como dizer quanto tempo ficamos nos encarando na escuridão do armário, fazendo másculos acenos de aprovação com a cabeça e ajustando o equipamento para ganhar tempo e tomar coragem. Passaram-se talvez uns quinze minutos até nos sentirmos psicologicamente preparados e sairmos do armário a toda como um bom time esportivo, embora não soubéssemos direito que esporte era aquele.

Foi só eu sair que já pisei nas bolas de gude. Tentei me segurar em Bola, mas ele também estava escorregando. Ele caiu de cara na virilha artificial de JSJII, enquanto eu me estatelei de costas na frente da cômoda. Uma onda de objetos

esquecidos caiu sobre mim em sequência: uma pipa quebrada, um vidro de perfume fedorento, um prato com restos de ovos mexidos e, é claro, a câmera de ursinho.

Mesmo naquele estado lamentável, percebi que o efeito surpresa era a única coisa que tínhamos a nosso favor, então me levantei e saí correndo. O ursinho de pelúcia foi quicando atrás de mim, arrastado pelo emaranhado de uma linha de pipa que tinha se enrolado no meu pé. Bola abriu a porta do quarto, o arco no ombro, as mãos ocupadas com o taco de hóquei e a flecha, e, delirantes segundos depois, lá estávamos nós avançando pelo corredor de armas em punho. Percebi, com distanciamento, que papai não acordaria para nos ajudar, pois do quarto dele vinha aquele barulho horroroso outra vez: *Sluuuurp. Sluuuurp. Sluuuurp. Sluuuurp.*

Hesitamos na entrada da cozinha. As luzes estavam apagadas, mas ouvíamos muitos ruídos: o clangor de metal, o estalido de plástico sendo amassado, o farfalhar de papel, a pancada bruta de cerâmica sobre a fórmica da bancada. Substâncias duras e moles caíam no chão de linóleo a intervalos irregulares. Entre um ruído e outro, bufos inumanos.

— Bola, o que vamos fazer? — sussurrei.

Ele arreganhou os dentes de aço reluzentes e baixou a máscara de hóquei.

— Nós não. Negociamos. Com terroristas.

E, erguendo o taco novinho, entrou correndo na cozinha. Com a câmera de ursinho emaranhada me seguindo, ajustei o capacete de beisebol e fui atrás, brandindo um bastão que tinha esperado a vida inteira para ser usado.



18.

A primeira coisa que notei foi o ventilador de teto jogado em um canto, em pedaços. Estranho ter sido isso o que capturou minha atenção antes de tudo o mais, levando-se em consideração que havia dois trolls enormes contorcidos dentro da minha pequena e humilde cozinha. Odeio admitir quando estou tratando monstros aterrorizantes de qualquer tipo pelo primeiro nome, mas aqueles dois eu conhecia muito bem. Os oito olhos de Pisca-Pisca entravam e saíam de armários, desciam pelo ralo da pia, se enfiavam nos cantos do lava-louças, enquanto RRRÁÁÁ!!! pegava da bancada (e sem querer esmagava) vários objetos de proporções humanas. A fera rosnou e suas costas corcundas roçaram nas entranhas que restavam do ventilador no teto.

Não sei por quê, o micro-ondas estava ligado, o prato vazio girando lá dentro.

Com a mão livre, segurei Bola pelas costas da camisa.

— O que… o que eles estão… fazendo? — perguntei, com dificuldade de articular a frase.

A voz de Bola saiu embargada por um toque de pavor.

— Sanduíches, Jim. Eles estão fazendo sanduíches.

Dois dos tentáculos de Pisca-Pisca se revezavam para entrar em um pote de manteiga de amendoim, tirando bolotas amarronzadas e passando em várias fatias de pão de forma espalhadas pela bancada. Mas ele usava força demais e acabava rasgando o pão em pedaços, que voavam pela cozinha como lascas de um picador de madeira. Alguns pedaços caíam na fenda que era a boca de Pisca-Pisca e desciam por duas gargantas até cair em um dos vários estômagos. Eu via tudo através de sua pele escamosa translúcida.

RRRÁÁÁ!!! era ainda menos gracioso. Pegava no ar todos os pedaços de comida que conseguisse e os jogava na boca salivante. Nem todos acertavam o alvo: a manteiga de amendoim tinha grudado pedaços de pão branco por todo o corpo pelado do troll, mas sem dúvida ele estava se divertindo, pois, a cada grande bocado que engolia, os chifres perfuravam o armário com entusiasmo e os pés imensos esmagavam os pães caídos no chão, produzindo uma pasta marrom.

Nenhum dos dois prestava a menor atenção em Bola e em mim. Estavam

muito concentrados na tarefa, fazendo observações incompreensíveis com a boca cheia de pão mastigado.

Bola passou para minhas mãos o taco de hóquei e tirou o arco do ombro. Seus olhos estavam vidrados mas determinados, e senti uma onda de orgulho. Meu pai estava em alguma espécie de sono irreversível. Aquilo ali era com a gente, e Bola sabia disso.

— Eu pego o menor — sussurrou ele.

— Esse é o seu plano? — sussurrei em resposta.

— Ué, ele parece ardiloso.

— Ardiloso? Ele é quase cego!

— Ah, é? Bem, aposto que tem audição perfeita.

Com mãos trêmulas, ele encaixou a flecha na corda e começou a puxá-la.

— Mire no coração — falei.

Pelo menos cinco pontos diferentes no peito de Pisca-Pisca batiam em ritmo espasmódico.

— Qual deles? — perguntou Bola.

— Qualquer um!

— Tá bom, tá bom!

Com uma careta no rosto, Bola puxou a corda o máximo que conseguia. A ponta da flecha se mexia loucamente, para cima, para baixo, para a esquerda, para a direita. Dei um passo para trás, pois não queria ser vítima involuntária de um tiro espetacularmente errado. Bola estreitou os olhos e mirou.

— Fique pronto para ir com tudo em cima do peludo.

Ergui o minibastão de beisebol e o taco insignificante de hóquei, que pareciam tão letais quanto dois biscoitos palito. O único pensamento otimista que consegui conjurar foi de que RRRÁÁÁ!!! ocupava toda a cozinha — onde quer que eu batesse e por pior que fosse o golpe, seria impossível errar.

Tobias F. Dershowitz tinha passado a juventude inteira sendo alvo de piadas. A Caverna dos Troféus era apenas a última de uma longa série de locais infelizes, e Steve Jorgensen-Warner, apenas o mais infame dos que dedicaram a vida a humilhá-lo, mas, naquela noite, naquela cozinha, contra os inimigos mais intimidantes e armado com as armas mais fracas, a pontaria de Bola foi certeira. O arco disparou com um melódico *boing* e a flecha cortou o ar, forte e veloz, bem na direção do centro do corpo multitentacular do monstro. Bola provavelmente teria derrubado o troll se o homem de metal não tivesse aparecido correndo da sala e desviado a flecha com sua perna revestida de correntes de bicicleta.

O micro-ondas apitou. A refeição inexistente estava pronta.

O homem de metal veio em nossa direção.

Recuei até a parede e acionei o interruptor de luz. RRRÁÁÁ!!! levou um susto com a claridade e os olhos de Pisca-Pisca mergulharam em busca de um abrigo mais escuro. O brilho rude das lâmpadas fluorescentes se refletiu na armadura do homem de metal, mas Bola e eu éramos os únicos amedrontados. O homem de metal sacou as duas espadas das costas com tanta força que um açucareiro foi cortado em duas metades certinhas. O próprio açúcar pareceu ficar suspenso em pleno ar antes de se espalhar.

Bola deu um grito e atirou o arco nele, mas o homem de metal cortou a madeira ao meio com um golpe da espada. Eu me coloquei em movimento com um grito sufocado e tentei acertá-lo com o bastão, mas ele desviou para a esquerda tranquilamente, pegou a ponta do bastão com a luva coberta de tachinhas e se aproveitou do meu próprio impulso para me lançar pelos ares. Aterrissei no fogão, enquanto o taco de hóquei caiu no chão com estardalhaço. Bola o pegou e, com um gritinho quase feminino, o brandiu desajeitadamente de baixo para cima, mas o homem de metal uniu as duas espadas em *X* e interceptou o golpe, para, em seguida, decepar a lâmina. Bola largou o que sobrou do taco como se estivesse quente.

A cozinha estava uma barulheira só. Bola gritava. Eu gritava. RRRÁÁÁ!!! e Pisca-Pisca gritavam na versão troll. O homem de metal girou uma espada em cada mão, cortando o ar com sons de *vush, vush* até que ficaram ambas viradas para cima. As tampinhas de garrafa nos braços dele chacoalharam, as rodinhas dos carrinhos de ferro no tronco giravam. Ele berrou:

— *SILÊNCIO!*

Em movimentos simultâneos, ele cortou fora a máscara de hóquei do rosto de Bola com uma das espadas e, com a outra, a frente do meu capacete de beisebol. Bola levou a mão à têmpora enquanto eu fazia o mesmo com a testa, mas não tínhamos sofrido um arranhão sequer. Já tínhamos parado de gritar, assim como os trolls. Bola e eu encaramos um ao outro, desarmados e desmascarados.

O homem de metal embainhou as espadas e levou as mãos à nuca. Os óculos de aviador foram removidos e a tela de caixa de som que cobria sua boca foi afastada para o lado. Em seguida, ele soltou o elástico de estilingue que servia como tira para prender o capacete e retirou os fones de ouvido junto com o capacete de futebol americano. Eu já estava me preparando para ver a imagem enrugada e retorcida que os filmes de ficção científica gravaram em minha mente.

O rosto liso e saudável que vi não foi uma surpresa agradável.

Eu conhecia aquele rosto.

Era meu tio Jack.

Não o tio Jack se tivesse vivido e envelhecido até os cinquenta e oito anos. Aquele tio Jack era o mesmo garoto que olhava para mim todo dia da foto estampada na caixa de leite, na estante da sala: alto para a idade, cabelo louro caindo na testa, olhos em que reluzia um brilho de inteligência e coragem. A diferença era que aquele garoto não estava de banho tomado e com um sorriso confiante, mas com uma expressão pesada no rosto sujo de lama e sujeira. Ele farejava o ar como se os aromas de detergente, aromatizador de ambiente e manteiga de amendoim o incomodassem.

— Tio Jack? — balbuciei.

Seus olhos transmitiam cautela.

Ele fez que sim.

— Cai na real, Jim — disse Bola, com a voz trêmula. — Esse cara não é tio de ninguém. É um garoto qualquer. Um garoto maluco. Um garoto maluco com espadas que invadiu a sua casa e… — Mas então Bola se inclinou para a frente e o reconheceu. — Eita! Minha nossa, meu Deus! Jim, você viu quem é esse cara? Caramba, é o seu tio Jack!

Os trolls se colocaram atrás de Jack. RRRÁÁÁ!!! baixou a enorme cabeça, de modo que os pelos desgrenhados do queixo tocavam o ouvido de Jack. Os tentáculos de Pisca-Pisca se retorciam ao redor do braço do meu tio, enquanto dois dos olhos em hastes longas pairavam junto da cabeça do garoto, como se lhe emprestassem visão dupla. Os dois trolls não paravam de fazer ruídos dirigindo-se um ao outro. Jack assentia como se entendesse. Eu me apoiei na porta do forno e me levantei.

Jack foi na minha direção, o metal de sua armadura chacoalhando, e estendeu a mão para meu pescoço. Prendi a respiração e me perguntei se aquilo era o fim: a morte prematura e bem bizarra de Jim Sturges Jr. Só que, em vez de apertar, Jack passou o dedo na corrente que eu usava no pescoço e puxou o medalhão de bronze, que repousava sob minha camisa. Ele me lançou um olhar impaciente e girou a espada que havia na face do medalhão, passando-a da horizontal para a vertical.

Meus ouvidos estalaram. De repente, eu estava ouvindo Pisca-Pisca reclamando:

— … um semblante um tanto abobalhado, ao que me parece. E essa falta de viço? Essas costas encurvadas? Lamentável estirpe, devo dizer. Lamentável!

Digam-me: o que devemos supor deste traje totalmente desprovido de refinamento? Onde está a *joie de vivre* marginal? E quanto à suposta altivez da linhagem? E ele não usa cachecol de batalha! *Não usa cachecol de batalha!* É uma afronta! Uma afronta direta! Mas… ora, ora! Vejo uma centelha de inteligência! Hum, até que é simpático. O rapazinho está… Ele está…? Ah. Hum. Ele agora está me entendendo, certo?

Apesar de praticamente cego, Pisca-Pisca tinha estendido um dos olhos, que pairava e me observava a centímetros de distância. Seus órgãos internos, cobertos de manteiga de amendoim, se agitavam um pouco por conta da vergonhosa gafe cometida. Rapidamente, todos os oito olhos se voltaram para mim, um por um, e agora piscavam depressa, repetidas vezes. O troll maior passou a língua com cuidado pelo interior das bochechas, com ar pensativo, antes de baixar a cabeça para me olhar.

— Olá. — Uma gosma de manteiga de amendoim pingou de suas presas. — Garoto. Humano.

— Eles falam — balbuciei. — Bola, eles falam.

— Não venha com maluquices para cima de mim, Jim — retrucou Bola.

— Claro que falamos — disse Pisca-Pisca, com um refinado sotaque britânico. — Não somos *gado*. Somos, pelas melhores estimativas da *intelligentsia* troll, a mais avançada de todas as espécies existentes. — Seu tom arrogante desmoronou em um suspiro cheio de remorso. Ele continuou: — Podemos ser também os mais rudes. Aceite minhas desculpas. Lamentamos não ter um segundo tradutor para seu nobre cavaleiro.

— Estão se desculpando, Bola — falei. — Por você não entendê-los.

— Desculpas aceitas, diga a eles. Não! Diga que peço desculpas por tentar atirar neles. Diga isso primeiro. É importante.

— Eles entendem a gente, Bola.

— Ah. — Então Bola se virou para eles e disse, mais alto: — Me desculpem! Sério! Por favor, não me matem!

— Matar? Você? — Pisca-Pisca parecia perplexo. — Tal selvageria não é do feitio da elite! Ouça: se for me provocar, rapaz, é melhor que *me provoque com cuidado*. Tem sorte de minha paciência estar renovada… Posso aguentar mais que qualquer um, em qualquer lugar, a qualquer hora. Ora, minha disputa de espera contra Prothnurd, o Persistente, é lendária. Por três anos permaneci sentado diante do velho Prothnurd, inabalado, e teria ficado mais três se o velho camarada não tivesse morrido. Então eu lhe desejo sorte em sua provocação. Já quanto a minha colega hirsuta… paciência não é o forte dela.

— Dela? — Olhei meio duvidoso para RRRÁÁÁ!!!.

— Dela? — repetiu Bola, como um papagaio. — Ele é ela? Quer dizer, ela é ela?

— Mas é claro — respondeu Pisca-Pisca. — Os grandes guerreiros trolls são, em sua maioria, fêmeas. Para ser um guerreiro digno de canções, é preciso mais que força bruta. Muito mais! É preciso astúcia assim como compaixão, qualidades estas que não são o forte dos machos. Tradicionalmente, nós, machos, somos mais habilidosos em produzir aromas suntuosos e coreografar a valsa cerimonial de retirada das vísceras. Além disso, a cor da pelagem dela não permite quaisquer dúvidas de que é uma fêmea. É de um tom *negro-graúna*.

— Negro-graúna — repeti.

— Exatamente. Não entendo como você poderia confundir com o *negro-carvão* dos machos.

Jack olhou o relógio na parede, salpicado de manteiga de amendoim, e apertou com força a máscara nas mãos como se estivesse louco de vontade de colocá-la de volta. Pelo menos ele era humano, então me voltei para ele em desespero:

— Tio Jack, por onde você andou?

— Conosco — respondeu Pisca-Pisca. — Por quarenta e cinco anos seu tio viveu como nós, merecendo o respeito e os louvores tão frequentemente lançados a nossos pés coletivos. Há genuflexões rituais que posso sugerir a você, se desejar. Rituais belos, magníficos! Ah, se tivéssemos tempo… Por enquanto, perdoe a sisudez de seu tio. Se me permite uma opinião, acredito que ele esteja emocionado por se encontrar na residência do irmão mais velho. O cheiro do seu pai está por toda parte da casa, você compreende.

— Quer que eu vá chamar papai? — perguntei. — Posso acordá-lo.

Os olhos de Jack brilharam.

— Na verdade, não tem como — anunciou Pisca-Pisca, em tom de desculpas. — Ele só despertará ao amanhecer.

— Por quê? O que vocês fizeram com ele?

Pisca-Pisca agitou vários tentáculos.

— Bobagem! Não precisamos nos ater a detalhes…

— Eu quero saber.

— Creio que não soará atrativo para você. Mas, se insiste… Introduzimos um sonulf em seu sistema digestivo. Um sonulf é… hã, como dizer? Melhor que eu seja direto: é um feto. Temos alguns, generosamente cedidos pelos Sonúlfetos. Em busca de calor uterino, jovens sonulfes penetram pela boca,

descem pelo esôfago e se aninham nas paredes do estômago, onde suas enzimas liberam um poderoso efeito sedativo no hospedeiro. Os Sonúlfetos são renomados por seu sono. Eles têm sessenta e seis palavras diferentes para *roncar*. Catalogar cada alteração possível de sono é sua *raison d'être*. Para tanto, dormem onze horas por dia. Na décima segunda hora… Bem, é melhor não ficar por perto deles, digamos assim. Enfim. Não se preocupe. Sendo extremamente sensível à luz do sol, o sonulf percorre de volta o esôfago do hospedeiro pela manhã, tranquilamente, e volta para casa por um ralo, e é nesse momento que seu pai acordará se sentindo totalmente renovado e…

— *Você botou um feto na boca do meu pai?*

— Jim! — gritou Bola. — O que está acontecendo?!

— Sonulfes benignos — grunhiu RRRÁÁÁ!!!. — Aliviam dor de cabeça. — Ela indicou o que parecia um pedregulho semienterrado em seu crânio.

— Para isso temos aspirina! — gritei. — Aspirina! Não fetos!

— Ora, ora — lamentou Pisca-Pisca. — Eu bem desconfiava que esse não seria o melhor dos assuntos para começar uma amizade.

— *Chega.*

O rosto jovem de Jack estava retorcido em uma expressão agressiva. Aquela única palavra, a segunda que ele pronunciava, parecia ter consumido grandes doses de energia. Seu peito se erguia e afundava sob a armadura de lixo. Ele olhou para Bola e para mim, depois para os trolls, antes de apontar o polegar impaciente na direção do meu quarto.

Os tentáculos de Pisca-Pisca se estenderam de um jeito que de algum modo comunicaram um pedido de desculpas. Então ele me explicou, em frases que para ele eram extremamente concisas, que todos precisávamos ir embora naquele instante, e me explicou por quê. Fiquei com mais medo do tio Jack que daqueles dois pesadelos ambulantes e me vi concordando com a cabeça com tudo o que saía da boca estranha de Pisca-Pisca.

— O que ele está dizendo, Jim? — insistiu Bola. — O que está acontecendo?

Mesmo antes que eu respondesse, já não acreditava na minha resposta:

— Nós vamos caçar.

PARTE III

Os caçadores de trolls



19.

As tábuas do piso sob minha cama se abriram para baixo como um telescópio, formando um rodamoinho de madeira, as ripas rangendo e estalando à medida que se encaixavam em um novo alinhamento: uma escada em caracol de degraus irregulares e traiçoeiros. A meia fedorenta da qual Bola tinha zombado mais cedo despencou pela escada até ser engolida pela escuridão. Algumas bolas de gude perdidas a seguiram, e não as ouvimos tocar o fundo.

Jack começou a descer e já tinha quase sumido de vista quando percebeu que continuávamos ali parados.

— Vamos — repreendeu ele.

Bola e eu nos encaramos, depois olhamos para a cama que estava sendo erguida sobre nossas cabeças por RRRÁÁÁ!!! como se não pesasse mais que um lençol. Ela gesticulou com a cabeça para que seguíssemos em frente; seus chifres rasgaram meus pôsteres e deram uma ajuda na rearrumação dos meus modelos.

Desci bem devagar. Logo meus olhos se adaptaram ao brilho laranja mortiço que irradiava de redes elétricas subterrâneas, mas aquilo ainda era uma escadaria sem corrimão, e eu me movia com uma cautela que frustrava Jack. Ele suspirava e descia três ou quatro degraus de cada vez, o que fez com que eu me sentisse péssimo. Aquele garoto de treze anos estava me deixando mal, mas o que eu podia fazer? Inspirei o fedor salgado de troll, tentei ignorar o barulho que faziam os bizarros órgãos internos deles enquanto se movimentavam e me concentrei em manter um ritmo lento e constante. Esse tempo todo, Bola não largava minha camisa.

Passamos dez minutos em um ar congelante. Depois, mergulhamos em uma camada inferior mais cálida, depois quente, depois tórrida. A luz ali vinha de lamparinas a óleo, as mesmas que eu tinha visto em minha incursão anterior por aquele mundo, me permitindo enfim enxergar as paredes à minha volta. Então acabaram os degraus, e meu pé aterrissou mal. Todo o peso de Bola foi direto nas minhas costas e cambaleamos para a frente, mas tentáculos quentes e ondulantes se enroscaram sob nossas axilas e nos mantiveram de pé. *Faça cara de agradecido*, pensei, morrendo de nojo.

Jack entrou por um dos três arcos de pedra para o interior do túnel iluminado por lamparinas. Não me empolguei com a ideia de ser deixado sozinho com dois

trolls, por mais simpáticos que estivessem sendo comigo, então saí correndo atrás dele. Levei quase um minuto inteiro de angústia sozinho no túnel em sombras até alcançá-lo.

— Tio Jack, espere — chamei. — Você precisa explicar isso tudo. Ou pelo menos uma parte. Um pouquinho, talvez? Não sei por que você nos trouxe aqui. Você disse que íamos caçar. Olhe, tudo bem, beleza, uma vez vovô me levou para caçar cogumelos no bosque. Eu me saí muito bem, encontrei uns vinte troços daqueles. Não me importo em ajudar, sério, mas é que o Bola e eu estamos bem assustados, então você podia…

Jack se virou. Apesar de eu ser dois anos mais velho que ele (ou quarenta e três mais novo, dependendo de como você via a coisa), tínhamos a mesma altura.

— Vovô? — perguntou Jack.

— É. O vovô. Uma vez a gente…

Vi um brilho nos olhos dele.

Vários segundos se passaram até eu me dar conta de que o homem que eu chamava de vovô era o pai de Jack. Isso me causou certo mal-estar, porque eu sabia a pergunta que viria.

— Ele ainda está…?

Engoli em seco.

— Morreu faz cinco anos.

Jack apertou os olhos várias vezes e assentiu, ficando de cabeça baixa. Ele pareceu perceber pela primeira vez o braço coberto de arame, virando-o de um lado para outro, examinando a armadura improvisada como se fosse uma colônia de sanguessugas grudadas no braço.

— Senti. Saudade — sussurrou ele.

— Volte comigo — falei. — Papai vai ficar muito feliz. Ele nunca desistiu de encontrar você.

Jack me observou como se estivesse procurando uma evidência de que éramos mesmo parentes.

— Você é um Sturges — disse ele.

— Acho que sim.

— Sabe o que significa esse sobrenome? O Jimbo nunca… quer dizer, seu pai nunca lhe contou?

— Não.

— E o papai também… quer dizer, seu avô também nunca lhe disse nada?

— Não. Sinto muito.

Jack apertou os lábios, desapontado.

— Vem de uma palavra muito antiga, *styrgar*. Significa ponta de lança, ou lança de guerra. É um nome de guerreiro.

— Legal! — comentei.

Jack se aproximou com uma expressão de raiva.

— Não — corrigiu ele. — Não é irado. É o pior tipo de fardo. Antes que isso tudo acabe, você vai desejar ter nascido com um sobrenome diferente. Vai desejar acordar uma *pessoa* diferente. Porque guerreiros vão para a guerra. E guerras não são divertidas. Guerras são sangrentas. O que era vivo acaba morto, e às vezes é você quem tem que queimar o que resta. E quando as criaturas morrem, Jim, não morrem em silêncio. Fazem ruídos. Pelo resto da sua vida, quando você tentar dormir, esses sons vão tirar seu sono.

Algumas curvas atrás, no túnel, ouvi o passo esmagador, o deslizar serpenteante e o cambalear de tênis dos personagens ausentes.

— Ei, sabe de uma coisa? — falei. — Você me convenceu. Não quero entrar para o seu clube ou seja lá o que isso for.

— Você não tem escolha — grunhiu ele. — Em certas gerações, o clã dos Sturges produz um guerreiro de valor, um paladino. Talvez seja você, Jim. Talvez não. Temos que descobrir. Não posso mais fazer isso sozinho. Tem alguma coisa séria acontecendo. E vamos precisar de todos os paladinos que pudermos reunir.

— Existem outros por aí? Por que você não convoca esses caras em vez de mim? Onde estão eles?

Jack deu de ombros.

— Claro que existem outros. De outras famílias. Provavelmente. Em algum lugar. Se ainda não tiverem sido extintos. Mas as linhagens se perderam. Por enquanto, somos só você e eu. — Ele tornou a avaliar com desconfiança meu corpo magrelo. — Você e eu e a batalha da nossa vida.

Bola surgiu na curva do corredor com um sorriso medonho grudado no rosto. Atrás dele vinham os dois trolls, um rastejando e o outro caminhando, deixando um rastro de bolas de pelo e uma trilha de gosma. Jack girou nos calcanhares e continuou seu caminho a passos pesados.

Bola me segurou pelo ombro e reclamou, o tom de voz fingindo animação:

— Ei, *Jim*. Valeu por me deixar sozinho com a patrulha troll.

— Desculpe, Bola.

Ele me empurrou na direção de Jack e baixou a voz:

— Eles ficaram falando um monte de troço nessa língua maluca. Achei que fosse vomitar. Não sabia se estavam perguntando se eu queria uma caixa de suco

ou se estavam planejando minha dissecação. *Eu não entendo o que eles dizem, Jim*. Por favor, tente se lembrar disso. Foi como ficar preso no jardim de infância. Só que as crianças podiam me comer.

Pisca-Pisca me alcançou e seguiu ao meu lado com aquelas suas pernas misteriosas, o conjunto de medalhas produzindo uma música que lembrava um sino de vento.

— Não derrame lágrimas em seu cachecol de guerra — disse ele. — Temo que seu tio tenha sido, digamos, *rude* ao abordar suas preocupações. Veja, esta apresentação apressada está longe do ideal, que por acaso seria, segundo costumes que conheço profundamente, por meio de convite feito em tablete cuneiforme para um chá matinal incluindo a devoração competitiva de suculentas tortas de bode e a declamação do diálogo da ode à amizade, "O épico de Greinhart, o Sorridente", no qual você e seu soldado, assim como nós, recitaríamos estrofes alternadas nas vozes dos Anciãos do Velho Mundo. Ah, que deleites eu encontraria ao emprestar minha voz a Stugnarb, o Afetuoso, enquanto você responderia nos tons agradáveis de Funkleta, a Afável. Infelizmente, no entanto, vivemos tempos pouco receptivos à poesia de forma longa. Por essa e outras razões, peço que perdoe a rudeza de seu tio. Desde que o trouxemos para nossos domínios, ele tem levado uma vida muito dura.

— Foram vocês que o roubaram?

— Tecnicamente, foi RRRÁÁÁ!!!.

— Garoto roubado — disse RRRÁÁÁ!!!, em poucas palavras. — Garoto triste. Triste garoto.

Então era tudo verdade. O monstro lendário que levara tio Jack em 1969 não era uma invenção da imaginação perturbada do meu pai. O monstro era real e estava bem ali, falando comigo, engatinhando para caber no túnel, a língua vermelha e comprida lambendo restos de manteiga de amendoim grudados no pelo. Para minha surpresa, senti raiva em vez de medo.

— Vocês não têm ideia do que fizeram. Com meu pai. Com toda a família dele. E comigo. Minha vida foi arruinada junto com a de todo mundo, sabiam?

Vários dos olhos de Pisca-Pisca desceram a ponto de quase tocar o chão de pedra.

— Quantos longos dias passei padecendo em arrependimento, sem dormir. Permita-se admitir uma verdade embaraçosa: na noite em que levamos Jack, não estávamos certos de haver capturado a criança certa. Na verdade, tentamos levar ambos os irmãos, mas falhamos miseravelmente. E depois, por mais assustado que estivesse em ser levado de seu mundo plácido e ter mergulhado em nosso

reino avançado, não nos permitiu voltar e trocá-lo por seu pai. Ele disse, e nunca me esquecerei disto, pois é algo que enche de calor meus sete estômagos gelados: “Fiquem comigo. Eu faço o que quiserem. Mas deixem meu irmão em paz.”

Tentei imaginar meu pai, inventor não reconhecido do Bolso de Calculadora Excalibur e aparador de gramados nas horas vagas, ali embaixo em meio aos trolls, mas só consegui imaginá-lo encolhido em um canto em posição fetal. Ainda assim, papai tinha razão em relação a uma coisa: tio Jack era o garoto mais corajoso que já existiu.

— Tradução, Jim, tradução — pediu Bola, baixinho.

— Não dá tempo — murmurei. — O cara fala demais.

— Ah, tudo bem. Vou continuar aqui apavorado, então.

— Nada me faz submergir mais em sombras melancólicas quanto o desafortunado destino de Jack — prosseguiu Pisca-Pisca —, mas me ergo dessa melancolia lacrimosa ao recordar os quarenta e cinco anos de paz que se seguiram. As centenas de crianças humanas cujas vidas foram salvas. Seu tio é responsável por isso, com a humilde ajuda dos aqui presentes. Jack Sturges encerrou o que vocês denominaram a Epidemia das Caixas de Leite.

— O que foi aquilo? Quem levou todas aquelas crianças?

Os olhos de Pisca-Pisca ficaram mais vermelhos. Mesmo semicegos, todos me encontraram.

— Gunmar, o Sombrio.

RRRÁÁÁ!!! rosnou. Lamparinas tremeluziram. Pedras caíram das paredes do túnel.

— Uma reação apropriada de minha companheira peluda! Jack nos ajudou a derrotar Gunmar, o Sombrio, também conhecido como O Faminto, também conhecido como Aquele Que Bebe Sangue, também conhecido como O Desemaranhador de Entranhas. Gunmar teve seu poder enfraquecido consideravelmente, porém, por razões ainda além de nossa compreensão, Gunmar vem recuperando as forças. Sempre foi seu objetivo invadir o mundo humano e se banquetear sem refreios, e é exatamente o que vai acontecer se não o localizarmos logo.

O túnel escureceu quando atravessamos um portal de pedra que dava em uma caverna espaçosa. Depois que meus olhos se adaptaram à luz, reconheci o lugar. Lá estava o fogão fumegante e a montanha de bicicletas velhas, reinando soberanas acima de vários outros montes de lixo. No alto, os aglomerados de lâmpadas fluorescentes conectadas com gambiarras tremeluziam de maneira

irritante e irradiavam um brilho doentio.

— Hum, curti — disse Bola. — Posso pegar uma dessas bicicletas?

Ele estendeu o braço. Dei um tapa em sua mão.

— São de crianças mortas! — sussurrei.

Bola esfregou a mão como se a tivesse enfiado em uma tigela cheia de aranhas.

Do outro lado da caverna, Jack estava parado diante de uma pedra grande e chata, remexendo em uma pilha de metal afiado que reluzia à luz do fogo. Percebi que não tinha nenhum desejo especial de saber o que ele estava fazendo, então me voltei para os trolls.

— Esse cara, o Gunmar… Como vocês sabem que ele está ficando mais forte?

Quatro dos olhos de Pisca-Pisca fizeram um gesto afirmativo para RRRÁÁÁ!!!, que recolheu uma pata enorme para o interior da pelagem grossa. Depois de remexer um pouco, a fera peluda emergiu com uma caixa de papelão velha e baixou-a com cuidado. A caixa em si parecia irrelevante: trazia os selos e adesivos de uma transportadora e tinha como destinatário um endereço em San Bernardino, mas a tampa se mexia, como se alguma coisa lá dentro a tentasse abrir. Meus pés se fincaram no chão.

— Então ótimo — disse Bola, com um suspiro. — Diga à vovó que eu a amo. E invente alguma coisa legal para dizer aos gatos. — Ele se preparou mentalmente com algumas respirações rápidas, depois abriu a tampa e olhou lá dentro. — Cara. — Sua voz saiu com um tom monocórdio. — Jim. Cara… Jim…

Cerrei os dentes e me debrucei sobre a tampa aberta.

Dentro da caixa havia um globo ocular gigante. A íris era uma mistura das cores verde-ervilha e laranja-papaia, o vítreo era de um amarelo esquisito e por toda a extensão do globo se estendia uma rede de vasos sanguíneos vermelhos desesperados. Não só era do mesmo tamanho da famigerada bola de basquete de Steve Jorgensen-Warner como fazia aquela ameaça infame parecer até benigna.

— O Olho da Malevolência — anunciou Pisca-Pisca. — RRRÁÁÁ!!! o arrancou de Gunmar, o Sombrio, durante o confronto final em 1969. Permita-me observar, caso não seja evidente, que o Olho é maligno e deve ser destruído. Mas refreie o desejo de esmagá-lo! O Olho serve um propósito sombrio. Como dona da orbe maldita, RRRÁÁÁ!!! tem a habilidade de usá-lo para ver o que Gunmar vê. Por décadas houve apenas trevas, escuridão, desespero, mas nas últimas semanas uma mudança se deu. E RRRÁÁÁ!!!, nossa tão querida, dedicada e

altruísta RRRÁÁÁ!!!, recebeu a tarefa de olhar pelo Olho com muito mais frequência do que o aconselhável.

— *Blaglaglablublublugagagalum*, hein? — debochou Bola. — Fascinante!

Eu me desculpei e fiz um breve resumo da história até ali.

— Caramba, até que isso é bem interessante mesmo — comentou Bola. — Podemos ver? Você pode botar o Olho agora?

Foi estranho ver uma criatura do tamanho de RRRÁÁÁ!!! se encolher de medo. Os oito olhos de Pisca-Pisca se arranjaram em formação solidária. Mas a troll peluda revirou a mandíbula maciça e encontrou coragem para estufar o peito, até ficar do tamanho de uma vela de barco.

— Garoto humano. Pedir favor. Eu fazer. Por amigo.

Nós nos debruçamos sobre a caixa de papelão, ansiosos pela retirada do Olho. A pupila era mais escura que a escuridão, um abismo tão absoluto que senti o corpo pender em sua direção, atraído pela promessa de esquecimento. Exalava um odor salgado de mar, tão forte que estava me deixando tonto, mas mesmo assim minha vontade era inalar aqueles gases pungentes até absorver todo o poder doentio do Olho. Me aproximei mais, ficando a apenas centímetros de distância, fantasiando com a sensação do Olho da Malevolência na pele. Seria quente? Frio? Sedoso? Borrachudo? Eu precisava saber.

O Olho se contraiu como um bíceps. Os vasos sanguíneos se engrossaram como se tivessem sido bombeados com tinta. Uma das veias estourou, espirrando um sangue laranja e gorduroso que evaporou fervilhando. A pupila preta abriu um bocejo como uma boca e a íris se partiu em adagas triangulares de dentes, que tentaram morder meus cílios. Felizmente, alguém me puxou para trás a tempo.

— Má ideia.

Jack fechou a tampa da caixa com um tapa, envolveu-a com os dedos de RRRÁÁÁ!!! e a empurrou para longe com força. A enorme fera resfolegou como se despertasse de um devaneio e descobrisse, com genuína surpresa, que a caixa amarfanhada estava pousada na palma de sua pata grande e cinzenta. A troll abaixou a cabeça gigantesca como uma criança repreendida e enfiou a caixa entre as dobras do pelo. Jack olhou para Pisca-Pisca, cujos olhos culpados encontraram oito coisas diferentes para as quais olhar. Em seguida, Jack encontrou outra pessoa a quem encarar: a mim.

— Se você se conecta muitas vezes com o Olho, começa a ver as coisas como Gunmar. E começa a agir como ele. Não é bom. Pode acreditar.

Considerando que eu estava dobrado ao meio, tossindo para expelir dos

pulmões o fedor invasivo do Olho, acreditei. Se aquele era o efeito de um pequeno pedaço de Gunmar, o Sombrio, eu não fazia questão de conhecer o resto.

Jack ergueu uma saca de aniagem cheia.

— Venham. A noite vai ser longa. Vamos começar logo com isso.

Ansiosos para voltar às boas graças de Jack, RRRÁÁÁ!!! e Pisca-Pisca correram para junto de mim e ficaram um de cada lado. Precisei de algum tempo para expectorar da boca os últimos resíduos do Olho. Enquanto estava reclinado com as mãos nos joelhos, olhei para o mural de pedra e lembrei que a ponte retratada que cruzava o oceano Atlântico era idêntica àquela adquirida pelo sr. Lempke.

— Ei, o que a ponte Killaheed tem a ver com tudo isso? — perguntei.

Os habitantes dos porões pararam todos ao mesmo tempo. Primeiro, os olhos grandes e vermelhos de Pisca-Pisca foram oscilando até mim. Depois foi a vez de RRRÁÁÁ!!!, cujo focinho salivante se virou na minha direção sobre seu ombro gigante. Jack foi o último, me olhando com uma expressão indecifrável sob o *chiaroscuro*.

Tirei a saliva dos lábios e limpei a garganta.

— Eu falei errado? Killa-hide? Killa-heide?

Ninguém se mexeu.

— Acabei de notar naquela parede ali. Bola e eu vimos a verdadeira no museu. Vai ser exibida ao público na sexta-feira. Bola e eu podemos dar um jeito de botar vocês para dentro de graça se…

Jack deixou a saca cair, atravessou o salão, subiu em uma pilha de bonecas e colidiu de frente comigo. Ele me segurou pela gola da camisa com as luvas, os nós dos dedos revestidos de tachas rasgando o tecido.

— *Aqui? Como? Do que é que você está falando?*

Bola, meu herói, dava inúteis tapinhas reconfortantes no ombro de Jack.

— Relaxa, cara! É só uma exposição idiota!

Jack me jogou no chão e atacou Bola, que caiu de bunda na montanha de bicicletas.

— A ponte Killaheed? — gritou Jack. — Em San Bernardino?

— É! — respondeu Bola.

— Sexta-feira? O que vai acontecer na sexta-feira?

— Não sei, cara! Alguma coisa a ver com a pedra angular? Vai chegar na sexta, alguma coisa assim.

Os ombros de Jack subiam e desciam furiosamente. Ele se forçou a recuar,

como se tivesse medo de nos dilacerar sem querer, e, com um movimento rápido, puxou a máscara por cima do rosto. Com aqueles olhos de vidro sem emoção no lugar, sacou as duas espadas, girou-as uma vez e as brandiu com braços trêmulos. Então se inclinou para trás e uivou como um coiote através do filtro metálico da máscara. Os canos no teto zumbiram e derramaram filamentos de ferrugem. Bola e eu cobrimos os ouvidos.

Antes que os ecos do grito morressem, Jack se virou, decapitou uma boneca com a espada esquerda e decepou o guidom de uma bicicleta com a direita. Tanto a boneca quanto a bicicleta caíram na boca do forno. Jack não parou para se deleitar com seu feito impressionante; em vez disso, saiu andando pela caverna, embainhou as espadas, pegou o saco de aniagem e entrou em um túnel lateral. Desapareceu na escuridão.

Fiquei vendo o rosto alegre da boneca derreter até virar uma bolha desfigurada.

Bola me ajudou a me levantar do chão.

— Esse seu tio vai matar a gente.

— Eu sei — falei.

Um monte de tentáculos envolveu nossos ombros, tantos que nem dava para contar. Cada ventosa se agarrou dolorosamente a nossa pele e nos empurrou adiante.

— Pronto, pronto! Foi só uma bobagem. Só uma rusgazinha natural entre rapazes, não é? — consolou ele, entre suspiros tensos. — Minha nossa, isso é mais complicado do que eu esperava, mas não se preocupem, corajosos anões. Estaremos em campo de treinamento em três pedras, não mais.

— Três pedras? — murmurei.

— Perdão, perdão. — Pisca-Pisca nos conduziu até o túnel escuro pelo qual Jack desaparecera. — Pedras são uma medida de tempo troll. É bem literal. Três pedras são a quantidade de tempo que leva para um troll médio comer três pedras. Isto é, bem pouco tempo.

— Vocês comem pedras?

— Não, se pudermos evitar. É um alimento infausto para o paladar sofisticado. Mas, no momento, não estamos em condições de nos ocupar com preferências culinárias. Apressem-se.

Os olhos de Pisca-Pisca emitiam uma luz vermelha suave, suficiente apenas para vermos o caminho. A armadura de Jack chacoalhava à frente. Ele não ia esperar que o alcançássemos, isso era certo. Além do mais, eu não queria alcançá-lo. Talvez meu tio tivesse sido valente ao salvar meu pai de uma vida

abaixo da superfície do mundo, mas os quarenta e cinco anos passados ali embaixo tinham mexido com a cabeça dele, transformando-o em um louco.

Parei de andar e estendi o braço, detendo Bola.

— Ora, mas que gnomos indolentes! — exclamou Pisca-Pisca. — Essa ousadia de vocês ainda há de me aniquilar! Oh, por que permiti que esta vida de conflitos interrompesse a solidão aconchegante do estudioso? Podem me fazer o favor, animais diminutos, de seguir em frente?

— Explique — exigi. — É só o que eu peço.

A todo volume, o tom de desprezo de Pisca-Pisca era bem intimidante.

— Minha fragilidade emocional não é ninharia!

— A ponte Killaheed… Gunmar, o Sombrio… — falei. — Não podemos nos proteger desse psicopata lá em cima se não soubermos do que vocês estão falando.

Bola se agarrava a minha cintura como um homem se afogando.

— Pai Nosso… — murmurou ele — escutais do céu… cortai hoje… o pão nosso do dia…

— Bola! Você é judeu!

— Eu sei! Por isso é que eu não sei a maldita reza.

RRRÁÁÁ!!! rosnou. Atrás de nós, seu hálito quente umedeceu nosso pescoço.

— Explique! — insisti, fincando o pé em uns tijolos protuberantes na parede às minhas costas.

— … perdoai nosso pão… — prosseguiu Bola. — Assim como nós perdoamos o pão que é tentação…

Pisca-Pisca recolheu os tentáculos. Com farfalhares secos, eles se torceram e retorceram e se entrelaçaram em padrões cujo significado eu nem conseguiria imaginar. Gotículas de uma gosma brotavam de seus poros; o efeito foi de uma inspiração profunda.

— Muito bem. Você tem à sua frente, afinal de contas, a maior autoridade viva sobre o movimento troll no país. Mas ouçam, seus pestinhas! Darei minhas explicações com duas condições. Condição um: que eu possa poupar tempo citando livremente de minha dissertação não concluída de trinta e oito volumes e onze mil páginas, intitulada *A migração troll do Velho Mundo e sugestões para o crescimento futuro e materiais sustentáveis: um relato da grande Guerra Gumi-Gumo nos Estados Unidos, com apêndices sobre o tamanho, cheiro e cor do troll euro-americano típico.* Condição dois: que continuemos a nos locomover *nessa* direção durante a preleção. A noite não tem duração infinita. Todos de acordo?

— Claro. Tudo bem. Pode começar. — Cutuquei Bola e cochichei: — Ele vai nos contar umas coisas.

Bola deu um suspiro, o rosto escondido no meu sovaco.

— Amém — concluiu ele.



20.

Os trolls existem neste planeta há tanto tempo quanto os humanos — foi isso o que me contaram e que traduzi para Bola. Historicamente, a primeira menção a eles foi registrada na Noruega, no século IX, quando as nefastas criaturas começaram a aparecer em canções, versos populares e histórias que eram contadas às crianças malcomportadas para mantê-las na linha. Segundo o folclore nórdico, os trolls estão entre os Seres das Trevas, as mais puras personificações do mal. Eles correm por entre os dedos dos pés de Ymir, o mítico gigante do gelo de seis cabeças cujo corpo assassinado deu origem ao universo em que vivemos: os ossos viraram as montanhas; os dentes, as rochas; e assim por diante.

Essa origem, prosseguiu Pisca-Pisca, é considerada uma fábula pelos trolls modernos. Alguns até desgostam do termo *troll*, pois deriva de uma palavra norueguesa muito antiga que significa "aquele de andar desajeitado". Bem, independentemente de como eles sejam chamados, é praticamente certo de que, após a Era do Gelo, a civilização humana foi interrompida diversas vezes pelas seis variedades de trolls: montanha, floresta, mar, água, fazenda e ocultos, todos os quais nutriam grande ódio pelos humanos por destruírem as matas, os campos e as rochas que por tanto tempo tinham sido os domínios dos trolls. Felizmente, porém, os humanos também construíram muitas pontes, estruturas tão carregadas de simbolismo (a travessia de um lugar para outro) que os trolls passaram a usá-las como atalhos para o mundo inferior.

("Todas as pontes?", perguntei a Pisca-Pisca. "Sim", respondeu ele. "Até passarelas de pedestres?", perguntei. "*Sim*", respondeu ele. "E se eu for lá e botar uma tábua em cima de um buraco, também serve?", indaguei. "Será que eu posso terminar a história?", disse ele, bem irritado.)

Os trolls também podem ir e vir de sob a cama de inocentes — para todos os efeitos, crianças. Mas esses portais são menos práticos do que as pontes, por várias razões. Se a criança estiver dormindo profundamente, por exemplo, os sonhos podem contaminar os trolls, provocando algo parecido com uma gripe, cuja gravidade vai depender do tipo de sonho. Esses portais podem ser usados também pelas crianças humanas, embora seja algo raro de acontecer.

Apesar dessas engenhosas maneiras de entrada no nosso mundo, os trolls

sofrem restrições em sua luta. O sol os transforma em pedra, portanto eles só contam com a noite para a retaliação contra os humanos. Histórias do século IX mostram trolls usando de todos os meios necessários para proteger seus habitats, muitas vezes se concentrando nas igrejas, simplesmente por serem pontos em que os humanos se reúnem. Uma atividade que proporcionava diversão infinita aos trolls era jogar enormes rochas nas igrejas. Essa ira sem fim foi determinante para tornar a carne humana a mais valorizada entre as iguarias do mundo troll, mais do que propriamente um sabor especial inerente à carne.

Tão antigos quanto os trolls devoradores de homens são os humanos que os combatem. Os Sturgeon/Sturges já foram tema de muitas baladas, versos e canções. Armados com espada e arco e escudos pintados com o emblema da família (*Esse quam videre*: "Seja, não aparente"), eles defenderam seus acampamentos de ataques de trolls antes de serem mais proativos e expulsarem os trolls dos esconderijos. Essa linhagem produziu vários guerreiros famosos. Em 1533, Ragnar Sturgeon arrancou com os dentes a cabeça de um troll e salvou o País de Gales de uma invasão de Grosseirontes. Em 1666, Rosalind Sturgeon foi parcialmente responsável pelo Grande Incêndio de Londres enquanto detinha uma horda de grandes Morcéfalos irlandeses. Mas talvez o mais controverso tenha sido Theobald Sturges, que, na Batalha de Mons (Primeira Guerra Mundial), resgatou uma tropa de soldados ingleses de um bando de Abatrígones que tentava chegar à superfície escavando túneis através das trincheiras.

("Caramba", comentou Bola depois que traduzi tudo para ele. "Ragnar é um nome maneeeeiro.")

Trolls se espalharam como fogo pelo continente eurasiano. Os reinos subterrâneos mais famosos cresceram na Islândia, Suécia, Finlândia, Alemanha, França e Escócia, mas a população de trolls chegou a lugares ainda mais distantes, como a China. O estranho era que até o século XVII — considerando que os trolls vivem até mil anos, isso é bem recente — não havia um único troll na América.

Isso mudou quando um navio chamado *Mayflower* partiu da cidade de Plymouth, Inglaterra, em 6 de setembro de 1620, transportando uma lista oficial de cento e trinta passageiros. Quer dizer, passageiros humanos. O número de trolls escondidos no compartimento de carga é desconhecido. As estimativas vão desde duas dúzias a três dígitos, ainda mais se contarmos os gremlins, criaturas verdes de cauda peluda, já que caberiam facilmente trinta deles em um barril. Não que nenhum estudioso sério fosse se dar ao trabalho de contar gremlins, é claro.

Os trolls do *Mayflower* não eram apenas exploradores corajosos dispostos a arriscar a vida e os membros em uma viagem perigosa através de um oceano banhado pelo sol, mas também separatistas. Uma discussão filosófica dividira as comunidades troll das Ilhas Britânicas em duas facções. A maior parte manteve uma postura conservadora a respeito da relação trolls/humanos. Ou seja: o mundo humano continuaria a desperdiçar recursos naturais tão caros aos trolls, que, em resposta, devorariam os humanos.

Mas um grupo dissidente que era liderado por Ebenezer RRRÁÁÁ!!!, dos RRRÁÁÁ!!! de Lincolnshire, acreditava que essa relação era não só insustentável como também imoral. Ele promoveu entre seus seguidores um programa de vida melhor por meio da alimentação baseada em "carne de quatro patas". Nada mais de suculentos pratos com crianças humanas. Nada mais de lanches que incluíam linguiças picantes de carne humana saídas direto do defumador. Nada mais das açucaradas iguarias de pele de idosos no café da manhã. Esses trolls preferiam coelhos, esquilos, guaxinins, ratos, certas variedades de aves e um ocasional gato da estação.

("Existe algum troll vegetariano?", perguntei. "Na verdade, por algum tempo houve a seita dos indispântanus. Eles acreditavam que os trolls podiam viver apenas de matéria vegetal. Foi um experimento muitíssimo virtuoso, mas, após dezenove dias, todos os indispântanus sofreram dissolução espontânea, virando poças de gosma verde", respondeu Pisca-Pisca.)

Assim que chegaram à América, os trolls separatistas deixaram o *Mayflower* à noite, encontraram pontes pelas quais podiam descer ao mundo inferior e começaram a construir casas para viver. O terreno da Costa Leste estava repleto de cavernas, e os trolls se espalharam para novos locais de seu modo característico: devagar, mas com determinação. Assim que uma ponte era inaugurada, um troll e sua família ali se instalavam. Poucos trolls fizeram a jornada perigosa até o Oeste e menos ainda chegaram com vida, mas muitos dos que conseguiram foram atraídos para a tranquila San Bernardino, "A Mão em Concha de Deus". Era, enfim, um lar de clima temperado, que não exigia a estocagem de alimento para invernos prolongados.

Os Sturges chegaram ao Novo Mundo menos de cinquenta anos após os trolls, estabelecendo-se primeiro em Boston e no Maine. Os Sturges americanos, entretanto, não encontraram motivos para combater os pacíficos trolls euro-americanos, de forma que, com o passar do tempo, seu estilo de vida guerreiro deu lugar a objetivos muito mais úteis para uma nação em desenvolvimento: o curtimento de couro, a fabricação de cerveja, a plantação de soja e, muito tempo

depois, o aperfeiçoamento do bolso de calculadora.

Trezentos e cinquenta anos se passaram sem incidentes além de uma eventual crise de fúria de algum dono de gato. Então aconteceu algo que mudou para sempre o curso da história dos trolls/humanos. Em 1967, a Ponte de Londres, que cruzava o rio Tâmisa e era o ponto de trânsito mais movimentado naquela grande cidade, foi desmontada e transportada por mais de oito mil quilômetros para Lake Havasu City, no estado americano do Arizona. Por mais absurdo que possa parecer, é verdade: um rico engenheiro comprou a ponte para que fosse uma atração turística e atraísse público para seu novo projeto imobiliário de péssima localização.

A reconstrução no Arizona levou mais de três anos, mas bastou uma hora para que os trolls escondidos nos segmentos da ponte escapassem. Ao chegarem ao Arizona, os habitantes da Ponte de Londres arrebentaram os caixotes de transporte e fugiram para a noite. Em janeiro de 1968, eles já tinham cruzado a divisa com a Califórnia e começado a fazer o que os trolls do Velho Mundo faziam de melhor: comer crianças. Aquela tribo traiçoeira, composta dos piores elementos de todas as famílias de trolls da Europa, era coletivamente conhecida como os Gumi-Gumos.

(“Gumi-Gumos?”, repetiu Bola. “Esse é o nome menos assustador que eu já ouvi.” Ao que Pisca-Pisca retrucou: “Imagine o que achamos de *Dershowitz*.” Mas a resposta eu não me dei ao trabalho de traduzir.)

Por mais de mil anos os Gumi-Gumos tinham aterrorizado o continente eurasiano. A primeira menção a eles foi feita em um pergaminho dirigido ao rei Constantino II por volta do ano 920 d.C., em que eles são descritos como “horrendos, de hálito pútrido, criaturas de apetites suínos”. Nos anos 1100, os Gumi-Gumos desceram das Highlands escocesas, e apenas cem anos depois já se sabia que tinham tomado posse de todas as pontes de Londínio, sob o comando bárbaro de seu líder eterno: Gunmar, o Sombrio. Acredita-se que Gunmar tenha escolhido concentrar seu clã em San Bernardino especificamente para irritar os pacifistas presunçosos que povoavam o mundo inferior local.

Qualquer que fosse a razão, ele e seus asseclas não perderam tempo em roubar crianças. Foi uma por mês pelos primeiros três meses. Depois, uma por semana. No começo de 1969, várias crianças desapareciam por semana em San Bernardino. Todas eram arrastadas aos gritos para um labirinto subterrâneo oculto e passavam semanas enjauladas antes se serem assadas em fogo aberto e devoradas.

Tendo perdido seu instinto de luta, os trolls americanos permitiram que o

ataque dos Gumi-Gumos continuasse por tempo demais, até que finalmente as tribos americanas se reuniram para um “wapentake”, antiga tradição viking em que os líderes de cada clã, dos Berlotazos aos Matarinos, entregam as armas para chegarem a um consenso. Juntos, eles admitiram as consequências por terem se envolvido: uma nova guerra entre trolls e humanos no continente que tanto haviam se esforçado para manter neutro.

Felizmente, eles tinham um contingente numeroso e um líder mais forte. Na tenra idade de setenta e cinco anos, ela ainda era uma criança, mas já possuía enorme determinação, uma visão de mundo otimista e aptidão para aventuras. Seu nome era Johannah M. RRRÁÁÁ!!!.

(“O que significa o M?”, perguntei, curioso. “Mmmm”, respondeu Pisca-Pisca.)

Johannah M. RRRÁÁÁ!!! se preparava para liderar um exército de trolls à procura do esconderijo dos Gumi-Gumos. Com grande pompa e alarde, eles desenterraram baús contendo alguns dos objetos mais preciosos de todo o mundo troll: antiquíssimos astrolábios que, segundo se dizia, tinham sido presente das fadas da Baixa Escandinávia depois que uma tribo de trolls Retalhadorns resgatou um grupo de fadas da tortura nos cascos de um fauno enlouquecido.

Guiados pelas tais bússolas místicas, os trolls saíram em busca dos Gumi-Gumos. Enquanto isso, um promissor escriba e guarda-livros do clã Liztonto que atendia pelo nome de Pisca-Pisca foi incumbido da missão de estudar os pergaminhos genealógicos, na esperança de localizar um paladino humano que pudesse ajudá-los na batalha vindoura. Dia e noite, Pisca-Pisca examinava oito pergaminhos simultaneamente, dedicando um olho para cada. O esforço foi tão grande que os olhos ficaram cegos, um a um, mas não antes que ele descobrisse um ramo da família Sturges bem ali em San Bernardino.

(“Sinto muito por você ter perdido a visão”, falei. “Sim, foi uma casualidade assaz desagradável”, respondeu Pisca-Pisca, “sobretudo considerando que eu era apenas um rapaz de quatrocentos e quarenta e quatro anos. Evidentemente, dedico um volume inteiro de minha dissertação a tal tragédia”.)

Convocar um paladino foi considerado um grande risco. Afinal, viver em paz sob o mundo dos humanos era uma coisa; mas lutar ao lado de um deles? Isso nunca tinha acontecido. Com a Epidemia das Caixas de Leite a pleno vapor, era necessário arriscar. Por isso, em 21 de setembro de 1969, Jack Sturges foi levado à força para a Cidade Troll, onde um rápido amadurecimento fez dele um guerreiro proeminente.

Com Jack e RRRÁÁÁ!!!, o exército troll invadiu o esconderijo dos Gumi-

Gumos. Jack, sozinho, despachou dezenas de trolls menores e comandou sua legião de guerreiros com vigor incansável. Enquanto isso, Johannah RRRÁÁÁ!!! derrotou o Faminto. A batalha teve longos preparativos: mil e cem anos antes, Gunmar tinha perdido um braço para Remmarah RRRÁÁÁ!!!, avó de Johannah, em uma escaramuça fantástica à meia-noite na fronteira austro-húngara. Depois disso, Gunmar jurou vingança e, desde então, começou a marcar cada morte no braço de madeira improvisado que enfiara no cotoco ainda não cicatrizado por completo.

A primeira onda de ataques foi desoladora. Gunmar, um monstro tão indescritivelmente horrendo que não pode ser descrito neste momento, começou a zombar de Johannah RRRÁÁÁ!!!. Só depois que Gunmar cravou uma rocha no crânio da troll peluda é que o jogo começou a virar. Em vez de matar Johannah RRRÁÁÁ!!!, foi como se o ferimento esmagasse qualquer vestígio de hesitação que existisse no cérebro dela. A guerreira se tornou uma fera incontrolável e, enlouquecida, atacou Gunmar em um turbilhão de dentes, garras e pelos. No embate, ela arrancou um dos olhos de Gunmar — o tal Olho da Malevolência. Pouco depois disso, Gunmar tombou e seus asseclas foram capturados ou mortos. Coube a Jack, o herói humano, dar o golpe fatal no Faminto.

Exausto de tanto derramamento de sangue, Jack, em vez de matar Gunmar, o baniu para o isolamento nas cavernas mais profundas da Terra. Gunmar jurou se vingar de Jack, de Johannah RRRÁÁÁ!!! e de todos os seus descendentes — embora tenha sido difícil entender o que ele dizia, pois no estado de raiva em que se encontrava, Gunmar rangia os dentes e mal conseguia pronunciar direito as palavras. Todo som que ele emitia soava como uma serpente: *Sssssssss*.

A misericórdia de Jack foi, de certa forma, um sucesso: os Gumi-Gumos restantes juraram adotar a dieta das quatro patas e consultaram nutricionistas para empreender uma reeducação alimentar e não comer carne humana. Seguiram-se meses de festividades no reino dos trolls. Como demonstração de respeito, Johannah passou a ser chamada pelo sobrenome, e pais e mães trolls levantavam seus bebês quando RRRÁÁÁ!!! passava, para os pequenos tocarem a pedra que ainda se projetava do crânio dela.

(“Aquele pedregulho enorme permanece em seu crânio até hoje”, disse Pisca-Pisca. “É o que provoca a fala debilitada de minha amiga.” RRRÁÁÁ!!! concordou: “Pedra faz falar ruim.”)

O que Jack percebeu, tarde demais, era que tinha condenado a si mesmo a uma vida no mundo inferior. Sua misericórdia foi algo distintamente humano.

Nenhum troll teria hesitado em destruir Gunmar. Por isso, ele se sentiu responsável por se manter alerta caso Gunmar um dia voltasse. Se retornasse ao mundo dos humanos, Jack voltaria a crescer e envelhecer normalmente, até que em algum momento não conseguiria mais passar pelas portas do mundo dos trolls. Ele precisava permanecer jovem para se defender de Gunmar, e o único modo de fazer isso era continuar no mundo inferior.

Jack, para sempre com treze anos, treinava todos os dias, todos os anos, sempre vigilante, sempre paranoico. Ele foi o único que não se surpreendeu alguns meses antes quando o Olho da Malevolência mostrou-lhes a lenta caminhada de Gunmar de volta das entranhas da terra. Jack fez discursos na Cidade Troll, mas não lhe deram ouvidos. Os trolls, ali, tinham ficado gordos, complacentes, concentrados em comida e bugigangas, certos de que nunca mais aconteceria algo semelhante à guerra contra os Gumi-Gumos.

Assim, os esforços defensivos dependiam apenas de Jack, Pisca-Pisca e RRRÁÁÁ!!!. Ao ver que a força de Gunmar só crescia, Jack decidiu, com grande pesar, que precisariam testar o potencial de Jim como paladino. Imaginou que teria meses, até anos, para treinar o sobrinho, mas agora, com a notícia de uma ponte sendo reconstruída no Museu Histórico de San Bernardino, esses meses e anos tinham sido reduzidos a meros dias.

A ponte Killaheed foi o lar ancestral de Gunmar, o Sombrio, e ficava na região do extremo norte da Escócia conhecida em gaélico como *A' Ghàidhealtachd.* Foi onde ele assassinou todos os seus parentes consanguíneos, apagando seu sobrenome em favor de "o Sombrio", e começou o culto Gumi-Gumo, cuja divindade principal era ele próprio. A ponte era o vínculo com seu poder ancestral. A proximidade dela, após ter sido transportada para a Califórnia pelo oceano, devia ser o combustível que estava abastecendo a regeneração rápida de Gunmar e atraindo trolls de mente fraca para formar um novo exército de Gumi-Gumos.

Fazia meses que trolls vinham se infiltrando em San Bernardino à noite e criando o caos. Nada tão grave quanto sequestro, ainda não, mas Jack, Pisca-Pisca e RRRÁÁÁ!!! andavam tão ocupados que tiveram poucas chances de ir à caça de Gunmar em si. Tinha sido um risco revelar-se para mim e, sem querer, para Bola, mas a guerra nos obriga a correr esses riscos. Esse era o fardo dos caçadores de trolls.

(*Caçadores de trolls*. Abri um sorrisinho, não resisti. Era um bom nome.)



21.

Jack esperava por nós em uma ampla área escura, o saco de aniagem pendurado no ombro. A parede de argila à frente continha rachaduras que revelavam faixas de um intricado mosaico de pastilhas e afrescos sujos criados por antigos artistas trolls. Sair do túnel direto para aquele salão foi como descer pela garganta para o estômago, ilusão completada pelo ronco de veículos motorizados, vindo de algum ponto distante acima de nós.

Jack parecia, agora, muito menor na armadura de ferro-velho, mais com dimensões próprias de um adolescente do que de um demônio misterioso. Ele com certeza tinha nos ouvido chegar, mas não demonstrou reação. Eu estava prestes a dizer alguma coisa quando notei um grupo de trolls à direita. Bola e eu nos afastamos na mesma hora, mas Pisca-Pisca e RRRÁÁÁ!!! não pareciam nem um pouco alarmados. Na verdade, o que vi no rosto dos dois foi pena.

Era a mesma coisa que eu tinha visto no bairro da luz vermelha: vários trolls em transe diante de uma torre inclinada de TVs defeituosas, o rosto colado nos aparelhos, a língua comprida lambendo as telas.

— Não olhem — disse Pisca-Pisca. — É uma cena lamentável.

— Qual o problema de vocês com as TVs? — perguntei.

Pisca-Pisca respondeu baixinho:

— Não emita julgamentos apressados, criatura de cérebro diminuto. Não há sol na vida de um troll; quase tipo algum de luz, aliás. Por que a surpresa diante do fato de que admiramos os televisores? Há até mesmo aqueles que os cultuam, tal como homens primitivos cultuavam os deuses do Sol: Ra, Hélios, Apolo, Sol Invictus, Huitzilopochtli. — Seus tentáculos se ondularam em arrogância. — Não há um único troll vivo que possua menos de dois aparelhos.

— Quais programas vocês curtem?

— Nossa preferência é por aqueles que vocês julgam não ter valor algum como fonte de entretenimento. Os comerciais são muito apreciados entre nós, pelo ritmo acelerado e pelas cores fortes, mas nada satisfaz tanto quanto a pura estática. Caso você venha a dispor de tempo para estudar essa trama líquida, descobrirá nela beleza, algo de divino. Tantas camadas em movimento, tantos padrões de significado, tantos segredos sussurrados...

Pelo menos dois trolls babavam, hipnotizados.

— Então é como uma droga? — perguntei.

— É exatamente uma droga. O efeito calmante é superior a qualquer outra coisa e é perfeitamente saudável se usado com moderação. O troll de hoje realiza contato televisual quase diariamente. Enfermeiros usam televisores para aliviar a demência dos idosos. Mães os usam para acalmar os filhos. Eu mesmo, uma época, passei anos obcecado por um sinal extraordinário de um lugar distante chamado BBC. Gosto de pensar que contribuiu para a harmonia melodiosa de minha voz.

— Contribuiu — concordei. — Pode acreditar.

— Mas eu sou um dos afortunados. Como qualquer droga usada em excesso, a TV pode destruir a mente. Aquelas pobres almas ali darão até a última moeda para experimentar sinais novos, sinais melhores, qualquer sinal que seja, e, nisso, esquecem de se alimentar, de se hidratar, de excretar os dejetos. Não é coincidência que muitos cemitérios se localizem perto de Salões de Estática.

— Por que isso não afeta as pessoas dessa maneira?

— E não afeta, meu caro rapaz?

— Está bem, entendo o que você quer dizer. Mas por que o…

Jack deu um tapa na parede com a mão direita e resmungou, sem sequer olhar para trás:

— Você faz perguntas demais. Por que isso? Por que aquilo? Como isso tudo funciona? O que tudo isso significa? Aqui embaixo as coisas são como são. É melhor se acostumar com isso. Ou melhor: pare de se importar. Porque nunca haverá respostas suficientes, e, mesmo que houvesse, não temos tempo.

De seu traje de metal, ele retirou ainda mais metal: os discos e graduações sobrepostos de um astrolábio. Aprendi na escola que astrolábios eram usados na Idade Média para identificar estrelas, mas os que eu tinha visto nos livros didáticos nem se comparavam àquele mecanismo engenhoso. Não era maior que um pires, porém de uma complexidade inimaginável. Pelo menos quatro anéis, um encaixado no outro, giravam em dentes de bronze precisos, enquanto dois ponteiros marcados com medidas indecifráveis registravam pontos de contato. A coisa toda ficava encaixada dentro de uma estrutura de ouro cuja circunferência era decorada com a silhueta de uma floresta tão detalhada que dava para ver cada folha. Jack ergueu no ar o astrolábio, girou as engrenagens e ficou passando-o perto de uma área cada vez menor da parede até tocar um único tijolo com o dedo. Aquele era o sinal de RRRÁÁÁ!!!. Ela abriu o caminho com os ombros e se aproximou. Seus passos interferiram nos sinais das TVs. Vários trolls saíram do transe e nos lançaram olhares de desprezo.

RRRÁÁÁ!!! apoiou as duas patas na parede. O carpete musculoso de suas costas se ondulou e a parede se abriu ao longo do padrão irregular dos tijolos. Cobri o rosto para não ser atingido pelos detritos que a nuvem revolta de poeira lançava no ar. Bola e eu ficamos abanando a mão, tentando afastar a sujeira, e vimos Jack e os dois trolls entrarem em um lugar estranhamente familiar. Então nós também passamos pela porta. Ficamos tão impressionados com o que vimos que não nos assustamos com o barulho da parede se fechando atrás de nós.

Uma placa de estrada. Era isso o que víamos. Não na língua dos trolls, não com a imagem de alguma fera de várias cabeças, apenas uma placa normal, amarela, alertando aos motoristas de caminhão que a ponte não permitia a passagem de veículos altos. Sim, isso mesmo: estávamos embaixo de uma ponte. Mais especificamente, uma passagem subterrânea em uma via expressa em um corredor industrial escuro no que parecia uma cidade qualquer. Olhando ao redor, vimos coisas banais, mas naquele momento foram as imagens mais bem-vindas do mundo: pichações obscenas no concreto, packs de cerveja se amontoando em um alambrado, as luzes vermelhas e amarelas de uma rede de fast-food logo adiante na rodovia. Havia também placas indicando ruas próximas. Bola apontava para elas, empolgado.

— De La Rosa! Estamos em De La Rosa! Daqui podemos ir a pé para casa! — E, dirigindo-se a Jack: — Tudo bem se a gente for daqui para casa?

Jack ainda consultava o astrolábio. Carros passavam na ponte, indiferentes às criaturas ocultas abaixo. Depois de um silêncio interminável, ele fechou bruscamente o aparelho de ouro e apontou.

— Casca-Ocas. Dois quarteirões. Estão convergindo. Precisamos ser rápidos.

Ele largou o saco, com um estrondo violento que me fez encolher de susto. Jack apontou o queixo para o saco.

— Vá em frente.

Senti que aceitar o conteúdo daquilo consolidaria minha posição naquela brigada bizarra. Hesitei. Jack desembainhou uma espada e a cravou no calçamento. Formigas assustadas saíram correndo da fissura recém-aberta. A voz de Jack crepitou da telinha de caixa de som.

— Gunmar, o Sombrio, está se fortalecendo a cada dia. Cada vez mais trolls perigosos estão desaparecendo porque são chamados a segui-lo. Toda noite, servos como esses Casca-Ocas se aventuram mais longe. Estarão em De La Rosa hoje à noite. Vocês querem que eles estejam na sua casa amanhã? Querem que as crianças do seu bairro comecem a desaparecer? Querem saber como é passar por isso?

Bola fez um gesto de impaciência para a saca. Respirei fundo, me abaixei e a abri. No interior havia duas armas: uma espada comprida sem gume e cheia de marcas, e um sabre curvo e curto. Peguei uma em cada mão, tão surpreso pela diferença de peso que me perguntei se conseguiria dar dois passos sem me desequilibrar.

— E eu? Não ganho nenhuma arma? — perguntou Bola.

— Não — respondeu Jack. — Quer voltar para casa? Pode voltar.

Bola pareceu ficar magoado.

Se Jack se importou com isso, não dava para saber através daquela máscara. Ele puxou a espada do cimento e a girou no ar, tão rápido que a lâmina parecia ter virado mercúrio líquido, captando as luzes amareladas da rodovia e desenhando na tela da noite como letreiros néon.

— Três regras — disse Jack. — Regra número um: tenha medo.

— Sem problema — respondeu Bola. — Essa a gente vai cumpri à risca.

— Ter medo significa se manter alerta. Pense no coelho.

Com a espada, ele fez um desenho rápido de um coelho. Foi tão gracioso e inesperado que soltei uma exclamação de encanto, mas desapareceu tão depressa que me perguntei se não tinha sido imaginação minha.

— O coelho não passa de partes vulneráveis e carne boa: pescoço, barriga, coxas. Mas é um bicho difícil de pegar. Ele fica de olhos e ouvidos atentos o tempo todo, porque tem medo. Os trolls farejam medo e atacam. Você pode usar isso a seu favor.

A espada girou no ar novamente. Dessa vez, os traços dourados de um touro continuaram queimando em minhas retinas bem depois de o desenho se dissipar.

— Como um toureiro faz com o touro. Use o peso ou a velocidade ou a raiva de seus adversários contra eles mesmos. E, quando atacar, faça com força e rápido.

Jack rabiscou no ar um desenho elegante de uma serpente comprida com língua bifurcada. Tentei ver até onde ia o rabo, mas, quando pisquei, o desenho desapareceu.

— Imagine que você está injetando veneno. Ataque e recue. Ataque e recue.

Coelho. Touro. Serpente. Minha imaginação criou uma fera mitológica a partir dos três. A relação entre aquele monstro híbrido e minhas táticas teóricas de luta deveria ser obscura. Mas não. Fui tomado por uma clareza estranha, que fez aqueles animais formarem uma combinação perfeitamente letal.

Jack deu um golpe com a espada como se fosse um taco de golfe, arremessando duas pedras. Uma delas pegou em cheio meu joelho, me

arrancando dos meus devaneios, e a outra acertou Bola na barriga. Saí pulando de dor, enquanto Bola gemia com a mão na pança. Jack reconquistou nossa atenção, sem dúvida.

— Regra número dois: trolls têm três pontos vulneráveis.

Ele apontou a espada para RRRÁÁÁ!!!, que se arrastou para perto e se abaixou, como uma cobaia modelo. Prendi a respiração quando Jack golpeou, mas a espada parou pouco antes do pelo de RRRÁÁÁ!!!. Ela se contorceu como se sentisse cócegas.

— O coração. — Jack girou o corpo rapidamente, a luz o envolvendo em uma renda dourada efêmera, desenhando com a ponta da espada um arco no ar até alcançar o baixo ventre de RRRÁÁÁ!!!. — A vesícula biliar. — Então ele traçou um arco para baixo e saltou a espada como se pulasse corda. Com a arma às costas, passou-a de uma das mãos para a outra e estendeu o braço. A ponta da lâmina foi se deter na lateral do pescoço de RRRÁÁÁ!!!, onde, como percebi naquele instante, crescia sob o pelo um grande volume. — O moéler.

RRRÁÁÁ!!! bocejou. Era apavorante de ver.

— Moéler — repetiu Bola. — Devo ter perdido essa aula de biologia. O que é um moéler?

Jack girou o corpo novamente e o encarou. As luzes amareladas ardiam nas lentes da máscara.

— É uma parte do corpo dos trolls que você acerta e eles morrem — resmungou ele. — É isso o que vamos fazer esta semana, o que *todos* nós vamos fazer esta semana. Se a sua informação sobre a Killaheed for verdade, temos sete noites, contando com a de hoje, antes que a ponte termine de ser montada. Nesse tempo, precisamos eliminar os asseclas Gumi-Gumos e nos preparar para enfrentar Gunmar. Coração e moéler: é assim que se mata um troll. A vesícula é para que ele permaneça morto. Sabe aquele forno lá na caverna? É onde as queimamos. Recolher e queimar. Entendeu? Uma vesícula deixada para trás pode fazer um troll brotar de volta à vida, como uma semente.

Aquele papo me deixou enjoado. A dissecação do sapo no sétimo ano já tinha sido bem difícil.

— Sabe o que é? É que esta semana não é muito boa — comentei. — É o Festival das Folhas Caídas. Não ia me surpreender se meu pai precisasse de ajuda para aparar a grama em alguns parques. E eu estou participando de uma peça. Só temos esta semana para ensaiar. E a matemática! Vou ter uma prova enorme de matemática na sexta-feira, e a sra. Pinkton disse que se eu não tirar no mínimo 8,8 na prova vou repetir na matéria. Então preciso muito estudar…

— Você vai estudar. Comigo. Aqui fora. Toda noite.

Ele girou a espada de modo que a ponta ecoou nas minhas duas, fazendo-as girar nas minhas mãos. Precisei segurá-las com mais firmeza para que não se estatelassem no chão. Será que tinha sido essa a intenção?

— Dê um nome para elas. Rápido.

As palmas das minhas mãos ainda ardiam.

— Elas quem?

— Suas espadas. Um caçador de trolls deve batizar suas espadas antes de derramar o primeiro sangue.

Olhei pasmo para a espada e o sabre.

— *Agora* — sentenciou Jack. — Os Casca-Ocas estão se reunindo.

— Eu…

— Algo que seja importante para você. Diga logo. O que vier à mente é a resposta certa.

— Claire — disparei, erguendo a espada.

Bola me dirigiu um sorrisinho de esguelha.

— *Claire?* — repetiu Jack.

Torci para que a escuridão escondesse o rubor no meu rosto.

— Claire… Claireblade.

Bola pôs a mão na boca para não rir.

— Então tá, né…

— Agora o sabre. Rápido — insistiu Jack.

— Hã… — Olhei para o metal afiado e manchado. A maldita superfície embotada não revelava nada. Eu me virei para Bola. — Qual era o nome daquele gato que você tinha?

— *Aquele* gato? Já tivemos uns setenta.

— O gato! Você sabe, aquele que gostava de mim.

— Ah, sim. O Gato 6.

Teria que servir. Ergui o sabre e dei um sorriso desesperado.

— Gato 6! — exclamei.

Jack me encarou. Mesmo através da armadura, eu sentia o frio de sua decepção. Atrás de mim, ouvi os risos abafados e o *tsc-tsc* de Pisca-Pisca. Até os ombros de RRRÁÁÁ!!! tremeram de uma maneira que sugeria riso. Apertei o cabo da espada Claireblade e do sabre Gato 6 e olhei para tio Jack.

— Quais os nomes das suas? Diz aí, já que você é assim tão bom em batizar objetos inanimados…

Pisca-Pisca e RRRÁÁÁ!!! ficaram em silêncio. Bola também sentiu a

mudança no clima e calou o riso. Parecia que até os veículos na ponte sentiram o peso do momento: o tráfego ficou parado por um tempão. Jack contemplou a espada longa que segurava na mão direita. Depois de um tempo, levou a mão às costas e sacou uma lâmina mais curta. Segurou as duas com carinho, como se não fossem armas, mas monumentos aos mortos.

Ele indicou a espada.

— Victor Power. — Em seguida, ergueu a cimitarra. — Dr. X.

Todos nós sentimos nas entranhas o significado que aquelas palavras tinham para Jack.

Ele girou os ombros para despertar o corpo da contemplação. Sua postura se alargou, e as correntes de bicicleta enroladas em torno das pernas estalaram. Ele brandiu as duas armas, uma no alto, a outra embaixo, em uma formação de ataque ameaçadora: as rodas dos carrinhos de metal no peito giravam, e as espirais de cadernos em volta dos bíceps clicaram como arame farpado.

— Prestem atenção — disse ele. — Vou ser rápido.

Ele não estava brincando. Durante os dez minutos seguintes, Jack golpeou, defendeu, esquivou-se e atacou com agilidade e coordenação impressionantes. A Dr. X mal terminava um golpe de tirar o fôlego e a Victor Power já passava em um borrão! As lições foram intensas: formações de ataque, posições de defesa; trabalho de pernas para avançar e recuar; técnicas para enfrentar adversários mais altos, assim como os bem mais baixos; mudanças drásticas no ritmo para desnortear o inimigo; a combinação das duas lâminas para redirecionar um ataque; combate mano a mano e também contra um grupo inteiro; o cálculo da velocidade em relação à força bruta para determinar a pegada com ambas as mãos ou apenas uma.

Cada técnica, retirada de escolas de combate do Renascimento e da Idade Média, tinha um nome. Jack bradava enquanto fazia as demonstrações: Beijo no Botão, *Botta Secreta*, *Durchführen*, Falso Gume, Giro Duplo, *imbrocata*, *passe avant*, Presa de Javali, *scandiaglio*, *volté*. Em seguida, acrescentou algumas técnicas da escola Jack Sturges — movimentos mais espetaculares e com nomes mais adequados a um garoto de treze anos: Galinha Bêbada, Idiotas Levam na Cara, Larí-Larí, Surpresa de Jeans e, por fim, sua obra-prima: Lance de Caca.

Imediatamente ficou claro que eu deveria decorar aquele cardápio de destruição.

Só estou repetindo isso tudo na ordem alfabética porque eu *realmente* decorei.

Foi sem querer. Se eu não conseguia decorar as informação banais que a sra.

Pinkton ensinava e não demonstrava a habilidade atlética mínima exigida pelo treinador Lawrence, como era possível que eu aprendesse algo que misturava os dois — e fizesse isso sob a pressão de um tio espadachim que voltara dos mortos, dois trolls horrendos e a promessa de caçar um ser chamado Casca-Oca? O fato é que senti a informação ser armazenada em compartimentos do meu cérebro nunca antes utilizados, como se o espaço encefálico estivesse esperando esse tempo todo, aberto e faminto, pelo tipo certo de fatos para preenchê-lo.

RRRÁÁÁ!!! farejou o ar. Seus olhos alaranjados brilharam, e ela enfiou a extremidade dos chifres no concreto que sustentava a ponte. Farelos de cimento coloriram de cinza uma faixa de sua pelagem. Jack compreendeu e pegou o astrolábio, mas RRRÁÁÁ!!! já estava se afastando, ainda farejando, enormes fios de baba caindo da boca. Jack fez um gesto com a mão para Pisca-Pisca. No mesmo instante, tentáculos se enroscaram nos meus ombros e nos de Bola.

— A coragem pode declinar quando o momento do confronto se aproxima, mas não se preocupem, duendes diminutos. O destino não permitiria que um troll com minha personalidade tombasse em um campo de batalha tão insignificante. Não antes de realizar meu maior desejo. Falo, é claro, de concluir minha dissertação histórica.

Não foi suficiente para me tranquilizar. Apontei para RRRÁÁÁ!!!.

— Qual o maior desejo dela? — perguntei.

— Melhor higiene dental — respondeu Pisca-Pisca, sem hesitação.

RRRÁÁÁ!!! (com seus dentes tortos e cobertos por uma crosta de sujeira e tudo mais) estava nos deixando para trás. Saímos da aconchegante escuridão da ponte para o frio ameaçador da noite de outono. RRRÁÁÁ!!! evitava a luz dos postes adotando um trote em quatro patas e se mantendo abaixo de uma elevação arborizada ao longo da estrada. Fui o último a ultrapassar Jack, que estava embainhando as espadas, esperando para ficar na retaguarda.

Sua mão enluvada surgiu de repente e agarrou meu braço.

— Não fique nervoso — aconselhou, em um sussurro rouco. — Você vai *adorar*.

Aquilo não me pareceu uma promessa. Estava mais para uma terrível maldição.



22.

A cidade agora me parecia vulnerável. As casas erguidas com paredes frágeis em vez de pedras maciças; as cercas de madeiras eram risíveis em sua inútil tentativa de proteger um pedaço de terra; os jardins floridos e as caixas de correspondência clamavam inertes por destruição. As fileiras idênticas de casas pareciam ovos à espera de serem pisoteados.

Estávamos escondidos em meio aos arbustos do quintal de uma casa, deitados de bruços e apoiados nos cotovelos. RRRÁÁÁ!!! fez o contrário: se esticou o máximo possível, para ser confundida com mais uma árvore. A uns quinze metros de nós havia uma casa pintada de rosa-claro. Eu procurava sinais de trolls no canteiro de flores, nas ferramentas de jardim espalhadas, no balanço da varanda, nas voltas da mangueira de água.

— Ali — disse Jack. — Ali. Ali. Ali. Ali.

Levei vários minutos até conseguir ver os Casca-Ocas. Escondidos nas sombras por casacos cinzentos e imundos, eram do tamanho de macacos e tinham braços e pernas finos e moles, incompatíveis com o corpo obeso. Os olhos eram grandes e bem pretos, e o nariz escorria. O mais notável era a boca, tão larga que os cantos quase se encontravam na nuca. Enquanto eles rastejavam, a metade superior da cabeça subia e descia como tampas de lata de lixo.

— Droga — murmurou Jack. — Ali, o sexto.

— Ele é pior? — perguntei.

— Esses cretinos odiosos andam sempre em grupos de cinco — respondeu Pisca-Pisca.

De fato, outras quatro criaturas de membros compridos entraram em cena, formando um grupo de dez Casca-Ocas, todos dando risadinhas e resfolegando. Oito deles apontavam para uma janela no segundo andar, apesar de eu não imaginar como criaturas tão gordas conseguiriam escalar a parede. Enquanto isso, os dois restantes começaram a rabiscar na lateral da casa, com o que parecia giz vermelho, um círculo com uma estrela invertida dentro. Era o símbolo de Satã que os metaleiros da escola adoravam usar.

— Os Casca-Ocas são satanistas?! — perguntei, em um sussurro.

— Não seja bobo — repreendeu Pisca-Pisca. — Eles são irlandeses. Mais precisamente, são um grupo tão desordeiro que a ordem os atrai, onde quer que

eles a encontrem. Por isso viajam em grupos de cinco; por isso gostam de desenhar símbolos de simetria perfeita. Foi por acaso que descobriram o poder desse símbolo em especial, que provocava medo no coração dos adultos dos bairros ricos. Dessa forma, a culpa dos ataques recaía sobre crenças impuras. Um disfarce engenhoso, devo admitir.

Houve um burburinho entre os Casca-Ocas, indicando que estavam prontos para agir. Os dez se reuniram em um círculo disperso, trêmulos de empolgação, abrindo a boca e revelando dentes quadrados e espaçados que pareciam pedaços de granito.

— Vocês têm sorte — disse Pisca-Pisca. — Estão prestes a testemunhar aquele que talvez seja o ritual mais perverso em todo o mundo dos trolls.



Os corpos atarracados dos Casca-Ocas começaram a se espremer e se agitar. Uma baba espessa escorreu da boca aberta de cada um, seguida por uma banha marrom. Os corpos emitiam uma sinfonia de sons sufocados enquanto emergia da garganta uma bolsa grande e translúcida que era quase do tamanho do próprio Casca-Oca e cheia de objetos macios de cores e formatos diferentes. As bolsas foram expelidas das bocas dos Casca-Ocas e caíram na grama com um barulho molhado, palpitando e estremecendo.

— Estamos passando a noite de sábado vendo trolls vomitarem — comentou Bola. — Bons tempos, Jim. Tempos *lendários*.

— Os Casca-Ocas são seres de astúcia incomparável — disse Pisca-Pisca, com certa dose de respeito. — Cientes de que o peso excessivo dificulta os movimentos, eles ejetam os órgãos internos por um curto período de tempo, exceto o coração. Tornam-se, assim, uma das mais ágeis espécies de trolls.

Agora, leves e vazios como fronhas, os Casca-Ocas escalaram a lateral da casa com a destreza de esquilos. Ao meu lado, Jack levou a mão ao emaranhado de correntes de bicicletas em torno das coxas e pegou três velhas ferraduras corroídas. Entregou uma delas para Pisca-Pisca e outra para RRRÁÁÁ!!!.

— Vou sonulfar os pais — disse ele. — Se houver irmãos, avós, qualquer coisa assim, usem as ferraduras.

— Ferraduras — repeti, tentando acompanhar. — Por que ferraduras?

— Não mencionamos isso? — perguntou Pisca-Pisca. — Pelos deuses, ainda resta muito chão a percorrer! Os Casca-Ocas são permutadores. Vieram substituir um bebê humano por uma das próprias crias. É uma prática abominável. Se não for detectado, um bebê troll pode se tornar adulto sob a pele humana e aterrorizar o mundo com um comportamento catastrófico. Sinto dizer que muitos dos principais empresários e políticos do mundo são Casca-Ocas. Por isso, precisamos testar a trollidade dos membros da família, e a forma mais rápida de fazer isso é pressionando uma ferradura na testa. O ferro funciona melhor, mas, em caso de necessidade, qualquer coisa com formato de ferradura serve.

— Então me dê uma! — falei.

— Você não vai entrar — disse Jack. Ele enfiou nas minhas mãos o saco em que tinha levado as espadas. — Rasgue as bolsas ejetadas, jogue aqui dentro as vesículas e depois fique de guarda, para o caso de uma daquelas coisas começar a sair pela janela. Se isso acontecer, lembre-se das lições que ensinei.

— Espere aí! — exclamou Bola. — E eu, vou fazer o quê?

Jack apontou para as estrelas satânicas.

— Limpe aqueles símbolos idiotas da parede. Use a mangueira. — Ele nos observou. — Todos prontos?

— Não! — exclamamos, Bola e eu, em uníssono.

— Vamos lá! — gritou Jack.

RRRÁÁÁ!!! estalou os lábios espumantes e disparou pelo gramado. Jack partiu a toda velocidade ao lado dela, o luar refletindo nas bordas de metal da armadura. Pisca-Pisca correu para acompanhá-los com suas pernas misteriosas, mas em um ritmo que permitia a Bola e eu alcançá-lo.

— Foi com dedicação e perseverança que aprendi por conta própria a me mover pelo tato e olfato — narrou Pisca-Pisca, para o prazer de nossa audição. — Esta noite isso se mostra uma benção em dobro.

Segundos depois, entendi o que ele queria dizer. Os sacos de órgãos eram repugnantes. Bola e eu paramos no ato, com ânsia de vômito e tossindo. Pisca-Pisca continuou sem nós, alcançando Jack na porta dos fundos, que ele tinha acabado de arrombar com a Dr. X. Jack entrou apressado, seguido por Pisca-Pisca. RRRÁÁÁ!!! era grande demais, mas a simples física não ia detê-la. Ela deslocou os braços, retorceu o corpo simiesco de maneiras impressionantes e, de algum modo, se enfiou na casa.

Bola e eu ficamos olhando para a porta dos fundos enquanto ela se fechava. A casa estava às escuras e em silêncio. Olhamos para a janela do segundo andar, conjurando fantasias horríveis do que podia estar acontecendo, até que não havia mais nada para ver. Baixamos os olhos para as dez bolsas orgânicas cheias de vísceras se agitando.

— Tudo seu — disse Bola. — Eu estou encarregado da pichação. — E, dizendo isso, seguiu na direção da mangueira, nariz empinado.

Eu me forcei a me aproximar das dez bolsas, que pulsavam no gramado como embriões mutantes. Me debrucei sobre o mais próximo. Pulmões roxos se inflavam junto à película translúcida; um estômago viscoso se inchou, como uma ondulante bolha vermelha; mais para o fundo via-se uma poça de intestinos se contorcendo. Tudo isso boiava dentro de uma gosma pegajosa.

Lentamente, saquei o Gato 6, toquei a bolsa com a ponta e empurrei de leve.

A lâmina perfurou a película com um som flatulento, e um líquido cor de mostarda espirrou no meu braço. Aquilo fedia a carne podre. Meus olhos começaram a lacrimejar. Por um instante pensei em ir embora e pronto, mas, antes mesmo que eu soubesse o que estava fazendo, enfiei a espada com tanta força que ela atravessou a bolsa e se cravou na terra.

A bolsa se abriu ao meio com o gemido estridente de um balão de gás sendo

perfurado, e os órgãos se derramaram para fora em um emaranhado multicolorido. No segundo em que tocou a grama, a pele translúcida derreteu e virou um gel fétido. As tripas chegaram mais longe, se expandindo em torno dos meus tênis. Eu recuei, com nojo. Então, um vislumbre de movimento captou meu olhar: todas as formigas, insetos e minhocas que viviam naquele trecho de solo estavam fugindo. Não queriam nada com a doença que se infiltrava em seu mundo.

Avaliei a sujeira. A bolsa marrom era um estômago, e a coisa verde e grande devia ser um fígado. Mas como diabos eu ia reconhecer a vesícula?

Um estrondo metálico ressoou dentro da casa.

Bola e eu nos entreolhamos. O medo dele era anunciado pelo tanto que exibia do aparelho. Ele começou a esfregar a parede freneticamente com a camisa molhada, deixando ambas cor-de-rosa. Voltei a olhar para as entranhas esparramadas e tentei vasculhar os órgãos com o Gato 6. Mais ruídos vieram da janela do segundo andar, dessa vez passos pesados e corpos em algum embate. Não havia tempo para fazer uma autópsia cuidadosa: caí de joelhos, afundando a calça jeans naquela gosma coagulante. Respirei fundo e enfiei as mãos nas vísceras quentes.

As entranhas não gostaram de serem tocadas. Cuspiram sucos ácidos que queimaram minha pele. Pequenas costelas atacavam as pontas dos meus dedos como tesouras. Uma rede de vasos sanguíneos envolveu meu antebraço e apertou com dolorosa ferocidade. Todos os órgãos gritavam, em uma raivosa voz diminuta. E eu continuava remexendo com dedos furiosos, procurando uma surpresa escondida em cada pedaço escorregadio de carne.

Soube que tinha encontrado a vesícula biliar assim que a toquei. Fervia de quente. Quando a puxei da gosma, os vasos sanguíneos trolls que agarravam minha mão arrebentaram e o restante das entranhas parou de se remexer, gemendo em tons sofridos de perda. Ergui a vesícula no ar, vitorioso. Era do tamanho de uma bola de golfe, da textura de espinafre molhado e rolava na minha mão como se estivesse cheia de vermes. Peguei o saco e joguei a maldita coisinha laranja lá dentro. Agora só faltavam mais nove.

De algum lugar no segundo andar da casa veio o som de madeira sendo quebrada. Eu me encolhi, tenso, enquanto Bola se jogou no chão como se estivesse sob tiroteio. Um bebê começou a chorar; esperei ver a luz da janela do quarto dos pais se acender, mas logo lembrei que as outras pessoas na casa tinham sido sonulfadas. A vitória dependia dos caçadores de trolls.

Com um grito de guerra que saiu mais agudo do que eu pretendia, troquei o

Gato 6 pela Claireblade e abri a bolsa de órgãos seguinte. Em segundos, a vesícula estava nas minhas mãos; instantes depois, no saco. Lá fui eu, enfiando a espada e abrindo as bolsas e esparramando vísceras e pegando: três vesículas, quatro, cinco, seis, sete, oito. Respingos de entranhas sujavam a parede da casa, e chamei Bola para limpar aquilo também. Da janela do segundo andar veio um farfalhar agitado de asa de morcego: a carne frouxa de Casca-Ocas sendo detidos enquanto faziam seja lá o que estivessem fazendo com o bebê. Rasguei a nona bolsa com um golpe de espada hábil, quase admirável. A vesícula saltou para o topo das entranhas, como se já se rendesse.

O caos irrompeu. Os caçadores de trolls tinham arrombado o quarto do bebê. Luzes se acenderam, e iniciou-se uma batalha. Ouvi o arfar pesado de Jack, o rugido de RRRÁÁÁ!!!, os roncos fervorosos de Pisca-Pisca. Os Casca-Ocas não emitiram outro som além de um ruído de corda sendo esticada, que era o ruído da pele do corpo em movimento — afinal, tinham deixado a garganta lá embaixo, comigo.

Algum instinto, o mesmo que me fez memorizar as técnicas de luta de Jack, me disse que estávamos perdendo. Havia pouca finalização nos golpes de espada de Jack e demasiados ganidos de surpresa por parte de RRRÁÁÁ!!!. Os Casca-Ocas tornaram-se mais barulhentos conforme agitavam a pele em uníssono. Mas era a ausência de um ruído o que me perturbava mais.

O bebê tinha parado de chorar.

Larguei o saco cheio de vesículas e corri para a porta dos fundos.

— Você ficou doido? — gritou Bola.

Joguei o Gato 6 para trás sem nem me virar, e ela se cravou na grama aos pés de Bola.

— Use isso se algum deles sair — gritei para ele.

— *O quê?* Tinta, Jim! Só estou autorizado a limpar a tinta!

Eu avançava rápido pelo interior da casa, mas mesmo assim os ambientes escuros me davam um calafrio como se eu estivesse em um mausoléu. O zumbido da geladeira, as poltronas vazias e os controles remotos espalhados de forma aleatória, tudo assumia um significado mortal. Aqueles seriam artefatos dos mortos se eu não me apressasse. Encontrei a escada, subi de três em três degraus e cheguei ao quarto do bebê em segundos, irrompendo pela porta com as duas mãos segurando firme a Claireblade.

As paredes eram pintadas de um amarelo-claro, com desenhos de pandas cor-de-rosa aplicados. Esse detalhe eu percebi mesmo enxergando bem pouco da parede. Metade do quarto era tomado por uma pelagem escura: RRRÁÁÁ!!!,

que parecia ainda maior por estar confinada em um espaço tão limitado. Não tinha me ocorrido que no mundo humano seu tamanho podia ser uma desvantagem, mas o fato era que o ambiente apertado reduzia sua velocidade, enquanto os Casca-Ocas a mordiam como cães raivosos.

Jack e Pisca-Pisca estavam se saindo melhor. Contei cinco Casca-Ocas mortos, retalhados no chão como trapos. Os outros combatiam energicamente, as garras colidindo contra as rodopiantes espadas de Jack como se tocassem xilofone. Mesmo com o rosto oculto pela máscara, reconheci a arrebatada explosão de energia que é única dos adolescentes de treze anos. Pelo mais breve dos instantes tive um vislumbre do garoto que Jack poderia ter sido se ao menos tivesse tido a chance de levar uma vida rebatendo bolas no campo de beisebol em vez de atacando inomináveis criaturas do mal.

Com a lateral da espada, Jack derrubou um Casca-Oca no chão. No mesmo instante, um dos tentáculos de Pisca-Pisca se projetou e apertou o troll com tanta força que lhe rasgou a pele. Foi uma morte instantânea e sem sangue. Seis mortos; faltavam quatro.

Mesmo sem gargantas, os Casca-Ocas restantes podiam falar, emitindo um chiado baixo, e, com o medalhão ainda no pescoço, eu entendia tudo. Não eram diálogos. Era o cântico ritual de um culto fanático, a repetição de duas palavras assustadoras:

Trocar bebê.

Trocar bebê.

Trocar bebê.

O berço tinha sido afastado da janela, sendo usado como barreira para proteger uma dupla de Casca-Ocas. O próprio berço estava vazio. Os dois trolls estavam com o bebê. Colei as costas em uma parede e comecei a contornar o quarto, chutando para o lado brinquedos com cores de bala. Ninguém tinha dado pela minha presença até então. Quando alcancei o berço, me debrucei para dar uma olhada.

Um dos Casca-Ocas tinha envolvido o bebê com sua pele vazia, e um néctar pálido expelido pelos poros do troll tinha coberto a criança dos pés à cabeça. Antes que eu fechasse a boca escancarada em assombro, o neném adormecido deslizou da gosma e aterrissou de costas no chão, mas o néctar estava enrijecendo: o troll tinha feito uma espécie de molde do bebê. Inclinei o corpo ainda mais e vi veias e nervos começando a brotar e se entrelaçar no espaço em forma de bebê que se abria no interior do néctar. Nódulos de órgãos estavam se formando, como cachos de uvas. Uma medula óssea rósea já começava a se

estruturar a partir de osso branco e ser coberta com uma pele pálida elástica.

Estavam forjando um bebê troll para deixar no lugar do bebê verdadeiro.

O segundo Casca-Oca estendeu os braços delgados, ergueu a criança verdadeira pelos pés e começou a levá-la à boca aberta. Não restavam órgãos no interior do troll, ou seja, ele pretendia levar o bebê embora dentro do próprio tronco vazio.

Chutei o berço para o lado e fiz a Claireblade atravessar o moéler do segundo troll, que emitiu um grasnado agonizante e largou o bebê. Por instinto, deixei a Claireblade cair no chão e me lancei para pegar o bebê. Ele aterrissou nas minhas mãos, abrindo a boca de forma que os lábios atravessaram a película de secreção que ainda cobria seu corpo. Segurei-o junto ao peito, não só aliviado por tê-lo salvado mas também extasiado por ter matado um troll. Jack tinha razão: eu realmente *adorei* aquilo.

O Casca-Oca que fizera o molde se comprimiu junto à parede, acuado. Peguei a Claireblade do chão e ataquei, mas ele foi rápido demais: avançou na minha direção e, usando a lâmina como degrau, saltou o berço. A espada continuou seu movimento e cortou o bebê falso ao meio.

Foi a coisa mais apavorante que eu vi até então. Fatias de pele tentavam em vão cobrir as entranhas expostas. Os órgãos da cavidade torácica, meio humanos e meio trolls, agarravam-se uns aos outros como gatinhos cegos recém-saídos da bolsa amniótica. A única parte do corpo completa, a mandíbula superior, mordiscava inutilmente o ar, já que não tinha dentes. Os olhos, porém, eram puro troll: órbitas pretas que não piscavam e me olhavam com raiva, com expressão acusadora. O crânio humano semiformado revelava o cérebro troll oculto por baixo, uma coisa verde e brilhante pontilhada de nódulos que se contorciam.

Eu estava gritando quando o matei. Era uma abominação; aquilo tinha que ser feito. Mas o bebê falso já tinha dominado a voz humana e chorava enquanto eu o cortava em pedaços cada vez menores, segurando o verdadeiro no outro braço. No fim, meu corpo tremia tanto que deixei a Claireblade cair.

O berço foi derrubado, e vi Jack surgir à minha frente. Seus óculos refletiam minha imagem, paralisado e salpicado de sangue. Ele embainhou a espada, sacou a ferradura e a aproximou do rosto do bebê.

— Ele não é… — comecei.

— Cala a boca.

Ele respirou fundo, trêmulo. Vi seu punho se fechar em torno do cabo da cimitarra. Então ele encostou a ferradura na testa do bebê, que contorceu o rosto, aborrecido. Com um suspiro de alívio, Jack guardou a ferradura no interior da

armadura e, em seguida, me pegou pela frente da camiseta.

— Cadê o último? — perguntou ele.

Confuso, olhei ao redor do quarto e vi nove Casca-Ocas mortos, entre eles o que eu havia perfurado. Então me lembrei vagamente do que tinha desviado da minha espada e escapado.

— Acho que… ele foi…

Olhei para a janela aberta.

Jack soltou um palavrão e saiu correndo do quarto. RRRÁÁÁ!!! cuspiu uma espuma quente e disparou atrás dele, curvando os ombros enormes para conseguir passar pela porta, mas mesmo assim as pontas dos seus chifres deixaram rabiscos na pintura amarela. Senti um puxão nos braços — dois tentáculos de Pisca-Pisca estavam pegando o bebê, com tanta segurança e cuidado que não me opus. Dois outros tentáculos se juntaram, ajudando a mexer o bebê delicadamente enquanto um quinto limpava as secreções de troll com uma toalha. O neném riu e segurou os pés com as mãozinhas gorduchas.

Recuperei a Claireblade e comecei a sair do quarto do bebê, de costas, observando, impressionado, doze outros tentáculos em ação: empurrando o berço de volta para o lugar, arrumando os brinquedos que haviam sido espalhados durante a luta, reerguendo o abajur caído, recolocando fotos em porta-retratos e sei lá mais o quê. Eu teria pensado que jamais havíamos passado por lá não fosse pela sensação terrível de ter falhado.



23.

A normalidade do quintal me surpreendeu. Havia luvas de jardinagem reforçadas penduradas preguiçosamente em uma cadeira. Um céu limpo pontilhado de estrelas zumbia com o avanço distante de aviões de olhos vermelhos. Dois cães no quarteirão batiam papo, cada um em seu quintal. Até a grama aos meus pés tinha reconquistado seu território: as pilhas de entranhas haviam se dissolvido, deixando dez manchas de umidade não mais ameaçadoras que orvalho.

Os atores que se viam no momento naquele palco tranquilo pareciam ter entrado sem querer na peça errada. RRRÁÁÁ!!! estava parada junto à cerca, girando a gigante cabeça chifruda de um lado para o outro à procura do Casca-Oca fujão. Luzes dos postes refletiam nas bainhas duplas de Jack à medida que ele contraía e expandia o tórax, respirando furiosamente. Até Bola parecia deslocado: tudo bem, ele era um garoto normal, mas o cabelo ruivo-laranja estava tão desgrenhado que parecia uma peruca de palhaço, e ele agarrava junto ao peito a camiseta suja de tinta vermelha. Bola me lançou um olhar desamparado.

— Foi muito rápido — defendeu-se ele.

— Tudo bem — falei. — Foi só um.

— Você não sabe *nada* — resmungou Jack.

— Mas, tio Jack, matamos nove deles! — Achei que o título formal poderia ajudar.

— E o saco de vesículas? Você esqueceu? Não matamos nenhum.

Eu me senti afundar. Olhei para Bola, que deu de ombros.

— Ele desceu voando, pegou as tripas e levou o saco. O que eu podia fazer?

— Isso não é responsabilidade do seu amigo — repreendeu Jack. — Ele *não* é um caçador de trolls.

— Foi só um — insisti.

— Esse "só um" vai falar com Gunmar. Vai contar a ele sobre nós. Sobre *você*.

— Olhe, eu sinto muito…

— Eu falei para você ficar *aqui*. Por que não me escutou?

— Mas eu achei que vocês estivessem precisando…

Jack arrancou a máscara do rosto e se virou na mesma hora para mim.

— Quem foi que lhe pediu para pensar? Não pense. *Escute*. Que foi, acha que é só a sua vidinha preciosa que está em jogo aqui? Está com medo de não passar na prova de matemática? De estragar a sua peça idiota? Pode haver outra *guerra*. Dezenas, centenas de mortes, mais do que você pode imaginar. Trolls que, para você, podem não valer mais que o cocô de cachorro no seu sapato, mas que por acaso são meus *amigos*. Humanos também, pessoas que você conhece. Isso piora as coisas? Temos uma semana, Jim. *Uma semana*.

O chão tremeu. Nós três nos viramos e vimos RRRÁÁÁ!!! de joelhos. Jack disparou até ela. Fui atrás dele, mas tropecei nos meus próprios pés. Bola me segurou pelo ombro ensanguentado. Gemendo de nojo, ele pôs o Gato 6 na minha mão para limpar a gosma de troll da calça. Logo chegamos ao lado de Jack, que estava ao lado da amiga agachada. Por algum motivo que não entendi, ele havia sacado as duas espadas.

A postura de RRRÁÁÁ!!! estava destroçada: as costas poderosas sofriam espasmos de dor e o pescoço estava tão fraco que os grandes chifres pesavam na cabeça. Dei um passo à frente, na esperança de confortá-la.

Jack me deteve com a ponta da Dr. X.

— Não chegue mais perto.

Eu tinha cometido alguns erros, mas isso não lhe dava o direito de fazer ameaça direta com uma arma. Estava me preparando para protestar quando percebi uma caixa de papelão jogada em uma pilha de grama aparada. Compreendi de imediato, e meus ombros doloridos se curvaram ainda mais. Comecei a me afastar até uma distância segura, com Bola tentando me impedir a cada passo.

O Olho da Malevolência estava preso ao rosto de RRRÁÁÁ!!!. Os filamentos que se contorciam tinham penetrado nos orifícios da troll e descido por sua garganta em tranças vermelhas, que espiralavam pelas narinas e penetravam sob as pálpebras. Apertando com ainda mais força o cérebro de RRRÁÁÁ!!!, o Olho tinha se achatado em uma forma oval gelatinosa que borbulhava como um batedor de ovo. A espinha de RRRÁÁÁ!!! se curvava em agonia sob o couro peludo.

— Tire isso! — falei para Jack. — Ela vai morrer!

Os músculos de Jack se tensionaram, mas ele não se mexeu.

Bati o Gato 6 na Claireblade. Jack se encolheu, só um pouco.

— Eu mesmo vou tirar! — gritei. — Sai da frente!

As pernas que pareciam troncos de árvores se ergueram, e então RRRÁÁÁ!!! ficou de pé, as patas viradas para cima, como se segurasse dois planetas, a

cabeça jogada para trás. De onde eu esperava um uivo, saiu um riso em múltiplas oitavas, cacofônico como um rebanho de elefantes trombeteando. Os chifres curvos acertaram o galho de uma árvore, que explodiu em lascas de madeira. Jack mantinha as espadas em riste enquanto os estilhaços retiniam na armadura de metal.

RRRÁÁÁ!!! virou a cabeça na minha direção. O Olho da Malevolência pulsou de prazer, e a íris verde-alaranjada se abriu em um bocejo cheio de dentes.

— *SSSSSSSSSSTURGESSSSSSSSSSS.*

Era a voz embargada de quem tinha passado décadas sem falar. Gunmar, o Sombrio, o Faminto, me viu, me cheirou, desejou me devorar. De algum lugar no vazio da pupila, ouvi o estalo forte de madeira; sabia que era um golpe de seu braço. Ele estava ávido para acrescentar mais alguns traços de marcas de conquista e, por mais que preferisse fazer isso com as próprias mãos, ainda não tinha se fortalecido o bastante, por isso ia apenas usar sua marionete de quatro toneladas.

Uma das patas de RRRÁÁÁ!!! tentou nos alcançar, grande como um ônibus. Só a rajada de ar que o movimento provocou já nos derrubou, antes mesmo que a pata propriamente dita chegasse. Bola e eu agarramos um ao outro no chão, assustados demais para gritar.

A pata não chegou a nos alcançar. Gunmar berrou pela boca de RRRÁÁÁ!!!. Bola e eu fugimos engatinhando e vimos Jack retirar sua espada da panturrilha de RRRÁÁÁ!!!. Os pelos da nuca da troll se enrijeceram e ela se virou para meu tio, exibindo dentes pontiagudos, mas, quando viu o garoto brandindo a arma corajosamente, ela desistiu. Seus dois punhos se cerraram e pousaram no chão. Em seguida, ela se sentou no galho quebrado da árvore e relaxou o corpo. Bola e eu quase demos um salto com o impacto.

O Olho da Malevolência inchou e estremeceu como massa de pão. As dezenas de veias que envolviam o crânio de RRRÁÁÁ!!! se retraíram, libertando-a da conexão. O Olho estremeceu por alguns segundos e então caiu, quicou no chão uma vez e saiu rolando na grama bem cuidada até, enfim, parar. RRRÁÁÁ!!! enfiou o rosto exaurido entre as patas enormes. Jack embainhou as espadas, levou as mãos ao pescoço da amiga e sussurrou algo em seu ouvido. O silêncio nas ruas em volta era tão absoluto que eu ouvi o que ele disse:

— Desculpe. Não cortei fundo. Foi de leve.

— Meninos humanos. Queria na barriga. Vergonha.

— Shhh — fez Jack. — Eu não deixaria que você os machucasse.

— Sem querer! — exclamou RRRÁÁÁ!!!.

— Me conte o que você viu — pediu Jack, acariciando o pelo úmido da amiga. — Antes que esqueça.

— Casca-Oca foi Gunmar. Gunmar mandar mais. Gunmar encontrar combustível. Combustível Máquina.

Mesmo à luz débil, notei que o rosto de Jack empalideceu.

— A Máquina? Mas nós destruímos a Máquina. Eu estava lá, eu vi.

— Gumi-Gumos esforço. Gumi-Gumos conserto. Meninos humanos certos. Killaheed dá força. Muito triste. RRRÁÁÁ!!! muito triste.

Ainda sentado na grama, lancei uma pergunta:

— O que é a Máquina?

A expressão de temor de Jack me enervava, mas ele deu de ombros.

— Nada. Não se preocupe com isso. O importante é que RRRÁÁÁ!!! confirmou tudo. E não é nada bom. Esses trolls que enfrentamos hoje? Isso não foi nada. Gunmar vai continuar mandando mais deles, toda noite, para nos manter ocupados enquanto espera a Killaheed ficar pronta. É um plano perfeito, e temos que saber como agir. Se os Gumi-Gumos estão por aí reunindo combustível para a Máquina…

Mas ele parou por aí. Procurou consolo observando as casas, as cercas, as ruas, todos os reconfortantes ângulos retos da vizinhança pacata. Por fim, enfiou as espadas no gramado com o rosto vermelho de raiva, como um bom garoto de treze anos.

— Por que tudo tem que ser tão difícil?

O silêncio que se seguiu teria sido insuportável se Pisca-Pisca não tivesse escolhido aquele momento para se aproximar. Com um único tentáculo, ele levantou Bola e a mim do chão, e em seguida, com movimentos breves, pegou o Olho da Malevolência caído na grama, apanhou a caixa de papelão e o guardou para nos poupar daquele olhar vidrado. Depois de enfiar a caixa na pelagem de RRRÁÁÁ!!!, começou seu relato animado:

— O quarto do bebê está imaculado. Até mais bonito que antes, se querem saber. Não resisti e rearrumei alguns elementos para que o ambiente adquirisse um fluxo melhor. Vocês não acreditariam nas maravilhas de que é capaz um mero reposicionamento estratégico da mesinha de cabeceira! Realmente creio que estou na profissão errada.

Pisca-Pisca esperou as adulações, mas o que obteve foi a visão de um quarteto exausto, emudecido por uma noite de derrotas. Ele suspirou e olhou para o horizonte recortado por uma linha laranja.

— Já tivemos dias piores — disse ele. — Vamos. Temos que levar esses garotos para casa.

Jack precisou fazer um pouco de força para retirar as espadas da terra. Atendendo ao sinal dele, RRRÁÁÁ!!! se levantou, apoiando o peso um pouco mais na perna direita. Pisca-Pisca foi na frente, na direção da ponte, e os outros o seguiram, cambaleantes. Eu me demorei um pouco, para segurar Jack pelo braço. A teia de espirais de cadernos engoliu meus dedos.

Jack me encarou com olhos injetados.

— Por quê? — perguntei. — Por que você está me arrastando para isso?

A resposta de Jack foi tão baixa quanto o som de arbustos farfalhando à brisa noturna:

— É terrível, não é? Ser arrastado para as profundezas?



24.

Acordei antes de Bola. Deixei-o estendido na minha cama ao lado de Jim Sturges Jr. II: a Isca, escondi minhas roupas arruinadas em uma bolsa de educação física e fui de mansinho até o banheiro. Enquanto eu me ensaboava no banho, o medalhão batia de leve no meu peito. Tentei ignorar. A água rodopiava em torno dos meus pés em correntes pretas de lama e alaranjadas de sangue. Fiquei vendo aquilo tudo escorrer pelo ralo, rumo a outro mundo.

Só de pensar em cereais de café da manhã fiquei enjoado. Em vez de flocos de milho amolecendo no leite no fundo de uma tigela, eu via em minha mente intestinos retorcidos de Casca-Ocas. Nem fui à cozinha. Abri as dez trancas da porta da frente e mergulhei na luz do dia, engolindo ar fresco na esperança de que acalmasse meu estômago. Meus braços pendiam ao lado do corpo, como se cada um segurasse uma ferradura. Sentei pesadamente nos degraus sob as câmeras de segurança, abracei os joelhos e me perguntei quanto tempo eu conseguiria ficar ali sentado antes de voltar correndo para conferir cada fechadura.

Papai surgiu vindo do jardim, o que me surpreendeu. Estava com sua roupa de trabalho para aparar grama: luvas, camisa manchada, calça velha e botas com bico de aço. Felizmente, ainda não tinha colocado as partes mais ridículas do figurino — óculos, máscara e redinha de cabelo —, o que me permitia uma rara oportunidade de levá-lo a sério. Ele hesitou, como se estivesse igualmente surpreso em me ver. Em seguida, tirou as luvas, enfiou-as no bolso traseiro da calça e sentou ao meu lado na escada.

Seu irmão, pensei. *Seu irmão está vivo*.

Mas eu não podia dizer isso. Como era possível que fosse verdade? Como aquele garoto esbelto e intrépido do mundo inferior podia ser irmão daquele careca que colecionava rugas de preocupação e remendava os óculos com Band-Aid?

— Um pouco atrasado hoje — disse ele.

— Desculpe.

— Não você. Eu. Meu aparador estava emperrado. Acabei de passar duas horas futucando o negócio com uma chave de fenda. Mas já vou sair. Quer ir comigo? Hoje vai ser o parque Joseph A. Kearney. É uma boa chance para você

treinar dirigir um pouco a van.

— Não sei. Estou muito cansado.

— É. Imaginei.

Permanecemos sentados em silêncio por um minuto. Fiquei olhando de esguelha para seu perfil enquanto ele via a vida seguir em sua normalidade. Garotinhas andando de bicicleta, tocando a buzina. Um adolescente lavando o carro na calçada um pouco adiante. Na rua de trás, algumas marteladas: um novo deque, talvez uma casa na árvore se as crianças estivessem com sorte.

— Acho que precisamos ter uma conversa — disse papai.

Essa frase teria me deixado apavorado se eu não estivesse esgotado.

— Sobre o quê?

— Jimmy… — Ele apontou para trás por cima do ombro. — A cozinha.

Fazia séculos que eu e Bola encontráramos os trolls na cozinha. Tentei fazer uma recapitulação mental dos estragos, mas eram demais: o ventilador de teto destruído, o micro-ondas calcinado, as pilhas de pratos quebrados.

— Papai, eu…

— Eu sabia que isso ia acabar acontecendo. Até quando eu pretendia manter meu garoto preso como um rato antes que ele tentasse fugir? Sabe, eu queria ter mais filhos. Quatro, era esse o número que eu tinha decidido. Duas meninas, dois meninos, para que nenhum deles jamais tivesse que ficar sozinho. Mesmo quando as coisas ficaram feias entre sua mãe e eu, não deixei de insistir com ela. Acho que não posso culpá-la por dizer não. Ter mais filhos não é um jeito de salvar um casamento. Mas acho que àquela altura eu não estava tentando salvar meu casamento, estava tentando salvar você. Conheço os dois lados, sabe? Tive um irmão. Depois virei filho único. Sei a diferença entre os dois. E meio que sinto que roubei isso de você. Ter alguém nos momentos em que não posso estar presente. Que são muitos. Sei disso.

— Pai… — Eu só sabia dizer isso.

— Com um irmão você faria bagunças piores do que essa da cozinha, ora. É impossível ter dois garotos e as coisas não quebrarem. Pegarem fogo. Explodirem, até. — Ele virou os óculos para as nuvens e riu. — Você nem imagina o que Jack e eu aprontávamos. Sério, você não ia acreditar. Na época, tinha uns kits de química para crianças, foguetes que eram acesos com fogo. Deveriam ser vendidos com torniquetes e o endereço do hospital mais próximo. E não havia capacetes para bicicletas. Nem trancas nas portas. — O sorriso dele desapareceu. — Não sei. Talvez tivesse.

— Eu vou limpar tudo.

Essa promessa saiu com uma intensidade que me espantou. E eu ia *mesmo* limpar, ia deixar a cozinha mais limpa que nunca, e ia de bicicleta até a loja para comprar pratos novos, esfregão novo, alguns produtos de limpeza e um ventilador de teto, que eu ia pagar a prestações, e ainda chamaria um técnico para instalá-lo. E, quando papai terminasse o serviço aquele dia e chegasse em casa, ensopado de suor e salpicado de pontinhos de grama, ia recuperar o ânimo, as energias renovadas ao ver o sucesso que seu filho podia ser quando se dispunha a fazer algo.

Papai deu de ombros, indiferente.

— Já limpei — disse ele. — Não se preocupe. É semana de festival, quero que você se divirta. Esbarrei com a sra. Leach na loja de ferragens hoje de manhã. Por que você não me contou que conseguiu o papel principal na peça? Quer dizer, eu sei por quê. Ensaios até tarde da noite. Você teve medo de que eu não deixasse. Bem, eu *deixo* você fazer isso. Não vou mentir, fico nervoso com a ideia. Quase cortei a mão no aparador de grama hoje de manhã pensando nisso. Mas é a *minha* mão. O que é seu é seu.

Pela primeira vez naquela manhã ele me encarou. Havia uma nova linha pontilhada de cascas de feridas no canto esquerdo de seus lábios, a trilha do sonulf que passara a noite anterior dormindo dentro de seu estômago: *Sluuuurp. Sluuuurp. Sluuuurp. Sluuuurp.* Era minha culpa que papai tivesse sido submetido àquilo. Senti nas costas o peso de tudo que sabia.

— Quero que você esteja maravilhoso nessa peça, Jimmy. Quero que seja grande em alguma coisa. Ah, droga, se isso for pressão demais, quero só que você se divirta. — Seu sorriso vacilou, mas ele insistiu em mantê-lo. — Não fique na rua até tarde. Quer dizer, não fique até mais tarde do que o necessário. Não vou brigar com você por causa disso. Não esta semana. Talvez não na próxima. O que quero dizer, Jimmy, é que estou tentando, sabe? Estou começando a tentar.

Olhei para o sol, na esperança de que as lágrimas que brotavam voltassem para os olhos em vez de escorrer pelo rosto. Nessa pose, assenti. Pela visão periférica, vi papai erguer a mão como se fosse me dar um tapinha reconfortante nas costas. Parte de mim rezou para que ele não fizesse isso, pois as lágrimas iam rolar como bolas de gude. Outra parte queria que ele fizesse, sim.

Papai se levantou, pegou as luvas do bolso e bateu com elas nas coxas para limpar a grama grudada. Então ajustou os óculos. Pensei que aquele Band-Aid na altura da têmpora representava, de certa forma, uma espécie de coragem, pois se agarrava aos óculos com a mesma tenacidade com que papai se agarrava a

suas responsabilidades diante de uma vida inteira dominado pelo medo.

No minuto seguinte ele saiu de ré da garagem na van da San Bernardino Electronics. Deu uma buzinada rápida para mim ao chegar à rua. Só quando ele saiu — observando o limite de velocidade, é claro — é que a porta de tela às minhas costas se abriu com um crocitar de corvo.

Bola desceu os degraus da entrada a passos pesados, como se seu corpo fosse feito de partes de cadáveres costuradas. Passou por mim cambaleante, parou com as pernas afastadas e se espreguiçou enquanto bocejava. Sua camiseta manchada de rosa se esticou ao máximo nas costas largas.

— Você… ai… Você teve uma boa… ai… uma boa conversa com o seu… Dói tudo!… com o seu pai?

Dei de ombros. Ele olhou para mim, depois para o degrau onde eu estava sentado, mas, aparentemente, desconfiou que os músculos das pernas não suportariam a pressão de baixar o peso do corpo, então ficou parado ali como um espantalho cheio demais, oscilando à brisa que soprava. Esperei a torrente de palavrões que espelhariam meus próprios sentimentos: precisávamos instalar barras de ferro no chão embaixo da minha cama, qualquer coisa capaz de impedir que os caçadores de trolls voltassem.

Mas não. Seu rosto gorducho e com marcas de travesseiro se abriu em um sorriso malicioso.

— Que noite mais louca, hein? Quer dizer, não teve nenhuma garota envolvida, mas mesmo assim… Esperei quinze anos pela chance de usar essa expressão. *Noite louca*, não foi?

Balancei a cabeça, me sentindo péssimo.

— Não posso fazer isso, Bola.

— Pode sim. Você *fez*. Nós dois fizemos. Claro, não arrebentamos, mas nem tinha como, né? Quer dizer, vai levar mais de uma noite para a gente evoluir direito de um bastão de beisebol e um taco de hóquei para duas espadas retorcidas. Você acha que eles me dariam uma se eu treinasse? Tipo, se eu demonstrasse o que consigo fazer?

— Qual o seu problema?

— Quê? Não tem nada de errado comigo. Você é que está com cara de acabado.

— Bola, acorda. Não podemos fazer o que eles pediram.

— Jim… — Bola sorriu, mas o sorriso morreu quando ele viu a frieza em meu rosto. — Jim, não faça isso comigo.

— Com você? Eu estou fazendo alguma coisa com você?

— Eles vão voltar hoje à noite. Foi o que disseram. E nós vamos ajudar.

— Essa decisão não cabe a você.

— Ah, não?

— Você ouviu o que eles disseram. Você não é um caçador de trolls.

Bola fechou a boca de metal. Uma cor vermelha começou a subir pelo seu pescoço.

— Você está sendo bem babaca, Jim. Me tratando assim.

— O que você quer que eu diga? "Uhul, vamos lá ser mortos"? Eu não traduzi o suficiente para você ontem à noite? Eles estão falando de guerra. Guerra de verdade. Uma coisa chamada a Máquina. Você e eu não fomos feitos para isso. Isso é demais para nossa cabeça.

— Nossa cabeça? Algum dia já se importaram com a nossa cabeça antes dessa história? Jim, você está enganado. Nós *fomos* feitos para isso. Era exatamente isso que estávamos esperando. Eles escolheram a *nós*. Dentre tantos garotos! Nós!

— Nós, não. Eu é que fui escolhido.

— Isso significa que todas aquelas vezes que eu disse a você que nós não valíamos nada…

— Eu nunca disse isso. Fale por você.

— Então tá! — exclamou ele, com o rosto escarlate. — Só eu! Sou eu não valho nada! Meu Deus, Jim, olhe só para a minha vida! Você sabe o que eu valho? Para as outras pessoas? Nada! Sou um gordo fracassado e sempre vou ser. Ou era, até agora. Isso é como um presente. Cheio de, sei lá, cara… esperança? Sei que parece brega, mas juro que é como me sinto.

— É fácil para você dizer isso. É meu pescoço que está em jogo.

A voz de Bola explodiu:

— *Eles não vão me aceitar sem você!*

Por cima do ombro de Bola, do outro lado da rua, vi um homem com fita adesiva e um punhado de folhetos erguer os olhos na direção do barulho que estávamos fazendo. Ele estava prestes a colar um folheto em um poste, mas desistiu e foi na nossa direção. Resmunguei. A última coisa que eu queria naquele momento era um vendedor. O idiota nem olhou para os lados antes de atravessar a rua.

— Desculpe interrompê-los, garotos, mas…

— Não é um bom momento — murmurou Bola.

— Sinto muito. Só queria perguntar se vocês viram minha filha.

— Acabamos de acordar — disse Bola. — Não vimos ninguém.

— Ontem à noite, talvez. Talvez vocês tenham saído ontem à noite e visto…

— Escuta, cara…

Bola se virou rapidamente, pronto para soltar os cachorros no sujeito, mas o sermão morreu antes de chegar à boca. O homem tinha quarenta e tantos anos, um cavanhaque pintado de preto e olhos vermelhos e cansados. A lateral do sapato estava suja de cocô de cachorro, mas ele parecia não se importar. Todos os sinais sugeriam que ele estava na rua havia horas, procurando pela vizinhança.

O homem estendeu um dos folhetos com a mão trêmula. Nele havia o retrato xerocado de uma menina de oito anos com óculos roxos, rosto meigo e um sorriso no qual faltavam pelo menos três dentes de leite. As doze letras maiúsculas em negrito acima da cabeça deviam ter sido as piores que os pais já digitaram:

DESAPARECIDA

— Há uma recompensa — disse o homem, num tom mais alto, indicando que não acreditava na bondade inerente das crianças, só na necessidade permanente por grana.

Bola pegou o folheto.

— Qualquer coisa a gente avisa — murmurou.

O homem forçou um sorriso cheio de vincos, assentiu com a cabeça e foi embora, ainda assentindo, as mãos amassando sem querer a foto da filha. Seus ombros relaxaram quando ele voltou ao poste telefônico do outro lado da rua. Era mais fácil, parecia, pregar suas esperanças em madeira inanimada do que nos caprichos de adolescentes preguiçosos que só pensavam em si mesmos.

Bola encarou os pés por alguns segundos antes de erguer o rosto com um olhar furioso.

— Não nos decepcione, Jim. Não ouse.

Ele enfiou o rosto da menina na palma da minha mão e foi embora aborrecido.



25.

Os *Ğräçæĵøıv̆ő́d’ñů́ý* eram uma raça de trolls tão nefasta que mesmo o nome deles era uma agressão, difícil de escrever e impossível de pronunciar, uma monstruosidade cheia de letras que enredava o mais eloquente dos estudiosos trolls em nós de fracasso e medo tão grandes que eles eram mortos antes mesmo de soar o primeiro clangor da batalha. Mas a característica que mais ressaltaram quando foram me alertar sobre eles durante a jornada daquela noite, por entre tábuas de assoalho e esgoto e pontes, foi o sentido do olfato desses trolls, sem paralelo na história do mundo. Bastava uma única fungada para eles gravarem para sempre a assinatura do seu cheiro no lobo temporal. Era por isso que os *Ğräçæĵøıv̆ő́d’ñů́ý*, mais que qualquer outra espécie de trolls, precisavam ser erradicados em batalha. Se um único espécime escapasse, compartilharia com os outros em seu covil o odor da pessoa, cuja casa seria invadida em questão de horas.

Os *Ğräçæĵøıv̆ő́d’ñů́ý* eram atraídos por áreas repletas de detritos e ferro-velho. Portanto, naquela noite íamos encontrá-los no futuro campo de batalha Empório da Sucata. Mas não era apenas a deterioração física o que atraía os *Ğräçæĵøıv̆ő́d’ñů́ý*. Eles procuravam barracos de sem-teto, orfanatos, hospitais psiquiátricos, lares para idosos, unidades de tratamento de pacientes terminais — ou seja, qualquer lugar em que pudessem se aninhar no frio revigorante dos sonhos perdidos.

O Empório da Sucata era um duplo atrativo: além de ser a mais ampla concentração de ferro-velho em toda San Bernardino, ficava ao lado do Sorrisos de Luz e Amor, um asilo barato e de péssima reputação. Ambulâncias faziam viagens ao Sorrisos de Luz várias vezes por noite e muita gente acreditava que o lugar fosse uma fachada para a venda de metanfetamina. Os *Ğräçæĵøıv̆ő́d’ñů́ý* operavam infectando pulmões fracos ou velhos com venenos transmitidos pelo ar. Era preciso impedir que permanecessem muito tempo em um local, senão todo mundo acabaria infectado.

Quando Pisca-Pisca terminou de fazer esses alertas, estávamos subindo a encosta de um monte de terra para chegar ao ferro-velho. Passava da meia-noite. Jack e RRRÁÁÁ!!! iam na frente, e nós dois tínhamos ficado para trás. Bola não estava conosco. Eu não tinha notícias dele desde aquela manhã, e, à medida que

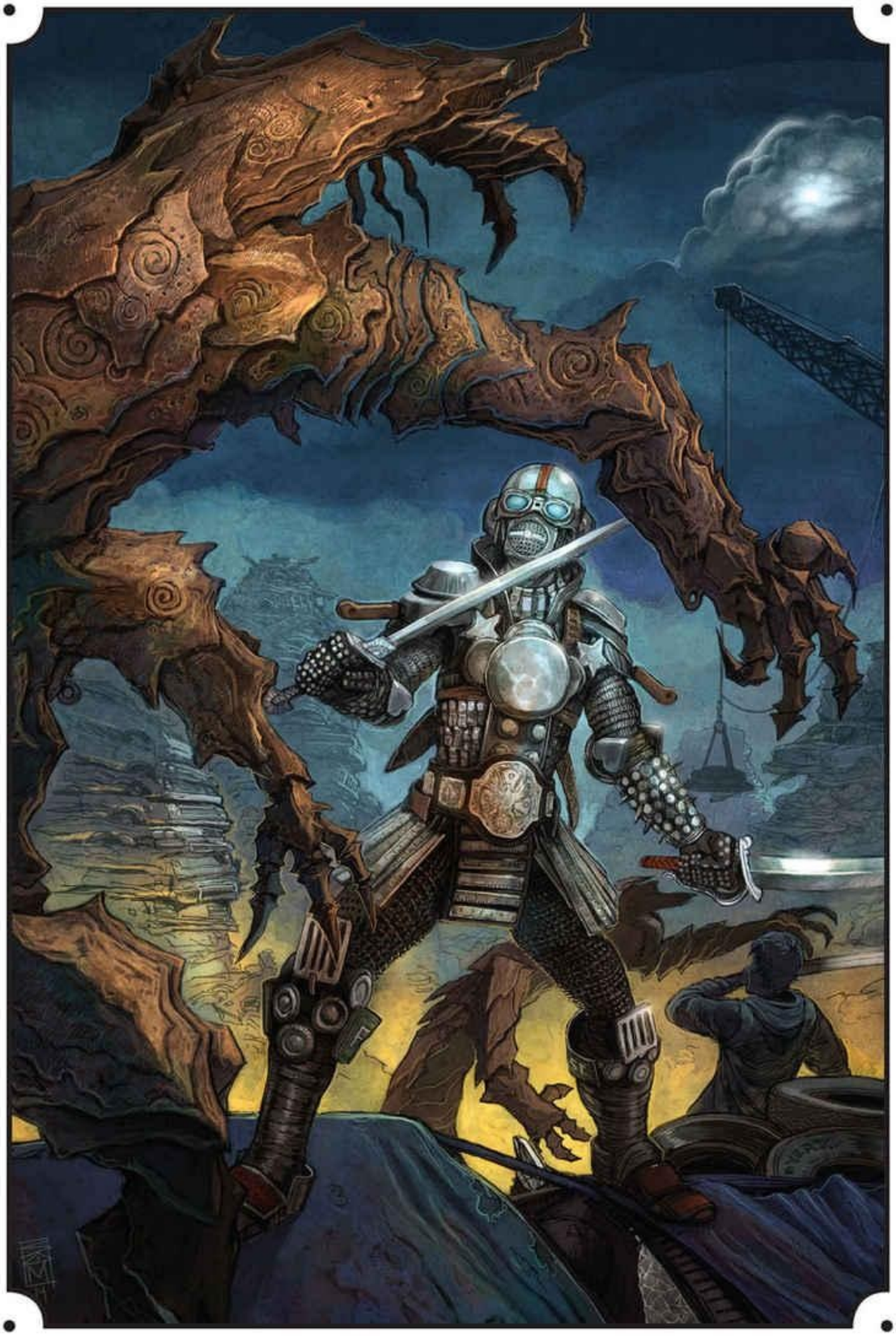
o dia chegava ao fim, tive que me segurar para não ligar ou mandar uma mensagem. Ele não precisava se envolver naquilo. Eu me senti terrível ao pensar isso, mas já era bem ruim ser forçado a estar ali.

Pisca-Pisca e eu alcançamos Jack e RRRÁÁÁ!!! no topo do monte. Diante de nós estendia-se um labirinto: veículos compactados, desde motocicletas até trailers, formavam os muros do labirinto traiçoeiro, enquanto espinheiros de arame metálico bloqueavam saídas fáceis.

— Cuidado — disse Pisca-Pisca, desenrolando um tentáculo diante do rosto — com os *Ğräçæĵ…* os *Ğräçæĵøıv̌…* — Ele emitiu um som de irritação como o agitar de asas de um gafanhoto. Se alguém podia pronunciar o impronunciável, sem dúvida seria o autoproclamado maior historiador troll vivo! Mas essa realização teria que esperar mais um dia. O tentáculo se agitou em frustração.

— Cuidado com os trolls ferrugem — murmurou ele.

Outros trolls, pelo que entendi, tinham tentado diminuir a aura de poder dos *Ğräçæĵøıv̌ő̌d’ñůý* dando-lhes esse apelido simplificador. De imediato percebi como era apropriado. Eles eram da cor de sangue seco, com partes iguais de laranja, marrom e vermelho. Todos tinham escamas com a forma e o peso exatos de lascas de ferrugem. E, o mais assustador de tudo: eram tão chatos quanto latinha amassada para reciclagem, o que lhes permitia deslizar por entre partes de carros destroçadas de tal forma que mal se conseguia distingui-los de detalhes corroídos no cromo.



Jack afiou a Dr. X em um pedaço de metal que encontrou largado na grama. Era um hábito de quando ele ficava nervoso.

— Tudo bem. Trolls ferrugem. Sete. Difíceis de matar. Difíceis à beça. — Soando através da telinha perfurada de caixa de som, sua voz não demonstrava emoção. — Já matou um carrapato? É igual. Ou fogo ou ponta afiada. Não vamos incendiar o lugar, então vai ter que ser a segunda opção. Jim, sua espada. RRRÁÁÁ!!!, suas garras. Pisca-Pisca, você tem muitos braços, e tem muitos destroços aqui, então arranje alguma coisa pontuda para usar. Temos que espetar esses manés no chão até eles pararem de se contorcer.

— E eles ficam quanto tempo se contorcendo?

— Qualquer coisa entre dez segundos e quarenta e cinco minutos. Depende da idade.

RRRÁÁÁ!!! estava encurvada sobre nós como proteção, e a vi olhando para mim com o que parecia ser afeição. Do fundo de sua garganta saiu um ronronar suave que de algum modo comunicou que ela ia cuidar de mim. Ela acenou com a cabeça até o pedregulho encravado no crânio ficar perto a ponto de eu poder tocá-lo. Passei os dedos para dar sorte, como as crianças troll faziam meia década antes.

Um de seus olhos alaranjados se fechou em uma piscadela bem-humorada. Eu não tinha ideia do que pensar daquilo, até que ela abriu a boca, revelando uns cem dentes pontudos, e soltou uma gargalhada de arrebentar os tímpanos, que me fez imaginar os ratos e guaxinins da área caindo mortos de medo. Até Jack cobriu os ouvidos e enfiou a cara na terra. Vi sete reflexos de luz quando os trolls ferrugem ergueram a cabeça ossuda.

Com um salto incrível, RRRÁÁÁ!!! pulou dez metros no ar e, em uma aterrissagem estrondosa, enfiou uma grossa garra amarela em um *Ğräçæĵøıv̋ő́d’ñů́ý*. Jack virou o rosto para mim, o cabelo louro sujo caindo diante dos olhos iluminados pela empolgação. Então se levantou e ergueu as duas espadas acima da cabeça.

— *Caçadores de trolls!* — berrou ele. — *Atacar!*

Eu era o garoto que sempre ficava por último quando escolhiam os times na aula de educação física, o garoto que se escondia atrás do livro enquanto a sra. Pinkton procurava novas vítimas para o quadro-negro, mas, naquele momento, detectei o veneno dos trolls ferrugem. Lembrava muito o cheiro de frutas podres típico de um hospital que estoca os pacientes moribundos em quartos como se fossem estômagos separados; era como o cecê de meninos desgrenhados fugindo de valentões no colégio; levava o fedor pronunciado de cama mijada de criança

acordando em um novo orfanato. Tossi para expelir essas toxinas e então ouvir o grito de batalha trovejando da minha garganta. Havia maldade no mundo, e eu precisava — *queria* — fazê-lo parar.

Foi uma batalha ao mesmo tempo brutal e inspiradora. O caos era a principal autodefesa dos trolls ferrugem. Assim que penetramos em sua névoa acre e amarela, um deles enrolou o próprio corpo ao redor dos nosso pés e tentou decepá-los pela pressão. Outro se retorceu em um formato como arame farpado, perigoso demais para que nos aproximássemos. Outros, ainda, usaram antenas de carros para se lançarem como estilingues. O tempo inteiro, soltavam um riso asmático que cheirava a alcatrão. Jack se superou, perfurando incansavelmente corações e moéleres, enquanto Pisca-Pisca se defendia de vários de uma vez com pedaços de ferro-velho e RRRÁÁÁ!!! rasgava veículos como se fossem de papel machê.

Três horas depois, o ferro-velho tinha virado um cemitério caótico. Vários trolls ferrugem estavam presos à terra por todo tipo de objeto pontudo, todos se contorcendo em uma tentativa de escapar da morte lenta. Restavam apenas dois. Um tinha dois metros e meio de altura e era tão magro que mal o víamos quando estava de perfil. Seu riso arranhava o cérebro como pregos, e eu tinha visto RRRÁÁÁ!!! tapar os ouvidos para manter a sanidade. Jack e Pisca-Pisca foram em sua ajuda, encurralando o troll junto à carroceria pulverizada de um caminhão-reboque.

O outro ferrugem que ainda faltava perfurar tinha escapado de mim a noite inteira. Uma criatura de olhos bem redondos, sem nada de especial além de uma cicatriz em forma de cruz no queixo achatado. O maldito me fez sangrar uma dúzia de vezes, lançando o corpo como um chicote, mas eu devolvia em dobro cada golpe que levava, me lembrando das lições: coelho, touro, serpente. Por fim, meu adversário desistiu de atacar e, com uma risada cuspida, foi se esconder sob uma montanha de pneus.

Eu tinha descoberto que os trolls ferrugem deixavam uma oleosa trilha escura em seu rastro. Seguindo-a, cheguei ao centro de um pneu de trator, onde havia uma pilha de rodas de moto, até que me vi no meio da montanha de borracha. Avistei meu inimigo junto a uma parede de pneus, um fio de baba escorrendo pelo queixo marcado. O grito de vitória de Jack soou ao longe — sua batalha estava quase vencida. Avancei de joelhos e ergui o Gato 6, a arma perfeita para espaços reduzidos.

Foi quando um tremor me desequilibrou. Eu teria pensado que era um caminhão passando, não fosse a reação do troll ferrugem: sua risada entrecortada

virou um miado estrangulado, e seus braços magros começaram a se agitar em um êxtase cego. Todas as suas escamas exalavam óleo, e em segundos ele estava reluzindo sob um líquido preto.

O ronco ficou mais forte, e os pneus empilhados à minha volta começaram a se chocar e se separar. Parte da caverna de borracha desmoronou. Caí de bruços no chão e cobri a cabeça com os braços bem a tempo: um pneu aterrissou nas minhas costas, me tirando o fôlego. Enquanto eu recuperava o ar, uma orquestra de metal rangente começou a tocar no ferro-velho. Vidros se estilhaçavam, aço rangia e avalanches de objetos pesados desabavam das montanhas de peças automotivas. O troll ferrugem balbuciava e ria de prazer, porque sabia o que ouviríamos em seguida.

O grito de Gunmar, o Sombrio, saiu de mil bocas de metal diferentes ao mesmo tempo. Ele uivava através de escapamentos, berrava pelos alto-falantes de rádios de carros defuntos, gorgolejava no ácido de baterias e gritava entre as antenas duplas dos caminhões como se fossem diapasões do demônio. O ferro-velho inteiro estava sendo tocado como um órgão de tubos.

Rastejando nos cotovelos, afastei com os ombros os pneus que haviam me acertado, saí no espaço aberto e virei de costas, só para ver duas toneladas de peças amassadas de veículos desmoronando na minha direção como neve caindo do telhado. Gritei e corri, penetrando ainda mais naquele mundo onde chovia lixo, prestes a enterrar todos nós. Mangueiras de motores estapeavam meu rosto; palhetas de para-brisas apunhalavam minhas costelas; pontas de placas me rasgavam como dentes; e faróis caíam e se rachavam, me encarando ferozes como o próprio Olho da Malevolência.

O eco do Faminto deu lugar ao som de sua língua se remexendo. Os ruídos, de algo sendo sugado do mundo inferior, foram ficando cada vez mais suaves, até que se fez silêncio, e a poeira se dissipou. O que se revelou foi uma prisão de metal emaranhado. Jack tentava abrir caminho em direção à liberdade. Os olhos de Pisca-Pisca se agitavam acima da superfície da sucata como oito periscópios. Aprisionada sob vários veículos, RRRÁÁÁ!!! espumava de frustração, o que pelo menos mostrava que ela não havia se machucado.

Os trolls ferrugem não tinham nenhum desses problemas, pois suas formas esguias serpenteavam com facilidade através dos emaranhados. Os dois que ainda não tinham morrido se puseram logo em movimento. Tentei me esconder onde pude, mas o que tinha a cicatriz me farejou, dando uma gargalhada rouca que parecia capaz de sufocá-lo. Uma longa fenda vertical se abriu em seu torso magro, revelando dentes que circulavam como uma pequena serra elétrica, só

que enferrujada. Apertei os olhos com força e me preparei para a primeira mordida.

O grito de uma sirene da polícia interrompeu minha morte. Abri os olhos e vi as sombras rastejantes dos trolls ferrugem em fuga. As luzes da viatura oscilavam próximo ao morro de terra que tínhamos subido mais cedo. Uma porta bateu. Um gaguejar familiar anunciou:

— Aqui é a p-p-p-p-p-p-p-polícia! Apresentem-se!

Talvez o policial mais famoso de San Bernardino estivesse de olho na movimentação de metanfetamina na área do Sorrisos de Luz quando ouviu a avalanche. Afinal de contas, o sargento Ben Gulager conhecia melhor do que ninguém as festas que os adolescentes faziam tarde da noite no ferro-velho. Ele estava com uma bela de uma pose heroica lá no alto, a arma apontada para o chão na empunhadura padrão, o bigode em todo o seu esplendor, o quepe cobrindo o pior de sua peruca torta. Mesmo à distância dava para ver as luzes do ferro-velho refletidas na cicatriz que cortava sua têmpora.

Ele franziu o cenho quando viu os destroços espalhados.

— Ga-ga-ga-garotos? Olá? Está todo m-m-mundo bbbbb-bem?

Minha vontade era gritar em resposta, mas o reflexo dos óculos de Jack sob as ruínas me alertou para ficar quieto. Fiz uma careta sob o peso do lixo e me perguntei quanto tempo mais eu aguentaria.

Gulager começou a descer pela encosta do morro, passando o facho de luz da lanterna em volta, à procura de adolescentes presos no meio da sucata. Ele não notou os trolls ferrugem escalando os arbustos pouco mais de um metro dele, à direita.

— Façam bbbbbbbb-barulho se estiverem me ouvindo! Batam em alguma coisa! — Ele apertou o botão do rádio. — B-B-Base, aqui é o 3-0-0. Dez noventa e sete no Empório da Sucata, na Grimes. Tenho um desabamento de estrutura código t-t-t-t-t-três, talvez onze dos 47. Requisitando onze dos 89 e onze dos 41 assim que p-p-p-p-p-p…

A palavra permaneceu para sempre incompleta. O polegar de Gulager escorregou do botão do rádio, deixando a voz de pigmeu do outro lado fazendo as perguntas de rotina para atender à solicitação. Com um estrondo como o dos maiores talheres da história caindo do maior prato do mundo, RRRÁÁÁ!!! se ergueu dos destroços. Blocos de motor, sistemas de transmissão, para-brisas e até veículos inteiros despencaram de suas costas e ombros. Ela se levantou lentamente e sacudiu a cabeça, como que para clarear as ideias. Um pneu estava espetado em seu chifre.

Toda emoção se esvaiu do rosto de Gulager. Seu queixo caiu. A arma, esquecida, pendia ao lado do corpo enquanto ele tomava consciência da altura do monstro, com uma expressão crua de puro medo. Mas então suas mandíbulas cerraram na posição desafiadora a que San Bernardino havia se acostumado, seus olhos se estreitaram e suas mãos se fecharam em torno do punho da arma. A arma subiu rapidamente e apontou para a região do moéler.

RRRÁÁÁ!!! amassou uma scooter na mão e deu uma bufada ameaçadora. O hálito fedorento provocou uma rajada de ar que fez o quepe de Gulager voar longe. A peruca girou na cabeça, de modo que a parte de trás cobriu os olhos. Com a mão livre, ele arrancou a peruca e a jogou no chão, o que só o fez ficar com um ar ainda mais heroico: a cicatriz feia interrompendo o cabelo espetado, o rosto contorcido em uma expressão resoluta, a arma com firmeza quase inabalável.

— Agora — sussurrou Jack. — Atrás de mim.

Ele saiu rastejando de sob a sucata, na direção de uma das pilhas de destroços ainda de pé. Me soltei e o segui, fazendo careta a cada arranhão que levava das bordas afiadas. Pisca-Pisca já havia chegado ao topo do morro e nos chamava com uma dúzia de tentáculos. Meu caminho sinuoso me levou até bem ao lado de RRRÁÁÁ!!!, que continuava no embate de olhares com o sargento Gulager.

Enfim alcancei a pilha de ferro-velho e desabei em um emaranhado de tentáculos.

— Você dá azar — disse Jack. — Sabia disso?

— O problema é outro — disse Pisca-Pisca. — O garoto teve uma excelente desempenho.

— Nenhuma vesícula? De novo? Estamos perdendo esta guerra que mal começou.

— Vamos voltar para a caverna — falei, arfando. — Assim podemos pensar em um plano melhor.

— Voltar? Enfrentamos *trolls ferrugem*. A caverna pertence a eles. Estão farejando nosso rastro até lá agora mesmo, e, acredite, eles vão trazer amigos. Não duraríamos nem cinco minutos se voltássemos para lá. — Jack deixou os ombros caírem, derrotado, e acrescentou: — Não temos mais casa.

— Os volumes 23 e 24 da minha dissertação ficaram na estante! — exclamou Pisca-Pisca. — Aqueles patifes vulgares vão transformar minha prosa magnífica em confete, por pura diversão. Verdade, verdade, eu não levaria mais de oito, nove anos para reescrevê-los, mas mesmo assim é uma perda lamentável. Minha caligrafia hoje já não é a mesma.

— As armas — grunhiu Jack. — Tantas armas, todas perdidas! E ainda vamos ter que destruir a Máquina? Ah, isso não é nada bom.

Sirenes da polícia soaram a alguns quarteirões de distância. Jack rastejou até a beira da pilha de ferro-velho e estalou os dedos para RRRÁÁÁ!!!. As tachas em sua luva estalaram alto.

RRRÁÁÁ!!! deu um rosnado indicando que tinha compreendido e inflou o peito. Àquela altura, eu já sabia o suficiente para cobrir os ouvidos. O urro detonou como uma bomba. Dezenas de para-brisas se estilhaçaram ao mesmo tempo, e não precisei olhar para saber que Gulager tinha se jogado no chão para proteger o corpo. Os caçadores de trolls saíram correndo em disparada por uma passagem escura. Em algum lugar adiante havia uma ponte — sempre havia uma ponte —, mas, daquela vez, ela não fazia parte do plano.

Jack me puxou pela camiseta. O medalhão se apertou no meu pescoço.

Ele observou o céu em busca de sinais do amanhecer.

— Abrigo — rosnou ele. — Em breve a noite vai acabar.



26.

Bola não pareceu contente ao me ver. Estava à janela do quarto, me olhando através do vidro com uma expressão mal-humorada.

— Inaceitável, Jim. São quatro horas. *Da manhã*.

— Porta dos fundos — sussurrei. — Agora.

Ele ficou ainda mais aborrecido ao chegar lá e me ver no quintal junto com dois trolls que lançavam olhares tensos para o céu enquanto Jack se mantinha em uma pose ameaçadora ao lado do balanço decrépito. Bola se apoiou no batente da porta e exalou o mau hálito matinal, coçando a cabeleira.

— Se divertiram esta noite, crianças?

— Vai clarear daqui a pouco — falei. — Eles vão virar pedra.

— Isso, sim, deve valer a pena.

Jack se mexeu levemente. As bainhas das espadas chacoalharam de maneira intimidadora.

— Sem piadas — pedi. — Não temos tempo. Eu preciso que você… — Não havia outro jeito. Eu tinha que ir direto ao ponto: — Preciso que RRRÁÁÁ!!! fique aqui.

Bola deu uma risada curta.

— O monstro gigante que parece um macaco? Na casa da minha avó? Você precisa ir ao médico examinar essa sua cabeça, garoto.

— Você vai conseguir escondê-la da sua avó com muito mais facilidade que eu do meu pai. Só me ajude nessa. Vou levar os outros. Estou fazendo minha parte.

— *Tudo* é sua parte, Jim. Você que é o grande caçador de trolls, lembra? Eu sou só um garoto qualquer que é, sei lá, muito bom em videogame? Por que um grande e famoso caçador de trolls ia querer a ajuda de um amador como eu? Obrigado, mas acho que vou deixar passar essa.

— Então não faça isso por mim! Faça por ela, que não tem culpa de estar presa aqui fora. Mas, se não a levarmos para dentro em duas ou três pedras… quer dizer, uma meia hora, ela vai morrer. Vai querer viver com esse peso na consciência? Vai querer ver a pilha de pedras quando sair de casa pela manhã?

— Você é um babaca.

— Pode me chamar do que quiser. Mas fique com ela.

RRRÁÁÁ!!! inclinou a cabeça.

— Menino humano. Manteiga de amendoim? Tem?

Os lábios de Bola se fecharam em torno do aparelho volumoso enquanto ele deliberava.

— Ok, vou supor que ela acabou de elogiar meu espírito guerreiro. Nesse caso, tudo bem. Vou fazer isso por ela. Mas anda logo, antes que os vizinhos acordem.

Passar pela porta foi a parte fácil. RRRÁÁÁ!!! deslocou os braços e só retornou à forma normal dentro da casa. Por um momento de otimismo, achamos que aquilo ia funcionar. Mas não durou muito. RRRÁÁÁ!!! começou a tentar pegar todo badulaque que via na sala, com uma expressão de prazer no rosto. Uma prateleira inteira de bibelôs caiu no chão. Bola começou a resmungar alguma coisa sobre cola, onde estava a cola?! A baixa seguinte foi uma fileira de enfeites de vime, destroçados por uma única garra curiosa. A concentração de Bola se voltou para o aspirador de pó (alguém pegue o aspirador de pó!). Quando RRRÁÁÁ!!! começou a comer as flores de plástico de um vaso, empurrei-a na direção do quarto de Bola. Ela entendeu o recado, mas no caminho perfurou uma capa de sofá de vinil com uma unha do pé.

Apontei para um ponto no carpete do quarto de Bola para que ela se sentasse. RRRÁÁÁ!!! obedeceu com um sorriso e começou a provar tudo que via a seu alcance.

— Isso é um controle de videogame! — brigou Bola. — Não é comida! Troll má! Troll má! Espere, espere, não… não, não come os… Eram os meus tênis preferidos! Você não pode… Não, eu preciso… Meu Deus, você só pode estar de brincadeira comigo! Sabe quanto custou esse HD externo?

Bola saiu correndo do quarto sem explicação. Enquanto isso, fiz o possível para arrancar os pertences das patas de RRRÁÁÁ!!! antes que fossem parar entre seus dentes trituradores. Pisca-Pisca não foi de nenhuma ajuda, pois estava em êxtase diante de uma prateleira de DVDs de ficção científica e entusiasmado com a importância histórica daquele “banco de dados” sobre o contato entre humanos e alienígenas. E Jack continuava lá fora, parado em frente à porta, olhando para aquela sala pacata como se fosse uma selva cheia de predadores à espreita.

Objetos aleatórios começaram a surgir pela janela aberta, voando para dentro do quarto. Era Bola, atirando lixo que havia recolhido no quintal dos vizinhos: um emaranhado de alambrados, dois sorridentes anões de jardim, três vasos de planta, um arbusto inteiro arrancado pela raiz e todo sujo de terra. Por fim,

começou ele mesmo a entrar pela janela. Eu o puxei para dentro.

— Coisas para ela mastigar — murmurou ele. — Isso é pior que ter um gato…

Ele congelou. Eu também.

Um felino berrou.

Só captamos um vislumbre de rabo malhado antes que o bichinho desaparecesse pela garganta de RRRÁÁÁ!!!. Bola levou as costas da mão à testa, como uma donzela vitoriana.

— Gato 20! Jim, esse era o Gato 20! Meu Deus do céu, ela está comendo os gatos da vovó!

RRRÁÁÁ!!! lambeu os beiços e pegou outro gato como se fosse um amendoim.

— Gato 36! Não! O Gato 36 não!

Após um miado curto, o Gato 36 já era. Bola levou as mãos à cabeça, desesperado. Por razões que não entendíamos, os gatos eram atraídos pelo troll faminto e não paravam de andar em torno de suas pernas, esfregando os bigodes na pelagem preta e dura.

— Xô, 23! Xô! Xô! Gato 40, pelo amor de tudo o que é mais sagrado, fuja! — Bola me segurou pelo braço. — Não adianta! Eles só atendem pelos nomes verdadeiros!

— Então use os nomes verdadeiros!

— Você sabe que eu perdi a lista!

— Encontre!

— Está por aqui em algum lugar… Ah, não! Por favor, qualquer um menos o 39. Esse é o que minha avó mais…

A língua comprida de RRRÁÁÁ!!! estalou com os restos peludos do Gato 39.

Bola levou as mãos à cabeça.

— Por que os idiotas dos gatos continuam vindo para esse covil da morte?!

Jack enfiou a cabeça no quarto. Suas luvas tacheadas riscaram quatro arranhões na pintura da parede junto do interruptor de luz. Ele apontou com a cabeça para a TV.

— Ligue.

Bola e eu caímos um em cima do outro na corrida pelo controle remoto. Ao longo de um minuto de buscas, pelo menos mais um gato encontrou seu destino final antes de finalmente invocarmos um infomercial: um sujeito com *headset* anunciava aos gritos algum tipo novo, muito avançado, de esfregão. Bola

abaixou o volume, enquanto eu mexia no aparelho para obter uma tela muito mais indefinida.

— Sem estática demais — disse Jack. — Não faz bem à saúde.

O sorriso de RRRÁÁÁ!!! relaxou quando ela começou a perceber as imagens tremeluzentes. Segundos depois, cinco fios de baba escorriam de seu queixo. Já que estava a meu alcance, peguei o pneu de carro ainda empalado em seu chifre esquerdo e o arranquei. Ele saiu quicando pelo quarto, assustando o restante dos gatos antes de destruir uma mesinha decorativa no corredor. As patas de RRRÁÁÁ!!! relaxaram, permitindo que um gorducho gato malhado escapasse.

Bola deixou o corpo desabar na beira da cama. Cutucou o alambrado e os anões de jardim com o pé. Fragmentos de pelo de gato pairavam no ar. Seus lábios se moviam em silêncio enquanto ele calculava as mortes. Aquele era um problemão. Ele teria que inventar uma desculpa e tanto, e eu não tinha tempo para ajudar.

— Foi mal, Bola — falei. — Eu não queria…

— Vá embora, sr. Caçador de Trolls — disse ele, com o rosto entre as mãos. — Vovó acorda cedo às segundas.



27.

Jack estava do outro lado da sala, olhando fixamente, através dos óculos, para o altar acima da lareira elétrica. Observou atentamente o próprio rosto nas fotos de colégio, na caixa de leite e na foto em que ele aparecia abraçado com o irmão em um parquinho. Fiquei observando-o do corredor escuro, na porta do meu quarto, com medo de interromper o momento.

Pisca-Pisca se aproximou, o revestimento gosmento de sua pele aquecendo minha pele. Juntos, tínhamos esvaziado meu armário para que ele ficasse encolhido ali dentro durante o dia, coberto por um lençol que peguei na cômoda. Mesmo preocupado com o amanhecer, Pisca-Pisca tirou um momento para falar sobre Jack.

— Tato, cortesia, paciência. Essas qualidades são tão estranhas a seu tio quanto eram nossos modos de trolls durante a primeira temporada que ele passou sob a terra. Até o mais leve dos aromas da superfície, como o de flores desabrochando ou de pão fresco, odores que compreendo serem confortos para sua espécie, deixam trêmulo o pobre Jack. Por que será que ele usa máscara mesmo aqui em cima?

— Ele podia voltar — sugeri. — Podíamos adotá-lo, sei lá, alguma coisa assim.

— Você adotaria um animal selvagem e esperaria outra coisa além de ser mordido? Jack se tornou uma criatura de pedra, lama, caverna, esgoto, que fica muito mais à vontade em nossa imundície gloriosa do que em sua terra rudemente iluminada com ângulos duros e esterilidade embrutecedora. Já leu a fábula humana da Terra do Nunca? Assim é o mundo dos trolls para Jack. As realizações tão valorizadas pelos humanos são rituais dos quais Jack jamais fará parte. Para ele, não haverá formatura. Não haverá primeiro beijo. Não haverá carro. Não haverá família. Ao ter isso tudo negado, uma grande raiva se acumulou dentro de Jack, o que não é segredo para ninguém que já tenha visto o lado sério da espada dele. No entanto, é uma raiva útil. Sem tal sentimento, ele não seria o guerreiro que é. Ele sabe disso e aceitou. É uma tragédia, sem dúvida, mas uma tragédia necessária.

Pisca-Pisca então foi se enfiar nos confins seguros do armário.

No quarto, tirei os sapatos e me livrei do moletom de qualquer jeito. Senti

alguma coisa no bolso. Tirei um pedaço amassado de papel: o folheto da garotinha de óculos roxos que havia desaparecido. Fiquei olhando para o rosto dela por um tempo, pensando nos bebês trocados, nos trolls ferrugem e em todas as outras feras que naquele momento se reuniam para a invasão.

Voltei para a sala. O sol começava a penetrar pelas frestas da fortaleza, revelando que Jack não estava mais ali. Senti um lampejo de preocupação, mas, quando notei a porta do quarto do meu pai aberta, a preocupação só aumentou. Corri até lá e enfiei a cabeça pela abertura da porta.

Jack estava de pé junto à cama, olhando para baixo em uma postura de admiração triste diante do homem velho e enrugado que muito antes fora um menino chamado “Jimbo”. Ele estendeu a mão, hesitante, para acariciar o rosto do irmão, mas parou quando lembrou que os dedos estavam cobertos de tachas afiadas. Os óculos da armadura ficaram embaçados.

O corpo de papai deu um espasmo sonambulístico. Algo se remexeu em sua garganta.

Jack não teve problema em *me* segurar com aquelas luvas afiadas.

— O sonulf. Você não vai querer ver essa parte — disse ele.

Ficamos juntos na sala observando uma luz em tom pêssego pintar as paredes e o tetos. A segunda-feira amanhecia. Isso significava trabalho para papai, escola para mim. Escola… Como eu poderia encarar aqueles corredores irrelevantes e rostos ignorantes sabendo o que sabia agora? Parecia ter se passado um século desde que Bola e eu fomos compactados como lixo nos armários, caímos das cordas no ginásio e rolamos pelo chão de um estacionamento para fugir da bola de basquete de Steve Jorgensen-Warner.

— Tem um sótão aqui em casa — falei. — Papai quase nunca o usa. Você podia se esconder lá.

— Não.

— E a garagem? Era só cobrirmos você com…

No quarto, papai bocejou.

Jack olhou para a porta com mais medo que demonstrara ao enfrentar um batalhão de trolls.

— Volto à meia-noite — anunciou ele.

— Você não pode voltar para a caverna. Os trolls ferrugem…

— Eu sou um *garoto* — disse ele, como se tentasse convencer a si mesmo. — Não vou virar pedra. Me dê umas roupas suas e vou ficar andando pela cidade. Sentar em um banco no parque. Como um garoto. Um garoto normal.

— Tudo bem — respondi. — Mas não estamos em 1969. Quando adultos

veem um garoto de treze anos sozinho, podem fazer perguntas ou chamar a…

— Eu sei me cuidar. — Ele estalou os dedos enluvados. — Roupas. Agora.



28.

A sra. Pinkton encheu minha paciência por eu não ter feito o dever de casa. Dever de casa? Tentei lembrar o significado da expressão enquanto ela falava sem parar ao lado da minha carteira, deixando o restante da turma quebrando a cabeça com os exercícios propostos no quadro. Pinkton tornou a me alertar sobre a grande prova de sexta-feira e reforçou que eu estava por um fio. Fiz uma expressão penitente, mas era uma representação que meu corpo recordava de conflitos anteriores. Meus olhos se concentravam em algo atrás da professora.

Duas carteiras vazias.

Não significava nada. Eu sabia disso. Devia ser alguma gripe nova. Sempre tem alguma, não é mesmo? Entre uma aula e outra, me concentrei na decoração do festival, para não pensar nas fileiras de armários que poderiam ou não ter o número certo de estudantes para abri-los. Havia uma única carteira vazia na aula de biologia. Nada estranho nisso. Duas pessoas faltaram à de literatura americana. Nem um pouco incomum. Pensei em falar com Bola antes da aula de educação física, para ter uma segunda opinião, mas ele se vestiu com uma velocidade atípica; parecia não apenas com raiva, mas também exausto. Os pelos duros e pretos que ele arrancou do aparelho e bateu das roupas eram familiares.

Mais tarde, eu o chamei no corredor, mas minha voz foi abafada por uma avalanche de líderes de torcida vendendo Steve Tapas, um brinquedinho barato de fazer barulho na arquibancada. O diretor Cole tinha comprado uma tonelada deles dois anos antes de enfrentar um déficit no orçamento destinado às atividades esportivas (talvez o projeto do novo telão tivesse algo a ver com isso). Feitos de espuma compactada e pintados com o vermelho e branco da San Bernardino, cada um era composto de duas raquetes que faziam um ruído ensurdecedor quando batidas uma na outra. Era irritante como o diabo, mas os torcedores da cidade gostavam daquilo como macacos gostam de fazer cocô. Quando Steve se tornou um astro, esses brinquedos foram chamados de “Steve Tapas” — uma estratégia de marketing bem esperta para uma porcaria inútil que era vendida por quinze dólares.

Foi quase por acidente que compareci ao ensaio da peça, depois da aula. Eu queria ir embora da escola correndo para ver como estava Pisca-Pisca, mas meus olhos depararam com uma série de cartazes de *Shakespeare na posse da bola*

que me levaram ao auditório, o único lugar não infestado de Steve Tapas. Centro das atenções do grupo de atores, a sra. Leach dizia que aquela tradição era insana e que ninguém podia esperar uma peça de Shakespeare razoavelmente decente com apenas uma semana de ensaio. Todos olhavam para ela assustados — "onde foi que eu me meti?" —, até que ela se cansou, bateu palmas e disse que íamos começar com o ato I, cena I, mas pularíamos o prólogo, pois Sansão e Gregório não estavam presentes.

Ninguém além de mim achou que a ausência deles fosse uma notícia funesta.

O primeiro grande momento da peça era o duelo entre Benvólio e Teobaldo. Benvólio (interpretado por um garoto afetado chamado Jasper) e Teobaldo (interpretado por um metaleiro chamado Frank) estavam fazendo inimigos bem verossímeis até o momento em que sacaram os floretes de esgrima. Jasper, que era um esquisitão do teatro e já tinha participado de dezenas de montagens, improvisava cada estocada e defesa com exagero cômico, enquanto Frank, em seu primeiro papel, agitava o florete por todos os lados como se estivesse matando moscas, chegando a arremessá-lo sem querer na primeira fila da plateia mais de uma vez.

A sra. Leach gritava instruções para tornar a luta mais simples, mais curta e menos perigosa para o público, mas Benvólio e Teobaldo continuavam perdendo o controle dos floretes e caindo de bunda, e, cada vez que caíam, nosso ultra-ansioso Lorde Capuleto gritava sua grande fala:

— Que barulho será esse? Oh, deem-me minha espada!

Os outros atores riam, mas a sra. Leach estava desesperada. Os dois lutadores estavam machucados e cansados. Alguma coisa precisava ser feita.

Lambendo os dedos sujos de Doritos e bebendo uma lata de refrigerante de uva, Claire passou entre os duelistas. Era a própria imagem de Julieta vista através de lentes *steampunks*: calça cargo preta enrolada até o meio da canela, expondo vinte centímetros de pele antes que os coturnos assumissem. Sua japona com estampa de espinha de peixe estava desabotoada, revelando suspensórios marrons que pendiam da cintura. Pulseiras feitas de fios elétricos multicoloridos se juntavam nos pulsos, e dois rabos de cavalo se entrelaçavam para cair às costas como as mangueiras de abastecimento de uma máscara de oxigênio. O rosto redondo de Claire desabrochava em um de seus sorrisos alegres.

Pela primeira vez no dia eu não pensei em trolls.

— Sua arma, gentil Benvólio — disse ela, estendendo a mão.

Jasper deu de ombros e entregou o florete. Claire o balançou na palma da mão, testando o peso.

— Suficiente.

A lâmina girou, desenhando um oito no ar, depois outro. Os rabos de cavalo dela dançavam.

— Adequada.

Ela apoiou o peso do corpo na ponta das botas de borracha e andou para a frente e para trás, a lâmina girando no ar como um laço, acima da cabeça e ao lado, às vezes quase tocando o chão.

— Tolerável.

Claire estendeu a arma e tocou o florete que Frank tinha nas mãos. Ele engoliu em seco e o estendeu o mais longe possível do corpo. Foi quando toda a sensação de realidade saiu voando pela janela e Claire Fontaine se transformou em uma deusa da guerra. Com a lâmina zunindo, ela golpeou a arma de Frank de seis ângulos diferentes, cada um deles executado de uma maneira extravagante a que até os últimos na plateia assistiriam com admiração. Entre um golpe e outro, ela gritava conselhos:

— Ataques circulares! É mais fácil seguir a ação!

Frank fez uma careta e segurou a espada como se dela dependesse sua vida.

— Trabalho de pernas! Três passos, Benvólio! Três passos, Teobaldo!

Jasper observava os movimentos dos pés dela, fazendo anotações mentais desesperadamente.

— Atuem! Isto é uma peça! Recuem dos golpes, cavalheiros!

Eu estava tão boquiaberto quanto os outros. Ela coreografou uma série bem ali, e a tornou tão verossímil e compreensível que todo o elenco estava louco para tentar. Por fim, desarmou Frank com um giro do pulso. O florete dele caiu estrepitosamente no palco. Claire baixou o seu também. Ela expirou para o alto, soprando mechas soltas de cabelo da testa suada, cumprimentou Frank com a lata de refrigerante e tomou um gole. Não tinha deixado cair nem uma gota. Todo mundo ficou em silêncio, até Lorde Capuleto lembrar sua fala preferida:

— Que barulho será esse? Oh, deem-me minha espada!

Os aplausos foram estrondosos; os meus, mais altos que os de qualquer outros. O brilho nos olhos da sra. Leach traía um fio de esperança de que talvez conseguisse fazer aquilo funcionar. O barulho morreu, até restar o som de um único aplauso no corredor do auditório. Todos nos viramos para olhar, protegendo os olhos das luzes do palco. As palmas tinham uma consistência impressionante, como se pudessem continuar daquela maneira até enlouquecer qualquer um. Na verdade, não era bem um aplauso.

— Esplêndido — declarou Steve Jorgensen-Warner, sem parar de quicar a

bola. — Nunca vi coisa igual.

Claire corou e as pontas de suas botas apontaram para dentro, como se com vergonha das canelas expostas.

— Aulas — disse ela. — Meus pais bancaram aulas de esgrima por seis anos.

— Que bom que eles fizeram isso — disse Steve. — É simplesmente magnífico.

Os patetas do teatro ficaram atônitos, pegos de surpresa pela intrusão da paquera em sua nerdice pós-escolar. Só a sra. Leach fez cara feia, pois não gostava de atletas se infiltrando em seu santuário sagrado.

— Procurando alguma coisa, Steve?

Ele deu seu sorriso de astro de cinema. Com os pés treinados na quadra e no campo, Steve precisou de apenas três saltos ágeis para subir ao palco, quicando a bola em cada degrau. Por não ser a turma com mais coordenação motora, o pessoal do teatro emitiu murmúrios de admiração. O tempo todo, os olhos de Claire não desgrudaram de Steve.

— Tenho uma pequena emergência com as minhas notas — disse Steve, fingindo um sorriso envergonhado. — O treinador disse que há um sistema de pontos que posso usar a fim de aumentar minha média para jogar na sexta. Sabe, *todo mundo* está contando comigo para esse jogo. A cidade inteira, parece. Enfim: o treinador me deu três opções.

Ele colocou a bola embaixo do braço e tirou um papel do bolso da calça. A sra. Leach pegou o papel e o abriu sacudindo-o como um leque.

— A: Participar da olimpíada de trigonometria — leu ela, em voz alta. — B: Construir um painel solar como projeto de ciências. C: Entrar como ator substituto na turma de artes cênicas.

— O técnico disse que era como ficar no banco de reservas. Juro que não vou atrapalhar. Só quero ajudar, do jeito que eu puder.

É raro ter a chance de assistir a tamanha demonstração de habilidade para desarmar um adulto hostil. Poucos professores na San B. rivalizavam com a sra. Leach no quesito amargura cotidiana, e mesmo assim ela se derreteu bem ali, diante dos nossos olhos descrentes. Ela dobrou o bilhete e o guardou no bolso. Como assim? Aquilo ia para seu álbum pessoal de recordações?

— É claro, Steve, vamos adorar recebê-lo. Nunca é demais ter novos atores. Na verdade, você chegou em ótima hora. Temos que preparar o figurino do nosso Romeu. Jim, empreste seu script para Steve fazer a cena da sacada enquanto arrumamos você.

Foi essa reviravolta cruel do destino que levou Steve Jorgensen-Warner a

trocar versos românticos com Claire Fontaine no alto da sacada cenográfica enquanto eu ficava em uma sala lateral tentando me enfiar em uma camisa, uma calça grudadinha e um saiote com babados, sendo apertado em lugares que eu preferia permanecer não apertado e ouvindo os dois alunos figurinistas resmungando que precisariam encontrar sapatos com salto para compensar minha pouca altura. Eu conseguia andar bem de salto?, eles queriam saber. Fiz que sim: claro, claro. Qualquer coisa para fazer aquele desastre acabar mais rápido.

De onde eu estava, ouvia a voz de Claire interagindo com as palavras doces e vazias de Steve. Claire, óbvio, impressionava todo mundo com sua tranquilidade e pungência, mas infinitamente mais surpreendente foi Steve, que passava com facilidade pelas falas da mesma maneira como rompia linhas de defesa no campo de futebol americano. Sua leitura exalava confiança absoluta, a qualidade mais rara em atores adolescentes amadores. Mesmo quando pronunciava errado alguma palavra, ele o fazia com energia vigorosa. Seu jeito era o certo, e pronto. Todo mundo adorou.

— Muito bem — disse a sra. Leach. — Como você decorou tudo tão rápido?

— Não é nada de mais — respondeu Steve. — É como decorar jogadas, talvez.

— É bastante impressionante. Vá em frente.

Aquilo estava saindo de controle. Eu tinha que ir para o palco, e rápido, antes que Steve roubasse meu papel bem debaixo do meu nariz. Os cadarços dos meus sapatos de salto estavam só até a metade quando saí ás pressas para a luz estonteante dos holofotes de palco.

— Estou pronto! — anunciei.

Risos contidos irromperam de todos os lados. Continuei avançando pelo palco mesmo quando comecei a desconfiar de que o saiote roxo e a calça justa prateada não me favoreciam em comparação a Steve Jorgensen-Warner, que parecia um tanto arrojado de jeans e camisa aberta até o terceiro botão. Ele quicava a bola distraidamente com a mão esquerda.

— Vamos só deixar que o Steve termine — disse a sra. Leach.

Tinha alguma coisa errada com os meus pés. Eu não conseguia deter o impulso do movimento.

— Não, está tudo bem — respondi. — Já vesti a roupa, estou pronto pa…

Meus tornozelos viraram para o lado por causa do salto alto, e bati de frente com Benvólio e Teobaldo, que deixaram o florete cair. Segundos depois, meu cotovelo direito entrou na orelha do frei João e minha mão esquerda, se agitando

no ar, agarrou sem querer um dos seios de Lady Montecchio. Quando ela gritou, eu já estava cambaleando para a frente, descontrolado. Steve, se divertindo ao ver aquilo, e Claire, que assistia à cena do alto da sacada, não passaram de impressões borradas. Por fim, caí de cabeça no prédio cenográfico.

Eu não imaginava que cabeças humanas atravessavam compensados, mas foi o que aconteceu. A base do cenário girou até o meio, e ouvi uma chapa de compensado rachar. Em segundos, a coisa inteira estava rangendo e se dobrando e se fechando como uma maleta. Dei um empurrão para cima no prédio cenográfico e aproveitei me soltar, conseguindo escapar para o lado bem a tempo de ver o troço todo mergulhar na direção do fosso da orquestra.

Como uma pessoa presa em um prédio em chamas, Claire chutou a grade da sacada e saltou para o palco. Acho que, naquele momento, todos imaginamos seu belo corpo sendo irremediavelmente machucado. Steve ficou ali parado como se nada estivesse acontecendo, apenas ajustou o corpo para segurá-la da mesma maneira como recebia inúmeros tipos de passes, e ela girou em seus braços como uma dançarina de salão, as mãos se entrelaçando naturalmente no pescoço dele.

Com um estrondo final, a fachada cenográfica se desfez em grandes lascas de madeira, que se espalharam pelo fosso.

Todos ficaram em silêncio, arfantes, os olhos arregalados.

A sra. Leach levou o punho cerrado ao peito, como se fizesse uma massagem cardíaca em si mesma.

Claire lançou um olhar assustado e grato para Steve.

Steve sorriu.

Eu fiquei arrasado.

E ele continuava quicando a bola com a mão esquerda.

— Que barulho será esse? — disse Lorde Capuleto. — Oh, deem-me minha espada!

Claire riu do único jeito que ela sabia rir. Steve, compreensivelmente surpreso com o volume do corpo dela, a segurou mais apertado. Gargalhadas aliviadas irromperam entre o elenco reunido e a equipe, e todos se abraçaram, sobreviventes felizes de um evento que em pouco tempo entraria para a história do Departamento de Teatro da San B.

Mais ou menos doze anos depois, o ensaio terminou. Disse a mim mesmo que meus pontos fracos eram uma virtude: caçadores de trolls não tinham tempo para escola, muito menos para atividades extracurriculares. Que eu deveria esquecer aquilo, voltar para casa, caçar trolls, e no dia seguinte voltar ao ensaio e

dizer logo à sra. Leach que não ia mais participar.

Tirar calças justas era um desafio novo para mim, portanto fui o último a sair do auditório. Cruzei a porta lateral e, lá fora, vi Steve entrar correndo no campo de futebol sob o retângulo preto do telão ainda desligado, enquanto as líderes de torcida batiam os Steve Tapas em comemoração. Aquilo me deixou entorpecido. Steve *era* tudo e *tinha* tudo. Eu não apenas não era ninguém como não tinha ninguém: nem Claire, nem Bola, nem meu pai. O único caminho a seguir era me entregar por inteiro à noite.



29.

Naquela noite, começamos a vencer. Todos os fragmentos dos fracassos da minha vida — jogos não zerados, hobbies abandonados, esportes deixados para caras muito maiores — se ligavam perfeitamente para me fornecer tudo de que eu precisava como caçador de trolls. Em vez de ser um desperdício, toda a minha vida parecia ter sido um treinamento para aquilo.

Nenhum dos meus colegas guerreiros precisou comentar a mudança em mim. Todos a sentiram, e ninguém mais que os Gumi-Gumos, cujos moéleres perfuramos e cujas vesículas recolhemos para queimar. Nossa primeira conquista daquela noite foi com um quarteto de Barbavermes: criaturas enormes e bulbosas que tinham como objetivo sussurrar insultos desmoralizantes no ouvido de crianças adormecidas para que se sentissem compelidas a fugir de casa, pequenas jornadas tristes que sempre tinham um fim embaixo de uma ponte.

Os Barbavermes eram tão gordos na cintura que podiam ir rolando na direção do inimigo como rochas despencando da montanha, e a uma velocidade impressionante. Acho que jamais vou me esquecer de sair correndo pela Rua Jefferson com Jack, Pisca-Pisca e RRRÁÁÁ!!! nos meus calcanhares, perseguindo uma bolha cinzenta que fugia rolando enquanto derrubava caixas de correio, placas de sinalização e um hidrante. Atravessei o jato de água e arremessei a Claireblade como se fosse uma lança. A arma se cravou na espinha do Barbaverme, cujo corpo deixou de ser uma bola e se desenrolou, amassando dois carros com as patas estendidas. Quando o dia amanhecesse, colocariam a culpa dos estragos públicos em algum motorista. Só nós, caçadores, saberíamos a verdade.

Tentamos intimidar os Barbavermes, obrigá-los a revelar a localização de Gunmar, mas eles passaram os últimos segundos de vida rindo de nós. Guiados pelo faro de RRRÁÁÁ!!! e o astrolábio de Jack, corremos de ponte em ponte tentando encontrar a abertura secreta que nos levaria ao covil dos Gumi-Gumos. Toda porta que pegávamos nos levava por tubulações de esgoto e cavernas havia muito esquecidas, mas logo voltávamos para algum bairro sem graça de San B. sob ataque de alguma outra escória troll.

A manhã de terça-feira chegou tão depressa que me deu vontade de vomitar. Eu me arrastei por corredores enfeitados com papel crepom vermelho e branco, e

na aula de educação física me recusei terminantemente a subir a corda, por causa dos meus músculos doloridos. Bola não disse nada em minha defesa quando o treinador Lawrence me deu uma advertência. Levei o pedaço inútil de papel até o ensaio da peça, mas minha fala estava incompreensível de tanta exaustão. A sra. Leach não teve escolha senão chamar Steve, e eu sabia que Claire o preferia mesmo. Com um misto de alívio e remorso, afundei na cadeira do auditório, sedado pelo consolo de que meus dons eram do tipo que devia permanecer oculto. Só mais algumas horas e eu provaria isso.

Os Lepidangues eram os menores trolls do universo. Reclamava-se deles em tudo, de pictogramas sumérios a hieróglifos egípcios. Esses tormentos lendários não eram maiores que mosquitos e se alimentavam de crianças que brincavam na rua até muito tarde. Prendiam-se ao cabelo como piolhos e se enfiavam no crânio de uma criança para provocar doenças. Seguimos as indicações do astrolábio de Jack até a última área de caça deles: um orfanato.

Jack lambuzou uma gosma fedorenta no lábio superior de todas as crianças ali que estavam com febre. A gosma fazia as crianças evacuarem, então nos escondemos no corredor enquanto o primeiro menino cambaleava até o banheiro. Depois que ele terminou, entramos correndo. Jack mandou que eu enfiasse a mão na privada. Obedeci sem hesitar, até meu braço estar afundado até o cotovelo na água da privada. Senti uma espécie de obstrução, e fiz força até arrancar uma bola de trolls brancos do tamanho de camundongos se agarrando uns aos outros com garras e dentes. Os Lepidangues tinham crescido antes de serem expelidos.

Desagradáveis de capturar, sem dúvida, mas bem fáceis de matar.

Quando estávamos de saída, o sargento Gulager passou devagar em uma viatura. À luz do painel, identifiquei seu rosto tenso enquanto ele tomava o último do que devia ser uma longa sequência de copos de café. Depois de ver RRRÁÁÁ!!! com os próprios olhos no ferro-velho, ele sem dúvida estava questionando a própria sanidade, mas ainda tinha uma comunidade a proteger. Por isso, ficava acordado toda noite, como eu, fazendo o que julgava ser o certo. Pensei nele enquanto nós, caçadores de trolls, passamos as horas seguintes queimando vesículas atrás de um armazém abandonado.

A quarta-feira chegou, como sempre chega, mas, se alguém me perguntasse que dia era, eu teria dificuldade em dizer. Eu só conseguia manter a noção do tempo acompanhando o número crescente de alunos ausentes em cada aula. Apesar de ignorar a matemática de Pinkton, eu fazia cálculos próprios, somando as carteiras vazias. No ensaio da peça era a mesma coisa: onde estava Mercúrio?

E o frei João?

Então, de repente, era noite. Conheçam os Zunnns — seus sacos sujos amarrados com cordão diziam tudo o que você precisava saber. Eles saíam para pegar crianças para Gunmar, simples assim. Lutavam em equipe, avançando com os braços entrelaçados como jogadores de rúgbi e usando agasalhos esportivos iguais tingidos com faixas vermelhas e verdes, além de capacetes feitos a partir do crânio de trolls maiores. Para falar a verdade, eles eram bem intimidadores, mas o estilo de luta bruta que seguiam não era páreo para nossas quatro espadas habilmente manejadas, nossas dúzias de tentáculos-chicotes e nosso membro da família RRRÁÁÁ!!! fortificado por uma refeição de três gatos. Mesmo perdendo, os Zunnns entoavam seu cântico de luta, em tom menor. Para rebater, comecei a gritar versos de Shakespeare que me vinham à cabeça, sei lá como.

— Tomai as medidas do túmulo teu!

Lá se foi uma bolsa de moéler.

— Oh, pobre de ti! Há mais perigos em meus olhos que em vinte espadas tuas!

Lá se foi um par de mãos.

— Oh, ela faz as tochas arderem!

Lá se foi uma cabeça, ainda de capacete.

Nunca um caçador de trolls havia matado com tanto estilo. Até meus companheiros se surpreenderam. Logo o time de Zunnns estava acabado, e passamos o resto da noite em mais uma busca infrutífera pelos Gumi-Gumos. Mais de uma vez tivemos que nos esconder para evitar os olhos zelosos do sargento Gulager. Ele estava por toda parte, o tempo inteiro; fiquei realmente impressionado. Ele queria ajudar, era óbvio, mas mesmo os heróis têm limites. Aquela luta não era para ele.



30.

Quando chegamos em casa, não dei muita importância à luz e ao som que vinham da TV. Embalei o almoço de Jack, como fazia toda manhã, antes de tirar algumas horinhas de sono, e o encontrei colado à televisão. No início, não identifiquei nada nas imagens tremidas e de baixa resolução, mas então vi trolls. E não quaisquer trolls.

As imagens se estabilizaram, e vi Pisca-Pisca e RRRÁÁÁ!!! parados no que parecia uma cozinha, ambos com a cara suja de manteiga de amendoim. Em seguida, ouvi vozes humanas. A minha. A de Bola. Atordoado, tentei me segurar em alguma coisa para não cair, mas não encontrei nada e cambaleei para trás. Foi quando vi os cabos que ligavam a TV a um urso de pelúcia: a câmera oculta. Eu tinha esquecido.

Papai estava no sofá, assistindo àquilo em estupor. Devia estar ali havia horas.

Jack não precisou dizer nada: ele tinha esquecido de aplicar o sonulf. O almoço embalado caiu da minha mão com o ruído de um saco de papel se amassando. O barulho arrancou papai do transe. Com uma lentidão terrível, ele estendeu a mão para o urso de pelúcia. As imagens granuladas tremeram e se apagaram, sendo substituídas por um programa matinal em que o sargento Gulager, de olhos fundos, se recusava a confirmar que mais de quatro crianças haviam desaparecido.

“Não podemos considerar declarar uma pessoa desaparecida antes de vinte e quatro horas”, dizia ele.

“À luz desses desaparecimentos”, perguntou a repórter, “será que o Festival das Folhas Caídas deveria ser cancelado pela primeira vez na história de San Bernardino?”

“É claro que não”, respondeu Gulager, sem emoção. ”Não há razão para pânico.”

Algo mudou na respiração de papai. Ele se virou na nossa direção.

“Devemos nos unir como uma comunidade”, continuou Gulager, na TV.

Papai se levantou. As molas do sofá rangeram. Ele era muito mais alto que Jack.

“Precisamos demonstrar união diante das adversidade”, concluiu Gulager.

Papai deu um único passo. Seus olhos nadavam em lágrimas de confusão.

Ao meu lado, Jack estava paralisado.

— Jack? — murmurou papai. — É você?

— Jimbo — disse Jack.

Houve uma pausa, preenchida pelo blá-blá-blá de um intervalo comercial.

— Sinto muito — disseram, ao mesmo tempo, os dois irmãos.

Papai estendeu o braço na direção de Jack, mas a mão se elevou no ar por conta própria. Seus olhos seguiram a mão, e o pescoço começou a virar para trás. Então, com os primeiros raios de sol da manhã penetrando através das frestas das persianas de aço e atingindo o aparador acima da lareira, onde um porta-retratos exibia uma caixa de leite com a foto do irmão perdido quarenta e cinco anos antes, meu pai, Jim Sturges, criador do método Band-Aid de conserto de óculos e não reconhecido inventor do Bolso de Calculadora Excalibur, desmaiou.



31.

8,8. Oitenta e oito por cento de acerto. A sra. Pinkton tinha passado semanas martelando esse número na minha cabeça. A prova de matemática era no dia seguinte, e essa era a nota de que eu precisava, mas tudo o que eu conseguia fazer naquele momento era aplicar esse percentual impiedoso às outras esferas da minha vida.

Oitenta e oito por cento de chances de eu não interpretar Romeu.

Oitenta e oito por cento de chances de Bola nunca mais voltar a falar comigo.

Oitenta e oito por cento de chances de Gunmar, o Sombrio, voltar.

Oitenta e oito por cento de chances de eu morrer lutando contra os trolls.

Oitenta e oito por cento de chances de papai ter perdido o pouco que lhe restava de sanidade mental.

Deixei-o com Jack na sala. Transportamos o corpo inconsciente de papai para o sofá e fui tomar uma ducha rápida. Quando saí, de roupas limpas, papai estava acordado, mas sentado na beira do sofá, curvado e abatido, sem olhar para Jack e murmurando para si mesmo que estava sendo enganado, que alguém estava tentando enganá-lo. Jack, todo jovem e inocente em minha calça baggy, me lançou um olhar triste. Será que papai ia chamar o sargento Gulager? Ou o diretor da escola? Será que ia encontrar algum jeito de impedir que eu saísse à caça de trolls apenas um dia antes de a montagem da Killaheed ser finalizada?

Jack queria que eu deixasse a escola de lado e o ajudasse na situação com o irmão. Afinal, ele estava longe de saber como lidar com aquilo, só sabia caçar e matar. Mas achei que era algo intenso demais, pessoal demais, o reencontro de irmãos havia muito separados. Pelo menos na escola eu podia me perder no clamor produzido por adolescentes munidos de Steve Tapas e preocupados unicamente com o jogo da noite seguinte. Peguei minha mochila e subi no ônibus sem olhar para trás.

Com os oitenta e oito por cento da sra. Pinkton ecoando nos ouvidos, fiz um pit-stop na fileira de armários do corredor do colégio, para pegar o livro de matemática, e me vi desejando ser enfiado no armário só para aproveitar um pouco de privacidade e tirar um cochilo. Foi enquanto eu avaliava os prós e contras desse plano que ouvi uma risada cruel no corredor. Mas não foi suficiente para me convencer a sair do lugar. Nem as batidas de uma bola de

basquete sendo quicada. O que despertou minha atenção foram as palavras pronunciadas por aquela voz fria e muito bem-articulada:

— O valor novo é de dez pratas. — Inflação.

Logo adiante no corredor, Bola estava com a cabeça espremida embaixo do braço de Steve Jorgensen-Warner. Era uma reprise da cena na Caverna dos Troféus, mas com o divertido acréscimo de um aumento de taxa que Bola jamais conseguiria arcar com a mesada reduzida que recebia da avó. Sem mesmo pensar no que eu estava fazendo, me vi andando na direção deles, empurrando curiosos para o lado. Eu não era o mesmo cara de uma semana antes. Longe disso.

Dei um empurrão no peito de Steve, com as duas mãos. Até aquele momento, eu nunca tinha me dado conta da densidade muscular dele. O maldito nem sentiu cócegas. Mas consegui o efeito desejado: ele deixou Bola de lado e se voltou para uma vítima mais nova e mais interessante. Um estrondo anunciou a colisão da cabeça do meu amigo contra um armário, mas mantive os olhos fixos em Steve e na bola quicando.

BAM, BAM.

— Jim, que bom você me lembrar: eu estava mesmo para perguntar se você estava interessado em participar do nosso pedágio diário. É um ótimo programa, com benefícios fantásticos.

— Deixe o Bola em paz.

BAM, BAM.

— Vou considerar isso como um sim. Por que não começamos imediatamente?

— Deixe o Bola e todo mundo em paz. Está todo mundo cansado da sua babaquice.

BAM, BAM.

— É mesmo? Nem percebi. Achei que fosse o contrário.

— Eles só têm medo de você. Eu não tenho.

BAM, BAM.

— Medo? Por que alguém teria medo de mim? Sou eu quem vai marcar o *touchdown* da vitória amanhã. Sou eu quem vai trocar de figurino rapidinho e estrelar uma peça no meio do campo. A noite inteira, vou aparecer naquele telão. E não faço isso por minha própria glória, Jim. É pela escola! As pessoas adoram isso. Ficam felizes em me dar alguns dólares aqui e ali pela causa.

BAM, BAM.

— O papel é meu — rosnei.

— Você estava uma gracinha de saia e calça coladinha, tenho que admitir. É

uma pena. Mas não se preocupe. Pode deixar que vou dar um beijo bem molhado na sua Julieta. Por nós dois.

— Por que de repente você ficou tão interessado na Claire?

— Por quê? — repetiu Steve. — Por que *não*?

Ele riu. Em comparação, percebi que minha voz tinha se tornado submissa. O peso que dera força aos meus punhos segundos antes tinha se esvaído. A fraqueza voltava a tomar conta de mim. Os alunos ao redor estavam rindo, e aquilo doeu como sempre. Baixei a cabeça e me virei para pegar os livros onde eu os tinha deixado. Meus únicos sucessos só ocorriam na escuridão da noite; eu deveria ter pensado duas vezes antes de atacar Steve em plena luz do dia.

— Você é um paspalho, Jorgensen-Warner.

Todas as cabeças, inclusive a minha, se viraram na direção de uma voz com sotaque que soava bem menos adorável quando estava estourando de raiva. Claire tinha aberto caminho através da multidão e estava ali parada em suas familiares roupas militares, a boina inclinada em ângulo de combate. De cor-de-rosa, dessa vez, só se via seu rosto, inflamado de fúria.

Steve deu um riso hesitante.

— Eu sou o quê?

Claire se aproximou. Estava agora ao alcance de um soco.

— É mais fácil eu pegar um bode velho e fedorento do que dar um beijo num rola-bosta que nem você.

— Pegar o quê?

— Experimenta me dar um beijo e você vai acabar com um olho roxo, seu parvo. Jim é um Romeu duas vezes melhor que você. Se disser que não, caio no braço com você e ainda dou um pancadão nos seus bagos.

— Hein?

— Olhe só para você, não está entendendo nada, seu mané. Acha que eu sou uma parva? Estou mais para maluca! Vou sapatear na sua cachola e dar um chute nas suas partes pudendas. Você vai chorar e chamar sua mãe, ah se vai.

— …?

O jeito de falar de sua terra, que ela não usava havia muito tempo, jorrou em uma torrente tão incrível quanto indecifrável. Dava para deduzir a maior parte — chutar diversas áreas sensíveis parecia ser a essência básica, mas eram, acima de tudo, emoções violentas expressadas por uma garota cuja atitude tranquila sempre tinha sido sua característica mais notável.

Ela encarava Steve bem de perto quando deu um chute forte na bola de basquete, lançando-a longe. Steve arregalou os olhos e fechou a mão como se

quisesse socar alguém. Todo mundo notou. Claire apontou para a mão dele. Sua bravata não tinha limites. Ela riu como se o punho fechado de Steve fosse um cata-vento de criança.

— Ah, que medo, seu falastrão de merda! Melhor lembrar como eu sei manejar uma espada antes me ameaçar com esse seu soquinho chinfrim.

Risos de reprovação, tão volúveis nos corredores do ensino médio, se voltaram para Steve. Nunca tendo sido alvo de ridículo, ele ficou desnorteado. Olhou cada rosto que ria como se fosse uma traição pessoal. Sua beleza se dividiu em segmentos feios tingidos de pânico: os olhos se estreitaram em fendas duras, os dentes afiados se expuseram em um riso de escárnio defensivo e o corpo definido se compactou como se estivesse se preparando para se chocar com outro jogador em uma partida de futebol americano. Então ele tomou a decisão mais sábia que podia: engoliu a raiva e botou o rabo entre as pernas. Ainda voltaria a reinar, mas aquele dia estava perdido. Steve foi atrás da bola de basquete, e parecia bem infantil naquele momento.

Os curiosos se dispersaram, repetindo trechos das tiradas de Claire, que sem dúvida seriam incorporados no vernáculo local. Soltei um monte de ar que estava preso nos pulmões e me virei para ajudar Bola. O armário mais próximo estava amassado, mas não o vi por perto. Fiquei desapontado, apesar de não poder culpar um cara por querer escapar de um monstro. Eu sabia o que era instinto.

Claire, porém, estava lá, e não se assustou ao ouvir o sinal. Ela me fez uma breve saudação.

— Sturges — disse ela.

— Fontaine? — retruquei.

Ela assentiu lentamente, como se avaliasse minha resposta e a julgasse adequada.

— Você parece um tanto diferente, Sturges.

— Você também.

— Ah, meu vocabulário? — replicou ela, revirando os olhos. — É que você nunca me ouviu quando eu bato com o joelho.

— Nunca vou esbarrar no seu joelho. Prometo.

— Ouvi a sra. Pinkton falar hoje. Sobre os seus problemas. Sobre os oitenta…

— Oitenta e oito por cento — completei. — Pois é.

— Não sou ruim com números, Sturges.

— Eu sei. É de admirar.

Ela revirou os olhos mais uma vez.

— Estou dizendo que posso ajudar você, seu bobalhão.

— Não, por favor — pedi, erguendo a mão. — Chega dessas palavras. Eu não aguento.

Ela abriu um sorriso glorioso, deu uma risada mais sonora do que nunca.

— A gente pode se encontrar hoje à noite. 8,8 não é nada. Vou fazer você tirar um 9.

— Você… quer que eu vá à sua casa?

O sorriso dela vacilou.

— Sinto muito. Você entendeu errado. Não posso levar você lá em casa.

— Hã… desculpa. Hm. Então. Legal. Hã… obrigado?

— Relaxa, Sturges. Não é com você. É só que a minha casa não é um bom lugar de visitar. Em geral. Mas eu posso ir à sua. Falei para a minha mãe que hoje é o ensaio final, e sei que ela pode convencer meu pai de que vai acabar tarde. Nós dois podemos voltar juntos depois do ensaio, aí paramos na sua casa e nos jogamos nos números. Conheço uns macetes que vão fazer seu cérebro dar piruetas.

— Eu…

A ideia de recusar qualquer oferta de Claire Fontaine era terrível, mas a verdade era que eu precisava de sono, mesmo que apenas duas ou três horas, porque, quando o sol se pusesse, seria hora da caçada final. Tínhamos só uma noite para encontrar os Gumi-Gumos antes que a Killaheed ficasse pronta. Dei um suspiro.

— Eu não vou ao ensaio — falei.

A decepção dela foi evidente. E eu gostei disso. Se eu desistisse de *R*ô & *Ju* naquela noite, não havia esperança de recuperar o papel. Ela teria que contracenar com Steve, o cara que ela tinha acabado de humilhar diante da escola inteira. Por um instante, me perguntei se Claire desistiria da coisa toda. Mas então sua expressão ficou séria. Ela era esse tipo de garota: tinha decidido *saborear* o desafio de contracenar com Steve. Se ela dissesse as falas direito, talvez mostrasse a ele quem era o chefe mais de uma vez.

— Tudo bem — disse Claire. — Seis horas. Na sua casa. O que acha?

A pergunta, embora simples, estava repleta de riscos. Ninguém além de Bola jamais havia visitado a fortaleza de aço protegida por câmeras que era a minha casa. Havia uma criatura de oito olhos escondida no armário do meu quarto; meu pai estava à beira de um surto completo após ver diante de si o irmão mais velho supostamente morto, mas que não havia envelhecido nem um dia sequer; e,

depois que escurecesse, um bando de figuras esquisitas armadas com espadas se reuniria na sala para rastrear o vilão infame que havia levado pelo menos uma dúzia de crianças na semana anterior, um vilão que sabia meu nome e que queria pegar também a mim.

Havia um milhão de razões para dizer não a Claire, exceto uma.

Eu tinha passado a vida inteira esperando o momento de dizer sim.



32.

Vinte minutos depois do combinado, Claire Fontaine bateu na porta da minha casa, com as faces coradas e reclamando de toda aquela “bobajada de festival” que estava fazendo a cidade inteira parecer uma festa de aniversário infantil. Fiz “he he he”, uma risada tão forçada que eu mesmo achei tosco. Felizmente, ela entrou mesmo assim. Fechei a porta e estendi a mão para a primeira das dez fechaduras, pronto para passar pelo repertório de *clique, claque, tlim, plaque, tec-tec-tec, plunk, tunc, fuussh, claque-clique, plomp*, mas parei. Não ia fazer aquilo com ela olhando. Agora eu era corajoso demais para isso.

Deixei a porta destrancada mesmo.

Nada passou despercebido para Claire. Em segundos ela notou as persianas de metal, os três painéis de segurança e os fios ainda pendurados do ventilador no teto da cozinha. Quando ela perguntou pelo meu pai, aleguei que não sabia onde ele estava. Ele tinha saído, o que não era normal. Papai não passava mais tempo do que o necessário na San Bernardino Electronics. Fiz o “he he he” mais uma vez. Ela fingiu que não reparou. Atravessou a cozinha e jogou a mochila cor-de-rosa na mesa de jantar, e momentos depois estávamos pegando os livros de matemática e arrumando estrategicamente os lápis e papéis.

A primeira hora foi inútil. Eu não parava de sentir o cheiro de Claire e aproveitar o calor do corpo dela e repetir mentalmente que tinha uma garota na minha casa. E não simplesmente uma garota: *a* garota. Por isso, foi uma surpresa quando os números, os números certos, começaram a surgir no papel como se meu lápis estivesse possuído. Bastou mais uma hora dos truques matemáticos de Claire e a compreensão atravessou meu cérebro tão depressa quanto as primeiras lâminas da luz da manhã penetrando na Cidade Troll. Talvez eu acabasse por surpreender a sra. Pinkton, no fim das contas.

— Seu pai não vai gostar de me ver aqui? É isso?

Meu rosto estava tão próximo do papel que eu sentia o cheiro do grafite do lápis. Olhei para cima e vi um saco de batatas fritas, que Claire afastou para me ver.

— Por que está dizendo isso? — perguntei.

— Você passou a noite toda de olho na porta.

— Foi?

— Parecia que estava esperando que ele entrasse de repente com uma chave de roda e arrebentasse a nossa cabeça.

— Desculpa — falei. — Ele nunca usaria uma chave de roda.

Ela arregalou os olhos.

— Nossa! O que ele usaria, então? Um rolo de macarrão?

— Não, não, não. Ele não vai usar nada. Não vai atacar a gente. Não acredito nem que estamos tendo essa conversa. Meu pai trabalha com *eletrônica*. Ele apara *gramados*. Não vai arrebentar a cabeça de ninguém. Eu só… É esquisito, porque não é normal ele trabalhar até tarde. Provavelmente só vai ficar surpreso ao ver você quando chegar aqui, só isso, porque eu não… você sabe, eu não trago muita gente em casa.

— É, eu percebi as defesas. Bem imponentes. Está esperando uma invasão ou o quê?

Dei de ombros.

— Sempre pode acontecer alguma coisa. É o que meu pai diria.

— É mesmo? Sempre pode acontecer alguma coisa? Os Estados Unidos são assim tão perigosos?

— Depende de aonde você vai — comentei, pensando no espaço embaixo da minha cama. — Existem lugares ruins.

— A sua rua não parece ruim. A menos que as gangues daqui usem colete de lã.

— Não é um lugar ruim. Meu pai é só… medroso.

— E como a sua mãe lida com isso? A maioria das mulheres que eu conheço não gosta de ficar olhando para persianas de aço e janelas com grades. Mas tem gosto para tudo, claro.

— Bem, ela também não gostava.

— Você não tem mais mãe?

— Pois é.

— Ela morreu?

A franqueza da pergunta me pegou de surpresa. Ousei olhar para ela por vários segundos e não notei nada além de uma curiosidade sincera. A falta de timidez de Claire me inspirava a agir da mesma maneira.

— Ela foi embora quando eu era pequeno.

— Por que ela fez isso? Um garoto legal como você. Um marido que jamais usaria uma chave de roda em ninguém.

Sorri.

— Foi só… *isso* — respondi, indicando as barricadas. — Pelo menos essa é a

minha teoria. Ela e meu pai estavam tendo alguns problemas. Eu tinha idade suficiente para perceber, mas nunca soube que as coisas estavam tão ruins. Um dia ela estava aqui e era tudo normal, e no dia seguinte ela foi embora.

— Você não tem notícias dela?

— Não. Depois que ela foi embora, meu pai comentou algumas coisas, não muitas, mas fiquei com a impressão de que ela tinha um passado estranho, sabe? Como se ela já tivesse sido presa, sei lá. Eu não ficaria surpreso. Ela era inteligente, mas também meio instável. Deve ter se casado com meu pai porque ele oferecia segurança, ao contrário do resto da vida dela. Mas ela sabe se cuidar. Aposto que trocou de nome e de identidade e que está livre e se cansando do marido novo e do outro filho. No México, talvez. Ou no Havaí. Ou em alguma ilhazinha tropical em algum lugar.

— Que fofo.

— O quê?

— Você imaginando sua mãe em um lugar bonito assim.

Isso me fez parar e pensar. Era verdade, eu via minha mãe caminhando descalça em uma praia, desviando de estrelas-do-mar, inspirando o cheiro de sal e tentando encontrar vislumbres de sua vida antiga no sol poente vermelho atrás de uma montanha verde exuberante. Essas fantasias não traziam nenhuma emoção, e pela primeira vez me perguntei se eu as havia eliminado para me proteger.

— No dia em que ela foi embora, eu tinha faltado à aula porque estava doente — contei. — Estava em casa naquele dia. Ela não disse nada. Só abriu todas as fechaduras e saiu. Depois de um tempo, me levantei e tranquei a porta. Eu era só uma criança. Achei que era o que eu devia fazer. Então não me sinto *fofo*, entende? Tranquei a porta quando ela saiu. Foi na véspera do meu aniversário, primeiro de maio, e eu pensei, tipo, se ela não vai nem ficar para o meu aniversário, ela que se dane.

— Eu também faço aniversário no dia dois de maio — comentou Claire.

— Sério?

— Inverness, Escócia, dois de maio.

— Escócia? Achei que você fosse inglesa.

— Inglesa! Meu Deus! Você não reconhece o sotaque escocês?

— Ah, são parecidos, não são?

— *Parecidos?* Se você disser isso nas Highlands, rapaz, vai acabar levando uma mão na fuça.

— Desculpa! Eu não queria… Acho que não conheço sotaques tão bem

quanto…

— Ei, a gente devia dar uma festa juntos em maio.

— Uma festa? Dois segundos atrás você ia me bater.

— Apesar de eu ser um ano mais velha. Meus convidados talvez sejam um pouco mais maduros.

— Pelo menos você teria quem chamar.

— E o Tobias? Pelos meus cálculos, ele vale por três ou quatro convidados.

— O Bola não tem falado comigo ultimamente.

— Ah, Sturges — suspirou ela. — Quanta melancolia!

Pousei o lápis em cima dos cálculos e me virei para ela.

— Para ser sincero, não sei como você faz isso. Passei a vida inteira aqui e sou como um pária. Você está na escola há tipo dois minutos e já está cheia de amigos. Você grita com garotos populares no corredor e vira uma heroína em vez de ser pisoteada. Tem pais que inscrevem você em coisas maneiras tipo aulas de esgrima. Fico pasmo. Como é isso? Sério, como é, afinal, ter uma vida tão… *boa*?

Claire estava retorcendo no dedo uma mecha de cabelo. Quando a soltou, a mecha se recolheu para junto do rosto, como a vela de um barco após ser cortada. Sua expressão não era de ofensa nem raiva, mas de uma curiosidade triste, como se avaliasse se eu estava preparado para uma resposta sincera. Avaliei que não estava, mas era tarde demais: ela tirou a boina e sacudiu o cabelo, que se agitou em todas as direções, um regimento de serpentes em seu apoio. Então ela ergueu a mochila cor-de-rosa da cadeira, a pôs na mesa, abriu o zíper e pegou um objeto que era a última coisa que eu esperava ver.

Uma roupa elegante. O tipo de modelo que jogaria uma garota como ela no grupo popular no instante em que ela cruzasse as portas da escola. Um lindo vestido cor-de-rosa com detalhes em azul-petróleo e uma fita de cabelo combinando. Um par de sapatos de salto alto, dois brincos cintilantes, um colar trançado de pérolas. E um monte de maquiagem: sombra para os olhos, batom, blush, esmalte de unhas e vários outros recipientes que eu não era qualificado para identificar. O último item que ela retirou foi um frasco muito usado de removedor de maquiagem. Ela o ergueu por um tempo, como se fosse o mais importante.

— É verdade, temos uma vida boa — disse ela, com cuidado. — Uma casa boa. Mamãe mantém tudo bonito, porque é assim que meu pai gosta. Temos hobbies legais. Não tive só aulas de esgrima, mas também piano, canto… todas as melhores diversões para escoceses dispostos a ser uma bela família

americana. E comemos tudo do bom e do melhor: peru, batatas, verduras frescas. Papai gosta que a gente se alimente bem, faz questão que isso fique claro. E nos vestimos muito bem. Muito bem mesmo. Eu diria que, se você passasse pela nossa casa e olhasse pela janela na hora do jantar, nos indicaria para o prêmio de família mais perfeita de toda San Bernardino. Ideal para cartões-postais e propagandas de margarina. Só falta o cachorrinho saltitante e o vizinho excêntrico.

A mochila cor-de-rosa estava entre nós como um inseto estripado em uma mesa de vivissecção, aberto ao meio e espalhando seus segredos feios.

— Monstros nem sempre parecem monstros — concluiu Claire.

Quem sabia disso melhor que eu? Apenas poucos dias antes, Pisca-Pisca e RRRÁÁÁ!!! eram pesadelos ambulantes e agora eram meus amigos de confiança. Enquanto isso, outros seres que pareciam perfeitamente normais circulavam pela vida em benevolência simulada: os Steve Jorgensen-Warner do mundo, os Lempke, os falsos humanos feitos por Casca-Ocas que, segundo Pisca-Pisca, controlavam boa parte de Washington. Talvez o sr. ou a sra. Fontaine se enquadrasse na mesma categoria, exigindo da filha uma personalidade que não era dela.

— Sinto muito — falei.

— Tudo bem. Você não disse por maldade. Você pensa que vivo em um faz de conta tão maravilhoso quanto o da sua mãe, apesar de nem ela nem eu merecermos isso. Você é um garoto bom, Sturges. Um pouco melancólico, mas bom.

— Tudo bem. Aliás, eu gosto quando você diz isso.

Com sorte, vou viver para ficar velho, e, quando estiver lá deitado no meu último travesseiro, conectado a equipamentos eletrônicos capazes de medir a distância exata até minha morte, haverá algumas lembranças selecionadas que vão se repetir no meu cérebro, porque não vou querer deixar a vida com mais nenhum outro pensamento além dos mais doces. O que aconteceu em seguida será uma dessas lembranças.

Claire Fontaine, o tipo de garota tão confiante a ponto de um dia dominar o mundo e ser igual às pessoas da mais alta estirpe, gostou de mim o suficiente para estender as mãos e me tomar pelos pulsos. As pontas soltas de suas pulseiras de fio espetaram minha pele. As pontas rígidas de seus dedos subiram pelo meu braço e me puxaram. Seu cabelo, volumoso como sempre, me tocou bem antes de qualquer outra coisa, e me lembro de sentir leves cócegas em cada folículo do rosto. Ela se aproximou tanto que saiu de foco e se tornou o borrão

mais lindo do mundo.

Em todas as minhas fantasias, eu nunca tinha realmente imaginado qual seria a sensação de lábios macios tocando outros lábios.

Meu celular fez questão de impedir que aproveitássemos aquilo por muito tempo. Claire recuou com a sobrancelha erguida como se avaliasse que meu desempenho não tinha sido convencional mas precoce. Fiquei apenas olhando para ela por alguns segundos, abobado, até enfim tatear o bolso do casaco à procura daquele lixo eletrônico idiota que tocava e precisava urgentemente ser destruído. Meu estômago se embrulhou um pouco. Era meu pai, por isso ergui o dedo de "espere um instante" para Claire, me levantei e atendi ao telefone seguindo na direção da luz mortiça da cozinha.

— Você está bem? — perguntei.

Pela voz, ele parecia esgotado.

— Não posso responder, Jimmy. Mas vou chegar em casa mais tarde. Não queria que você se preocupasse. Tem comida congelada, se você quiser. Acho que tem uma lasanha de queijo. E carne com brócolis, talvez. Esses que você gosta. Vá lá e coma. Está sendo um dia difícil, só isso, e ainda tem algumas coisas em que eu preciso pensar antes de voltar para casa e… Nem sei o que vai acontecer.

— As coisas estão esquisitas — comentei. — Eu sei. Mas podemos resolver tudo. Você ainda nem conheceu os outros. Tudo bem, admito, também vai ser muito estranho. Mas, se a gente se reunir, podemos explicar tudo, está bem? Logo depois que anoitecer.

— Já anoiteceu — disse papai. — Mais tarde estou em casa. E você, se cuida.

Ele desligou. Por um instante fiquei preocupado com o distanciamento que senti, mas isso foi substituído pela informação que ele me passara: já havia escurecido. Me debrucei na pia da cozinha e enfiei a cabeça sob as persianas de aço para olhar lá fora. Mariposas faziam a luz dos postes tremeluzir, sinal certo de que estavam acesos havia um tempo. As horas tinham se passado sem que eu percebesse. Ri comigo mesmo. Matemática nunca tinha me distraído tanto.

Claire gritou.

Foi um ruído gutural, como se ela estivesse tentando escapar de um abraço indesejado. Algo de madeira explodiu, seguido pelo gongar de algo batendo no metal. Logo depois veio o som de corrida, pés demais seguidos por uma série terrível de barulhos: um estalo musical, como cordas de violão arrebentando, o rasgão abafado de várias camadas grossas de tecido e o barulho de dentes

mastigando madeira.

— *Claire!* — chamei.

Com o nome ainda reverberando da minha boca recém-beijada, corri até a sala de jantar, parando apenas para observar cada desastre: Claire havia desaparecido sem deixar rastros exceto a boina; a cadeira em que ela tinha se sentado estava despedaçada no chão; no canto da mesa havia um amassado, sinal de que uma criatura enorme havia esbarrado ali ao sair; e os pássaros brancos recheados de anotações e problemas de matemática faziam uma lenta e funesta descida no ar. A mochila cor-de-rosa também havia desaparecido: ela tinha conseguido pegá-la, sabe-se lá para que utilidade.

No meu quarto, me deparei com uma verdadeira tempestade de neve de tripas de espuma. Um buraco em formato de boca tinha sido aberto no centro da minha cama — no colchão, nas molas, tudo. De um salto, me aproximei a tempo de ver os últimos movimentos das tábuas do piso voltando ao lugar, se fechando sobre a escadaria secreta.

Os gritos de Claire ecoavam lá de baixo, presos no espaço fantasma do piso de madeira, das fundações de concreto, da argila e assim por diante, cada vez mais fundo, mundo sobre mundo, medo sobre medo.

Bati com os calcanhares no chão quando me joguei no buraco aberto na cama gritando para que se abrisse. As bordas mastigadas do box de molas arranharam meu tronco quando caí de joelhos e tentei arrancar as tábuas com as unhas. Eu podia ser um caçador de trolls, mas não tinha ideia de como abrir aquela porta, e naquele segundo, por pura ignorância, eu era mais do que inútil.

Meus gritos por Pisca-Pisca ecoaram nas superfícies lisas do quarto. Ele deslizou para fora do armário como se saísse de um ninho de cobras, os oito olhos vermelhos piscando para se livrar das remelas. Eu não parava de tentar abrir o chão quando senti tentáculos, numerosos demais para que eu conseguisse afastá-los, todos envolvendo meu tronco e me erguendo da cama esburacada.

— Me solta! Temos que salvá-la!

Fiquei me debatendo em pleno ar, até que meus pés tocaram o chão em meio à espuma de colchão esvoaçante. Os apêndices de Pisca-Pisca me seguravam pelas costas e, quanto mais eu lutava para me libertar, mais me apertavam. Sentia a gosma escorrendo entre os tentáculos quando ele começou a falar, em um tom ligeiro e furioso que eu não queria ouvir, que abaixo daquelas tábuas havia uma emboscada — ele tinha escrito tudo sobre tal estratégia no volume 12 de sua dissertação.

Embora não quisesse acreditar, eu *ouvi* e *senti* sob meus pés: um enxamear

fervilhante de Gumi-Gumos logo abaixo do piso, rindo e gorgolejando na expectativa de cravar os dentes em um adolescente fresquinho. Claire estava em suas mãos horrendas, sendo levada para lugares inimagináveis, e por minha culpa. Dei um gemido e levei as mãos às espadas para cortar alguma coisa, qualquer coisa, só pelo alívio de sentir a destruição.

Os oito olhos de Pisca-Pisca se abaixaram até minha altura como flores murchando e brilharam com tamanha potência que precisei cobrir o rosto com a mão. Então o velho troll inspirou fundo. Senti nas costas as batidas quentes de múltiplos corações e o inflar de quatro pulmões gigantes, e um som se ergueu de dentro de suas entranhas. Começou baixo, como o ronco de um trem passando por trilhos distantes, mas depois acrescentou a oitava mais alta do canto de baleias e o tilintar estridente de buzinas de bicicletas tocadas por meninos que corriam mais rápido que o fim do verão, meninos que ultrapassavam o fim da infância e todos os outros tipos de feras glutônicas.

Era um chamado, tão alto que seria ouvido por todas as ruas da vizinhança — por quem tivesse o tipo certo de ouvido. Meu medalhão começou a arder, e senti o cheiro da pele do meu peito queimando. Mas, acima da dor, a tradução era forte e clara. Perdi o fôlego.

— *CAÇADORES DE TROLLS!!*

Pisca-Pisca me segurou e uivou, e eu também uivei, enviando uma oração para Claire e para todos os desaparecidos: *aguentem firme*.



A Batalha das Folhas Caídas





33.

Jack entrou bruscamente pela porta destrancada, sentiu o cheiro acre no ar e correu até meu quarto, onde afastou para os cantos o que tinha sobrado da minha cama. Pisca-Pisca então estendeu os tentáculos, de modo que o chão inteiro ficou acarpetado com sua carne mucosa. Subi na cômoda para sair do caminho. A ponta de cada tentáculo se franziu como se estivesse farejando algum animal.

— O nariz da RRRÁÁÁ!!! é mais indicado para esta tarefa — desculpou-se Pisca-Pisca —, mas, por outro lado, eu tenho setenta e quatro deles.

Isso me deu esperança, mas de repente os tentáculos se descolaram como fita adesiva. Pisca-Pisca recuou para o armário, deixando uma flegma fervilhante de troll que começou a dissolver várias roupas minhas que estavam largadas.

— Os patifes estão espalhando os odores mais fétidos para nos despistar. Morango! Baunilha! Erva-doce! Café! Temo desmaiar como uma donzela de espartilho! Ou vomitar! Ou ambos, em impressionante simultaneidade!

— Vamos atacar! — disse Jack. — Agora mesmo. Mas precisamos de outra porta.

— Qualquer lugar menos aqui! — resmungou Pisca-Pisca. — Ou regurgitação será o esporte da noite!

— Eu conheço um lugar! — exclamou Jack. — Mas temos que *andar*.

Não havia o que discutir. Jack vestiu a armadura, as partes de metal estalando e retinindo ao serem prendidas — arautos de combate. Chutei para o lado as roupas encharcadas de vômito de troll e escolhi uma camisa e uma calça com as quais eu não me importaria de morrer. Pisca-Pisca me entregou o Gato 6 e a Claireblade, que pareciam mais pesados do que nunca.

Passamos apressados pela sala. Levei a mão à maçaneta e a girei, mas a porta não se abriu. Todas as dez trancas haviam sido fechadas. Já tinha começado o ritual de destrancá-las quando me dei conta do que aquilo significava. Quando me virei, lá estava papai, agarrado a sua pasta surrada, o rosto escurecido pela barba por fazer, as roupas amarfanhadas, o punho esquerdo da camisa desabotoado e manchado da comida barata que devia tê-lo alimentado aquele dia.

A reação de meu pai ao ver um troll de verdade foi tão tranquila que tive medo de seu cérebro explodir educadamente no interior do crânio. Para

minimizar o próprio tamanho, Pisca-Pisca recolheu às costas o máximo de apêndices possível. Jack, enquanto isso, sopesava a máscara na mão, desejando claramente poder botá-la para evitar aquele encontro. Papai expirou e inspirou como se os dois estivessem mantidos sob a mira de uma arma, e estendeu a mão para a prateleira acima da lareira elétrica para se equilibrar. Várias peças da coleção Jack Sturges caíram.

Papai olhou para as fotos de escola do irmão enquanto perguntava:

— Jack, por que você voltou?

— Eu precisava voltar.

— Então não vá embora — pediu papai, com a voz embargada. — Fique aqui comigo. Ainda tenho caixas com roupas suas. Posso comprar bicicletas para nós dois, as melhores à venda. Vermelha para você, amarela para mim. Ainda tenho seu rádio. Podemos sair de bicicleta e ouvir música, Jack. Podemos disparar nossos lasers. Podemos pedalar tão rápido que não teremos tempo de nos lembrar de nada que aconteceu de ruim. Podemos crescer juntos, afinal! Não seria um sonho?

— Eu não posso crescer, Jimbo. Nem com você nem com ninguém.

Papai deu um soco na prateleira. O porta-retratos com a foto da caixa de leite caiu no chão e o vidro se estilhaçou na lareira. Jack deu um pulo, e Pisca-Pisca engasgou em seco. Papai se virou para trás, lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Eu vivo em solidão aqui em cima, Jack! Fique comigo. Ou me leve com você.

— Jimbo…

— Eu vou aonde quer que você vá. É o que eu devia ter feito anos atrás!

— Não posso…

— Me leve! Estou pronto!

— Você não está…

— Agora eu sou o irmão mais velho, Jack! Você tem que me obedecer!

— *Você está velho para isso!*

O grito de Jack chacoalhou as trancas na porta e fez as persianas de aço ressonarem. Ficamos ali parados enquanto o eco cruel se dissipava de forma excruciante. A expressão tensa de choque de meu pai se transformou em rugas de pesar. Ele ergueu a mão pontilhada pelas primeiras manchas da idade e tocou a papada que nos últimos anos tinha alongado suas faces. A mão prosseguiu, passando pelas linhas de preocupação marcadas na testa até o couro cabeludo que havia muito tinha aberto mão do cabelo.

— Então meu prazo venceu — disse papai.

Jack apertou a máscara.

— Desculpe — balbuciou ele.

Pegamos nossas armas e nos viramos para a porta.

— Você vai levar o Jimmy? — perguntou papai. — Está me deixando e levando meu filho?

— Eu preciso ir, pai — falei.

— Eu o proíbo — disse papai, encorajado pela ideia. — É perigoso… Você viu as notícias? É muito perigoso!

— Vou trazê-lo de volta — garantiu Jack.

— E se não trouxer? Como vai ser? Você vai destruir o que restou desta família. Mas você pode colocar tudo no lugar outra vez, está em suas mãos!

Jack parou com a luva tacheada na maçaneta e olhou para as botas por um instante. Vi que estava refletindo sobre a verdade do que papai dissera. A missão daquela noite podia ser suicida, e, mesmo que significasse uma invasão troll e a destruição de todo o continente, cidade após cidade, talvez ainda fosse injusto roubar os últimos preciosos dias de um pai e um filho.

— Isso não está em discussão — falei. — Eu vou.

— Jim, pense no que está prestes a… — começou Jack.

— Não preciso pensar. Aquela ponte vai ficar pronta amanhã. Crianças vão morrer. Crianças que eu conheço. E estamos aqui sentados discutindo isso? Olhe, é como disse o Bola, só que eu não acreditei na hora: estou aqui para isso, pai. É a única coisa em que sou bom. Há momentos em que você precisa fazer a coisa certa, por mais assustadora que seja. Vocês dois deviam saber disso melhor que ninguém! Se eu não lutar agora, agora *mesmo*, quando devo lutar?

Jack estava me encarando. Era um olhar de alerta; depois, mudou para interrogação.

Eu não me mexi.

Lentamente, um sorriso surgiu em seus lábios. Ele assentiu com a cabeça apenas uma vez.

— Vamos lutar — disse ele.

— Lutar? — repetiu Pisca-Pisca, rindo. — Que eufemismo para nossas pilhagens, saques e devastações!

Papai desabou no sofá com a rigidez de um manequim de vitrine.

— E o Shakespeare? — perguntou ele, em tom monocórdico. — E a sua peça?

Com dedos experientes, abri todas as outras fechaduras. Foi estão que vi a chave da van da San Bernardino Electronics pendurada em um gancho ao lado

da porta. Estávamos atrasados. Um carro ajudaria bastante. Peguei a chave sem pensar duas vezes.

— Amanhã vou ao campo para dar uma aparada final — prosseguiu papai. — Deixar o lugar bonito para a sua peça.

Conduzi Pisca-Pisca para a noite, depois Jack, que lançou um último olhar cheio de remorso para o irmão. Pus a mão nos veículos de metal que cobriam seu corpo e o empurrei de leve para fora. Peguei a maçaneta e puxei a porta às minhas costas, parando apenas por um instante para observar meu pai encarando com olhos vazios a TV desligada. Aquela talvez fosse a última vez que eu o veria. Queria que ele se virasse e me dissesse que eu conseguiria.

— Eu vou voltar, pai — falei. — Vou tentar. Vou tentar com todas as forças.

— É, claro — respondeu ele, sem olhar para mim. — Vejo você amanhã à noite na peça. Sei que você vai ser fantástico em cena.



34.

A partida doeu. Mas a dor era algo conhecido por toda família que havia perdido uma criança, e, se os caçadores de trolls tinham um trabalho mais importante que todos os outros, esse trabalho era pôr um fim a esse sofrimento de qualquer maneira, antes que se tornasse irremediável.

Naquela noite, Jack realizou uma fantasia de longa data: dirigiu. Tomando a chave da minha mão alegando saber tanto quanto eu em termos de direção, pulou para o banco do motorista enquanto eu botava Pisca-Pisca no compartimento de carga que normalmente abrigava o aparador de grama. Depois que me instalei no banco do carona, Jack saiu com a van aos solavancos, abrindo um belo buraco na porta da garagem.

— Opa — disse ele. — Erro meu.

Ele cruzou o gramado de ré e continuou até os pneus arrastarem um canteiro de flores pela rua. A essa altura, porém, Jack estava se divertindo. Seus olhos brilhavam com o tipo de intensidade que eu só tinha visto em batalha. Ele botou o câmbio automático na posição de dirigir e pisou no acelerador. As rodas giraram, e, quando fizeram tração no calçamento, aceleramos através de uma nuvem de borracha queimada. Jack gritava com uma alegria incomum.

Ele dirigia do mesmo jeito que andava de bicicleta em 1969: de modo precipitado, em alta velocidade e improvisando a todo momento. Quando freou bruscamente na entrada para carros da casa de Bola, tinha amassado apenas três carros, derrubado uma placa e arrebentado ao meio uma pequena árvore. Jack tocou a buzina, e Pisca-Pisca usou um tentáculo para abrir a porta lateral. A van vibrava; cada fibra do meu corpo se agitava.

Percebemos movimento nos fundos da casa. Jack acelerou, pronto para arrancar. RRRÁÁÁ!!! avançou cautelosamente pela lateral da residência, bloqueando as luzes do jardim enquanto se aproximava da van. Mais uma vez, parecia que ela não caberia, mas coube, transformando todo o compartimento traseiro em um fedido poltronão de pelos pretos, no qual Pisca-Pisca se sentou. Era como se o fato de estar no interior de um veículo humano fosse uma novidade quase tão grande para ela quanto era para Jack. Ajustei o retrovisor do lado direito e percebi algo reluzindo na boca de RRRÁÁÁ!!!. Olhei para trás.

Ela abriu com orgulho os lábios peludos e sorriu. Cada um de seus dentes

gigantescos e letais estava envolto pelo mesmo aramado que eu ajudara Bola a puxar pela janela de seu quarto quatro dias antes, preso com parafusos.

— Aparelho — disse Bola.

Ele estava na entrada da garagem, vestido com o que melhor se aproximava da indumentária de um ninja: tênis preto, calça de moletom preta, um moletom com capuz preto, um cinto feito com um puxador vermelho de cortina e uma pochete imensa com seu equipamento, provavelmente não shurikens nem nunchakus, mas quem podia saber? Infelizmente, a pochete era verde-limão, mas mesmo assim eu estava impressionado. Bola apontou para o próprio aparelho.

— Ela gostou do meu — disse, sem disfarçar a satisfação. — Na verdade ela se importa mais com o visual do que vocês imaginam. Por isso eu dei uma de dentista. Não ficou ruim, hein? Daqui a, digamos, mais umas duzentas consultas, ela vai ter os melhores dentões do pedaço. Mas isso não é nada em anos trolls, certo?

RRRÁÁÁ!!! botou o focinho para fora da porta lateral e o apoiou no ombro de Bola, seu bafo agitando a montanha de cabelo crespo do meu amigo. Distraidamente, ele a acariciou no nariz como se já tivesse feito aquilo mil vezes, e devia ter sido isso mesmo. Eu me senti ao mesmo tempo péssimo e inspirado: eu o deixara para se virar sozinho com aquela criatura assustadora e ele tinha se saído muito melhor do que eu imaginara.

Cinco garras amarelas se fecharam em torno da barriga considerável de Bola e o levantaram, colocando-o na traseira da van. Bola exibia um hematoma no queixo, lembrança de quando Steve o jogara na porta do armário, mas aquilo não era nada; ele parecia mais seguro de si do que em qualquer outro momento de sua vida. Ele sorriu para mim, mostrando todo o aparelho glorioso.

— Você me dá cobertura, e eu te dou cobertura — disse ele. — É justo.

Ele estendeu a mão. Apertei.

— Meu ninja — cumprimentei.

— Meu caçador de trolls — retrucou ele.

Não acho que Jack tenha se empolgado por ter mais um garoto de quem cuidar, mas ele cerrou os dentes e engrenou a van. A base do chassi afundou e arranhou o asfalto, por causa do peso adicional. Pisca-Pisca fechou a porta lateral com um tentáculo e enroscou outro carinhosamente no pescoço de Bola. Senti um nó no peito. Podíamos estar todos seguindo para a morte, mas éramos uma família, por mais estranha que fosse.

Partimos roncando, arrancando faixas de grama e derrubando para-choques de carros que, segundo Jack, deveriam ter sido estacionados mais perto do meio-

fio. Bola não ligava para as pancadas. Ele pegou da pochete um artefato plastificado carregado de sabedoria Dershowitz.

— A lista dos gatos! — exclamei. — Você achou!

— É, bem, não foi difícil achar depois que todos os meus videogames foram comidos. Mas fico feliz em anunciar que a onda de mortes terminou. Perceberam que não há pelo de gato preso nesse lindo aparelho novo? Converti nossa amiga aos cheesebúrgueres.

— Picles — disse RRRÁÁÁ!!!. — Cebola.

— Isso, ela gosta com picles e cebola.

— Papel. Mais gostoso.

— É, com o papel da embalagem e tudo. É bom nem querer saber quanto custam duzentos cheesebúrgueres. Meu Deus. A questão é que não foi por mal que ela comeu aqueles gatos, e não vai mais fazer isso.

— Gato não jantar. Gato petisco.

Traduzi. Bola ficou decepcionado.

— Não, não, não. A gente já discutiu isso. Eles também *não* são petisco, entendeu?

RRRÁÁÁ!!! rangeu os dentes cobertos de metal, tentando entender.

Bola suspirou e abriu a lista plastificada.

— Achei que um breve discurso fúnebre seria apropriado — disse ele, e limpou a garganta. — Por todos os bravos felinos que morreram na luta pela liberdade, recito seus nomes para que não esqueçamos jamais o adorável e inquestionável senso de curiosidade que levou todos a serem devorados.

— Anda logo — disse Jack. — Estamos quase chegando.

— E agora, os nomes dos falecidos. Obi-Wan. CSI. Batata Smile. Dow Jones. — Bola deu de ombros. — Vovó vê muita TV. — E prosseguiu: — Os Kardashian. Bridezilla. Secretário da Agricultura. Lannister. O Gato Antes Conhecido Como Prince…

— Estacionando — resmungou Jack, como se estivesse se preparando para o impacto. — Estacionando... estacionando... Segurem-se.

E Jack estacionou. Ou melhor, derrapou pelo acostamento, as rodas esquerdas subiram na mureta até furarem. A van sacolejou até uma parada insalubre, e o motor tossiu até morrer. Eu me senti mal por papai, mas apenas por um segundo. Jack baixou a máscara, plantou as mãos na borda da janela e saltou.

Eu o ouvi aterrissar de pé em uma pilha de folhas secas e sair correndo. As outras portas já estavam se abrindo, então saí também. Um barranco levava ao

leito seco de um canal, mas para chegar lá era preciso atravessar um matagal. Isso me fez ir mais devagar, pois também havia várias décadas de lixo acumulado. Só quando alcancei os outros, já lá embaixo, é que percebi o significado do local.

Era a ponte Holland.



35.

Apesar de ter passado a vida inteira ouvindo meu pai falar daquele lugar, eu sempre o havia evitado. Era fácil: por toda uma geração, as pessoas evitaram a ponte Holland, por causa de uma terrível lenda urbana sobre um garoto que foi devorado ali nos anos 1960, e depois, na década de 1980, um atalho por via expressa acabou com a utilidade da ponte como via de circulação.

Agora, ela existia como o último refúgio de sem-teto viciados. Penetrei na sombra da ponte e observei com receio os blocos de cimento que pendiam acima da minha cabeça, sustentados por vergalhões finos de ferro. Havia uma infinidade de garrafas de cerveja vazias, jogadas junto a uma parede de concreto coberta de pichações e grafite: seres demoníacos parecidos com RRRÁÁÁ!!!, assim como declarações sem sentido mas ameaçadoras, como “Harpócrates vive!”. A estrutura estava em condições deploráveis, mas tinha o portento de ruínas ancestrais. Algo importante havia ocorrido ali, dava para sentir.

Jack circulava pelo local com seu astrolábio como quem tenta achar sinal de celular. RRRÁÁÁ!!! cheirava toda a superfície úmida, dando lambidas experimentais em mofo e fezes de aves. Os tentáculos de Pisca-Pisca tateavam e empurravam à procura de alguma porta oculta. Minutos se passaram; depois, meia hora. Bola e eu lançávamos um para o outro olhares telegráficos de pânico, até que Jack chutou uma coluna, espalhando fragmentos de cimento pelo canal.

— O lugar é este! Eu sei que é!

— Gumi-Gumos — concordou Pisca-Pisca. — Eu os sinto com cada um dos meus belos poros.

— Não consigo encontrar a porta. Não consigo.

— A Máquina, Jack. Lembre-se da Máquina, e a disposição para a luta vencerá!

A discussão foi interrompida por uma leve pancada abafada. Era RRRÁÁÁ!!!, curvada sobre a caixa de papelão amassada que jogara no chão. A caixa se remexia de um lado para outro sozinha, esfregando terra no concreto. Jack não hesitou: desembainhou a Victor Power e correu até a caixa como se tivesse a intenção de atravessá-la com a lâmina.

RRRÁÁÁ!!! estendeu a pata com delicadeza para detê-lo.

— Sem escolha — disse ela.

— Tolice! — exclamou Pisca-Pisca. — Vou dobrar meus esforços! Triplicá-los! Quadruplicá-los!

RRRÁÁÁ!!! pegou a caixa com uma timidez que implorava perdão.

O alerta de Jack crepitou das caixas de som:

— Vou arrancá-la das suas mãos, eu juro!

A baba escorreu pelo queixo de RRRÁÁÁ!!! quando ela abriu um sorriso de metal para o amigo humano. Então ela enfiou com cuidado a pata na caixa e pegou o Olho da Malevolência. A orbe amarelada se remexia na pata dela, seis filamentos longos agitando-se como ramos de alga marinha molhada. Um gritinho agudo como o de um bebê saiu de algum ponto da carne feculenta.

A coisa queria comer.

— Segurem-na firme! — ordenou Jack.

Ele agarrou o braço esquerdo de RRRÁÁÁ!!!, mas não era nem de perto forte o suficiente. Em segundos se viu pendurado pelo bíceps. Pisca-Pisca envolveu as pernas dela com os tentáculos, mas não parecia muito otimista com o próprio ataque. Bola me lançou um olhar desesperado; nós dois nos agarramos à dura pelagem preta.

O Olho da Malevolência enfiou os dedos longos e finos no rosto de RRRÁÁÁ!!!, e tudo acabou para os caçadores de trolls. A armadura de Jack fez um grande estrondo quando ele caiu e bateu na terra. Pisca-Pisca foi lançado em uma coluna, provocando uma pequena avalanche de cimento esmigalhado. Bola e eu saímos rolando, não sei como, presos em um abraço apavorado. Quando paramos, vi o corpo macio do Olho pulsando enquanto sugava a sanidade de nossa amiga.

Uma porta para o mundo dos trolls se abriu em uma das colunas. Eu estava prestes a anunciar isso quando dezenas de outras portas começaram a se abrir e se fechar bruscamente por toda parte: na base da ponte, nas paredes da passagem subterrânea, no chão. RRRÁÁÁ!!! tinha conseguido, mas o Olho reagira abrindo outras passagens, para nos confundir. Como bônus, ganhamos uma RRRÁÁÁ!!! perturbada. Ela se lançou contra os próprios aliados, arrancando pedaços de concreto e do leito do canal e lançando detritos no ar como se fossem insetos repulsivos.

Os tentáculos de Pisca-Pisca pegaram uma dúzia de lascas pontudas de pedra.

Saquei o Gato 6. Será que teríamos que machucar RRRÁÁÁ!!!? Ou pior?

Ou seria o contrário?

Só Jack não tinha se armado. Estava parado, imóvel, com as mãos na cintura.

Puxei Bola para mais perto da ação.

— Jim! Não! Momento errado! Ela não está legal! Outra hora! Outra hora!

— Faça um apoio para eu saltar! — gritei. — Agora!

— Meudeusmeudeusmeudeus — murmurou Bola, correndo desesperado para trás da ensandecida RRRÁÁÁ!!!, onde se agachou e entrelaçou as mãos.

Pus os pés na alavanca improvisada de Bola, que me impulsionou para o alto, como já havia feito milhares de vezes. Por um instante de delírio, viajei pelo ar, e em seguida meu rosto se encheu de pelo. Me agarrei com braços e pernas ao músculo de um braço maior que meu corpo inteiro.

RRRÁÁÁ!!! sacudiu o braço como se enxotasse um inseto, mas me deu pouca atenção, concentrada em encurralar Pisca-Pisca. Para mim, o passeio era como ser sacudido para cima e para baixo em algum brinquedo vomitador de parque de diversões. Afastei o rosto do carpete fedorento, agarrei uns chumaços de pelo e comecei a escalar o ombro de RRRÁÁÁ!!!. O Olho da Malevolência se projetava, gorgolejante, para cobrir cada vez mais o rosto da troll, enfiando alguns pedúnculos tão profundamente no nariz dela que reemergiam pela boca, como se tivessem pegado o caminho errado.

Uma porta troll se abriu no concreto e derrubou Pisca-Pisca no chão em um emaranhado de tentáculos. RRRÁÁÁ!!! berrou e, aproveitando o momento, pôs um pé gigante de cada lado do estudioso Liztonto e ergueu o punho para o golpe fatal. Apontei o Gato 6, mas estava longe demais do Olho.

Segundos antes que Pisca-Pisca fosse esmagado, comecei a ouvir uma canção.

O sol mergulha em trevas
O mais longo dia do inverno
E os trolls de Natal saem da gruta vazia e das montanhas
Desde que Saturno prendeu os titãs
Dentro da terra
Os filhos dos deuses voltam a caminhar na terra invernal
Cantando eles descem, a saltar e girar.
Quando se afina o véu do mundo inferior.

A melodia era frágil e pouco elaborada, mas era justamente a simplicidade que dava emoção à canção melancólica. Eu me agarrei ao pelo, me inclinei para o lado e vi Jack se aproximando, com a máscara e o astrolábio pendurados, um em cada mão, as espadas às costas. O garoto guerreiro, inacreditavelmente,

estava cantando.

Descendo dos céus aos gritos e a galope
Vem o bando de Odin, os Jolerei
Mortal é vê-los, o trovão ecoa
Sobre esse pobre bando de almas famintas
Eis que se afina o véu do mundo inferior.

O braço direito de RRRÁÁÁ!!! se projetou como um caminhão de lixo descontrolado, passou a centímetros do rosto de Jack e arrancou o astrolábio de sua mão, lançando-o à sarjeta com um estrondo. Em meio às garrafas quebradas, Jack engoliu em seco de medo, mas continuou a cantar.

Louça quebrada e banquetes arruinados.
Deve ser obra dos Callicantzari!
Das montanhas gregas descem os trolls do frio
Para levar crianças do inverno nascidas.

O focinho infestado de RRRÁÁÁ!!! se contorceu ante a lembrança daquela melodia animada. Ela baixou a cabeça com presas para olhar melhor aquela pequena criatura curiosa, e sua testa peluda se ergueu em surpresa quando a voz de Pisca-Pisca, um belo tenor, se uniu em harmonia.

Se quiser evitar suas maldades, acenda uma grande fogueira no Natal
E pendure na lareira a mandíbula de um porco.

Imagine só. Quarenta e cinco anos antes, lá estava Jack, apenas alguns meses depois de liderar os caçadores de trolls rumo à vitória sobre os Gumi-Gumos, vendo o brilho da batalha se esvair à medida que outubro e novembro davam lugar a dezembro. Para uma criança, Natal é Natal, e a vontade de voltar para a família deve ter sido avassaladora. Felizmente, havia uma velha canção sobre as festividades, conhecida por poucos trolls, e Pisca-Pisca a cantava para o garotinho enquanto RRRÁÁÁ!!! o acalentava nos braços peludos — o primeiro ritual familiar deles. Laços forjados pela guerra são uma coisa; aqueles formados pelo amor são outra bem diferente.

Foi fácil escalar um troll tão imóvel.

O Olho da Malevolência piscou em minha direção no último instante, as veias vermelhas se inflando até ficarem do tamanho do meu antebraço e a pupila se dilatando naquele tentador poço de escuridão. Mas não tão tentador assim. Ataquei com o Gato 6, decepando várias das veias. A canção de boas-festas foi interrompida enquanto o Olho gorgolejava de dor e libertava o corpo do hospedeiro. RRRÁÁÁ!!! cuspiu até hastes de olho começarem a voar por toda parte e acertarem o chão como minhocas picotadas. Com a mesma pata que ameaçara Pisca-Pisca e Jack, RRRÁÁÁ!!! arrancou o Olho do rosto, junto com uma grande quantidade de pelo, e o jogou em uma coluna de cimento. O Olho acertou o chão com um *pleft* molhado.

RRRÁÁÁ!!! caiu sentada e levou as patas ao pedregulho encravado no crânio. Jack saltou para as pernas da amiga e acariciou seu rosto, apesar do pus que vazava dos olhos e do sangue que escorria dos lábios. Pisca-Pisca também se aproximou, para passar um tentáculo carinhosamente nos ferimentos de RRRÁÁÁ!!!. Desci para o chão e me apoiei na pelagem grudenta para recuperar o fôlego.

Foi por acaso que vi o Olho da Malevolência rastejando como uma lesma e deixando um rastro de gosma translúcida. O que nenhum de nós tinha percebido era que todas as portas para o mundo dos trolls tinham se fechado, menos uma. Comecei a balbuciar e bater os pés. Um dos olhos de Pisca-Pisca notou minha inquietação. Segundos depois, eu tinha a atenção de todos os oito.

— Você, rapaz anafado! — gritou Pisca-Pisca. — Siga aquele olho!

Bola e eu nos entreolhamos.

— Eu? — perguntei. — Ele?

— Garoto rotundo!

— Ele? — perguntou Bola? — Eu?

— Parrudo! Leitoado! Cheinho! Vá! Vá! Vá!

— Cheinho! Cheinho! — falei, empurrando Bola. — É você!

Bola fechou o rosto em uma expressão virtuosa e exibiu os dentes de metal. Zurrando como um burro doente, ele pegou um pedaço de concreto do tamanho de uma bola de tênis e atacou. O Olho dobrou sua velocidade de caracol. Embora Bola fosse rápido — e eu nunca o vira se mexer tão rápido —, o Olho o superou, e a extremidade da última de suas hastes passou se contorcendo pela porta segundos antes de Bola alcançá-lo. A porta começou a se fechar, mas Bola jogou o pedaço de concreto, que aterrissou bem na entrada, impedindo que se fechasse.

— Arrá! — gritou Bola. — Viram essa? Vocês viram essa??

— Uhu! Ah-ha! Iii-hu! — exclamou Pisca-Pisca. — Não nos desapontou,

guerreiro robusto! Colegas caçadores, aproximem-se, pois é chegada a hora de caçar!

Enquanto tentávamos recuperar o fôlego, Pisca-Pisca estendeu todos os tentáculos e os entrelaçou, passando-os por dentro uns dos outros em um padrão móvel e fluido que parecia capturar toda a noite. Aquilo chamou minha atenção. Então Pisca-Pisca começou a falar, de início com delicadeza, mas depois assumindo uma grandiloquência crescente e empolgante:

— Não haverá mais desespero. Não, amigos, não esta noite. Se o pesar, o arrependimento ou a ira lhes der um frio na espinha, permitam-me aquecê-los com o uísque da expectativa. Ah, cada um de meus quatro estômagos anseia por sentir o cheiro de sangue troll escurecendo a lama do mundo inferior! Embora multidões de caçadores tenham lutado em guerras passadas e embora haja apenas cinco de nós aqui esta noite, muito maior será nossa glória. Sigam-me, então, com coragem digna do tamanho dos lendários trolls do Velho Mundo! Sigam-me com suas lâminas bem afiadas, capazes de cortar até o juramento de vingança que sai de nossa garganta! Olhem ao redor, soldados! Contemplem as noites lendárias! Estas são as circunstâncias terríveis que inspiram as maiores canções! E, quando destruirmos o destruidor, irmãos e irmã, seremos festejados como reis e rainha no Triunfo dos Vitoriosos!

Meu peito se encheu de orgulho.

— O Triunfo dos Vitoriosos! — berrei.

— Veremos nossos nomes gravados na Torre da Verdade!

— A Torre da Verdade! — repeti.

— Ou, talvez, nas lápides do Cemitério da Glória!

— No Cemitério da… Espere aí, o *quê*?

— Devemos aceitar qualquer destino com a mesma avidez com que desejamos um caneco de bile fervida!

— Sim — concordou Jack, desembainhando as espadas. — Sim!

RRRÁÁÁ!!! se levantou nas pernas trêmulas.

— Sim! — exclamou ela.

— *Urrmmg, bleennnhh, plaaarff* — reclamou Bola. — Não se importem comigo só porque não tenho tradutor.

Os caçadores de trolls correram para a porta. Respirei fundo e olhei para meus tênis surrados, à espera de um surto similar de coragem. Ali, alojado entre uma garrafa plástica amassada e uma caixa de isopor suja de molho barbecue, vi os restos retorcidos do astrolábio e me abaixei para recolhê-los.

— Não — disse Jack. — Aqui é o lugar dele.

Seus olhos estavam ardentes, mas calmos. Olhei dele para a ponte que se erguia sobre nós, para o resto daquela catacumba escura e cheia de lixo. Estava tão destroçada quanto papai, mas nos fornecera um modo de consertar as coisas. Jack estendeu a mão, mas preferi o punho: as espirais de caderno enroladas eram melhores que as tachas das luvas. Depois que ele me ajudou a levantar, ficamos parados ali, segurando um ao outro por alguns segundos a mais que o necessário. A história havia testemunhado apertos de mão mais estranhos, porém não muitos.

Entrei pela porta troll e, antes que ela se fechasse, captei o vislumbre de um veículo solitário que optara por usar a ponte Holland. Era um grande caminhão de carga, as laterais metálicas da caçamba amassadas por dentro como se algo ali estivesse lutando para se libertar. O caminhão ia em uma direção que sugeria a área da cidade mais conhecida por seu distrito comercial, seus parques bem-cuidados e, talvez o mais famoso de todos, seu museu de categoria internacional.



36.

Encurralamos o Olho quatro horas depois, em uma caverna com dentes de estalactites. Não foi legal descobrir que o Olho podia escalar paredes de rocha como uma aranha. Bola, em um surto de bravura, tentou agarrá-lo e foi chicoteado por seus filamentos — que eram venenosos, como descobrimos quando a marca deixada pelo golpe começou a inchar. O ferimento nos retardou, e o Olho se espremeu por um cano pluvial de trinta centímetros, com o som de um canudinho sugando o resto de líquido em um copo.

Sem o Olho para perseguir, sem o astrolábio, sem RRRÁÁÁ!!! em seu melhor estado, as curvas erradas se multiplicaram até que nos perdemos. Frustrados e cansados, viramos em uma quina que não sabíamos onde ia dar e nos vimos em um túnel trespassado por um raio de luz: já era de manhã. RRRÁÁÁ!!! e Pisca-Pisca recuaram como gado assustado, e vi a rigidez de pedra que já havia se instalado em suas juntas. Eles estavam sofrendo, mas nem eu nem Jack lhes demos tempo de se recuperar.

Assumimos uma formação estranha: o nariz de RRRÁÁÁ!!! liderava, mas, devido ao risco da luz do sol, Jack, Bola e eu tínhamos que ir na frente. Nosso avanço era lento e árduo, e, à medida que seguíamos em frente por um labirinto descendente de esgotos esquecidos e minas abandonadas, o ar ficava mais frio e denso. Quando chegamos a outro túnel, que se dividia em três, Jack sentou em um pedregulho e levou as mãos à cabeça mascarada. Os trolls pararam também, sem ideia do que fazer.

O desespero era contagiante. Eu me abaixei e fiquei olhando fixamente para o chão duro de rocha entre meus pés, pensando em tudo o que estava perdendo no mundo humano bem iluminado: a prova de matemática, os preparativos para o grande jogo, o desconjuntado ensaio geral de uma peça desfalcada da atriz principal, a colocação da pedra angular na ponte Killaheed e o pânico ou a autoenganação de papai. Fazia quase um dia inteiro que estávamos ali embaixo. A esperança minguava.

Foi uma surpresa para todos nós quando ouvimos Bola dizer:

— Ih. Não é comum ver coisas cor-de-rosa aqui embaixo.

Ele estava apontando para algo perto de meus pés. Meu olhar se deslocou alguns centímetros e vi um pedaço de poliéster ainda preso a um zíper

emborrachado. Era cor-de-rosa, de um tom que eu já tinha visto mil vezes.

— A mochila da Claire — constatei.

— Mochila da Claire? — repetiu Bola, como um papagaio.

— A mochila da Claire! — Me levantei de um pulo e agitei os braços para arrancar os outros da indiferença. — A mochila da Claire! A mochila da Claire!

Era fácil interpretar o olhar deles: o garoto Sturges finalmente enlouqueceu. Eu ri, de um jeito realmente bem louco, e saí correndo pelo túnel do meio. Pouco antes de a luz dos olhos de Pisca-Pisca acabar, vi um segundo retalho cor-de-rosa, um tecido sedoso com borda de renda. Era o vestido que ela usava a pedido do pai, o que ela odiava, e que agora ela estava rasgando em pedacinhos. Claire bem podia estar rasgando todas as mentiras de sua vida anterior, pois aquilo era vida ou morte, e ela lutava com as armas que tinha.

Eu me maravilhei com a reviravolta nos acontecimentos, enquanto os outros se reuniam atrás de mim. Seriam as migalhas de pão ousadas de uma garota de dezesseis anos, não os talentos combinados de um regimento treinado de caçadores de trolls, que nos levariam a Gunmar.

E levaram mesmo. Seguimos as pistas cor-de-rosa de Claire por meio de fendas ocultas e em penhascos improváveis. Pontos de luz vindos da superfície reduziam nosso passo em alguns trechos, mas o sol não brilharia para sempre. Quando o dia terminou, a vitalidade da noite renovou a energia de Pisca-Pisca e RRRÁÁÁ!!!, que começaram a saltar por terrenos traiçoeiros como apenas habitantes do subterrâneo fazem. O sangue pulsava nos meus ouvidos e minha pele formigava de expectativa pela batalha. Não posso falar por Bola, mas tenho quase certeza de que ele sentia o mesmo: eu nunca o tinha visto tão vivo.

O túnel se estreitou como um punho se fechando, para então nos liberar, um de cada vez, em uma caverna de arenito ampla como uma pista de hóquei. Objetos altos e retorcidos se projetavam do chão em ângulos aleatórios. Caminhamos entre eles em silêncio até estarmos cercados. Pisca-Pisca mantinha baixa a luz dos olhos. Não havia criaturas vivas por perto, mas mesmo assim eu sentia um medo congelante.

— O Cemitério das Almas. — A reverência fazia Pisca-Pisca se expressar em sussurros. — Há muito que ouço rumores sobre este lugar lendário, embora nunca tenha sonhado que o veria com meus oito olhos. Mas é claro que o Faminto se posicionaria de modo a saborear a agonia daqueles que morreram a morte mais dolorosa de todas.

— Qual a maneira mais dolorosa de morrer? — perguntei.

— Sabe, Jim? — disse Bola. — Eu podia viver sem esse tipo de pergunta.

— À luz do sol — respondeu Pisca-Pisca. — Dizem que a dor se prolonga por décadas.

— É por isso que fizeram essas lápides estranhas? — indaguei.

— Lápides? — repetiu Pisca-Pisca, erguendo olhos pesarosos. — Não são lápides.

O brilho em seus olhos vermelhos se intensificou, revelando a verdade terrível.

Aqueles não eram monumentos a trolls mortos, mas os próprios trolls. Corpos com cabeças e membros múltiplos se retorciam em posturas de tormento supremo, a boca aberta capturada em grito eterno, braços e tentáculos e asas erguidos em uma inútil tentativa final de se proteger da temida luz. Fiquei tão impressionado que, sem querer, chutei algumas pedras para o lado, o que não teve problema nenhum, até que lembrei que não eram pedras. Eram chifres, orelhas, dedos, dentes.

Devolvi cada pedra a seu lugar.

Cruzamos o Cemitério das Almas sem dizer mais nada. No fim, parecia que eu tinha testemunhado o genocídio de uma espécie inteira. O último dos retalhos cor-de-rosa deixados por Claire estava espetado nos chifres de pedra de um troll que havia morrido sobre as quatro patas. Eu me abaixei para retirar dali a cor inapropriada.

Meus companheiros me aguardavam à frente. Levei um instante para me dar conta de que a luz que piscava no corpo deles não se originava de Pisca-Pisca, mas da câmara que nos aguardava após a curva: vermelhos profundos e ardentes; calcinantes lâminas de amarelo; fumaça marrom revolta que envolvia os tornozelos como roedores afetuosos. Não precisava ver para saber que tínhamos encontrado os Gumi-Gumos.



37.

Um óleo negro caía do teto em longos fios viscosos que queimavam a pele como picadas de formiga. As paredes exsudavam uma espécie de pus branco, que rastejava até o chão como vermes gordos. Cada passo nosso agitava no ar os jatos de vapor quente exalados por contrações de sombrias máquinas de metal, cujos gemidos clangorosos se somavam ao uivo que adensava o ar em neblina.

Subimos por uma berma de aço derretido e, do outro lado, nos vimos atrás de uma esteira rolante, uma faixa de retalhos de diversos tecidos manchados grosseiramente remendados que transportava carga até um grande funil de metal. Naquele momento, não havia nada na esteira além de manchas de gordura, mas mesmo assim acompanhei seu avanço com o olhar. O funil alimentava uma caixa enorme, do tamanho de uma casa na árvore, presa por pregos de trilhos e feita de metais diversos: um chassi amassado de kart, um carrinho de criança vermelho, um letreiro em néon de uma boate de strip-tease. Fios queimados entravam e saíam, enquanto fumaças virulentas emanavam de circuitos elétricos caóticos. A caixa sacolejava como uma máquina de lavar roupa prestes a explodir. Do interior vinha o zunido de serras e o ruído de um esmeril moendo restos triturados — um espocar entrecortado como o tilintar de uma caixa de música. Toda essa parafernália levava a uma calha na outra extremidade.

Certa mão enluvada me segurou pelo ombro.

— A Máquina — disse Jack. — Pense duas vezes antes de olhar.

Seus óculos não deixavam transparecer nada, mas não precisava; a força de sua mão dizia tudo.

Com Bola ao lado, subi uma montanha de máquinas de pinball danificadas para dar uma olhada mais de perto. Um cano corroído, preso no alto por suportes frágeis, saía da Máquina, e eu ouvia o gorgolejar de matéria carnosa ali dentro. Apesar do mau cheiro de morte, me inclinei na direção de uma parte do cano aberta pela corrosão da ferrugem.

Ali dentro havia carne, uma salsicha gorda, partes iguais de músculo vermelho, osso branco e tendões cinzentos, tudo triturado e misturado com o tecido multicolorido de órgãos internos. A pasta de carne avançava pelo tubo em esguichos irregulares enquanto a Máquina a empurrava adiante. As vísceras caleidoscópicas me deixaram tonto, por isso fui pego desprevenido quando a

carne espirrou para a frente e revelou outra coisa afundada na pasta de salsicha.

Uma boina de menina.

O vômito subiu pelo meu esôfago.

Só consegui pensar na garotinha de óculos roxos do panfleto. Enfiei o rosto no vapor da Máquina e deixei que ele se condensasse na minha pele, formando gotas como lágrimas. Mas Jack surgiu em questão de segundos e me puxou de volta para o cano, uma coisa cruel de se fazer. De repente, senti vontade de matá-lo. Quis afundar os dentes em seu pescoço e arrancar sua garganta em um naco molhado.

As tachas das luvas de Jack se afundaram na lateral da minha cabeça. O sangue escorreu pelo rosto.

— Olhe! — exigiu ele.

— Eu odeio você! Odeio você!

— Os Gumi-Gumos estão infectando você! Este lugar inteiro é tóxico. Quer fazer o favor de olhar?

— *Eu vou matar você!*

— Olhe!

As tachas no meu couro cabeludo forçaram minha cabeça a ficar a centímetros do cano, e engasguei com o cheiro. Acabei vendo o que ele queria que eu visse: dentes soltos no meio da massa de carne, brancos como pérolas. Aquilo me deixou ainda mais enjoado, até que a carne girou na esteira e vi que os dentes eram muito pequenos e pontudos.

— Ratos! — gritou Jack. — A maior parte da carne é de rato!

Entre os músculos, vi um rabo comprido e rosado.

— Não está sentindo o cheiro? — perguntou Jack. — É carne velha. Restos da última guerra. Ele teve que misturar com pedaços de animal para se manter forte até a Killaheed estar pronta. Seus amigos não estão aí dentro. Ainda não. Você precisa se acalmar, Jim.

Ele me soltou e apontou para o tubo frágil que subia lá no alto em suportes enferrujados.

— Siga aquela carne — disse ele.

Mergulhamos na fumaça preta e emergimos em uma arena arredondada em forma de cúpula invertida cercada por colunas de rocha natural. O tubo de carne passava acima de nossas cabeças como uma pequena montanha-russa. Líquidos pútridos pingavam no nosso rosto antes de subir ainda mais por pilares bambos e deteriorados. Espichamos o pescoço e continuamos caminhando com dificuldade por uma superfície deserta, seguindo a tubulação. Ela cruzava o espaço de um

lado para outro no caminho mais ilógico possível, até chegar a um platô de terra a seis metros de altura. Ali, o tubo descia em um ângulo brusco e era preso a um suporte em forma de *Y* por arame farpado. Pela extremidade do tubo, bolotas de carne caíam como ração pastosa na boca aberta de Gunmar, o Sombrio.

A esperança se esvaiu dos caçadores de trolls como se cada um de nós estivesse sangrando até a morte.



Mesmo se não fosse pelo platô, o Faminto seria maior que todos nós. Estava sentado em um trono de ossos amarelados, recolhidos das cento e noventa crianças capturadas durante a Epidemia das Caixas de Leite, e, com dentes compridos e pontudos, devorava a carne que caía em seu rosto e em seu peito.

O "Sombrio" do título era metafórico: sua pele era de um vermelho intenso como de carne viva, e brilhava. A cada bocado engolido, seus membros se revolviam ao longo de várias juntas inesperadas — dois cotovelos em cada braço, um joelho nojento e enrugado em cada perna, todos capazes de se dobrar em qualquer direção. A coluna retorcida se alongava e se contraía como um periscópio, eriçando os grossos espinhos de ouriço que desciam da nuca pelas costas todas. Cheio de exuberância, ele abria os seis braços que brotavam do peito musculoso, todos empelotados com tumores purulentos, exceto pelo braço esquerdo superior, que, como eu já sabia, era um bloco desgastado de madeira com marcações representando os inúmeros assassinatos que ele cometera.

Gunmar abriu a boca, revelando a língua enorme e emaranhada que ele vinha remoendo em ressentimento havia mais de quatro décadas.

— *SSSSSSTURGESSSSSSS.*

Viramos o rosto para evitar a rajada de ar quente que saiu junto com a voz. Meu coração acelerou quando ouvi meu sobrenome falado daquela maneira, e, quando tornei a olhar, Gunmar acariciava o Olho da Malevolência com uma única garra. A órbita esquerda tinha se fechado em uma cicatriz havia muitos anos, mas o Olho parecia plenamente satisfeito ali sentado no ombro do mestre como um papagaio.

— Ei, Jim — sussurrou Bola.

— Que foi?

— Se não conseguimos derrotar o Olho, como vamos derrotar… bem, todas as outras partes?

— Sabe, Bola, esse é o tipo de pergunta que eu preferia não ouvir.

— *Jim! Aqui em cima!*

Nunca mais eu confundiria o sotaque escocês com o inglês. Olhei para a direção de onde viera o grito e vi Claire à direita do trono de Gunmar. Quer dizer, não exatamente Claire, mas sua cabeça. Sim, por alguns segundos surreais acreditei que sua cabeça decepada estivesse me chamando, o que só podia significar que eu tinha morrido e estava na terra da fantasia. Mas não, ela estava viva, embora, por alguma razão, eu visse apenas seu rosto projetado na beira do platô. Atrás dela vi as cabeças das outras crianças se revirando, pelo menos uma dúzia delas. Não havia jaula, nenhum outro troll além de Gunmar — por que não

fugiam?

De trás de nós veio o rangido de engrenagens metálicas sem lubrificação. Do alto, o ruído de um tubo esguichando as últimas porções de salsicha. A Máquina estava vazia e precisava de combustível.

RRRÁÁÁ!!! deu um tapinha na rocha enterrada no crânio.

— Gunmar! Lutar! Agora!

— *PRIMEIRO MEUSSSS AMIGOSSSSSS* — disse Gunmar, com voz rouca, através da língua bifurcada.

Da sombra abaixo do platô emergiu um exército estonteante de trolls, horrores de mandíbulas duplas, olhos múltiplos e tentáculos oscilantes. Eles arrastavam clavas e maças e correntes. As tranças em seus cabelos eram endurecidas por sangue seco, e o corpo tinha sofrido mutações após viverem tão perto de Gunmar: cascas de feridas deram origem a mais olhos, de feridas brotaram dedos, de erupções reluziam dentes recém-nascidos. Havia Casca-Ocas, *Ğräçæĵøıv̆ŏd'ñů́ý*, Barbavermes, Lepidangues, Zunnns e um monte de outros vilões de mente fraca que formavam aquela nova geração de Gumi-Gumos. Por isso, foi com surpresa que ouvi o murmúrio de descrença de Jack:

— É isso? Só isso?

— Não subestime os Gumi-Gumos — alertou Pisca-Pisca. — Talvez o Faminto não tenha tido tempo suficiente para reunir o número de seguidores que estimamos. Consideremos isso uma boa notícia e não nos animemos demais.

Jack bateu uma espada na outra.

— Tudo bem.

Ele soltou o grito de guerra, e os outros caçadores de trolls fizeram o mesmo. Em um movimento ensaiado, eles se separaram e avançaram em formação de triângulo. RRRÁÁÁ!!!, à direita, acertava com um soco três Gumi-Gumos de uma só vez; Pisca-Pisca, à esquerda, derrubava inimigos lançando os tentáculos como chicotes; e Jack, na ponta, girava as espadas como laços para gado. No mesmo instante a atmosfera foi preenchida pelas pancadas surdas e o ruído revigorante de moéleres sendo arrancados.

Enquanto o embate levantava poeira, Bola e eu aproveitamos para correr pela lateral da cúpula. Não víamos um metro à nossa frente, mas usamos os pés para identificar coisas caídas e as mãos para afastar o metal retorcido. Substâncias às quais eu já tinha me acostumado respingavam no meu pescoço: pedaços gelados de pele de troll, jatos quentes de sangue arterial, a pasta grudenta do tecido que formava o moéler. Os gritos das crianças capturadas ficavam mais altos à medida que nos aproximávamos, um som que lutava contra o gemido arrebatado dos

Gumi-Gumos:

Killaheed.

Killaheed.

Killaheed.

A face nua do platô dividia o ar imundo como um navio emergindo da neblina.

— Chegamos — falei, com um suspiro.

— Ótimo — disse Bola.

Nesse momento, uma criatura solitária se materializou da névoa. Uma cicatriz em forma de cruz marcava seu queixo: era o pequeno troll malvado que eu deixara escapar sob a imensa pilha de pneus no Empório da Sucata. Com seu faro incomparável, aquele troll ferrugem havia me rastreado através da poeira, da fumaça e das vísceras. Ele lançou o corpo enorme como um chicote e sibilou uma neblina de óleo venenoso do corte cru que era sua boca.

— Correção — disse Bola. — *Não* ótimo. Isso *não* é ótimo.

— Deixa esse canalha magrelo comigo — rosnei. — Para trás.

Nunca antes eu havia sacado a Claireblade e o Gato 6 com tamanha habilidade operística. Acredito que vi o troll ferrugem recuar antes que as pequenas gemas de seus olhos endurecessem e o corpo se retorcesse de lado. Ele se lançou veloz à minha esquerda, mas me defendi com o Gato 6 usando o golpe favorito de Jack, o Lance de Caca, e, quando o troll se dobrou inteiro e se projetou como uma mola à minha direita, a Claireblade executou outro dos movimentos patenteados de Jack, o Surpresa de Jeans. Mas o troll era astuto. Ele se esquivava das espadas e abriu dois talhos com golpes de chicote nas pernas da minha calça jeans. Gritei de dor e o ataquei girando as espadas.

Encurralei o *Ğräçæĵøıv̆ő́d'ñů́ý* na encosta do platô, mas minhas espadas acertaram a pedra; a força foi suficiente para sacudir meu esqueleto inteiro. A coisa odiosa dançava de um lado para outro a cada estocada, zombando de mim com seu riso rouco. Cedendo a meus instintos brutais, ataquei como um alucinado, esquecendo o coelho e a serpente em favor do touro. Foi um erro de principiante. O troll ferrugem me mordeu em um dos pulsos, depois no outro. Em um átimo eu estava desarmado, a luz do fogo se refletindo nas minhas espadas, que haviam se cravado na terra ali perto.

O troll laçou minha cintura e me jogou no platô. Minha testa acertou a rocha, e eu desmoronei no chão. A boca do troll se abriu; fios tóxicos de alcatrão peçonhento escorriam das fileiras giratórias de dentes de serra elétrica. O troll subiu correndo pelas minhas pernas, leve como um inseto, e se debruçou para

dar a mordida fatal.

Foi quando uma incisiva ponta prateada surgiu do meio dos olhos do troll ferrugem e girou, moendo o suposto cérebro da criatura. Então a ponta de um bisturi lhe atravessou a boca aberta, arrancando vários dentes triangulares. Ouvi um gemido agudo e, sem acreditar, vi uma serrinha circular cortar o terço inferior do corpo do troll, atingindo a vesícula biliar, que soltou um jorro de líquido azul. O troll ficou imóvel por vários segundos, depois liberou seus reservatórios de veneno preto por todos os poros, desperdiçados para sempre ao serem absorvidos pela terra. Então o troll caiu, mole como uma folha.

Bola se erguia vitorioso, a pochete aberta, segurando nas mãos as armas mais perturbadoras que eu já tinha visto, forjadas em aço impiedoso e cromo insensível e encaixadas no punho. Ele desligou a serra de mão, ainda zunindo, e sorriu.

— Dr. Papadopoulos — explicou, brandindo os instrumentos odontológicos com orgulho.

— Você roubou isso? — perguntei.

Bola deu de ombros.

— Achei que era minha vez de causar um pouco de dor.

Juntos, saímos correndo pela beira do platô até estarmos diretamente abaixo dos gritos das crianças raptadas. Agora que a Máquina estava vazia, Gunmar podia transformá-las em jantar em questão de minutos. Olhei para a encosta íngreme e me perguntei como iríamos escalar aquilo.

Bola me pegou pelo ombro.

— Tenho uma notícia boa e uma ruim.

— A boa — pedi. — E que seja muito boa.

— Descobri um jeito de subir.

— Isso é bom. Muito bom. Como essa boa notícia pode ser ruim?

Bola fez uma careta, virou de lado e apontou.

Dois grossos cabos escuros subiam pela lateral do platô até o teto da caverna.

— Ah, não! — exclamei. — Tudo menos isso.

— A gente vai conseguir, Jim.

— A gente não consegue fazer isso nem num simples ginásio de escola! Imagina aqui, no inferno troll!

Bola guardou na pochete os instrumentos de Papadopoulos e fechou o zíper. Seu sorriso era arrogante como o de um mercenário espadachim.

— Todas aquelas vezes que eu caí na aula de educação física? Eu só estava fingindo, para irritar o treinador.

— Sério?

O sorriso de Bola se fechou.

— Não. Mas seria bom, né? Vamos fingir que é verdade e subir logo essa droga.

Bola me deu um tapinha no pescoço e correu na direção dos cabos. Quando cheguei lá, ele já estava se segurando com as duas mãos e apoiando os pés na rocha como quem faz rapel. Chutei para o lado uma pilha de ossos humanos, peguei o outro cabo e subi alguns metros, todo desajeitado, antes de ser tomado por um medo familiar. Bolhas surgiram nas palmas das minhas mãos, que começaram a deslizar pelo cabo quente, e minha coluna começou a se retorcer, o último sinal de que eu estava acabado.

Meu pé esquerdo escorregou da pedra, e experimentei a vertigem de uma queda. Era uma sensação familiar seguida por uma preparação automática para a dor. Mas a dor não veio, pois uma mão forte me agarrou pela lombar e me segurou por tempo suficiente para que eu apoiasse o pé outra vez e tornasse a me firmar no cabo. Olhei e vi que tinha sido Bola quem me salvara, enquanto sustentava o próprio peso no ar com uma só mão.

— Não dessa vez — arfou ele. — Dessa vez vamos conseguir.

Era tudo o que eu precisava ouvir. Reuni forças e subi: meio metro, um metro, um metro e meio. O pé de Bola acertou uma parte errada do rochedo e começou a girar, mas dei impulso na parede com os pés para me afastar dela e firmei o cabo dele com a mão esquerda. Não havia tempo para agradecimentos. A ponta de nossos tênis encontravam reentrâncias; nossos músculos aguentaram firme; e o mais importante: nossa força de vontade não vacilou. Por algum tempo, o clamor ao redor não era de crianças raptadas gritando nem de trolls morrendo, nem mesmo dos risos de alunos na educação física, mas os vivas daqueles que torciam para que chegássemos ao topo. E conseguimos.

Nos jogamos na superfície de terra lá no alto e engasgamos com a poeira até que nossos olhares se encontraram e nosso rosto se abriu em um sorriso histérico e exausto. Foram os gritos frenéticos dos garotos que nos levaram a erguer o corpo e sentar. Gunmar, o Sombrio, estava a uns quinze metros de nós, assomando no trono de ossos, a pele vermelha fervilhando e ondulando como se tivesse vontade própria.

Bola e eu fomos engatinhando na direção dos garotos e garotas raptados. O rosto sujo e exausto de Claire foi o primeiro que vi, e levei o indicador à boca para evitar que ela gritasse meu nome. Ela mordeu o lábio e assentiu com a cabeça. Assim que Bola e eu chegamos ao topo de uma pequena elevação,

entendemos por que só víamos a cabeça dela.

Todos tinham sido enterrados até o pescoço. Já era ruim eles estarem paralisados desse jeito e não em uma jaula, mas o verdadeiro inferno na situação deles se tornou mais claro à medida que me aproximei: estavam com a boca coberta por uma crosta de sujeira não identificada, prova de que Gunmar os estava engordando com recheios saborosos antes de transformá-los em salsicha na Máquina. Aquelas crianças e adolescentes não tinham sido enterrados, mas *plantados*, para que a terra rica e a argila do mundo inferior temperassem seus corpos para o paladar dos trolls.

Não havia nada a fazer além de escavar com as mãos. Claire tinha sido a última a ser plantada, portanto seria a mais fácil de remover, e em trinta segundos eu havia retirado terra suficiente para que ela saísse. Ela apertou o rosto imundo no meu em um abraço rápido antes de rastejar até o garoto seguinte e escavar o chão para libertá-lo. Bola e eu começamos a libertar uma garotinha que reconheci apesar da ausência dos óculos roxos. Falei, em um sussurro, que ia ficar tudo bem. As pontas dos meus dedos sangravam nas rochas enquanto eu cavava.

Quanto mais adolescentes e crianças eram libertados, mais escavadores nós tínhamos, de forma que em dez minutos estávamos encolhidos atrás de uma elevação junto com outros dezessete jovens sujos. O campo de batalha tinha clareado o suficiente para que eu visse o avanço incansável dos caçadores de trolls. Talvez devido à lavagem cerebral que haviam sofrido, os Gumi-Gumos não lutavam muito bem. Sim, eram ferozes, mas indisciplinados diante de um ataque organizado. E, como Jack dissera, não havia nem de perto uma quantidade razoável deles. Restavam apenas uns vinte. Era hora de RRRÁÁÁ!!! agir.

Ela apoiou na terra as patas sujas de sangue, balançou e deu um salto simiesco que projetou seu corpo através da fumaça, aterrissando diante do trono. Um turbilhão de enxofre girou ao seu redor, como insetos demoníacos, quando ela se ergueu, atingindo metade da altura de Gunmar. Ela jogou uma pata para a esquerda, destruindo o trecho final de tubo da Máquina, só para mostrar ao Faminto que não estava ali para brincadeira.

A mandíbula enorme de Gunmar rangeu, e os dentes do tamanho de estacas lutaram para se posicionar melhor. Quando ele se levantou do trono, seu único olho brilhou. Seis braços manchados de salsicha, incluindo o de madeira, se abriram, preparando-se para receber seu agressor com um abraço. O Olho da Malevolência saltou do ombro de Gunmar e correu em círculos alegres pela baba

fervente de seu mestre.

RRRÁÁÁ!!! soltou um rugido tão violento que gerou uma tempestade de terra. Por trás de espirais de brita, ela estufou o peito e foi pisando duro na direção de Gunmar. Choveram pedras das paredes, e a Máquina rangeu em protesto. Os inimigos históricos estavam à distância de ataque — a lenda de pelo preto enfurecida, o mito do apetite que tudo devorava. Músculos inconcebíveis se flexionaram; bafo azedo emanou das gargantas abertas; o ar pestilento estava carregado com a eletricidade da expectativa do primeiro golpe.

E então a ponte Killaheed ficou pronta.

Soubemos no instante em que aconteceu. Tudo ficou inteiramente branco por um número incalculável de segundos, e os sons foram silenciados: os estalidos da Máquina, o choramingar das crianças, o cantarolar dos Gumi-Gumos. Nosso corpo ficou sem peso, como se puxado para o céu por paraquedas, e ouvimos o estalo elástico habitual de quando se atravessa um portal dimensional, mas, em vez de caminhar adiante, estávamos pairando sem direção. Quando a cor fluiu de volta, suave como o erguer de pálpebras, o que vi não foi a fuligem e as sombras do mundo inferior, mas o surpreendente verde e branco de um campo bem-cuidado sob holofotes. O som voltou a mim com a mesma suavidade, o trinar do apito dos juízes, a colisão abafada de atletas com equipamento de proteção, a expressão tensa de uma multidão e uma única voz sibilante acima de tudo isso.

— *ESSSSTÁ PRONTA!*



38.

Então foi assim: faltando dois minutos para terminar o maior jogo da temporada, no auge do Festival das Folhas Caídas, depois de uma semana de crianças desaparecidas ter deixado os cidadãos torcendo desesperados por qualquer coisa, as Bestas-Feras de San B. venciam por seis pontos graças aos feitos heroicos super-humanos de Steve Jorgensen-Warner, apesar de o time estar sem vários jogadores-chave e lutando para impedir a virada dos Connersville Colts, que tinham a posse de bola no meio do campo. Não havia uma única pessoa no Harry G. Bleeker Memorial Field com a bunda sentada; todos dançavam animados, batendo os Steve Tapas com tamanho furor que o ambiente era um mundo ensurdecedor de loucura — tão louco, na verdade, que levou um bom minuto para os habitantes da cidade perceberem a explosão branca que atravessou o ar e o monte de monstros grotescos que se espalhou pelo campo.

A jogada de segunda descida para seis jardas, uma corrida para a direita com o número 33 dos Colts recebendo a bola, foi interrompida quando o *half-back* deparou não com o esperado defensor de San B., mas com um troll amarelo de colete agitando uma maça cheia de pontas. O *half-back* parou, pensou por um segundo e ofereceu a bola. O troll, desconcertado mas também com fome, pegou a bola e a esmagou entre os dentes enormes.

A frase abruptamente interrompida do locutor reverberava pelos alto-falantes — ele não tinha o vocabulário para descrever uma jogada tão incomum. No telão, os pixels desapareceram até a tela ficar vazia como um quadro-negro.

Mas o silêncio não era absoluto. A pipoca continuava a pipocar na lanchonete e casais continuavam a dar seus amassos barulhentos embaixo da extremidade mais distante das arquibancadas; porém, não demorou para mesmo esses ruídos cessarem, e os seres humanos de San Bernardino viram pela primeira vez os trolls de San Bernardino. Pedaços de cachorro-quente parcialmente mastigados voaram de bocas abertas. Crianças caíram dos ombros dos pais. Trombones, tubas e outros instrumentos soltaram uma última nota antes de tombarem das mãos dos membros da banda.

Eu estava parado onde havia me materializado, na linha de quarenta jardas, e olhava para as fileiras de rostos atônitos. Ao longe, vi um último brilho de luz vindo do Museu Histórico. A Killaheed finalizada tinha impulsionado Gunmar

através da barreira dos mundos e levado consigo os Gumi-Gumos e os caçadores de trolls. Fiquei me perguntando se o sr. Lempke não havia colocado a pedra angular um pouquinho desalinhada, considerando que tínhamos emergido um pouco depois do museu.

Gunmar se agachou em todos os membros como um tricerátope, a cabeça virando de um lado para outro, desconfiado. Preso entre as luzes brancas e fortes, ele parecia mais irreal que nunca, uma gárgula retorcida colocada em meio a um mundo disciplinado. Em algum lugar do campo, Jack, Pisca-Pisca e RRRÁÁÁ!!! ficaram de pé e agitaram a cabeça para se recuperar da surpresa.

Jogadores tanto de ataque quanto de defesa começaram a recuar para as laterais. Para os Gumi-Gumos, aquilo devia estar parecendo comida deliciosa deslizando por uma travessa inclinada. Quase na mesma hora, o fedor das bocas salivantes deixou o ar podre, e os Gumi-Gumos começaram a rastejar pelo terreno traiçoeiramente plano na direção das arquibancadas, agitando a cauda e mostrando as garras, a boca aberta em expectativa.

Gunmar ficou de pé em toda a sua altura, soltando um bocejo que soou alto como uma corneta e golpeando com os espinhos um dos conjuntos de holofotes acima. O sistema de iluminação explodiu, fazendo cair uma chuva de fagulhas, que o Olho da Malevolência perseguiu como se fosse um cachorrinho.

Com grande atraso, todo mundo gritou.

Tanto jogadores quanto treinadores e carregadores de água recuaram na direção do público e escalaram a grade de proteção. A sra. Leach e seu grupo de atores pouco qualificados se esconderam atrás do castelo cenográfico. O sargento Gulager, fixo em seu tradicional posto perto das ambulâncias, olhava para tudo aquilo sem expressão, como se já estivesse esperando o desastre a noite inteira, mas não naquela escala. Com o nariz no ar, Gumi-Gumos avançaram sobre um grupo de líderes de torcida que fugiam, enquanto outros se agarraram à grade de proteção com tentáculos, patas e garras e lançaram os corpos escorregadios, escamosos ou coriáceos sobre grupos de famílias, jovens casais e crianças que só estavam ali pela comida.

A multidão se dividiu ao meio e correu para as duas saídas, mas parou ao ouvir os gritos penetrantes que vinham do campo.

Lá estavam as dezessete crianças desaparecidas, protegendo os olhos da luz com as mãos imundas e procurando em meio ao caos suas respectivas famílias.

As pessoas pararam de fugir.

E fizeram isso apesar do risco de serem mortas por criaturas mais aterrorizantes do que podiam imaginar. A maioria daquelas pessoas não era

parente das crianças desaparecidas, mas quase todas conheciam alguém que era. Apesar de não ter chegado nem perto da Epidemia das Caixas de leite, a Epidemia da Internet estava a todo vapor: pais e mães inundavam as redes sociais com fotos dos filhos desaparecidos e detalhes sobre a última vez que tinham sido vistos, e esses posts eram fielmente compartilhados por amigos.

E, agora, ali estavam as crianças desaparecidas, *bem ali no campo.*

Todos tinham ouvido as entrevistas do sargento Gulager na TV local, falando sobre como a melhor chance de a comunidade superar a crise era se unir. Foi o que fizeram. Com mochilas, casacos e punhos nus, eles enfrentaram os Gumi-Gumos, e em segundos as arquibancadas se tornaram um mar de membros se agitando, tanto da variedade humana quanto troll. Jogadores dos dois times entraram em ação, esmagando a barriga dos trolls com os capacetes e absorvendo o impacto dos ataques selvagens com as proteções de ombro.

Foi uma demonstração inspiradora, embora vã. Em apenas um minuto, cortes vermelho-sangue surgiram em dezenas de braços que se defendiam, e os humanos assustados e confusos tentaram manobras mais desesperadas, fugindo pelas aberturas nas arquibancadas e se encolhendo em posição fetal, enquanto os trolls continuavam a rasgar e babar e golpear.

Gulager correu pela lateral da arquibancada com a arma em riste, mas em que ele atiraria? Todos os Gumi-Gumos estavam atracados em combate corpo a corpo. Gulager tropeçou em um par de Steve Tapas jogados no chão e caiu, mas logo se levantou e pegou o brinquedo barulhento para descartá-lo ao lado. Então fez uma pausa, sopesando-o nas mãos. Ergueu a cabeça, procurou nervosamente ao redor e correu na direção do castelo de compensado, onde o grupo de teatro estava encolhido. Gulager interpelou a sra. Leach, que assentiu com a cabeça e pegou o microfone que seria usado em *R*ô & *Ju*.

A voz de Gulager trovejou pelos alto-falantes do estádio.

Ele não gaguejou uma única vez.

— USEM OS STEVE TAPAS! PEGUEM DO CHÃO. TEM UM MONTE! VOCÊS VÃO CONSEGUIR! LUTEM! RESISTAM!

Não era uma voz qualquer que poderia prender a atenção de uma multidão tomada pelo medo. Mas o sargento Gulager era o homem com quem San Bernardino contara para enfrentar problemas de toda sorte, e esse era um tipo forte de confiança. Pais, adolescentes e também idosos pegaram o Steve Tapa mais próximo e golpearam o troll mais próximo o melhor que puderam. Os Gumi-Gumos ficaram perplexos; os golpes plásticos eram mais rítmicos do que qualquer coisa de que tinham ouvido no mundo inferior, e as cores fortes eram

cegantes para aqueles que viviam em meio aos tons sombrios de marrom e preto. O estalo dos Steve Tapas, que para mim sempre fora o barulho mais irritante do mundo, se transformou em algo bem diferente: o som da esperança.

— Jim! Jim!

Bola e Claire acenavam para mim. De acordo com as sinalizações da lateral do campo, os dois estavam exatamente a trinta e seis jardas de distância, perto o suficiente para que eu compreendesse seus gestos histéricos apontando para o espaço acima de mim. Antes que eu olhasse, a escuridão me cobriu como uma colcha pesada. Levantei a cabeça, e a forma de Gunmar, o Sombrio, me revestiu. Fiquei sem capacidade de reação e permaneci parado com as espadas pendentes. Ele caiu sobre mim, me prendendo em uma gaiola de seis braços. Os lábios recuaram, como se fervilhassem no rosto, e, do meio dos dentes de trinta centímetros de comprimento, retorciam-se os restos rasgados da língua.

— *MAISSS SSSSSSSTURGESSSSSSSSSS.*

Sua baba escorreu pelo meu rosto como chumbo derretido.

O braço de madeira de Gunmar recebeu um golpe duro: a espada de Jack. A lâmina não chegou a atravessá-lo, mas o arrancou de sob o monstro gargantuesco. O tronco titânico de Gunmar caiu no gramado, mas eu já havia rolado para longe e passado por baixo de sua órbita ocular vazia antes de emergir outra vez sob a luz dos refletores. Jack grunhiu quando arrancou a espada da madeira, e a força o fez cair para trás. Gunmar se agachou e examinou a nova marca em seu braço de madeira.

— *SSSSSSIM. PRECCCCCISO MATARRRR.*

RRRÁÁÁ!!! atingiu Gunmar a todo galope, acertando-o no peito musculoso com os chifres. Surpreso, Gunmar cambaleou para trás, mas logo se reequilibrou e usou os próprios chifres da troll para erguê-la no ar e jogá-la no chão. O impacto do corpo grande e forte de RRRÁÁÁ!!! soou como um triste saco de ossos. Gunmar estendeu os braços para estrangulá-la, mas ela despertou bem a tempo, segurou-o pelos pulsos e os desviou. Mas havia três outras mãos de onde vieram aquelas, e todas lutavam pelo privilégio do estrangulamento de RRRÁÁÁ!!.

Tentáculos se apertaram ao redor de Gunmar. Era Pisca-Pisca, com todos os seus cem membros, ou assim parecia. Gunmar foi puxado para trás e soltou RRRÁÁÁ!!!. Por um instante, pareceu que Pisca-Pisca ia jogar no chão o monstro, mas os espinhos ao longo das costas de Gunmar se projetaram como um regimento de baionetas, e ouvi o som torturante de vários tentáculos de Pisca-Pisca serem cortados ao meio.

Mesmo assim, o historiador guerreiro se agarrou ao vilão por tempo suficiente para que RRRÁÁÁ!!! se levantasse e preparasse outro ataque com os chifres. Gunmar soltou uma gargalhada estrondosa e começou a enfrentar os dois inimigos ao mesmo tempo. Era uma demonstração impressionante de força: seis braços golpeavam um caçador de trolls de cada lado com velocidade impressionante enquanto os espinhos se estendiam e se retraíam para desviar dos murros, de modo que RRRÁÁÁ!!! acabou socando Pisca-Pisca na cabeça duas vezes.

— Palerma! — reclamou Pisca-Pisca. — O Faminto! Não eu!

Como que se desculpando, RRRÁÁÁ!!! saltou e pegou a cabeça de Gunmar entre duas patas esmagadoras. A língua de Gunmar chicoteou o rosto da troll, deixando riscos rosados de queimaduras ácidas, depois ele abriu a boca cavernosa para morder um pedaço do rosto dela. Mas um de seus dentes prendeu no novo aparelho de metal de RRRÁÁÁ!!! e se quebrou ao meio. Gunmar uivou, seu primeiro sinal de dor. RRRÁÁÁ!!! enfiou as garras no olho restante de Gunmar, na esperança de cegá-lo para sempre, enquanto Pisca-Pisca retorcia os tentáculos em novas formações, agarrando alguns espinhos e puxando o monstro para trás.

Jack me olhou através dos óculos e ergueu um punho. Assenti com a cabeça e saquei as espadas, e, com os gritos da multidão como nosso hino de batalha, atacamos. O braço mais baixo de Gunmar golpeou como se tivesse olhos próprios, e, apesar de Jack ter se esquivado a tempo, não fui tão rápido e tive que recebê-lo com a Claireblade. A parte de cima de uma garra amarelada foi decepada e se cravou no campo. A mão vermelha ferida recolheu os dedos em um punho e se projetou em minha direção como um rochedo. Eu me esquivei para a esquerda e ataquei por baixo com o Gato 6, cortando o polegar até o osso.

Os dedos se enrijeceram e me acertaram com tanta força que fiquei sem ar. Aterrissei de costas na grama, estatelado, e, enquanto tentava recuperar o fôlego, vi Jack se levantar bem embaixo de Gunmar. Desviando das pernas pesadas do troll, ele desembainhou a Dr. X e a ergueu com as duas mãos embaixo da barriga de Gunmar. Meu coração acelerou. Se a pontaria de Jack fosse boa, talvez aquele golpe mudasse tudo.

E tudo mudou, mas não para melhor.

Jack enfiou a espada no lado direito da barriga de Gunmar e a empurrou para a esquerda, abrindo um corte enorme. Gunmar uivou e girou com tamanha força que tanto RRRÁÁÁ!!! quanto Pisca-Pisca foram jogados para o lado. Um jato forte de sangue escarlate e amarelo atingiu Jack, mas isso era esperado; ele

limpou os óculos com as costas da luva.

O que não era esperado eram as dezenas — não, centenas — de pequenos trolls que saíram da cavidade aberta. Os primeiros ricochetearam no capacete de Jack, se remexendo e choramingando como nenéns, e Jack ficou ali parado, aparvalhado. Mas, enquanto eles continuavam a cair, Jack recuou, tirando-os da armadura e jogando-os no chão com nojo. Em segundos, os pequenos trolls estavam por toda parte, retorcendo-se na grama, os olhinhos piscando para o mundo novo e estranho a sua volta.

— O resto dos Gumi-Gumos — resmungou Jack. — Era aí que eles estavam escondidos.

Olhei para um trio que procurava se orientar aos meus pés. Cada um era uma cópia exata de Gunmar, mas do tamanho de uma bola de tênis: corpo vermelho, seis bracinhos, uma capa de espinhos nas costas experimentando se flexionar. Pior: as ferinhas pareciam ficar maiores a cada respiração, como se o cheiro de tanta carne humana fosse suficiente para fortificar os corpos jovens.

Gunmar sacudiu o tronco, e mais bebês caíram no campo. Ele olhou para baixo e sorriu como um pai orgulhoso. Talvez fosse aquilo o que ele aprendera nos quarenta e cinco anos na escuridão: como se replicar e carregar um exército de carnívoros vorazes até o mundo humano. Esvaziado, ele rugiu e saltou de volta para a batalha contra RRRÁÁÁ!!!, Pisca-Pisca e um Jack Sturges muito perplexo.

Uma dor subiu queimando pela minha perna. Era um dos bebês Gunmar que tinha mordido meu dedão do pé por cima do tênis. Chutei o ar para me livrar dele, mas o pequenino segurava firme, agitando os braços como se estivesse se divertindo com o passeio. Finquei o pé na linha de quarenta jardas, peguei a Claireblade e a enfiei para baixo. A criaturinha vermelha se esquivou para a direita, e a ponta da lâmina se cravou na grama. Tentei de novo, e dessa vez o trollzinho se esquivou para a esquerda. Por fim, recuei e o chutei. Foi um chute baixo, que o lançou quicando pelo gramado, enquanto o sangue do meu dedão mordido começou a ensopar o couro do tênis.

Quando olhei em volta, vi no campo de futebol centenas daqueles diabretes abrindo a boca cheia de dentes em bocejos de recém-nascidos e se sacudindo para se livrar da gosma como um cachorro se sacode para se secar. Eles caminhavam hesitantes na direção das arquibancadas, aprendendo a andar enquanto procuravam sua primeira refeição. Várias crianças resgatadas do covil de Gunmar estavam fazendo sua parte, matando a pisões aqueles bebês — uma iniciativa corajosa, embora não fosse nem um pouco suficiente, pois, mesmo se

tivéssemos o dobro de caçadores de trolls, estaríamos em desvantagem numérica. Fui tomado pelo desespero e olhei para os lados à procura de ajuda.

O que vi foi o sr. Lempke na extremidade do campo, sem fôlego após chegar correndo do museu. O sujeito fastidioso tinha se transformado em um aglomerado de pústulas. Os braços eram uma irritação rosada com crostas de pus seco. Como uma criança pequena em uma festa de aniversário, ele dava pulinhos no lugar, rindo e aplaudindo. Cada vez que batia palmas, fios melados de doença se estendiam entre suas mãos. Ele estava exultante admirando o cenário brutal da batalha, mas o que chamava sua atenção em especial naquele instante era o garoto que ele mais odiava no mundo: Tobias “Bola” D.

Bola estava diante da avó atônita, esgrimindo contra o Olho da Malevolência com os futuramente premiados instrumentos do dr. Papadopoulos. O Olho golpeava com os pedúnculos e derrubava os instrumentos das mãos de Bola com a mesma rapidez com que ele os sacava da pochete. Meu amigo podia ter se dado mal nesse embate se a avó não tivesse entrado no meio e esmagado o Olho com o que parecia ser a bolsa mais pesada da história da humanidade. O Olho rolou de um lado para outro, como um bêbado, e, por fim, se chocou em uma pilha de garrafas de água reservadas ao time da casa.

Bola pegou a avó pela mão e correu para a arquibancada. Os Steve Tapas haviam permitido que a multidão enfrentasse os Gumi-Gumos por um período louvável de tempo, mas aquilo não tinha como durar, e Bola havia provado naquela noite que podia ser um guerreiro formidável.

Mas ele não entrou na luta. Continuou a correr, de mãos dadas com a avó, e fez a volta na arquibancada até os dois sumirem de vista. Minha energia se esvaiu. Conheci, naquele momento, a sensação de ser deixado para trás. Dirigi meus olhos desesperados para depois dos incontáveis trolls bebês e suas jovens mandíbulas que se abriam e se fechavam, e em seguida para a fera mastodôntica que despreocupadamente jogava Jack e Pisca-Pisca para o lado a fim de se concentrar em RRRÁÁÁ!!!. Bola não era um autêntico caçador de trolls — tentei me lembrar desse fato doloroso —, mas, mesmo assim, a sensação de ser abandonado por ele foi tão monumental quanto se um de nós tivesse tombado.



39.

Segundos depois, um familiar rosto sardento surgiu na cabine de som, seguido por uma mulher de idade com cabelo magenta que parecia estar no meio de uma torrente de reclamações digna de quebrar um recorde. Os locutores e a equipe técnica tinham desaparecido, o que permitiu a Bola examinar alguma espécie de painel de controle, passando o dedo acima do que eu imaginava serem milhares de botões confusos. Então, em um instante de inspiração divina, ele encontrou um copo grande e suado de refrigerante na bancada e o ergueu sobre o equipamento eletrônico. Olhou para cima, e posso jurar que nossos olhares se encontraram. Seu aparelho brilhou em um sorriso perverso antes de ele derramar o refrigerante no sistema de controle que custara tanto dinheiro à escola.

O telão enlouqueceu. Apertei os olhos para a tela, que se acendeu ofuscante, derramando uma cascata de luz no estádio enquanto transmitia vertiginosamente uma montagem lunática de animações curtas — jogadas e mascotes rodopiando e uma série de palavras de ordem vazias — *D-FESA!*, *AVANTE*, *BESTAS-FERAS!*, *VAMOS FAZER BARULHOOOO!* Enquanto o refrigerante se infiltrava pelas camadas mais profundas dos circuitos internos, pixels se espalharam, e as palavras e imagens fritaram, dando lugar a um único elemento.

Uma bela, indistinta e tremeluzente estática.

Todos os Gumi-Gumos na arquibancada pararam o que estavam fazendo e se viraram para a maior tela de TV que já tinham visto. Seus queixos horrendos caíram, e a baba começou a escorrer. Sem ser afetado pela estática, Gunmar urrou em reprovação, mas seus seguidores não o ouviam. Estavam inclinados na direção do telão, hipnotizados. Os humanos permaneciam encolhidos, com medo até de se mexer. Foi o sargento Gulager, é claro, quem começou. Pisou no troll mais próximo, brandiu a arma diante dos olhos vidrados e indiferentes da criaturinha mais próxima e, com calma, disparou uma bala bem no moéler.

A multidão despertou, começou a se animar e em pouco tempo dominou os Gumi-Gumos hipnotizados, se lançando aos trolls como formigas e esmagando nas arquibancadas os corpos comatosos. Bola se movia como um maestro dentro da cabine de som, derramando um pouco mais de refrigerante aqui e jogando um monte acolá para manter a estática viva e em pleno esplendor. Em certo momento, ele atingiu o áudio, e o falatório de uma dúzia de estações de rádio

diferentes trovejou dos alto-falantes em uma confusão sonora completa. Vi que Bola se atrapalhava com os botões, mas a situação estava muito além de seu controle.

— Jim! Acorda!

Era Jack, gritando tão alto que sua voz saiu esganiçada como a de um adolescente. Ele havia tirado a máscara, mas seu rosto pálido e suado não demonstrava o alívio que eu sentia. Atrás dele, vi o porquê: Pisca-Pisca estava rolando pelo gramado, gemendo em um registro de dor que eu nunca tinha ouvido, e meia dúzia de tentáculos jorrava um grosso líquido roxo. RRRÁÁÁ!!!, enquanto isso, estava encostada em um poste de luz, o pelo do pescoço eriçado em uma desarrumada posição de defesa, a pelagem preta reluzindo por causa do sangue.

Com uma gargalhada estrondosa, Gunmar usou todos os seis braços para erguer RRRÁÁÁ!!! bem acima da cabeça. As luzes no alto do poste soltaram cacos de vidro que dilaceraram a carne dos dois trolls. RRRÁÁÁ!!! esperneava, mas estava indefesa como eu nunca a vira. Gunmar se flexionou para trás e lançou o corpo enorme da troll a vinte metros de distância, um míssil de chifres, dentes e pelos, até a *end zone*, onde ela colidiu com o gol a tamanha velocidade que as traves viraram um emaranhado de aço retorcido. Vários metros de terra e grama se ergueram no ar com o impacto.

A troll caída não fazia movimento algum.

Terra e grama remoinhavam no ar junto a ela.

— NÃO!!! — gritou Jack.

O único olho de Gunmar se mexia depressa de um lado para outro, como um lagarto preso pelo rabo.

— *SSSSSSSSIM… VENHA PARA MIM, SSSSSTURGESSSSS…*

Jack gritou e correu na direção de Gunmar, parecendo um garotinho com duas espadas de brinquedo nas mãos. Quis segui-lo, para ser o caçador de trolls que Jack acreditava que eu podia ser, mas meu coração de guerreiro vacilou ao ver as centenas de Gunmar versão bebê continuando sua marcha, tão indiferentes à estática do telão quanto o pai. A confiança e o tamanho das criaturas cresciam à medida que se aproximavam daqueles tubos suculentos de carne fresca embalados em camisas, casacos e bonés. A quantidade deles era insuperável, e as criaturinhas iriam devorar os moradores da cidade como uma praga de gafanhotos.

Eu estava dividido. Ajudar aquelas pessoas inocentes prestes a serem comidas? Ou ir em auxílio do tio Jack, o mais próximo que eu tinha de uma

família?

Ou pelo menos era nisso que eu acreditava até ouvir um ruído bastante conhecido.

Da outra extremidade do campo, vinha um ronco que senti nas costelas antes de escutar de fato. O barulho cresceu em intensidade até se transformar no zumbido de mil abelhas. No tumulto daquele momento, todos os presentes no Harry G. Bleeker Memorial Field pareceram não perceber, mas para mim aquela trepidação era bem familiar. Eu a havia sentido em parques e jardins por toda San Bernardino, assim como no jardim da minha própria casa, onde várias peças da máquina eram limpas, afiadas e testadas no gramado feio e excessivamente aparado.

Papai entrou no campo dirigindo seu aparador industrial. Os pneus traseiros extragrandes impulsionavam a cabeça de aparar de oito rodas, tão extensa que cobria quase um quarto da largura do campo. Todos os detalhes técnicos entediantes com os quais ele me massacrara se transformaram na estatística vital de sobrevivência. O aço inoxidável de sete gramas. O sistema de descarte de dezesseis polegadas. O corte de vinte centímetros de profundidade. Papai veio rasgando pela lateral em sua armadura, mas não como a do irmão; a dele era rede no cabelo, máscara antialérgica, óculos, luvas, botas de segurança com bico de aço e camisa com manchas de grama — com o Bolso de Calculadora Excalibur preso com firmeza e as duas mangas da camisa abotoadas, acredite se quiser.

Por um segundo achei que a invasão tivesse enlouquecido meu pai de vez e que fosse sinal de sua insanidade ter escolhido justo aquele momento para aparar a grama do campo. Então ouvi o gemido do primeiro bebê Gunmar sendo sugado para baixo do aparador e, depois, o giro das lâminas quando o corpinho fatiado saiu voando pelo tubo de descarte. Meia dúzia de outras feras parou de rastejar e olhou fixamente para a máquina de morte que se aproximava, todas imobilizadas por uma sensação nova e estranha chamada medo. A sensação não durou muito. As criaturinhas entraram como carnívoros famintos e saíram trituradas.



— Pai! — gritei. — Vai, pai!

Ele acenou muito rapidamente para mim antes de agarrar o volante a fim de virar o aparador para a esquerda e pegar dois pequenos Gunmar que tinham alcançado a lateral do campo. Segundos depois, tinham virado suco. O aparador avançava a uma velocidade a qual papai jamais se permitira, correndo como um jogador devolvendo um chute, sem ver nada além de verde, e, em um lampejo de surpresa, me dei conta de que ele ia pegá-los, todos eles, de que o instinto de conquista dos bebês troll não era páreo para um homem com o mais moderno aparador de grama — e que sabia operá-lo.

Gunmar gritou. Várias de suas mãos se agarraram ao corpo, como se ele sentisse cada morte. O monstro baixou a cabeça e urrou. As vidraças da lanchonete e da cabine de som explodiram. Captei um vislumbre de Bola protegendo a avó dos cacos de vidro. Lembranças daquele dia fatídico de 1969 voltaram à mente de meu pai como uma explosão, e por um instante a trajetória do aparador começou a vacilar. Então, as estações de rádio que disputavam espaço nos alto-falantes deram lugar a um único programa: de flashbacks, e, em uma coincidência cósmica, começou a tocar uma canção especial para todos os Sturges em campo naquela noite.

Eu estava nesta esquina,
Esperando você chegar,
Para preencher meu coraçãã-ã-ãão…

As vozes estavam distorcidas e interrompidas por chiados de estática, mas eram Don & Juan (ah, se eram), e para papai suas vozes soaram como a canção dos deuses concedendo-lhe uma segunda chance de ser o homem que ele sempre quis ser. Assim, ele pisou fundo, curvou-se ao volante e o segurou ainda mais forte com aquelas luvas de jardinagem. O aparador voltou ao rumo e a grama verde ganhou uma cor pastosa com a ceifa do massacre.

Corri pelas poças de troll triturado até chegar ao lado de Jack. Meu ombro bateu no dele, que se virou para mim. Vi em seus olhos a expressão selvagem de um garoto pronto para aceitar o mais perigoso dos desafios. Pisca-Pisca, à direita, fazia esforço para se levantar, mas nós três ainda estávamos em condições bem lastimáveis em comparação com Gunmar, que se erguia trêmulo acima de nós como se chorasse pela destruição de sua ninhada.

— Isso pode acabar mal — disse Jack.

— Eu sei.

— Mas você se saiu bem. Quero que saiba disso.

— Obrigado.

— Jimbo também. Quer dizer, seu pai. Se você sobreviver e eu não, diga isso a ele.

— Pode deixar.

Jack me segurou pelo pescoço, o toque mais afetuoso que eu já recebera dele.

— Que tal ensinarmos esse filho da mãe a pensar duas vezes antes de mexer com um Sturges?

Com isso, Jack gritou com um júbilo de guerreiro e avançou para Gunmar girando as espadas. Pisca-Pisca ouviu o sinal e atacou, arrastando atrás de si os tentáculos mortos. Os cálculos conscientes de toda a técnica de luta que eu aprendera desapareceram. Eu sentia por toda a pele o formigamento de puro instinto. Mergulhei sob a figura gigantesca, rolando por baixo das falanges dos dedos — do tamanho de bolas medicinais —, depois me levantei de um pulo para golpeá-lo no calcanhar. O tendão arrebentou como um elástico, e ele pisou com tanta fúria que abriu uma cratera do tamanho de um carro na linha de vinte jardas. Pisca-Pisca deu um nó nos tentáculos em volta dos braços mais baixos de Gunmar, enquanto Jack usou o alfanje para escalar uma perna e enfiar a Victor Power até o cabo no joelho de Gunmar.

Foi um modelo perfeito de ataques coordenados, algo de que poderíamos nos orgulhar quando nos encontrássemos no paraíso dos soldados em Valhala. Com um único giro do corpo, Gunmar nos lançou longe como insetos. Mesmo mancando e machucados, voltamos, mas novamente fomos repelidos, dessa vez exibindo uma variedade de torções e cortes. Meus pulmões doíam dentro das costelas, que eu achava que podiam estar quebradas, e, quando me levantei pela terceira vez, meu joelho cedeu. Caí de queixo no gramado, e lágrimas de fúria escorreram quando vi Jack ser jogado no chão com um tapa desferido com as costas da mão. Litros de saliva fumegante escorriam das mandíbulas de Gunmar e caíam sobre Jack.

Meus olhos turvos se voltaram para o cenário de *R*ô & *Ju*, resquício de uma vida alternativa gloriosa na qual eu estava preparado para receber o aplauso da cidade inteira e até ficar com a mocinha. Olhei para ele por um momento delicioso, desejando o conforto das pedras falsas e da falsa ponte levadiça.

Foi lá que vi Claire Fontaine aninhando uma das espadas cênicas nas mãos como se estivesse conversando com ela. Claire a virou para a direita, depois para a esquerda, levou-a para cima e depois para baixo. Começou a fazer círculos no ar, depois desenhos de oito, depois padrões mais complicados que eu não

conseguia acompanhar. A espada se movia cada vez mais rápido, e, por trás do borrão da lâmina, vi a boca de Claire se curvar em uma espécie de sorriso, como se tivesse compreendido o propósito de sua vida no exato segundo em que ela estava prestes a terminar.

Para a incredulidade de qualquer um que tenha visto, ela correu pelo campo, deslizando pelas entranhas de troll e desviando do aparador de papai, e segurou a espada cênica como uma lança. Claire a arremessou, mantendo a pose de lançamento como alguém que já tivesse feito aquilo mil vezes. A espada voou pelo ar com um assovio e se cravou no centro da boca aberta de Gunmar.

O troll sufocou, e a cascata de saliva que se derramava em Jack ficou tingida com o preto do sangue. Gunmar começou a girar em um círculo alucinado, tentando pegar a espada, mas com dificuldade de enfiar as garras enormes na boca. Jack se arrastou para longe, limpando o cuspe e o sangue do rosto, e, quando viu Claire correndo em nossa direção, pegou a Dr. X e a jogou para ela, girando.

Gritei para que ela se abaixasse. Jack a havia confundido com um ataque de troll. Mas Claire pegou a espada no ar e usou o próprio movimento da arma a fim de erguê-la para trás com um floreio elegante. Ela nos encarou com olhos arregalados, arfando de euforia. Jack sorria, os dentes brancos reluzindo sob a sujeira escura do rosto imundo de sangue e tripas. Até Pisca-Pisca parou para entrelaçar alguns tentáculos de alegria.

— Caçadores de trolls! — exclamou Jack.

— Caçadores de trolls! — exclamou Pisca-Pisca.

— Claire? — perguntei.

Ela piscou para mim, atônita mas eletrizada.

— Olá, Sturges.

Naquele momento, tudo fez sentido. Claire vinha das Highlands escocesas, igualmente um criadouro de trolls e de caçadores. Ela nascera exatamente um ano antes de mim. Sua habilidade com a espada, comprovada nos palcos, não podia ser resultado de algumas aulas. Seu sangue de caçadora de trolls era verdadeiro, e ela tinha sido atraída para San Bernardino pelas mesmas forças sutis do destino que haviam me levado até ali. Só pela grande determinação em ocultar sua dupla personalidade, um lado de seus pais, um lado de seus amigos, impedira que os caçadores de trolls detectassem sua natureza de paladina — e também porque ela não tinha reconhecido isso.

Claire limpou a lama das botas com a espada.

Era o gesto de uma garota nascida para lutar.

Ouviu-se uma tosse ensurdecedora, e a espada cênica se empalou na linha das vinte jardas.

Gunmar assomou sobre nós, o sangue escorrendo entre os dentes e pelo tronco, que, vazio de bebês, era uma carne frouxa tremulando. Ele tinha perdido o controle e se agitava de um lado para outro, batendo os pés como uma criança pequena, golpeando a si mesmo na frente e nas costas com os braços de juntas duplas, os espinhos se projetando e recolhendo com o som do despencar de centenas de guilhotinas. Ele estendeu os membros e os girou na nossa direção, grandes como o fim de um espetáculo de fogos de artifício.

Caçadores de trolls nasceram para isso, e fazer aquilo para o que você nasceu é uma sensação sem igual no mundo. Cada giro e desvio nos fornecia alguns centímetros essenciais para a sobrevivência. Cada segundo era usado ao mesmo tempo para esquiva e ataque, estocada e defesa, em um ritmo sustentado pelo planejamento antecipado de três movimentos. Não se podia chamar de vivas o ruído das arquibancadas, mas mesmo assim os gritos roucos eram de encorajamento. E não se podia chamar o que meu pai estava fazendo de volta olímpica, apesar de ele descrever com a máquina dourada círculos cada vez menores, de modo a engolir até o último minitroll. Tudo ajudou: nós lutamos, com olhos semicerrados, dentes à mostra, músculos doloridos, ossos cantando a canção de guerra da espada.

Claire era a melhor de nós todos. Até Jack parou para olhar, boquiaberto, quando ela subiu sem medo pelas vértebras de Gunmar e enfiou a Dr. X na axila e na clavícula do troll, à procura do evasivo moéler que se escondia por trás de placas protetoras. Éramos piranhas mordiscando-o pelas extremidades, e ele se viu limitado a um estado prolongado de preparação a fim de nos destruir, sempre erguendo os braços para o golpe fatal, sempre recuando para obter o espaço de que precisava para nos pisar e esmagar de uma vez por todas. Nós o empurramos até a linha de gol. Não havia muito mais aonde ir. Atrás do gol havia uma cerca alta de alambrado e uma ravina, mas aquela luta não chegaria tão longe, e sabíamos disso.

Um golpe de um braço do meio acertou um emaranhado de tentáculos de Pisca-Pisca. Ele foi erguido do chão e lançado como uma bola de boliche no banco de reservas vazio do time visitante. No mesmo instante, o braço de madeira de Gunmar, fendido pela recente marca de morte, fez um arco no ar como um taco de golfe maciço e lançou Jack a três metros de distância, onde meu tio acertou a grama e se encolheu em uma bola ferida. Fiz uma careta e permaneci firme. Tinha sobrado para mim, no chão, e para Claire, que ainda se

segurava às costas do troll.

Gunmar tentava às cegas bater em Claire e se abaixou para me pegar entre as garras. O buraco feito por Jack em sua barriga desceu até chegar à minha altura, e, por instinto, entrei ali. Gunmar gritou e começou a tentar alcançar o invasor dentro de seu corpo. O mundo a minha volta ficou escuro, e os órgãos internos de Gunmar atacaram minha cabeça e meus ombros enquanto se agitavam em suas redes de entranhas. Um facho de luz penetrou na cavidade corporal quando Gunmar ficou de pé, e eu a vi: a vesícula, igual à de todo troll, só que maior — uma coisa laranja de textura folheada, do tamanho de uma bola de basquete.

Eu estava farto de bolas de basquete ameaçadoras.

Segurei a vesícula com as duas mãos, mas não fui rápido o suficiente. Gunmar me arrancou de suas entranhas como se eu fosse uma tênia e me jogou no chão como se eu não pesasse mais que Jim Sturges Jr. II: A Isca. Fiquei ali caído embaixo do monstro gigantesco, sem me mexer, quase sem ver Claire se movendo com dificuldade no ombro de Gunmar, a cerca de apenas um metro do vulnerável moéler. Tentei dar um grito de encorajamento, mas estava sem voz. Ela parecia pequena lá em cima, mas também muito segura de si, e quando a vi ali de pé, equilibrada no ombro da pior dentre todas as criaturas vivas, o sabre firme na mão da frente e a mão de trás estendida para se equilibrar, aquele foi o momento em que me apaixonei de verdade.

Era fácil esquecer que a espinha de Gunmar podia se contrair à vontade. Ele se comprimiu até atingir metade de sua altura, fazendo Claire cair. Ela soltou a Dr. X e escorregou pelos espinhos antes de aterrissar com força, e levou as mãos aos joelhos, com dor. Cerrando os dentes, olhou entre as pernas de Gunmar e me viu olhando de volta para ela, e, apesar de nenhum de nós dois se mexer, nos encaramos como se fôssemos a última coisa que veríamos.

O aparador de grama de papai, ao longe, parou com uma tosse derrotada.

Gunmar, o Sombrio, havia esperado por quarenta e cinco anos, mas ali estava, enfim: a destruição dos caçadores de trolls, com a mesma facilidade de uma criancinha ao esmagar minhocas no parquinho. Depois, ele e sua espécie iriam infestar a superfície da Terra, se refastelando com carne humana e ficando gordos e ameaçadores como no Velho Mundo. Ele ergueu o pé acima do caçador de troll mais próximo — eu —, mirando de um jeito que, quando minhas entranhas meladas espirrassem, sangrariam nas centenas de crias chacinadas.

O pé nunca chegou a descer.

Saltando da cratera, RRRÁÁÁ!!! agarrou por trás o pescoço de Gunmar. Um fragmento retorcido do gol tinha sido enterrado no crânio dela e se projetava

como uma antena amarela, lutando por espaço com os chifres. No mesmo instante, Gunmar sacudiu o tronco com toda a força. RRRÁÁÁ!!! não soltou. O troll golpeou para trás os punhos conectados a braços com juntas infernais. RRRÁÁÁ!!! não soltou. Gunmar eriçou os espinhos, e vi uma dúzia deles se afundar na pelagem preta e emergir ensanguentada do outro lado do corpo de RRRÁÁÁ!!!. Mesmo após ser apunhalada doze vezes, ela não soltou.

Gunmar se debatia como um porco no matadouro e ergueu duas mãos ao ombro para segurar RRRÁÁÁ!!! pela cabeça. Mas havia algo diferente. Gunmar sentiu isso, e uma rápida exploração com os dedos revelou que o rochedo, o que ele havia implantado no crânio da rival décadas antes, tinha sido arrancado pelo fragmento da trave do gol. Antes que ele registrasse o que aquilo significava, o braço direito de RRRÁÁÁ!!! desenlaçou o pescoço de Gunmar — naquela pata ela segurava o pedregulho, aquele símbolo de quarenta e cinco anos de sorte.

Sua voz havia se recuperado.

— Meu nome é Johannah M. RRRÁÁÁ!!! — disse ela. — E eu falei que ia pegar você.

O pedregulho desceu cortando o ar e rachou o crânio de Gunmar ao meio. O ruído que se ouviu foi como o do planeta se rasgando em dois, e a sensação também foi essa quando ele desabou de joelhos. RRRÁÁÁ!!! o soltou e deixou o pedregulho cair na grama. O corpo lacerado da troll deslizou dos espinhos e desmoronou no gramado, uma pilha inerte de pelo encharcado de sangue.

O corpo de Gunmar se agitava, e os seis braços tentavam empurrar o crânio de volta ao lugar para cobrir o cérebro exposto. Suas muitas mãos, porém, ficaram confusas e brigaram umas com as outras até desistirem. Então o senhor poderoso dos Gumi-Gumos, o Faminto, Aquele que Bebe Sangue, o Desemaranhador de Entranhas, Gunmar, o Sombrio, oscilou por algum tempo antes de cair de costas com toda a cerimônia de uma árvore cortada.



40.

Jack me encarregou de fazer o que ele não conseguira décadas antes: dar o golpe fatal.

Claire me ajudou a chegar ao corpo ainda em convulsão, e Pisca-Pisca me deu apoio para que eu subisse na coxa do monstro. Lá em cima, achei bem simples atravessar o terreno: a poça de sangue acumulado no centro, as entranhas destroçadas, os montes e vales da caixa torácica. Sentei na pele vermelha fervilhante acima do coração e me senti subindo e descendo a cada espasmo irregular de sua pulsação.

Fui tomado por cansaço, não por uma sensação de vitória ou alívio. Pus a ponta da Claireblade na faixa pulsante de pele e senti uma compaixão recém-descoberta por Jack. Derrotado, o troll embaixo de mim não parecia tão maligno, mas obcecado, movido por uma fome incontrolável que consumia todos os seus átomos. Ouvi as respirações fracas que subiam com dificuldade pela garganta e observei a língua retalhada pendendo do canto da boca. Seu único olho encarava fixamente o céu noturno, enquanto o Olho da Malevolência cutucava a órbita ocular vazia.

Com os olhos pesados, observei a multidão de gente. Estavam todos em silêncio, exceto pelo som dos dezessete reencontros emocionados. Ninguém tirava fotografias: como eu viria a descobrir depois, todos os aparelhos eletrônicos em um raio de três quarteirões foram fritados no instante em que Gunmar tombou. Eu não conhecia a maioria dos rostos, mas todos pareciam certos de uma coisa: o monstro que havia levado seus filhos deveria ser destruído. A tarefa parecia além das minhas capacidades, e olhei ao redor em busca de ajuda. Encontrei a sra. Pinkton, que sacudia a cabeça como se estivesse se desculpando por sequer considerar me dar menos de 8,8 na prova. Também vi o sargento Gulager, com a peruca torta e o bigode grosso emplastados com eflúvios de moéler. Ele deu um leve aceno afirmativo com a cabeça.

Apoiados em suas espadas, Jack e Claire esperavam. Avistei Bola, voltando para a lateral do campo com o braço nos ombros da avó, e o olhar que me deu não tinha qualquer julgamento: aquele era o fardo de ser chamado para liderar. Só Pisca-Pisca não dava importância a minha decisão. Estava sentado com os tentáculos em torno de RRRÁÁÁ!!!, sussurrando complicadas recitações

cerimoniais arcanas, conhecidas apenas por estudiosos brilhantes, que mandavam os grandes guerreiros rumo ao próximo reino de aventuras desconhecidas.

Eu me lembrei do que Jack tinha me perguntado uma vez.

É terrível, não é? Ser arrastado para as profundezas?

Foram necessários apenas dois cortes para arrancar o coração de Gunmar; o órgão, coriáceo e tubular, saltou de um lado para outro na tentativa de desviar da minha lâmina. Depois, rompi a pele de crustáceo do moéler e o transformei em gelatina. Entrei na cavidade estomacal, removi a vesícula biliar e a joguei no gramado para ser posteriormente queimada.

Gumi-Gumos sobreviventes assistiam das arquibancadas, agora que o feitiço de escravidão havia sido quebrado, observando a vivissecção do ex-mestre como se não soubessem ao certo como tinham chegado àquele lugar peculiar e repleto de humanos. Giravam a cabeça com chifres e agitavam as asas ossudas, decididamente desconfortáveis, enquanto olhavam ao redor à procura da ponte mais próxima.

Desci deslizando do quadril de Gunmar e fui pego por Claire e Jack. Papai também estava ali; ele me abraçou junto ao peito. Sua camisa cheirava a grama, ao lar, e quando sorri senti as bordas rígidas daquele bolso idiota de calculadora. Não, idiota, não; brilhante. Ele tinha usado aquela coisa por trinta anos e ela não havia ainda mostrado nem um sinal sequer de uso ou desgaste. Aquele bolso era obra de gênio.

Olhei para papai, pensando que deveria me desculpar, mas fiquei sem fala. As rugas de estresse de sua testa estavam menos profundas, e as de preocupação do rosto tinham quase sumido. Seu sorriso parecia abrir partes dele que estavam trancadas havia muito tempo, assim como eu sabia que as persianas de aço e as portas trancadas se abririam para sempre quando voltássemos para casa. Ele me deu um tapinha no rosto, o gesto desajeitado de uma pessoa desacostumada a carinhos, e fiz o mesmo em resposta. As últimas cascas do sonulf tinham desaparecido.

— Bela aparada de grama — falei, por fim.

Ele tirou os óculos para limpar o suor do rosto. Então percebeu o Band-Aid pendurado e o jogou na grama.

— São anos de prática.

Com os braços nos ombros um do outro, cambaleamos pelo campo na direção de Pisca-Pisca, cujos tentáculos alisavam cada mecha de pelo preto emaranhada com sangue. Bola já estava lá, jogado no couro da amiga morta, o

rosto afundado na massa de pelo, uma das mãos pendurada nas antenas de fragmentos de gol.

A voz de Pisca-Pisca saiu rouca de emoção:

— Um volume inteiro de minha história será dedicado a esta guerreira. Não, não. Essa canonização rudimentar seria insuficiente. Sua homenagem deve ser uma história abrangente exclusivamente dela. Sim, uma obra biográfica com força dedicatória tão enciclopédica nos relatos de seu heroísmo que mesmo o mais simplório dos iletrados vai acreditar que terá sorte se estender a mão e tocar sua pedra. Restam-me apenas mais algumas centenas de anos até o fim de minha reles vida. Mas não imagino um modo melhor de viver meus anos dourados.

Jack pôs a mão no tentáculo mais próximo.

— Precisamos levá-la para o mundo inferior — disse ele. — Antes que o sol…

— Não.

A recusa saiu em uma voz abafada, porque veio de uma boca perdida em dobras de pelo. Bola levantou a cabeça, revelando o rosto vermelho de tanto chorar. Ele sacudiu a cabeça com tamanha determinação que sua cabeleira se agitou como um arbusto ao vento forte. Ficou de pé, com a roupa ninja manchada de gosma de Gumi-Gumos, a pochete verde-limão esvaziada das invenções malucas de Papadopoulos, mas com uma confiança que caía bem em um garoto que apenas uma semana antes dava cinco dólares em pagamentos diários a um valentão. Ele falou algo baixinho no ouvido de Pisca-Pisca (ou pelo menos onde acreditava que um deles pudesse se localizar).

— Uma ideia assaz incomum — murmurou Pisca-Pisca. — Mas um réquiem inesquecível. Anão gorducho, você me humilhou com seus instintos elegíacos. Quando este dia for relembrado, o que acontecerá, e com frequência, sua contribuição será a primeira a ser rememorada, e merecidamente. É poesia, e você, meu camarada corpulento, é um poeta.

Bola não entendeu nada daquilo, claro, mas deu de ombros, e Pisca-Pisca sussurrou o plano para Jack, que andou pelo campo com uma expressão contrariada, como se avaliasse a dificuldade da tarefa. Sem explicar o objetivo, ele nos posicionou de todos os lados de RRRÁÁÁ!!!: Claire e Bola em uma perna, papai e eu na outra, Jack no braço direito e Pisca-Pisca no esquerdo. No aviso de Jack, tentamos arrastar a grande troll do meio do campo. Arfando e grunhindo e suando, não avançamos sequer dez metros.

Então senti outro par de mãos ao meu lado. Quando ergui os olhos, vi o sargento Gulager. Ele segurava um chifre para que a cabeça de RRRÁÁÁ!!! não

se arrastasse na grama. Mais pessoas o seguiram: o diretor Cole, o treinador Lawrence e a sra. Pinkton, todos de olhos arregalados, sem acreditar no braço que ergueram do chão. Carol, a bilheteira do museu, o homem de cavanhaque pintado de preto e sua filhinha, que eu vira pela primeira vez em um folheto, carregavam um pé. A sra. Leach e seus atores levantaram a perna esquerda inteira. E então, em uma grande onda, como se reagindo ao apito de um juiz, os times inteiros das Bestas-Feras de San B. e dos Connersville Colts se reuniram para suspender o tronco.

Nenhum dos jogadores sabia o que havia testemunhado naquela noite, nem se acordaria na manhã de sábado e descobriria que aquilo tinha sido uma fantasia louca provocada por uma concussão, mas naquele momento estavam movidos pelo desejo de fazer o *certo* e, por isso, baixaram as proteções de ombro, flexionaram os músculos fortalecidos em salas de musculação e levantaram.

O corpo viajou toda a extensão do campo como que por milagre, com o nobre rosto focinhudo apontado para as estrelas. Quando chegamos a um ponto perto da rua, Jack deu um sinal, e pusemos o corpo em posição vertical. Enquanto Jack reunia marcadores de distância para erguer os braços, comecei a entender o plano de Bola. Meus olhos se encheram de lágrimas, e recuei, com medo de ficar perto de algo tão belo.

RRRÁÁÁ!!! foi arrumada em uma posição tão viva que eu esperava que ela piscasse para mim mais uma vez. O modo como estava curvada dava a impressão de estar prestes a saltar para a frente, enquanto a boca aberta sugeria o urro ensurdecedor que nunca mais tornaria a ser ouvido. Naquele momento, era a pose macabra de um cadáver, mas em algumas horas, quando o sol surgisse por trás do monte Lamaceiro, ela iria se transformar, de modo bem indolor, em uma estátua de pedra. A dela não seria uma daquelas coisas tristes perdidas no Cemitério das Almas: ela marcaria o local da Batalha das Folhas Caídas e serviria como lembrança de que os mundos dos humanos e o dos trolls podiam coexistir pacificamente, sem os ciclos antigos de animosidade e carnificina.

Sempre faltara uma mascote no Harry G. Bleeker Memorial Field, e que ícone melhor que aquele para representar as Bestas-Feras?

Voltamos ao meio do campo. Os jogadores se dispersaram na multidão, que só então começava a esfregar os olhos e tatear os bolsos à procura das chaves do carro, objetos que as pessoas mal se lembravam de como usar. Bola saiu andando para ver como estava a avó, apesar de ela parecer bem satisfeita. Tudo, afinal de contas, tinha acontecido em uma altura adequada a sua audição deficiente. Só o sargento Gulager estava no lugar, com as mãos na cintura,

examinando as pessoas de aparência normal de sua cidade, que haviam tido um desempenho muito acima das expectativas.

— Não devíamos deixar essas pessoas irem embora.

Era Jack, limpando a Victor Power nas correntes de bicicleta que envolviam suas canelas.

— Por que não? — perguntei.

Ele apontou para a montanha imóvel de Gunmar, o Sombrio.

— Vamos precisar de toda a ajuda que pudermos para levar esse corpo para baixo da terra antes do amanhecer.

— Eles vão ajudar — falei.

— Quem?

— Os Gumi-Gumos — respondi, apontando para eles. — Acho que vão fazer qualquer coisa que pedirmos.

— É, pode ser.

— Algo me diz que também vão estar abertos à ideia de não comer humanos.

— Acho que você tem razão. — Jack suspirou. — Quem sabe onde fica a ponte mais próxima?

— Eu sei.

— Bem, então vamos lá. Vamos começar a resolver isso.

— Está bem, mas… vocês me dão só um minuto?

Jack seguiu meu olhar e, com um sorriso malicioso, embainhou a espada.

— Até dois.

Claire atravessava o campo com suas botas de trilha, pisando na gosma repulsiva que o aparador de grama de meu pai expelira, mas sem parecer nem um pouco enojada. Os coturnos estavam cobertos de crostas de fluidos inomináveis, e o rosto dela era uma mistura imunda de lama e sangue. Apesar disso, ela estava radiante, com o cabelo emaranhado se agitando a suas costas, reluzindo com a mesma descontração pela qual eu me apaixonara muito tempo antes de trocarmos uma única palavra, na aula de matemática da semana anterior.

Ela parou a centímetros de distância e esfregou o sangue seco da Dr. X como outra garota brincaria com um anel.

— Olha… — falei. — Me desculpa.

— Desculpa? Por quê?

— Por tudo. Por deixar você ser raptada. Por não perceber que você era como nós.

— Até que tudo acabou muito bem — disse ela. — Talvez um pouco gosmento.

— E a peça. Me desculpa pela peça.

Ela riu, aquela gargalhada alta que me fazia derreter.

— A peça? Está falando sério, seu palerma?

— Esse sotaque, estou falando sério — comentei, dando de ombros. — Você teria sido maravilhosa.

— Não é possível que eu tenha decorado tanto texto à toa.

— Nem me fale.

Claire me olhou de soslaio, com malícia.

— Afrontar tua própria mão, bom peregrino, que devota e reverente se mostra. Pois nas mãos dos santos o paladino toca. Quando as palmas se unem dá-se o beijo mais santo.

Ela estendeu a pequena mão branca suja de sangue.

Com o estômago palpitando de nervosismo, eu a tomei.

— Santos e devotas não têm boca?

— Sim, peregrino, mas para orações apenas.

— Deixai então, querida santa!, que os lábios se toquem como as mãos.

Claire se aproximou. As bordas puídas de seu casaco roçaram no meu peito.

— A santa o concede, porém imóvel.

— Então não se mova. Em tua boca absolvo-me dos pecados.

Sob luzes estilhaçadas, em um campo arruinado, cercado por uma plateia de sobreviventes destroçados e de mortos mutilados, nós nos beijamos, uma e outra vez. Enquanto eu fechava os olhos e mergulhava em uma escuridão prazerosa, fui atormentado por dois pensamentos aleatórios, como um mosquito incômodo. Alguém tinha cuidado da vesícula de Gunmar depois que eu a jogara no campo? E aonde, pensando nisso, tinha ido o sr. Lempke?

Essas preocupações se perderam quando Claire passou as mãos pelas minhas costas. O calor grudou seu corpo ao meu, e, no nirvana estonteante do momento, senti seus dentes arranharem meus lábios enquanto ela murmurava os versos mais apaixonados de Julieta:

— Dai-me em meus lábios teus pecados.

Beijei seu rosto, suas pálpebras, fiquei na ponta dos pés para beijar sua testa.

— Pecados teus? — entoei, com a boca em seu cabelo. — Oh, devolve aos meus.

Ela então me puxou em um abraço esmagador, à altura de Claire Fontaine. Eu respirava com dificuldade, feliz em seus braços, sentindo seu coração de caçadora de trolls batendo no meu, ainda sentindo o gosto salgado de seus lábios de guerreira. Olhei através dos fios esvoaçantes de seu cabelo e avistei Bola na

lateral do campo, ao lado da avó, fingindo ter ânsias de vômito por trás de um sorriso largo que brilhava com a tecnologia odontológica de última geração.

Para minha surpresa, Steve Jorgensen-Warner também estava ali parado, alheio à presença de Bola, encarando o campo de batalha com um rosto exaurido de emoções. Seu uniforme estava sujo de grama do jogo, mas sem marcas de sangue, o que me levou a acreditar que ele tinha se escondido durante o conflito e só agora saía para apreciar o desfecho. Bola olhou para seu antigo tormento, que não parecia mais tão intimidante. Tive a sensação de que meu amigo não precisaria mais pagar pedágio e talvez pudesse até reivindicar para si a Caverna dos Troféus.

Bola olhou para Steve por um bom tempo. Depois, examinou a parafernália de futebol americano espalhada a seus pés e voltou os olhos para Steve, como se uma ideia tão brilhante quanto sintonizar o telão do estádio em estática estivesse se formando. Ele conduziu delicadamente a avó para o lado antes de se ajoelhar e pegar um dos capacetes dos Connersville Colts. Só quando tornou a se levantar é que percebi o que estava bem diante de mim a noite inteira.

O escudo impresso nos capacetes dos Colts era uma ferradura.

E o que Pisca-Pisca dissera sobre ferraduras?

O ferro funciona melhor, mas, em caso de necessidade, qualquer coisa com formato de ferradura serve.

Agindo por um instinto de encher de orgulho qualquer caçador de trolls, Bola encostou o capacete na testa de Steve Jorgensen-Warner. Dizer que ele reagiu seria subestimar o que aconteceu. Steve uivou como se o mero toque do escudo o tivesse rasgado ao meio, coisa que, um segundo depois, ocorreu mesmo. Seu cabelo louro descascou quando uma crista reptiliana surgiu no centro do crânio. Depois seu rosto, a isca que fisgara muitas garotas apaixonadas, se rasgou ao meio, dividindo a testa para revelar uma cara coberta de placas ósseas que cuspiu os dois globos oculares, substituindo-os por orbes prateadas que reluziam com uma fúria calcinante. As bochechas de Steve descolaram como dois hambúrgueres crus, e as mandíbulas explodiram em uma chuva de dentes para dar espaço a uma mandíbula cinza maciça. O uniforme de futebol americano se rasgou como um robe, e tiras finas de carne humana começaram a derreter na grama e a dar lugar à musculatura dura e cinzenta de um troll trocado no berço.

Claire e eu nos soltamos do abraço.

Com sua forma verdadeira revelada décadas antes que ele pudesse amadurecer para ocupar uma posição de poder global, Steve gritou para a lua. Bola saiu do caminho, após concluir seu trabalho, e gesticulou para papai deixar

de lado o heroísmo por aquela noite e dar espaço para os profissionais. Papai assentiu com a cabeça, virou-se para Jack e acenou, instando o irmão a ir em frente.

A minha direita, Jack sacou a espada com um *zing* satisfeito.

A minha esquerda, Pisca-Pisca riu, pronto para ganhar mais uma por RRRÁÁÁ!!!.

Claire me mandou um último beijo no ar e me lançou uma piscadela diabólica, antes de usar a espada para cortar a noite em dezenas de fatias lindas, que deixaram pasmos seus colegas caçadores de trolls e enfureceram a criatura que um dia fora Steve. Foi com um suspiro de enfado e com alguns músculos protestando que tomei meu posto ao lado dela, ao lado de todos eles. Tinha sido uma noite longa demais. Mas eu conhecia, então, a realidade do meu ofício tão bem quanto qualquer caçador de trolls que tivesse respondido ao chamado. Noites longas eram apenas parte do negócio.

SOBRE OS AUTORES

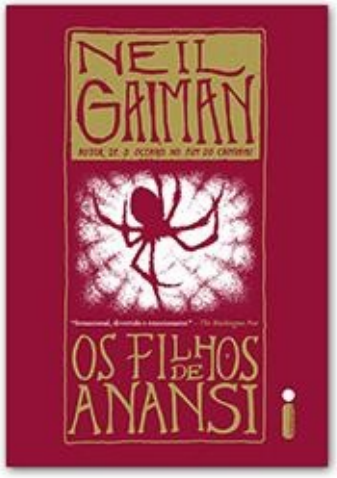
GUILLERMO DEL TORO é conhecido por seus aclamados filmes, tais como *O labirinto do fauno*, *Hellboy* e *Círculo de fogo*, e pela série de livros *Trilogia da escuridão*.

DANIEL KRAUS é o premiado autor de *Scowler* e *Rotters* e diretor de seis filmes. Mora com a esposa em Chicago.

LEIA TAMBÉM



A espada do verão
(Série *Magnus Chase e os deuses de Asgard* – Livro I)
Rick Riordan



Os filhos de Anansi
Neil Gaiman